

Doce Sonho Alado

ESPECIAL
1 ANO



1

Sheila Lima Wing

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Doce Sonho Alado

(Sheila Lima Wing)

Saga DSA – Livro 1

Edição especial de um ano.

Copyright © 2013. Sheila Lima Wing.

Todos os direitos reservados.

A capa, revisão e diagramação foram feitas pela autora.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional.

É proibida a distribuição ou cópia do material contido nesta obra sem o consentimento da autora, de acordo com a Lei nº 9.610/98.

Esta história é uma obra ficcional, todos os personagens, lugares e eventos não possuem qualquer relação com elementos reais. Qualquer semelhança é fruto da mais pura coincidência.

Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Edição especial de um ano

2015

Nota da Autora:

Esta é a edição especial comemorativa de um ano do lançamento do livro Doce Sonho Alado, o primeiro volume da saga DSA. A história continua exatamente a mesma, mas acrescentei no começo e no fim de alguns capítulos links que incrementarão a sua experiência de leitura (músicas, imagens, postagens, tudo que tem a ver com nossa amada trama). Recomendo que visitem cada um durante ou depois da leitura e também que compartilhem sua opinião no grupo oficial da saga DSA:

<https://www.facebook.com/groups/docesonhoalado/>

Adicione-o também à sua estante do Skoob:

<http://www.skoob.com.br/livro/359966>

Desejo uma ótima leitura! Que os seus sonhos se conservem e frutifiquem!

**Beijinhos Alados,
Sheila Lima Wing**

P.S.: A trilha sonora foi escolhida de acordo com a proximidade da letra ou do ritmo da música com o enredo, seguindo o gosto pessoal da autora. O fato de serem, em sua maioria, de cantores ou bandas internacionais não significa que desaprecio a música nacional, apenas não achei canção brasileira que se aproximasse o bastante com a história do livro.

Para minha mãe Cida,
para minha irmã Denise
e para todos os leitores do
www.docesonhoalado.com

“Nada é tão nosso quanto os nossos sonhos”.

(Friedrich Nietzsche)

Prólogo:

22 de Março de 2001

Trilha sonora: [Forgotten](#), [Linkin Park](#)

Pode haver no mundo algo mais belo e mais inconstante do que um sonho alado? Mesmo com a mais leve inquietação, é provável que ele fuja para além do alcance das mãos humanas, tornando sua procura algo além das possibilidades de qualquer mortal que habite este planeta.

Frente a sua fuga, cada pessoa costuma reagir de forma diversa: o romântico põe-se a admirá-lo de longe, o realista prefere ignorá-lo e o pessimista tenta destruí-lo — correndo o risco de afetar também os sonhos alheios que estejam mais próximos.

Se você possui um sonho alado, aceite este conselho amigo: jamais aja como nenhum dos que acabei de citar. Busque em seu interior seu potencial para a luta, siga em frente, ainda que para tanto seja necessário construir seu próprio caminho. Guarde no fundo de seu coração a ideia de que seu sonho só se tornará impossível no momento em que você desistir. E, acima de tudo, zele pela vida de seu sonho, não permita que ele seja destruído por outrem. Se a destruição do mesmo for inevitável, guarde os pedaços consigo, quem sabe não é possível encontrar a cola certa para emendá-lo? Sonhos não se destroem por completo, de certa forma cada um estará eternamente unido ao seu dono, só é preciso que a pessoa tenha a legítima vontade de reavivá-lo.

E para onde a busca do sonho alado levará quem o possui? A resposta é bem simples: muito além do que qualquer indivíduo é capaz de prever. A

história que contarei a seguir é uma das maiores provas dessa afirmação. Quem souber interpretá-la da forma correta, entenderá.

A lua reinava no firmamento enquanto uma jovem a observava, sentada no degrau mais baixo da escadaria da biblioteca. A beleza celeste sempre a levava a sonhar, era o tipo de encanto inalcançável que a atraía, que lhe infundia um desejo ardente de liberdade e realização.

Agora todos os astros estavam opacos aos seus olhos, mais distantes que o normal. Algo mudara no interior daquela mulher, ela sentia uma carga em seus ombros quase que insuportável, junto com uma angústia que praticamente sugava toda sua vontade de viver. Ainda tentava decidir se seu verdadeiro tormento era o que estava por vir, o que acabara de acontecer ou a escolha árdua que teria de ser feita ainda àquela noite. O que ela ainda não sabia era que essa indecisão perduraria até o último instante.

O clima estava ameno, a brisa noturna secava as lágrimas que umedeciam a face da jovem, deixando seu rosto mais frio do que deveria estar. Impossível não chorar, não desejar que tudo aquilo não passasse de um engano que logo estaria resolvido; ou de um sonho mau do qual ela logo despertaria; ou de uma mera ilusão, que se desvaneceria em segundos.

Mas não era. Era cruel, irreversível e tão real quanto ela mesma.

As pessoas e os carros circunfluíam pela praça logo além. Todos continuavam a viver normalmente, o mundo girava no mesmo ritmo, tudo se desenrolava como num filme trivial. Ninguém ligava para a turbulência emocional daquela moça sentada na escada, ninguém sofria, ninguém se sentia num beco sem saída. Só ela. Isso parecia tão estranho aos seus olhos, era como se uma redoma ou um muro invisível houvesse sido erguido à sua

frente, e agora ela já não conseguia qualificar a si mesma como um ser humano normal.

Ao menos sua *vida* não era normal como antes.

Quando ela se ergueu, o medo escorregou pelas veias, entupindo-as de uma sensação fria, deixando suas pernas pesadas e com um leve atraso em relação aos seus comandos mentais. Num gesto instintivo, a jovem levou os dedos trêmulos à nuca, sentindo em seu pescoço a corrente fina de seu colar. Ela o retirou e o guardou em segurança no bolso de trás de seu *jeans*, sentindo seus dedos tremerem enquanto o manipulava.

Não havia mais motivos para usá-lo. Não agora. Não mais.

Quem presenciasse o momento em que ela começou a caminhar pela calçada, julgaria que estava apenas matando tempo, aproveitando a noite. Na verdade ela hesitava, tudo o que queria era ter um pretexto para não chegar ao seu destino.

A mulher teria de passar pelo dono do mercado no meio do caminho e essa não era exatamente a coisa mais desejável no momento. Não que fosse um homem desagradável, na verdade era afável, ela gostava de conversar com ele. Contudo, para ela, aquele era um dos momentos em que jogar conversa fora não passaria de puro aborrecimento; e a julgar pela última conversa que tivera com o homem ao fazer as compras do mês, estava certa de que ficaria pelo menos meia hora ouvindo sobre novenas e promessas que a mulher dele andava cumprindo; coisas que a deixariam cansada demais só de se esforçar para parecer que se importava — e nada naquele dia parecia valer a pena de ser ouvido, por mais importante que o assunto fosse.

Portanto, ela torcia para que ele não a notasse ao passar.

Mas ele notou. E abriu um largo sorriso ao vê-la.

— Boa noite, minha jovem!

— Noite...

Ao ouvir a resposta trêmula, o comerciante parou de varrer a calçada e se apoiou na vassoura, analisando-a.

— Está tudo bem? — ele perguntou preocupado.

— Sim... s-sim, está. Tenho apenas uns assuntos pendentes que andam me matando.

— Ah, não se preocupe tanto, isso faz mal para o coração! Você é jovem demais para acabar morrendo de enfarto. Entregue essas preocupações nas mãos de Nossa Senhora, Ela vai interceder por você!

— Com certeza. Obrigada pelo apoio.

— Que isso! Estarei sempre aqui caso precise conversar (e até se não precisar). Desejo boa sorte!

— Mais uma vez, obrigada. O senhor é muito gentil! — agradeceu a jovem, antes de partir.

Até que não perdera tanto tempo assim.

O sino do relógio da torre da igreja soava nove horas da noite. Ela sabia que seria indelicado procurar o padre a essa hora, mas garantir a lisura não era sua prioridade, então entrou assim mesmo. No interior da paróquia, a luz da iluminação noturna externa projetava as formas coloridas dos vitrais no chão. Não havia fiel algum ali, apenas um senhor a um canto preparava arranjos para o altar, com uma lâmpada acesa logo acima de onde trabalhava. Os passos da mulher ecoavam e pareciam se elevar até o teto

abobadado. Ela parou no centro do templo e olhou diretamente para o crucifixo ao fundo, reunindo toda a coragem que ainda lhe restara.

O rosto de Cristo parecia perscrutar seu interior, lendo seus sentimentos mais íntimos. Quando ela desviou o olhar e voltou a caminhar, seu passo era bem mais rápido do que antes, certa de que não aguentaria muito tempo sem se arrepender de ter vindo.

A jovem disparou em direção à capela do Santíssimo, onde o sacerdote estava ajoelhado próximo ao sacrário, rezando as Completas, compenetrado demais para ouvi-la antes que estivesse bem perto. O padre olhou-a por cima do ombro, enquanto ela fazia meia genuflexão na entrada, apressada e nervosa demais para conseguir encostar no solo o joelho direito.

— Aurora? — O padre levantou no mesmo instante, alarmado pela expressão grave do seu rosto. Ela estava pálida, lívida, sua respiração arfante enchia toda a capela.

Aurora ainda hesitou um instante, procurando as palavras certas para começar, sentindo a angústia crescer em seu peito até explodir como uma bolha.

— Padre, eu posso ser perdoada por um pecado que ainda não cometi?
— Ela sabia que era uma pergunta tola, mas precisava iniciar o assunto de alguma forma.

Capítulo I:

Um Pé Humano

Trilha Sonora: [A Different Beat](#), [Little Mix](#)

Quando abriu a porta da pensão para sair na rua deserta, a brisa leve da manhã de Fevereiro saudou o velho rosto cansado, enrugado e ainda entorpecido pelo sono do bibliotecário da cidade de Coronel Boaventura. Leônidas Wing, um senhor de cinquenta anos — que aparentava ser bem mais velho do que sua idade real —, acordara às seis da manhã para iniciar seu expediente solitário, como de costume.

Enquanto caminhava pelas ruas, Leônidas ia observando as pessoas que já circulavam ou que surgiam pelas janelas em ambos os lados da rua, de cara amassada, absortos nos afazeres matinais. Era a primeira segunda-feira do segundo mês de 2012 e todos os brasileiros ainda tentavam se adaptar às atividades normais. Alguns ainda esperavam o fim do carnaval para retornar à rotina. De qualquer forma, poucos eram os que realmente desejavam estar acordados tão cedo.

Alguns moradores cumprimentavam o bibliotecário, com acenos e sorrisos, Leônidas preferia ignorar a maioria. Ele não era uma pessoa doce, nem queria arranjar motivos para que um deles interpretasse um aceno seu como um convite para iniciar uma conversa torpe sobre assuntos supérfluos que só serviriam para minar o seu humor já bem escasso — segundo as palavras do próprio.

Segurando numa das mãos o jornal do dia anterior e mais uma pequena pilha de livros que levara para casa, Leônidas atravessou a praça quase deserta e subiu a escadaria, pronto para abrir os portais de madeira de sua amada biblioteca.

Ao abrir as portas, que rangeram como se lamentassem por ter sua letargia perturbada pelo homem, ele não notou nada diferente no recinto. De fato, apenas a costureira camada de pó recobria de leve as prateleiras lotadas de livros, que por vezes se perdiam esquecidos pelos corredores.

Depois de jogar o jornal sobre o balcão em semicírculo, perto do café frio que o velho comprara no dia anterior, ele pôs-se a devolver os exemplares que levara, cada um à sua prateleira de origem.

O primeiro, um belo volume de Machado de Assis. “Grande gênio da literatura!”, pensou o velho ao colocá-lo no lugar. O próximo, um exemplar de filosofia. De quem? Nem mesmo o bibliotecário sabia, começara a ler por curiosidade e perdera o interesse na leitura já na segunda página.

Antes de devolvê-lo, Leônidas tirou do bolso um velho gravador, onde costumava registrar suas memórias. Apertou o botão de gravar ao mesmo tempo em que ajeitava o livro entre dois outros grandes exemplares da mesma série, sem se importar se estavam ou não na ordem correta.

— Nunca mais perderei meu tempo com essas besteiras filosóficas — disse o velho simplesmente, apertando logo após o botão de pausa. Mudando de ideia, voltou a gravar: — Deixo estes disparates para meus irmãos, que apreciam mais essas coisas — E finalizou a gravação num gesto teatral.

Virou-se então para buscar a seção de mistério, no corredor vizinho. Parou de chofre ao encontrar no fim do corredor algo que não deveria de

forma alguma estar ali.

Um pé humano. Era um pé humano que calçava um belo sapato social preto que parecia valer pelo menos algumas garoupas. Evidentemente, o bibliotecário levou um grande susto, derrubando os livros restantes no chão, espalhando pelo piso páginas soltas dos exemplares mais antigos.

— Mas que diabos...?

Seu primeiro pensamento foi: “Calma, Leônidas! Deve ser um vagabundo qualquer que entrou durante a noite”. Por um instante, o velho perdeu-se em devaneios, parado no meio do corredor, num legítimo vai-não-vai. Nesse meio tempo, tentou imaginar como o dito cujo conseguira entrar numa biblioteca fechada.

Estranho? Certamente era. Mas não mais estranho do que um vagabundo como aquele ter nos pés um sapato tão bonito.

Bom, não era um vagabundo qualquer, afinal...

Vagarosamente, Leônidas aproximou-se do pé, ansioso para desvendar o mistério, e logo pôde vislumbrar o corpo ao qual ele pertencia.

Corpo? Sim, esse era o substantivo exato para o homem que jazia inconsciente no fim do corredor com a cabeça apoiada na prateleira mais baixa. Após alguns gritos e meia dúzia de cutucões, Leônidas concluiu num assomo de terror: tratava-se de um cadáver que maculava cruelmente a imperturbabilidade de sua amada biblioteca.

O falecido vestia-se bem, trajava terno de alta costura, usava relógio de ouro e gravata vermelha de seda. Sobre o peito imóvel, ainda segurava um livro aberto intitulado “O mistério do caso Boaventura”; um exemplar bastante conhecido, afinal de contas, tratava do mistério do caso mal resolvido do assassinato do fundador da cidade.

O atônito Leônidas correu para o telefone. De tão nervoso que estava, chegou a errar o número três vezes, antes de discar corretamente: *1-9-0...*

Enquanto isso, não muito longe da biblioteca, tocava pela primeira vez naquele ano o sinal barulhento que indicava o início do ano letivo no conceituado Instituto Educacional A. W. Sigma, um semi-internato particular.

Evangeline Maria Ayler chegava à Praça da Anunciação com sua amiga Hanna Auster, ambas calouras no Instituto. Mesmo antes de descer do ônibus, elas já haviam ouvido o ruído estridente do sinal que anunciava às duas o seu atraso.

Na verdade, nenhuma delas tinha a condição financeira ideal para estudar naquela escola. Evangeline ainda tentava desvendar o porquê da súbita vontade de seu tio de consideração, o diretor Último Wing, de realizar um ato de caridade. Não poderia haver convite mais inesperado do que aquele, visto que era de domínio público que Aurora, mãe da garota, tinha um histórico extenso de brigas com o homem.

Portanto, Aurora não deixou de alertar sua filha quanto aos perigos de se ter um indivíduo como Último por perto. “Não confie no diretor” foram as palavras com as quais Aurora iniciou seu alerta, antes do primeiro dia de aula, enquanto aquela pequena família tomava o café da manhã.

— Ele é perigoso demais, fique o mais longe que puder de Último Wing! — advertia a mãe, agitando nervosamente a faca no ar enquanto falava.

— E eu acredito, mãe! Só acho que a senhora não precisa me ameaçar de morte por causa disso! — gracejou Evangeline, cujo nariz estava a dois

centímetros da ponta aguda da faca.

Com um sorriso trêmulo, Aurora baixou o talher. Evangeline suspeitava que sua mãe estivesse preocupada com algo que ia além do óbvio, coisas que ela não revelaria nem tão cedo.

— Só sei que eu não quero mais ver sua fuça por aqui, fedelha! — advertiu Genevieve, engolindo seu café tão rápido que era capaz de vomitar tudo em cinco minutos. Evangeline não duvidava que sua irmã fizesse isso às escondidas, mas não passava de uma suspeita.

— Olha a boca, Genny! Não chame sua irmã de fedelha! — advertiu Aurora, virando as costas em tempo de não testemunhar a retaliação de Evie, que mostrou a língua para a irmã. — E sua irmã não vai *sumir* daqui, só ficará longe nos dias letivos. Aliás, não sei para que essa pressa toda para ir se arrumar, você só precisa ir ao colégio mais tarde, lembra?

Genevieve cursava o segundo ano do Ensino Médio. Frustrara-se ao saber que o A. W. Sigma era apenas de Ensino Fundamental, ela queria ingressar nele bem mais do que Evangeline jamais desejara.

— Claro que sei. Sei também que tudo depende de uma boa primeira impressão, por isso tenho que ficar fabulosa! — explicou Genevieve, jogando os cabelos descoloridos com uma das mãos enquanto comia o último pedaço de pão.

— *“Por isso tenho que ficar fabulosa!”* — repetiu Evangeline com voz de falsete, imitando a irmã, que retribuiu com uma careta.

— Já chega vocês duas! Termine logo de tomar o café, Evangeline, e desça para ir ao Instituto com a Hanna antes que o ônibus das seis passe.

— Mas não tem um ônibus só mãe! Depois passa outro às seis e quinze que vai pro centro...

— Sem conversa, Evangeline!

— Mas eu não quero mesmo ir pra essa escola, esse tal desse Instituto!
— argumentou Evie, sentindo em suas palavras uma infantilidade exagerada que não quisera realmente acrescentar à fala.

Aurora respirou fundo e levantou da mesa para se agachar em frente à sua filha, posicionando-se de forma que seu olhar ficasse no nível exato do dela. Evie retribuiu o olhar de sua mãe, analisando cada detalhe daqueles olhos cinza, os olhos que ela tão bem conhecia.

Ela sempre acreditara ser diferente de sua família. Talvez por culpa de seus cabelos longos e escuros, tão diferentes das madeixas castanhas-claras de sua mãe e do castanho doentio que Genevieve tivera antes de pintar o cabelo. Talvez por culpa de sua pele, sempre tão mais clara do que a delas. Talvez pelo seu gosto peculiar e incompreendido por sua irmã.

Mas nada mais tinha importância quando ela vislumbrava aqueles olhos. Eles eram exatamente iguais aos seus, tanto na cor quanto no formato, e na intensidade sonhadora que as duas sempre sustentaram.

Aqueles olhos tão conhecidos choravam, estavam profundamente emocionados.

— Não se preocupe, minha pequena borboleta, ninguém lhe machucará! Ficaré tudo bem, desde que você não confie em Último Wing!

Genevieve as olhava com uma expressão de nojo misturado à chateação. Vendo metade do rosto da irmã, Evie teve vontade de acertar-lhe um chute, lamentando o fato de não poder alcançá-la sem acertar também o lado de sua mãe. Em vez disso, a garota apenas colocou as mãos delicadamente em cada face de Aurora, impedindo que as lágrimas molhassem seu rosto por completo.

— Eu acredito, mãe! — repetiu Evangeline, aceitando o abraço que Aurora lhe oferecia, encontrando sua coragem no calor de sua mãe.

— Então desça e vá com a Hanna. Se comportem, estarei torcendo por vocês do trabalho!

Evangeline ainda estendeu o abraço por mais alguns segundos. Quando por fim se levantou para sair de casa, Aurora já estava como antes, sem mais lágrimas.

— Escafeda-se! — sussurrou Genevieve quando a irmã passou por perto. Evie nem se deu ao trabalho de prestar atenção.

Evangeline era uma garota de onze anos normal, ou pelo menos o mais normal que uma garota de sua idade poderia ser. Seu cabelo intensamente preto era liso, terminando em cachos largos, com uma franja reta ocultando sua frente. Em meio àquela multidão sufocante do ônibus, ela era claramente uma exceção. Não que isso fosse bom ou ruim, Evangeline era apenas uma garota diferente.

Neste dia, vestia o uniforme de gala da escola, por ser o primeiro dia de aula (esse uniforme geralmente deveria ser usado às quartas-feiras). Era composto por uma camisa branca de mangas longas, fechada no punho por abotoaduras, que tinham o logotipo da escola, exatamente igual ao que estava bordado no colete preto sobreposto à camisa (a letra grega Sigma inclinada, dentro de um losango, com um traço ligando as duas retas centrais, formando assim, ao mesmo tempo, as letras “a”, “w” e “sigma”). No pescoço, usava uma gravata num tom roxo-acinzentado. A saia era cinza, de pregas e, por baixo dela, Evie acrescentara o *short* da escola; que não era exatamente um item obrigatório, mas recomendável para “preservar a decência” — conforme estava escrito no manual que fora enviado à sua

mãe. Para terminar o *look*, meia colegial preta, com sapatilhas da mesma cor.

Além de toda essa indumentária, a garota também levava consigo um sobretudo acinturado preto, que descia até a altura do joelho. Ele estava guardado em sua mochila preto-e-rosa, a garota sabia que antes de entrar no colégio teria que vesti-lo.

Esse deveria ser o uniforme dos sonhos de qualquer garota, mas não era exatamente o que Evangeline sonhara para si. Ela estava desconfortável, sentia-se levemente sufocada, daria tudo para voltar a casa e vestir pelo quinto ano seguido o uniforme de escola pública. Pelo menos dessa forma não precisaria ir a um colégio onde provavelmente não se adequaria.

— Vamos andando, Hanna! — disse a garota quando desceu do ônibus para a praça. Agarrou o braço da amiga antes que ela chegasse ao solo e a puxou para junto de si.

Hanna de Oliveira Auster era a melhor amiga de Evangeline. As duas moravam na mesma casa desde que nasceram. Hanna morava com sua avó no andar de baixo, chamada Conceição.

Assim que Evangeline soube que ingressaria no Instituto, asseverou que nesse colégio ela se sentiria imensamente deslocada. Sua intenção inicial era que isso possibilitasse sua permanência na escola antiga, mas o diretor surpreendeu a todos quando disse que a deixaria convidar uma amiga para o Instituto, tudo o que fosse necessário para que ela não deixasse de se matricular no A. W. Sigma. É claro que Hanna fora sua primeira escolha.

Ela era um pouco mais baixa que Evie, tinha olhos azuis e cabelos loiros, lisos e sempre adornados com a tiara azul preferida da garota, que ela insistia em usar com todas as roupas, combinando ou não.

Agora estavam as duas paradas, próximas a um canteiro do pátio de entrada do Instituto, meio escondidas atrás do tronco de uma árvore para vestir o sobretudo. Evangeline aproveitou a pausa e analisou longamente a fachada do colégio. Era incrível, bem maior do que a de qualquer outra escola que já vira. Um grande portão prateado estava aberto, ele tinha o logotipo da escola em roxo no centro. No seu topo, uma bela faixa de boas-vindas.

O porteiro sentara numa cadeira posta no lado direito da entrada, dali ele observava os alunos. Era um senhor de pele negra que usava boina e camisa listrada. Tinha feições engraçadas, como as de uma caricatura, e sorria espontaneamente para todos os transeuntes.

Os alunos que afluíam pelo portão andavam tranquilos, ignorando o sinal que tocara há pouco.

— Eles não parecem estar com pressa — comentou Hanna enquanto ajeitava o cabelo.

— Eles não são *a gente* — explicou a outra, tirando a poeira dos sapatos novos.

Sem trocar palavra, as amigas dispararam pelo corredor em meio aos outros alunos, até chegar à última sala de aula do térreo, onde deveriam estudar neste ano.

Quando adentraram em velocidade supersônica, dez dos vinte alunos da turma 603 já ocupavam suas carteiras. As garotas disparavam entre as fileiras do meio e a do canto direito — a única de cinco mesas individuais — quando Evangeline colidiu com ímpeto na mesa de uma jovem de pele negra e cabelos cacheados que se maquiava. O impacto fez com que a

garota pintasse parte de seu rosto com a sombra dourada que aplicava sobre a pálpebra.

— Desculpe... — começou Evangeline, sem ter muita noção de como deveria agir.

— Você me borrou! — constatou a garota, chocada.

— Eu peço perdão, não consegui desviar da sua mesa e...

— Você me borrou! — repetiu a menina, com ira na voz.

— Olha, você não precisa fazer tanto drama...

— VOCÊ ME BORROU! — ela voltou a repetir, alteando a voz a cada sílaba.

A garota levantou da mesa. Ela se preparava para recomeçar a berrar quando foi interrompida:

— O que está acontecendo aqui? — perguntou um dos funcionários da escola que chegara à porta, atraído pelo grito.

Ele olhou dos rostos culpados de Evie e Hanna para o rosto meio dourado da garota. Era um jovem de óculos com cara de sério e cabelos castanhos amarrados na nuca num pequeno rabo-de-cavalo. Usava terno preto com gravata igual a dos alunos.

Antes de responder, a menina da maquiagem estudou Evangeline.

— Nada não, só me assustei — mentiu enquanto voltava a sentar.

Evie ainda ficou estática junto a Hanna, à semelhança de um “dois-de-paus”, olhando para a garota sentada sem entender a mudança de humor repentina. No seu antigo colégio, um esbarrão daqueles seria a desculpa perfeita para um belo de um barraco.

— Está tudo bem, Claus! — disse uma voz atrás das garotas.

Evie se virou e encontrou o único rosto que conhecia naquele lugar: Roxane Wing, filha do diretor e sua prima de consideração, uma bela salvação de cabelo lambido e dividido de lado.

— Espero que sim. Vão para seus lugares! — ordenou simplesmente o homem, saindo de sala.

Enquanto ele seguia pelo corredor, as três garotas se encaminharam para as últimas carteiras do canto esquerdo.

Roxane Wing já visitara Evie algumas vezes, nas épocas em que sua tia Eleanor vinha à cidade. Lá na casa da garota, ela sempre encontrava Hanna, como se as duas fizessem parte de um pacote “compre um e leve dois”. Mesmo a conhecendo tão bem, Evie nunca visitara sua casa e nem conhecera seus pais, a única coisa que ela sabia era que a mansão dos Wings ficava logo atrás do Instituto.

Já sentada, Evangeline começou a observar seus companheiros de classe. Um pouco mais à frente estava um garoto que falava sem parar e, ao seu lado, uma garota mandava mensagens de texto pelo seu *Smartphone*. Ela não estava nem aí para o colega ao lado, que acabara num monólogo interminável. O menino era grande, com o cabelo repleto de gel. A outra era ruiva natural, com o cabelo levemente ondulado, rosto expressivo, sobrancelhas arqueadas, postura pavoneada e nariz empinado; a ruiva parecia achar que o mundo abaixo dele não é digno de sua admirável presença.

Na coluna do meio, logo na frente, estava uma garota que ostentava uma longa cortina de pesados cabelos castanhos, e ao seu lado um garoto

gordinho de face corada. Pelo trecho que pôde extrair da conversa, Evie concluiu que eram os outros novos bolsistas da turma.

Logo atrás, uma pequena oriental de cabelo curto e liso, usando óculos, ouvia atentamente o que os bolsistas diziam, sorvendo cada tópico da conversa, aparentemente sem o consentimento dos dois. Atrás dela, estava a menina na qual Evie acabara de esbarrar. Ela continuava alheia a tudo o que ocorria na sala, apenas se maquiava, analisando seu reflexo num pequeno espelho circular que segurava à altura do rosto.

Nas últimas cadeiras da fileira do meio estava um garoto magro de estatura baixa, cabelo espetado e uma bela quantidade de sardas no rosto. Ele virara a cadeira para trás para conversar com as gêmeas da turma, ambas mulatas de cabelo crespo curto, usando tiaras grossas de cores distintas.

— Meu nome é José Roberto Fiel — dizia o garoto —, mas me chamam de Zé Roberto, de Zé ou de Zero.

— Por que *Zero*? Você não vale nada, é? — arriscou a gêmea de tiara laranja.

— Hum... Não... eu valho muito, sabe — inferiu Zé Roberto, que pelo visto não apreciava a modéstia. — E vocês, como se chamam?

— Eu sou a Verônica Monteverde — disse a gêmea de tiara amarela — e essa é minha irmã Carmen.

— Verônica e Carmen? Que curioso...

— Por que curioso? — estranhou Carmen.

— Geralmente nomes de gêmeos são parecidos, tipo *Verônica* e *Variola* ou *Carmen* e *Carmela*... Ah! Vocês poderiam ter apelidos, como *Ctrl+C* e

Ctrl+V!

As duas se entreolharam. Não acharam graça alguma.

Havia um quadro-negro na parede ao fundo. Evidentemente não era usado para a função original, em vez disso, haviam colado nele com fita adesiva alguns informes da escola. Pelos desenhos a giz que cobriam sua superfície, podia-se deduzir que os alunos que acabaram de chegar já o haviam rabiscado assim que chegaram, ou que limpá-lo não era uma prioridade do pessoal da limpeza.

O décimo terceiro aluno entrou em silêncio e sentou na segunda cadeira individual. Era pálido e franzino, com cabelos pretos, lisos e com uma franja que ocultava toda sua testa. Seus olhos azul-turquesa claro estavam emoldurados por uma grossa camada de lápis de olho preto. Aparentava ser ligeiramente mais velho do que os demais. Ele se virou de lado na cadeira, apoiando as costas na parede, e pôs-se a observar a turma, assim como fizera Evangeline.

Ela não demorou a desviar o olhar, antes que o garoto olhasse em sua direção.

Ele dispensara o sobretudo masculino, que jogara sobre a mesa antes de sentar. O uniforme de gala masculino, por sua vez, era composto por uma camisa de mangas longas fechada no punho por abotoadura com emblema da escola — que o garoto de franja retirara e dobrara as mangas até o cotovelo, conforme Evangeline vira antes de virar o rosto —, calça cinza, colete preto masculino com o logotipo bordado, gravata igual à das meninas e sapato social preto bem engraxado.

Hanna mal deu atenção ao garoto, ela olhava as carteiras desocupadas.

— Ué... — disse, coçando a cabeça devagar. — Por que não tem cadeira ali? — E apontou para a mesa em frente ao garoto recém-chegado.

— É onde senta o Mikael — informou Roxie, como se fosse a coisa mais óbvia. — Ele é cadeirante — completou ao ver a expressão aturdida das meninas.

— E esses dois aí na frente, quem são? — quis saber Evangeline, apontando com o queixo para a garota do *Smartphone* e o menino que falava sozinho.

— São o Vítório Andrade e a Grace Helen Farias, a filha do prefeito. Dois riquinhos metidos a besta, não vale a pena gastar a saliva com eles.

— Hum...

— Aquela japonesinha é a Kiara, entrou aqui no segundo ano — informou Roxie, percebendo o interesse da prima pelos outros alunos. — Ela é legal, fala comigo às vezes — e abaixou a voz: — quando não está fofocando. A menina na qual você esbarrou é a Magda, ela ficou sozinha neste ano, as amigas dela foram para outra escola. Os pais dela disseram que isso não era motivo suficiente para transferi-la também.

— E você sabe por que ela não me dedurou? Foi tão estranho...

— Isso é porque ela está em perigo de expulsão, tem um histórico enorme de chilikues e ceninhas, e meu pai detesta esse tipo de comportamento. Fico feliz por saber que ela decidiu se segurar um pouco.

O funcionário de rabo-de-cavalo acabara de retornar à porta da sala. Imediatamente, todos pararam de conversar para prestar atenção no que ele anunciaria.

— O diretor vos aguarda no auditório, para o discurso de abertura das aulas do Segundo Segmento — disse simplesmente.

— Esse daí é o Claus, inspetor do térreo — sussurrou Roxane enquanto levantavam. — Ele é legal, só meio sério.

A turma se levantou com estardalhaço, arrastando as cadeiras. O inspetor Claus aguardou a saída de todos, que se juntaram aos demais alunos que já seguiam para o andar superior.

Juntos, eles se adiantaram rumo ao fim do corredor do terceiro piso, onde ficava o grande auditório. Era um salão imponente, estrategicamente localizado para que os pais que viessem às reuniões semestrais pudessem contemplar toda a beleza do estabelecimento antes de chegar ao seu destino. À sua entrada de portas duplas acotovelava-se uma pequena aglomeração, que se espremia para chegar a uma espécie de antessala. Ao perceber que Roxane se aproximava, a multidão deu espaço, numa cena semelhante a de uma ambulância tentando ultrapassar os carros num engarrafamento.

— Odeio quando as pessoas fazem isso, até parece que sou uma espécie de burocrata, princesa ou presiden... — Roxie deixou o resto da frase morrer ao notar que suas companheiras ficaram na ponta do ajuntamento, acanhadas. — Venham, meninas! Não me deixem falando sozinha!

Os estudantes em volta olharam torto para as amigas que entravam, puxadas pelo pulso por Roxie.

— Não liguem pra eles não! — acrescentou ela, abanando a mão em sinal de indiferença.

Roxane conduziu-as até o primeiro monitor à direita. Kiara Shimizu era atendida pelo monitor ao lado, ela estava com os braços unidos atrás do corpo, se balançando de um lado para outro. A garota olhou para Roxie e

deu um sorrisinho cortês. Quando chegaram mais perto, Evie pôde notar que a colega de classe era dois dedos mais baixa do que Hanna, que já era uma menina pequena.

— Bom dia, senhorita Roxane! — disse o monitor que lhes atendia, um jovem que pelo visto acabara de atingir a maioridade.

Sem perguntar mais nada, o rapaz pôs-se a vasculhar uma grande caixa separada em compartimentos, com etiquetas roxas salientes, cada uma com uma letra do alfabeto impressa. O rapaz procurava alguma coisa em “R”.

Ao voltar, entregou a Roxie um cartão magnético roxo com uma chave pendurada, que ela examinou dos dois lados, impassível.

— Essas são duas bolsistas calouras, Evangeline Ayler e Hanna Auster — informou Roxane.

Ao ouvi-la, o monitor se afastou para um canto, procurando algo em outra caixa menor. Elas ficaram sozinhas, observando o movimento dos outros alunos que passavam, consultavam os monitores e entravam no auditório.

Minutos depois, o monitor entregou a Evie e Hanna cartões semelhantes ao de Roxie, com a foto e os dados pessoais de cada uma estampados na frente e uma chave prateada pendendo de uma argola presa ao cartão. Entregou também um livreto de capa roxa escura com os dizeres: “Manual do Bolsista”, uma folha de horários e um segundo manual intitulado: “Regras do Instituto Educacional A. W. Sigma para Ensino Fundamental, Segundo Segmento”. Debaixo do logotipo do A. W. Sigma, estava escrito o lema do instituto: “Sonhos transformados em futuro”.

— Obrigada, Roberto! — agradeceu Roxie, ao que o monitor respondeu com um sorriso e uma leve reverência.

Finalmente, elas puderam entrar no auditório e se encaminhar para três cadeiras vazias da quinta fileira. Roxie ia à frente, pedindo licença, com Hanna atrás dela, passando em suavidade de pluma. Evie fechava a fila, pisando sem querer no pé de todo mundo que estava no caminho.

— Desculpa! — disse pela quarta vez, antes de sentar entre Hanna e o menino de franja e lápis de olho, que mal se mexera à passagem das garotas.

Apenas Evie percebeu que ele teve o cuidado de encolher discretamente as pernas o máximo possível quando ela passou. É claro que a estratégia não adiantou muito.

— Meu nome é Grégor Uno — disse em voz baixa, só para a garota ao seu lado escutar.

— Evangeline — respondeu ela, ficando ligeiramente envergonhada quando o colega sorriu, olhando diretamente em seus olhos. Era um olhar amistoso, como o que se oferece para uma irmã ou uma amiga de infância.

Lá no palco majestosamente iluminado, o diretor Último limpava seus óculos num lenço de seda azul-marinho. Mesmo com o cabelo penteado para trás, era possível perceber que suas madeixas, quando soltas, deveriam descer até os limites do rosto. Usava por cima de seu terno um sobretudo preto que terminava na altura das canelas, emprestando a ele um ar de mistério e altivez.

Ajeitando os óculos na ponte do nariz, Último fitou os alunos que já ocupavam seus lugares no auditório. Como ele gostaria que durante o ano eles permanecessem assim, na disciplina e excitação do primeiro dia de aula! Asseados, calmos, simpáticos, apenas com o único defeito de tagarelar

compulsivamente, repassando as lembranças acumuladas durante as férias para todos os amigos.

Pousando as mãos sobre o púlpito transparente, atrás do qual se posicionara, observou por um instante sua filha sentada na quinta fila. Seu olhar vagou mais para a esquerda e finalmente recaiu sobre a sobrinha postiça. Se Evie percebesse o olhar do diretor e analisasse a expressão que agora ele exibia, certamente começaria a se preocupar com os conselhos da mãe. Mas não, ela apenas olhava ao redor, apreciando o novo ambiente.

Depois de um tempo, Último virou a cabeça para o fundo do palco, num ponto próximo ao piano, onde deveria estar seu bedel favorito, o adulator Zeno Aguiar.

Não demorou a notar que o inspetor-chefe saíra dali disfarçadamente.

— Onde está Zeno? — perguntou à sua esposa, a vice-diretora Ayla, que estava sentada logo atrás dele.

— Está procurando Miguel. Ele ainda não chegou e nem deu notícias.

Ao ouvir a informação, o diretor verificou as cadeiras à direita e esquerda de Ayla. De fato, os únicos assentos vagos na mesa eram o da professora de Artes, que chegaria na semana seguinte, e o do novo mestre de Educação Física, que já deveria estar presente.

— Diacho! — exclamou, voltando-se para frente. Automaticamente, encostou a mão no botão do microfone, que amplificou volume de sua prosopopeia pelas caixas de som espalhadas pelo auditório, junto com a microfonia do aparelho. Alguns alunos olharam-no, curiosos; ele apenas desligou o microfone, tossindo para disfarçar o quanto estava encabulado.

Último examinou mais uma vez a multidão. O tédio daquele lugar se tornava crescente, muitos já apoiavam a cabeça nos braços cruzados sobre o

encosto da cadeira da frente, obviamente cochilando; outros bocejavam abertamente, desacostumados com a rotina matinal da escola. Ao fundo, havia fortes indícios de princípio de confusão, coisa que só Último sabia identificar como ninguém.

— Querida, eu não posso adiar o discurso só por causa do Miguel! — disse por fim, virando-se mais uma vez.

— Pelo menos espere o Zeno voltar, ele foi até... olha lá, ele está vindo agora mesmo!

Ayla apontava para um homem que entrava correndo pelos portais duplos, empurrando todos que estavam no seu caminho. Zeno Aguiar era careca, tinha um rosto perfeitamente ovalado e atualmente empapado de suor por culpa do estirão. Ele estava esbaforido e apertava com a mão direita uma dor que sentia no lado pelo esforço da corrida. Assim que chegou, se apoiou nos degraus de acesso ao palco, com um suspiro longo e dolorido.

— N... ach... vi... — balbuciou o inspetor-chefe, com a última gota de fôlego que conseguiu extrair sofregamente.

— O quê? — exclamou o diretor, se esforçando para entender.

— Não... achei... — repetiu ele, fazendo mímica com as mãos enquanto falava. — Ninguém viu...

— Tudo bem, tudo bem! — disse Último, agitando as mãos para que o outro parasse de falar. — Muito obrigado, Zeno, pode ir ao seu lugar!

Zeno prontamente seguiu para seu assento, cambaleando nas pernas bambas. Ao sentar, pôs a perna direita de mau-jeito na cadeira rotativa e caiu no chão com estardalhaço, fazendo-a deslizar até o lado oposto do

palco e bater com estrondo na parede. Obviamente, ergueu-se uma enxurrada de risos e deboches da plateia, que acordara instantaneamente.

— ‘Tá tudo bem! — gritou o homem no chão, erguendo o polegar.

O diretor, que olhara preocupado para o bedel, voltou-se novamente aos seus alunos e, numa manifestação de sua autoridade, conseguiu calá-los com apenas um olhar severo. Logo abriu seu *notebook* para projetar a apresentação no telão ao fundo, começando assim sua preleção de início às aulas.

Sobre esse capítulo:

[Veja a personagem Evangeline](#)

[Mais sobre a personagem Evangeline](#)

[Logotipo do Instituto A. W. Sigma](#)

Capítulo II:

O Inabalável Instituto Educacional A. W. Sigma

Trilha Sonora: [Castle of Glass](#), [Linkin Park](#)

Depois de meia hora de falação interminável, as garotas saíam do auditório, fatigadas até o topo da cabeça com os sermões do diretor, indo a caminho da solenidade geral de início às aulas, a ser realizada no pátio com presença de todos os alunos, incluindo os do Primeiro Segmento.

O trio era agora acompanhado por Kiara, que tagarelava sem parar, e por Grégor, que apenas escutava as garotas e intervinha ocasionalmente com declarações monossilábicas.

— Pensei que o diretor não ia acabar nunca com aquele histórico da fundação do colégio — disse finalmente o garoto quando Kiara parou dois segundos para respirar. Pela expressão mortal que fez a seguir, deu a entender que não gostara nem um pouco de ser interrompida —, como se ele já não tivesse dito a mesma coisa no ano passado, em todas as reuniões do ano. — E continuou, imitando a voz de Último: — “O inabalável Instituto Educacional A. W. Sigma, fundado pelos Álvares e os Wings, em parceria com a já extinta família Sigma; cujo patriarca, Albert Sigma, foi o grande gênio por trás da perfeita idealização educacional. Marcos Álvares foi o responsável por projetar as estruturas exemplares da parte arquitetônica, do corpo físico de nossa amada obra. E Ignácio Wing, meu

ancestral, acolheu a ideia com amor e entusiasmo, agregando à nossa propriedade o que logo viria se tornar nosso digníssimo Instituto”...

— Ele sempre diz isso é? — quis saber Evie, impressionada com a forma como Grégor conseguira repetir praticamente as mesmas palavras ditas mais cedo por Último.

— O tempo todo. — Roxie revirou os olhos. — Vocês tem sorte de escutar isso só nas reuniões. Em casa é bem pior!

— E essa de “*que os seus sonhos se conservem e frutifiquem*”? Ele também fala isso com frequência? — perguntou Evie, se referindo às palavras com as quais o diretor acabara de se despedir.

— Mais ou menos. A frase é uma tradição dos diretores do A. W. Sigma, desde a fundação.

— Mas os alunos não deixam de zombar dela, é claro — acrescentou Grégor.

Evie avistou aos pés da escada do térreo um senhor forte e alto, seu cabelo ralo era excepcionalmente branco. Um crachá pendurado em seu pescoço informava seu nome e profissão: “Clímaco Batista, zelador”. Estava cercado por estudantes que paravam para cumprimentá-lo a caminho do pátio.

— Como vai, Seu Batista? — saudou Kiara.

— Estou melhor agora, vendo todos vocês de volta! Veja só como você cresceu, Kiara! Pelo que me lembro, você chegou aqui quando ainda era minúscula! — disse o zelador.

— Mas ela ainda é minúscula, pelo que vejo — comentou Grégor, baixinho, para as outras três.

— E vejo que chegaram novatas! — continuou o zelador, olhando para os outros.

— Essas são Evangeline, minha prima, e sua amiga Hanna — apresentou Roxie. — Meninas, esse é o Seu Batista, zelador daqui.

Cordialmente, o zelador apertou a mão das duas, trocando palavras de boas-vindas. Logo após ele foi cercado por vários estudantes mais velhos que gritavam e abraçavam-no entusiasmados, empurrando Evie e os outros para longe.

Enquanto passavam pelo corredor, Evangeline notou que havia armários em ambos os lados, como nos colégios americanos. Na correria da entrada, ela nem percebera que estavam ali.

— Essa chave que está no cartão é para...

— Sim, cada um tem seu armário, como nos filmes — informou Roxane, cortando a pergunta de Evie como se já a tivesse respondido tantas vezes que nem precisava ouvi-la até o final. — Papai mandou que os colocassem há uns três anos atrás, quando houve um motim de estudantes que reclamavam que tinham que ir e voltar do campus pra buscar o material. Também foi por causa dos que não ficam aqui, o peso das mochilas era enorme. Foi um pandemônio, fizeram abaixo-assinado, greve, atrasaram a mensalidade...

— Tem gente que se matricula aqui só por causa desses armários — acrescentou Kiara.

— E dos uniformes — completou Grégor. — Mas, em minha opinião, não deveriam fazer isso. Todo mundo morre de amores por eles no início do ano, mas em três semanas já começa a murmuração... principalmente no segundo segmento, quando entra o uniforme de gala. Só para vocês saberem

— e mudou seu tom, como se a informação a seguir fosse a mais entediante do mundo — sou repetente.

O pátio ficava depois do refeitório, era um grande espaço a céu aberto. À direita, onde havia um muro, havia um degrau revestido de azulejo branco onde os alunos poderiam se sentar. Ainda na direita, ao fundo do pátio, fora construída uma casa pintada de branco. Do lado esquerdo, abrigado por uma cerca colorida, estava o parquinho dos menores. Ao seu lado estava um portão e, mais para o centro, erguia-se uma frondosa árvore, cercada dos quatro lados por bancos. Atrás da árvore estavam perfiladas sete salas, que pareciam ser menores do que as de dentro do prédio.

Depois do concreto do chão, começava a grama bem cuidada de um jardim imenso, separado do pátio por uma grade de ferro prateada e um portão de mesma cor, ricamente elaborado. A suntuosa mansão Wing se destacava ao fundo, suas janelas reluzindo à luz do sol. O campus estudantil ficava à direita do jardim — dois grandes prédios quase iguais interligados por um menor; que se estendiam desde a metade até o fim da propriedade. Nesse campus é que Evangeline ficaria nos dias letivos. Pelo que fora informada, ela dividiria um quarto com Hanna e só voltaria para casa nos sábados, domingos, feriados e quando sua mãe permitisse sua saída.

As quatro turmas do Primeiro Segmento já estavam dispostas em filas horizontais, uma atrás da outra, vigiadas por suas respectivas professoras. As outras turmas iam se formando atrás, na distância de mais ou menos um passo largo, formando um grande retângulo de educandos.

Entre as filas, os inspetores e monitores — que já haviam descido do auditório antes do diretor terminar o discurso —, tentavam manter a ordem, ralhando com os desajustados e ajeitando a todo instante a posição de cada um na fila. Claus cuidava das três turmas do sexto ano. Diferente dos

outros, ele ia preenchendo a fila dos cantos para o centro, de forma que no meio delas ficara uma pequena clareira.

A turma estava quase completa quando as garotas entraram em seus lugares. Mikael, o cadeirante, estava no extremo direito; seguido de Zé Roberto, Verônica, Carmen, um menino oriental, outro garoto de cabelo castanho claro liso, os dois bolsistas, uma garota gordinha de cabelo cacheado, Kiara e Magda. Depois do espaço no centro, ficaram Evie, Roxie, Hanna, Grégor, um menino negro de tranças *nagô*, Vítório e um garoto bem alto, de óculos.

Pouco tempo depois, Claus preencheu o espaço entre Magda e Evangeline com Grace Helen e uma garota de cabelo loiro platinado penteado para trás, etérea e magra como uma modelo. Grace, a contragosto, ocupou o lugar ao lado de Magda com uma expressão de asco.

— Qual é o seu problema, Grace? — perguntou Magda, depois que Claus já se afastara. — Finalmente sentiu seu cheiro, é?

— Desculpa — respondeu Grace, que não parecia querer o perdão de ninguém —, o que acontece é que eu zelo pela minha reputação, não sei o que meus amigos diriam se me vissem no meio da ralé. Principalmente ao seu lado, Fortunato.

— Amigos? Que amigos? — retrucou Roxie, saindo de seu lugar na fila para olhar para Grace. — Que eu saiba você só tem essa sua sombra branca que se chama Mercedes Campelo e aquele brutamontes do Vítório. Aliás, você precisa parar com essa mania de achar que é americana; somos brasileiros, ninguém aqui chama os outros pelo sobrenome! — Olha, Magda, se quiser pode ficar aqui ao lado da Evie, você é muito bem-vinda.

— Muito obrigada! — disse Magda, que imediatamente aceitou o convite, não sem antes metralhar a ruiva com um olhar fulminante.

Ao trocar de lugar, Magda avistou Evie e se lembrou do esbarrão que acontecera há pouco. Por um momento, apenas a encarou, parecendo indecisa.

— Olha, eu já pedi desculpas... — começou Evangeline, temendo que ela tornasse a gritar.

— O que você achou da Grace? — perguntou Magda, arqueando a sobrancelha direita.

Ao lado de Evangeline, Mercedes cochichava com Grace. Ainda que não tivesse sequer conversado com nenhuma das duas, o ar de superioridade que as envolvia era algo de que Evie preferia evitar a todo custo.

— É uma bela дума sebosa.

— Então já é suficiente, gostei de você! — concluiu Magda, com um sorriso e uma piscadela.

“Que bom!”, pensou Evangeline, “Pelo menos assim faço mais uma amiga nesse lugar”.

— Escuta... Desculpa, qual é seu nome mesmo? — perguntou Magda pouco depois, estreitando os olhos.

— Evangeline.

— Escuta, Evangeline, já conhece todo mundo? — perguntou Magda, acenando para indicar a fila.

— Mais ou menos — respondeu Evie.

— Eu estava apresentando a ela na sala, mas não deu tempo — explicou Roxie. — Bem... lá no canto está o Mikael, que eu tinha dito a você. Aquele *japa* é o César, um crânio. O Heitor, que está do lado dele, também é inteligentíssimo. Aqueles dois são bolsistas... não sei o nome deles...

— Louise Bittencourt e Tobias Santana — informou Magda. — Escutei quando se apresentaram.

— Hum... bom saber. Sabe, as pessoas esperam que eu conheça todo mundo por ser filha do diretor — disse Roxie, com um suspiro cansado. — O engraçado é que só me procuram para pedir informações, depois me ignoram ou acham que sou uma espiã do meu pai. Continuando, aquela gordinha é a Luara...

— Eu sou o Grégor, prazer! — intrometeu-se o garoto, acenando com a mão. Estivera o tempo todo ouvindo a conversa das garotas, em silêncio.

— E eu sou Jeremy Saint'Clair, dos Saint'Clair do mercadinho da praça, ao seu dispor! — disse o garoto de tranças, dobrando-se para frente e praticamente gritando para ser ouvido pelas garotas.

Logo ao lado, Vitório, de braços cruzados e cara amarrada, não aparentava estar disposto a se apresentar a ninguém.

— E aquele último é o Jonas Nunes — completou Roxane, apontando para o menino mais alto.

As garotas estavam tão entretidas que não notaram que Claus estava por perto.

— O que é essa confusão aí? — perguntou ele ao se aproximar.

— Nada não, estamos apenas nos apresentando à novata — explicou Jeremy, saindo de seu lugar para colocar um braço em volta do ombro do

inspetor. — Claus, esta é Evangeline, Evangeline, esse é nosso amado inspetor Claus Winckler.

— Chega de apresentações, voltem aos seus lugares em silêncio! — ordenou o homem, retirando o braço do aluno de seu ombro. — E você, Magda, volte ao seu lugar!

— Eu chamei a Maggie! Pode deixar ela aqui Claus, por favor? — pediu Roxane.

— Tudo bem, mas se seu pai de alguma forma ralhar comigo, contarei que foi você!

E voltou para a ponta da fila, verificando se todos estavam em linha reta.

— Maggie? — sussurrou Magda, virando levemente o rosto.

— Não gostou do apelido? — disse Roxie, que fora quem apelidara Evangeline de Evie anos atrás.

— Achei fofo! — respondeu Magda.

Evangeline ergueu os olhos para o prédio do Instituto, logo à frente. No segundo andar havia uma varanda, onde já assomavam o diretor, a vice-diretora e os professores. Ao fundo, haviam estendido uma bela cortina roxo-escura com o logotipo da escola no centro. Evie quase esperou que atrás do diretor houvesse um trono alto e que os professores em volta adornassem-no com um manto de veludo.

— Acho que não preciso dizer que o meu pai ama essa varanda — comentou Roxie, baixinho, enquanto lá em cima a cerimônia começava, sem trono e nem manto, mas com bastante esplendor.

Depois da cerimônia — que incluiu o Hino Nacional, o Hino do Instituto, mais um discurso empolado de Último e alguns suaves conselhos da vice-diretora Ayla —, já era hora do intervalo. Grégor juntou-se a Jeremy, Jonas e outros garotos que conversavam a um canto do refeitório, perto de uma papelaria. As garotas, depois de discutirem brevemente, finalmente aceitaram que Roxie pagasse um lanche para todas; afinal de contas, ela garantiria que tinha “umas vantagens com o pessoal da cantina”.

Todas as mesas do refeitório estavam ocupadas. Havia apenas um assento vago na mesa exatamente à frente das garotas.

— Querem ver uma coisa engraçada? — disse Roxie às demais, antes de sentar na cadeira vazia e começar a comer seu lanche, como se estar ali fosse a coisa mais normal do mundo.

Os alunos já sentados na mesa deram ares de não gostar da presença de Roxane: olharam torto, cochicharam e trocaram caretas. Incomodados, levantaram em menos de um minuto.

— Sempre funciona! — Roxane apenas ria, sem se importar com a grosseria, enquanto as outras sentavam hesitantes nos assentos recém-desocupados.

— Você não fica com raiva deles? — quis saber Hanna.

— Não. Quem perde são eles, ué!

Louise Bittencourt, a garota bolsista, passeava por perto. Evangeline pôs-se a observá-la enquanto a colega de classe abordava vários alunos. Todos lhe davam a mesma resposta: um aceno negativo com a cabeça.

Depois de passar por praticamente todo o lugar, chegou à mesa onde as cinco estavam sentadas.

— Oi, vocês são da minha turma, não é? — disse envergonhada, se balançando nos pés como se estivesse preparando uma fuga.

— Somos sim — confirmou Roxie, sempre com seu ar diplomático.

— Alguém aqui pode me fazer o favor de explicar pra que raios serve este cartão? — E estendeu o cartão roxo com a chave. — Já perguntei para metade da escola e ninguém sabe o que é.

Evangeline e Hanna olharam para as outras, também queriam saber qual era sua serventia. Mas se surpreenderam ao ver que Magda e Kiara estavam igualmente confusas.

Todos os olhares se voltaram para Roxane.

— Ah, o cartão... — começou a garota, puxando pela memória. — Meu pai o implantou neste ano, por isso não tem nada no manual. Foi feito para passar numa das maquininhas lá da entrada, quando saímos e entramos. Se não temos permissão para sair ou deixarmos de passá-lo, ela avisa ao sistema de segurança da escola, que por sua vez avisará os nossos pais por mensagem de texto.

— Ah... — exclamaram as outras.

— Não vi maquininha nenhuma — disse Magda, examinando seu próprio cartão.

— Vai ver quando vocês saírem na hora do almoço — respondeu Roxane, dando tapinhas no ombro da menina.

— Muito obrigada — agradeceu Louise, aliviada. — Você é filha do diretor, não é?

— Sim. Sou Roxane. Estas são Magda, Kiara, Hanna e Evangeline — apresentou, apontando para cada uma. — Por que não senta com a gente?

— E puxou a cadeira vazia do seu lado esquerdo.

— Claro, por que não?

— Espera aí! — exclamou Magda, que ainda analisava o cartão.

— O quê? — Louise se assustou com o grito da garota, levantando do assento como se temesse que pregos ocultos aparecessem em sua superfície.

— Não é melhor reservarmos nosso armário?

— É mesmo! — concordou Roxane, batendo na testa.

— Pensei que estivessem na ordem de chamada — disse Louise intrigada.

— Tecnicamente sim, mas temos um código entre os alunos — explicou Roxane, juntando os restos do lanche. — Enquanto não trancamos o cadeado, nenhum armário tem dono. E o engraçado é que nenhum funcionário nota que mudamos a ordem... Típico!

Ao chegar aos vinte armários ao lado da sala seis, Evie percebeu que vários cadeados já estavam trancados. Ela achou o seu ainda pendurado no fecho do terceiro armário, nele estava escrito: “3 - Evangeline A”.

— Os outros três armários daqui estão abertos! — gritou para as outras.

Magda correu de onde estava e pegou o primeiro armário. Hanna se contentou em ficar no de número quatro. De onde estava, Evangeline pôde ler o nome que estava escrito no cadeado que Hanna trocara pelo seu: “5 - Grégor U”. Alguém já trocara o de Grégor pelo número “4 - Grace F”. Ao seu lado, fecharam o “15 - Mercedes C”.

“Por isso elas foram as últimas a chegar na cerimônia de abertura, estavam reservando seus armários”, pensou Evie.

— A Carmen vai gostar de saber que ficou ao lado da Verônica. Ou vai ficar, se chegar a tempo — comentou Roxie, que já mexera em todos os cadeados ainda abertos. — Ficarei no meu armário mesmo, gosto de ficar perto da porta da sala.

— Eu também. Só que prefiro ficar no meio — disse Kiara.

Louise examinava seu armário, sozinha. Pelo visto ainda estava encabulada demais para se sentir parte do grupo, afinal de contas, acabara de conhecer as outras.

— Coloca o do Grégor aqui no segundo — pediu Magda para Hanna. — Ninguém merece ficar perto da Grace. Só tenho pena do César, se ele ficar aí mesmo...

Enquanto Hanna trocava o cadeado “2 - César W” pelo de Grégor, Evangeline examinou seu armário. Não era muito largo, mas tinha espaço suficiente. Era dividido por duas prateleiras, na parte de cima já estavam dispostos todos os livros didáticos que usaria no ano em Matemática, História, Geografia e Língua Portuguesa. A parte do meio era do mesmo tamanho, onde estava uma toalha no mesmo tom de roxo oficial da escola. A de baixo, ligeiramente maior, estava vazia. A parte de trás da porta era coberta por um grande espelho.

— Meu pai tem mania de espelhos, sabe — comentou Roxie, aparecendo no reflexo atrás do ombro de Evie. — Insistiu que todos os armários tivessem um. Diz que isso ajuda a construirmos uma imagem equivalente ao nosso caráter e *blá, blá, blá...* A maioria dos alunos prefere cobri-lo de adesivos e fotos.

A parte da frente da porta era da mesma cor da gravata, com listras desenhadas que, quando todas as portas estavam fechadas, formavam o

logotipo da escola, o nome “Instituto Educacional A. W. Sigma” e o lema do Instituto. “É bem estiloso”, concluiu Evangeline trancando-o, “Mas não é suficiente para querer se matricular aqui”.

— O que vocês estão aprontando agora? — perguntou a voz entediada de Grégor. Ele vestira o uniforme completo outra vez, ainda que não parecesse muito formal com seu olho pintado de preto.

— Nada, Grégor! — respondeu Roxie. — Estamos apenas reservando nossos armários. A Magda colocou o seu aqui no dois, posso fechar?

— Quem trocou o meu de lugar? — perguntou Grégor, indignado, indo ao quinto armário para verificar. — Ah, tá, a *DesGrace*. Pode fechar!

Enquanto Magda fechava o cadeado de Grégor num estalido, o sinal tocou mais uma vez, não muito longe dali. Ao ouvir o som, Grégor jogou a cabeça para trás e gemeu: “Ah, não!”.

— O que foi? — perguntou Evie para o garoto.

— Por que vocês acham que eu vesti o uniforme inteiro?

— Não sei... por que você quis? — tentou Magda.

— Resolveu seguir as regras de vestuário? — arriscou Louise.

— Claro que não, nada disso! Já viram o horário de hoje? É bem *amargo*...

Louise, que guardara o horário no bolso lateral de sua mochila verde, puxou-o para analisar. As garotas se agruparam ao seu redor e leram:

Segunda-feira:

1ª e 2ª aulas - Matemática - Margô Trevelin.

3ª e 4ª aulas - História - Constantino Almeida.

5ª e 6ª aulas - Ed. Física - (a confirmar).

— Amargo? Não entendi... — quis saber Hanna quando Kiara e Roxane gemeram e Magda se jogou de lado no seu armário, encenando que estava sendo esfaqueada, batendo com o punho fechado exatamente na altura do coração.

— Os dois primeiros tempos são de matemática, da professora Margô Trevelin — explicou Roxane. — Todo mundo a conhece como a mais rigorosa de todas as professoras.

— E começar a semana com a *Amargô* não é nem de longe um privilégio nosso — comentou Grégor. — Ela é um dos maiores motivos da minha repetência.

Os alunos já se precipitavam pelas salas e fluíam pelo corredor, abrindo os armários e conversando alto. O inspetor Claus passava entre a multidão, ralhando:

— Direto para a sala! Sem enrolação! — E avistou o grupo de sextanistas, ainda parado. — Vocês sete, para a sala, a professora Margô já está esperando!

— Ah, não... — exclamou novamente Grégor, enquanto Magda, Kiara e Roxane abraçavam Claus, dizendo: “Salve-nos, por favor!”.

A professora Margô era uma estátua humana, contemplava a turma com os braços cruzados atrás do corpo. Todos permaneciam calados. Era estranho para Evie ver seus colegas impecavelmente arrumados, sendo que

a grande maioria deles já havia se livrado de metade do uniforme desde a entrada.

— Turma 603... A famosa turma 603 — começou a professora com sua voz ressonante. — Composta por alunos peculiares: alguns das famílias mais influentes da região, outros de já notável talento; em contraposição a segunda metade da turma, composta por bolsistas, um repetente e alunas vindas do... *Complexo de favelas do Alto*.

Evangeline trocou um olhar discreto com Hanna, ao seu lado. Pelo tom de voz da professora, ela devia depreciar a presença de tais alunos na classe, principalmente os “advindos do Complexo do Alto”. E esse último grupo era composto apenas por ela e Hanna.

— Fiquem sabendo desde já que estou de olhos abertos com relação a vocês. Para os bolsistas, deixo um alerta: espero que sejam capazes de provar que são merecedores de estar aqui, ocupando o lugar de um aluno que poderia... contribuir mais.

A professora fez uma pausa, durante a qual examinou cada rosto tenso.

— Prefiro adotar em minhas aulas um sistema completamente formal. Tratemo-nos, de preferência, pelo último sobrenome. Portanto, vocês devem me chamar professora Trevelin ou senhorita Trevelin. De minha parte, os tratarei da mesma forma.

— Ela parece até mãe da Grace! — sussurrou Magda, que sentara agora ao lado de Roxane. — Ou melhor, da *senhorita Farias*.

— Para começar, abriremos na página onze do livro...

Todos se entreolharam, constrangidos. Ninguém trouxera o livro para a sala, jamais imaginaram que um professor começaria a matéria apenas com uma hora disponível.

— Não trouxeram o livro? — constatou a mestra, sorrindo satisfeita. — Pelo visto minhas suposições são verídicas. Podem ir aos seus armários, em silêncio!

Enquanto a turma saía, a professora sentou-se para anotar algo no diário de classe.

— E já temos meio ponto a menos para todos. O primeiro de muitos pontos perdidos, imagino.

— Qual é o problema dela? — exclamou Magda, abrindo seu armário, pouco depois. — Nos trata como se fôssemos condenados ao fracasso!

— Engraçado, isso é novidade para mim também — informou Grégor, que chegava por trás, em passos lentos. — Ela normalmente é apenas rígida.

— Vou levar o livro de História também. — Evie pegou também um grosso exemplar colorido.

— Eu vou levar é tudo! — decidiu Hanna, abraçando o conjunto de todos os livros do armário.

A segunda aula foi do professor Constantino Almeida, que educadamente aguardou a saída da professora Margô no outro lado do corredor. O professor era alto, magro, com cavanhaque e cabelo castanho cacheado bem cheio. Usava óculos sem armação e vestia o uniforme docente masculino.

— Bom dia, turma 603! — saudou Constantino ao entrar, de forma mais alegre do que deveria.

— Bom dia... — responderam os alunos, já desanimados com o primeiro dever-de-casa da professora Trevelin.

— Sou Constantino Almeida, seu novo professor de História. Sei que para muitos a História tende a ser chata, mas tenho certeza que comigo as aulas serão... Como vocês dizem mesmo? Ah, sim... *maneiras!*

O professor sorriu entusiasmado, enquanto a turma era a antítese perfeita do de seu humor. Zero, lá do fundo, gritou um “Eba” irônico que foi erroneamente interpretado pelo professor como uma solitária manifestação de apoio.

— A História não deve ser considerada como a mera contemplação do passado, *tá ligado?* — continuou o professor. — Em nossas aulas vocês terão a chance de refletir sobre o próprio dia-a-dia, entender o que *tá rolando na parada*. Esqueceremos um pouco as datas e os números...

— Uhu! — gritou Zero, genuinamente animado com a possibilidade, desta vez.

— ... e passaremos a pensar criticamente sobre cada fato histórico, transpondo-os para os dias de hoje.

— Uh... Epa! Eu não quero *pensar* não... — desanimou-se o garoto.

Evie abriu seu próprio livro de história. Era colorido; cheio de ilustrações, fotos, charges, quadrinhos e muitos, muitos textos para reflexão. Enquanto lia um deles, a garota percebeu que o livro falava igual ao professor: com gírias extremamente forçadas.

— Vocês logo perceberão que não é preciso estudar muito para se dar bem nas minhas provas, mas para isso terão que escrever bons argumentos nas suas respostas. Mas não precisamos falar disso agora. Pensei em

fazemos algo bem *maneiro* hoje: como muitos de nós somos novos, que tal uma dinâmica?

A animação da turma esvaiu-se por completo depois das palavras do professor. Queriam, de preferência, completar os últimos minutos de aula com letargia e pensamentos vazios, não com uma brincadeira sem-graça e geralmente constrangedora.

À contragosto, a turma abriu uma clareira no centro da sala, guiados pelo mestre.

O professor Constantino pegou um novelo de lã verde-fluorescente enquanto os alunos se posicionavam, e desenrolou um bom pedaço dele, segurando sua ponta com a mão desocupada.

— A dinâmica é bem simples: temos aqui essa linha — e mostrou a lã para a turma —, quem estiver segurando o novelo deverá dizer seu nome e sobrenome, e contar quando e como chegou no Instituto; depois jogará para outra pessoa, de preferência uma que não esteja ao lado, entenderam?

Todos assentiram, um pouco mais aliviados. Não era nada constrangedor, afinal.

— Eu começo. Meu nome é Constantino Almeida, cheguei aqui na escola há três anos como monitor. Este ano fui promovido para lecionar História para todo o Segundo Segmento. Fui contratado graças a uma indicação de um amigo pessoal do diretor.

Após sua breve apresentação, o homem jogou o novelo para Heitor, que estava na sua frente.

— Sou Heitor Sanches. Estou aqui na escola desde o ano passado, meu pai é dentista e me matriculou aqui porque ouviu dizer que é a melhor escola da região.

Heitor jogou o novelo para Magda, suas pulseiras retiniram quando ela o apanhou.

— Meu nome é Magda Fortunato. Estou aqui desde o primeiro ano, então nem me perguntem como cheguei aqui, eu não lembro bem como foi.

Magda arremessou a linha para Jeremy, que a pegou no ar, com a destreza de um atleta.

— Sou Jeremy Saint’Clair. Minha família é dona do mercadinho da praça. Meu pai ficava observando o A. W. Sigma todo dia, enquanto varria a calçada, e pensava: “*Um dia meu filho vai estudar ali, e no futuro será alguém na vida*” — disse ele, numa imitação tosca da voz do pai. — No terceiro ano, ele conseguiu me matricular, finalmente. Bom, agora que já estudo aqui, só falta ser alguém na vida.

Jeremy escolheu Kiara para se apresentar a seguir. A garota pareceu feliz pela oportunidade de falar.

— Meu nome é Kiara Shimizu. Estou aqui desde o segundo ano, meus pais trabalham com comércio, eles têm uma rede de lojas de artigos orientais que é maravilhosa. Eles disseram que dariam a mim e a minha irmã a melhor educação que pudessem, mesmo que tivessem que trabalhar muito para conseguir pagar a melhor escola; então escolheram o Instituto. Aliás, minha irmã se chama Kimi, ela tem cinco anos, vai entrar aqui ano que vem, é uma pimentinha. Inclusive ontem...

— Pode jogar a linha para o próximo, por favor? Não temos muito tempo! — apressou o professor.

Contrariada, Kiara jogou o novelo para Grégor, que agarrou a lâ num gesto suave.

— Sou Grégor Uno, entrei aqui desde o segundo ano. Meu pai nunca quis que eu estudasse no A. W. Sigma, mas meu avô materno, que é um grande fazendeiro, obrigou a minha mãe a fazê-lo mudar de ideia. Mesmo tendo decepcionado minha família no ano passado, quando fui reprovado, estou novamente no sexto ano. E é isso.

Grégor jogou o novelo para Louise. Evie começava a sentir-se meio ansiosa por demorar tanto para chegar sua vez de falar.

— Sou Louise Campos Bittencourt, acabei de entrar no Instituto. Estudei muito para chegar aqui.

Louise passou para César Wong, que contou como sua mãe arquiteta o havia matriculado há dois anos. Esse passou para Luara Santos, que contou que chegara no ano passado, graças ao sucesso que o restaurante de seu pai estava fazendo. De Luara, a linha passou para Mercedes Campelo, que contou com sua voz irritante como sua mãe *socialite* exigira a melhor educação possível para ela, desde o primeiro ano. Jonas Nunes contou como seus pais sempre economizaram para que ele tivesse a melhor educação. Tobias Santana anunciou que conseguira, após a terceira tentativa, conseguir uma bolsa escolar razoável que ele pretendia manter até o nono ano. José Roberto Fiel, que era um dos alunos novos, contou que sua família tinha lojas no *shopping* do centro da cidade. Hanna contou rapidamente como ela e Eve haviam sido especialmente convidadas a entrar como bolsistas. Carmen Monteverde informou que estava ali desde o quarto ano, seus pais eram donos de uma importante gráfica; Verônica disse apenas seu nome, seria um desperdício repetir as mesmas palavras da irmã. Vitório Felipe de Andrade se gabou logo após que seu pai, grande empresário e patrocinador da escola, não tivera dificuldades em matriculá-lo desde o início de sua vida escolar. Depois jogou para Mikael Moreira, que contou

como seus tios providenciaram tudo para que ele fosse matriculado num lugar onde se sentisse incluído. Este arremessou para Grace.

— Meu nome é Grace Helen Porfírio Farias. Minha mãe é médica aposentada e meu pai é o prefeito, como vocês já devem saber. Fui matriculada aqui pois queriam que eu estivesse entre os melhores. Claro que não imaginavam que haveria tantas... *exceções*.

Com um gesto leve, jogou a linha para Roxane.

— Meu nome é Roxane Wing, estudo aqui desde o segundo ano. Pra ser sincera, meu pai pensou que seria mais saudável me matricular em outro colégio, mas pedi para entrar no Instituto depois de ficar um ano fora. Então posso dizer que sou uma das poucas que realmente escolheu estudar aqui.

Faltava apenas Evangeline. Quando Roxane arremessou o novelo para ela, este atingiu em cheio seu rosto, turvando sua visão numa explosão de néon no exato instante em que o grande relógio acima do quadro-branco indicava o fim da aula de história.

— Meu nome é Evangeline Ayler. Como minha amiga Hanna já contou, acabei de entrar como bolsista. Não sei ainda como vim parar aqui; se alguém descobrir antes de mim, por favor, me conte.

O professor fazia sinal para que a garota devolvesse a linha para ele, e Evie a jogou.

— Quem pode nos dizer o que nós formamos? — perguntou Constantino, já segurando o novelo.

Todos desviaram o olhar do mestre, sem compreender qual resposta deveria ser dita.

— Uma teia...

— Exato, Hanna! — A garota se assustou por ter acertado, geralmente suas respostas eram seguidas de zombaria. — Chegamos aqui em tempos e de formas diversas, mas formamos um só grupo, estamos todos interligados de alguma forma, como numa teia. E se alguns de nós falharmos...

O professor fez sinal para que alguns alunos largassem o fio, o que fez a teia pender frouxa e disforme nas mãos dos outros.

— Toda a turma falhará. Lembrem-se sempre disso, *falou?* — E olhou para toda a turma. — Podem ir para a última aula, tenham um bom primeiro dia!

Os alunos mais próximos da porta dispararam imediatamente.

— Vocês que acabaram de chegar ao Instituto, podem esperar um pouco? Quero falar com vocês um instante — chamou o professor, antes que todos fossem embora.

José Roberto, Louise, Tobias, Hanna e Evie se aproximaram. Grégor, Kiara, Magda e Roxane ficaram esperando do lado de fora, em frente à sala. Evie ainda conseguiu ver durante a conversa o topo da cabeça de Kiara surgir diversas vezes na janela retangular da porta. Pelo visto, ela tentava enxergar o que acontecia na sala, pulando.

— Quanto tinha a idade de vocês, entrei na minha antiga escola devido a uma indicação de um benfeitor — começou o professor, dispensando o ar forçadamente jovial. — No início era como se eu não me encaixasse e, como vocês, não sabia qual era a razão de estar ali. Entretanto, no final do ano, eu não queria mais ir embora. O que eu estou tentando dizer é que todos encontrarão seu lugar, desde que estejam inteiramente dispostos a participar do Instituto. Não tenham medo.

— O senhor vai ajudar a gente, pegando mais leve? — arriscou Zero, esperançoso.

— Claro que não. Quero que vocês se esforcem mais do que todos! Agora podem ir, o professor já deve estar esperando.

— Ele estava indo tão bem... — comentou Zero, enquanto se uniam ao segundo grupo, no lado de fora.

Já não havia mais ninguém da turma 603 no corredor quando os alunos que restaram saíram da sala em direção ao refeitório.

— Aonde nós vamos agora? — perguntou Evie, vendo que os outros tomavam a direção de uma porta aberta à esquerda. A garota não notara a presença daquela saída até então.

— Ora essa! Temos Educação Física com o professor novo, é nosso último tempo! — exclamou Kiara, que obviamente esquecerá que cinco dos que estavam no grupo eram novos na escola.

— A quadra fica logo ali na parte externa. Vamos ser os primeiros a conhecê-lo, ele acabou de chegar — completou Maggie.

— E como você sabe que ele acabou de chegar? — estranhou Grégor, olhando-a por cima do ombro.

— Ouvi o Seu Batista comentar na hora que fomos pegar o livro de matemática — Magda apenas deu de ombros para o amigo.

— Nós só estamos com esse professor novo por causa da professora Thamia, que se demitiu no final do semestre passado, um baita escândalo! — informou Kia, contente pela deixa para contar um babado fortíssimo. — Pelo que me disseram, suspeitavam que ela andasse furtando o equipamento

esportivo daqui. Ela negou, mas não aguentou a pressão e se demitiu. Mas é apenas o que dizem, nada confirmado.

A quadra, como todo o colégio, era imponente e bem equipada. De longe, as garotas já puderam vislumbrar as linhas bem delineadas do chão, os gols, a cesta de basquete em ambos os lados e uma rede de vôlei ainda pendurada na grade direita, junto a um grande saco com bolas que jazia solitário. Havia arquibancadas de madeira à esquerda e ao fundo, dentro da cobertura.

Os nove alunos se dirigiram a uma construção de tamanho médio ao lado da quadra, perto do prédio principal; onde estavam os vestiários, uma sala-de-aula e a sala do professor. Ao entrar na sala da direita, encontraram toda a turma já em seus lugares, inclusive Mikael, que se acomodara a um canto, em sua cadeira de rodas.

— Roxie-Rox! — saudou o garoto quando Roxane passou por ele. — Está todo mundo querendo saber quem é o professor novo. Você sabe quem é, heim?

— Hum... não — respondeu a garota secamente, atravessando a sala de cabeça baixa. Evangeline suspeitou que a garota estava inquieta, mas como seu cabelo escondia bastante a sua expressão, não podia desvendar o que ela realmente sentia.

— O que mordeu ela? — perguntou Mikael.

Evangeline respondeu com uma expressão que diz “eu não sei, mas peço desculpas mesmo assim”.

Esta era uma sala bem menor do que as do prédio interno. As carteiras tinham a mesa ligada à cadeira, de forma que ocupavam menos espaço. O único sinal de que tal sala pertencia a uma escola particular era a

climatização vinda de um ar-condicionado nos fundos. De resto, parecia-se muito com uma sala comum de escola pública.

Assim que todos ocuparam seus lugares, o professor misterioso entrou. Imediatamente um zumbido de cochichos e risadinhas se levantou por toda parte.

O professor era bem jovem. Usava calça de tafetá cinza com faixa branca no lado e camisa polo preta com o logotipo da escola no peito. Um apito de juiz esportivo lustroso pendia de uma corrente prateada no seu pescoço. Era alto, forte e com um rosto digno de um galã de filme de Hollywood que ganhou um Oscar de melhor ator.

Sentadas na segunda fileira, Verônica e Carmen arrancaram folhas de seus cadernos e começaram a se abanar num ritmo quase sincronizado, embora a sala estivesse tão fresca que tal gesto era perfeitamente dispensável. Roxane, por sua vez, afundou no assento, dando a todos a forte impressão de que conhecia o professor. E pior: que não queria que ele a notasse.

— Bom dia — saudou o mestre com sua voz grave. Os meninos responderam sem muito entusiasmo; em oposição a algumas garotas, que o cumprimentaram com uma voz aguda e soprada semelhante a um suspiro. — Sou Miguel Wing, serei o professor de Educação Física do A. W. Sigma a partir de hoje. Creio que apenas Roxane, minha prima, deve me conhecer.

Todos os olhares se voltaram para a garota. Roxie já estava praticamente deitada no assento, tamanha era sua ânsia de sumir dali. Mostrou um sorriso amarelo à guisa de uma resposta ao professor, quando emergiu da cadeira.

— É, deve ser — concordou ela.

Um pensamento logo veio à mente de Evie. Enquanto olhava para Roxie, ela contou em sua mente todos os Wings e deixou uma pergunta escapar de sua boca antes que pudesse impedi-la:

— Mas você é filho de quem? — perguntou Evangeline, percebendo na mesma hora o quão mal-educada parecera. — Senhor... professor Miguel — completou, levemente corada.

Antes de responder, o professor Miguel estudou a garota por um instante e revelou um sorriso reluzente e tão perfeito que dava a impressão de conter pelo menos quarenta e seis dentes.

— Não acho necessário que me chame de *senhor*, pode me tratar por *você*. Mas, respondendo à sua pergunta, meu pai é Nicolas Wing, que, aliás, falou muito bem de você, Evangeline.

Grace, que há instantes atrás estivera hipnotizada pela beleza estonteante do jovem professor, torceu sua face como se tivesse sentido um forte odor de esgoto. Nicolas era andarilho, taxado pelos habitantes da redondeza como mendigo tresloucado. Certamente ela não era uma das fãs do mais velho dos irmãos Wing.

— Mas, voltando à aula, quero pedir perdão a todos por não estar presente no discurso de abertura do ano nem na cerimônia. Tive alguns contratempos familiares... isso não vem ao caso por ora.

O professor parecia angustiado, mas afastou a curiosidade dos alunos com um sorriso tranquilizador, que arrancou mais uma leva de suspiros da banda feminina.

Seguiu-se então a chamada. Os meninos responderam um seco “presente” ao professor e as garotas ensaiaram suas vozes mais doces, a maioria ajeitando o cabelo antes de responder. Apenas ao término da lista,

Miguel notou um apenso à turma: uma das garotas não respondera à chamada.

A garota que não era da turma — que muitos suspeitaram que nem do planeta Terra fosse — era magra, tinha o cabelo castanho e liso, ponteados de tranças coloridas e com penas brancas amarradas na ponta de uma delas. Ela dobrara a manga direita da blusa até depois do cotovelo e exibia no antebraço uma espécie de luva colorida. Seus grandes olhos castanhos estavam emoldurados por óculos de armação azul.

— E a senhorita, quem é? — questionou o professor.

— Giulieta Azevedo, mas prefiro ser chamada de Ulie.

— E você, Ulie, tem permissão para estar nesta turma? — continuou o professor, buscando o nome da garota nas outras listas de chamada até encontrá-la no meio da turma 602.

— Na verdade, não.

— E por que não está na sua classe?

Ela ainda ficou quase um minuto sem responder, como se tentasse processar a pergunta.

— Não sei... — respondeu a garota, com um suspiro. — Acho que prefiro essa.

— Entendo, mas acredito que, para frequentar as aulas em outra classe, você deveria pedir transferência na secretaria. Enquanto isso, volte à turma dois, por favor! — concluiu o mestre, abrindo a porta para que a aluna saísse. — Nessas primeiras aulas — continuou ele, quando Ulie já voltava para o prédio do colégio —, teremos uma instrução teórica...

— Ah, não... — bradaram vários alunos, desanimados.

— ... em preparação às aulas práticas, que devem começar na terceira aula.

— Ah, não! — disseram ao mesmo tempo Evie, Hanna, Grégor, Magda e Luara, imitando os demais.

O professor sorriu novamente, antes de escutar batidas na porta. Zeno estava na entrada, sua careca reluzente ficou visível assim que a porta se abriu.

— Com licença, professor Miguel. O diretor solicitou a presença de uma de suas alunas — anunciou o homem, como quem faz um informe primordial.

— Claro, fique à vontade!

— Por favor, Evangeline Ayler, acompanhe-me até a diretoria.

Cem por cento dos alunos olharam assustados para a garota, que ouviu o som de sussurros a rodear enquanto seguia em direção à saída. A maioria dos curiosos exclamava: “Mas já? O que será que ela fez?”.

Sobre esse capítulo:

[Lista dos alunos da turma 603](#)

[Chibis das personagens principais](#)

[Chibis de mais personagens](#)

Capítulo III:

Sonho Alado

Trilha Sonora: [Never Alone](#), [Lady Antebellum](#)

Depois de voltar ao prédio principal com o inspetor-chefe, Evangeline ainda hesitou um instante em frente à porta aberta do gabinete branco e iluminado do diretor, que ficava no lado direito da diretoria.

Entre papéis, contas e documentos que abarrotavam a escrivaninha do diretor, estava um porta-retratos prateado, com uma foto que retratava Roxane, sua mãe Ayla e um cachorro que Evie julgava ser a mascote da família. Encostada ao porta-retratos, uma pequena imagem da Virgem Dolorosa, o que obviamente era um presente do padre Emanuel, irmão mais velho de Último. Atrás da mesa, uma estante de madeira escura estava ornada com uma cesta de jornal enrolado em canudos, com flores coloridas, que a garota reconheceu como um regalo comum do velho Nicolas. Nas paredes estavam afixados alguns quadros, todos aparentavam ser obras legítimas de excelentes pintores. Apenas um destoava dos demais: era amador e retratava apenas um vaso de rosas negras sobre uma mesa, com fundo cinza. Evangeline entretinha-se observando a beleza sombria do ramalhete quando ouviu o tio postiço pigarrear alto.

— Pode entrar, Evangeline.

A garota deu uns passos vacilantes, mas não sentou na cadeira logo à frente de Último. A recomendação matinal de sua mãe ainda estava estampada em sua mente, o que fazia sua imaginação fluir em direção às

situações mais mirabolantes. Por conseguinte, ela temia que Último logo começasse a bradar a altas vozes que na primeira nota sete da garota ela estaria expulsa; ou que para provar que pertencia ao Instituto ela teria que cometer um crime.

Todavia, o diretor estava sereno. Cansado, mas parecia absolutamente inofensivo.

— Sente-se — encorajou o homem.

Evangeline sentou na beirada da cadeira, tentando não olhar diretamente para o tio.

— Chamei você aqui só para passar uma informação — começou ele. Sua voz não estava mais altiva como na reunião mais cedo; era branda, quase paternal.

Por um instante, Evangeline se perguntou se haveria mesmo motivos plausíveis para que sua mãe desconfiasse tanto assim de Último.

— Os alunos do Segundo Segmento podem participar de aulas extras no contraturno — explicou o diretor. — E geralmente são os pais que escolhem quais cursos seus filhos irão frequentar.

— Hum... — murmurou Evangeline. Tinha a vaga consciência de que ouvira algo parecido quando sua mãe tagalera as informações que recebera pelo correio, três dias antes. Estava tudo escrito num livreto na cor índigo intitulado “Manual do Responsável”. Na ocasião, Evangeline ficou estirada no sofá, assistindo na televisão um seriado interessantíssimo, e escutava sua mãe apenas com atenção suficiente para saber se deveria concordar ou discordar em suas pausas.

— Mas, devido às circunstâncias, tomei a liberdade de escolher os cursos para você e sua amiga.

— Um momento... que circunstâncias? — interrompeu a garota, sem conseguir se conter.

— Bom... — começou Último, pêgo de surpresa com a pergunta. — A avó de sua amiga já é uma senhora de idade, certamente não estaria disposta a se deslocar até aqui só para conversar comigo. E sua mãe...

— Todo mundo sabe que vocês não se dão bem. Não é nenhum segredo, não é?

— Sinceramente, eu poderia abafar isso. Seria, obviamente, uma estratégia útil, Evangeline — o homem pigarreou e ajeitou os óculos antes de prosseguir: — Nós temos nossas desavenças e temo que irão perdurar por muito tempo ainda... de qualquer forma, sua mãe saberá exatamente o porquê da minha decisão.

“Enfim, entre as disciplinas disponíveis para o Contraturno, temos o reforço escolar, informática, uma diversa gama de esportes, incluindo natação na piscina da mansão”.

Evangeline gemeu instintivamente ao ouvir falar de esportes. Não era uma garota muito atlética e sempre se envolvia em acidentes nesse tipo de aula. Sem contar que, na sua opinião, a maioria dos esportes era demasiado maçante.

Surpreendentemente o diretor sorriu, quase satisfeito.

— Você é das minhas — constatou ele, apontando para a garota. — Aliás, já imaginava que você reagiria assim; matriculei você e Hanna no reforço escolar e também em informática. Aqui estão os horários. — E entregou uma folha escrita à mão. — Vocês terão aulas nas terças, quartas e quintas; além da disciplina obrigatória de Filosofia, Ética e Cidadania às

sextas e as aulas de Música e Teatro, que são obrigatórias também... o horário detalhado está todo aqui!

Evangeline não escondeu a satisfação que sentiu ao receber a folha. Passaria muito bem, obrigada, sem aqueles esportes. Gostaria muito de poder ser liberada das aulas com Miguel, mas sabia que isso não era possível.

Antes de entregar os horários de Hanna, o homem se demorou analisando alguma coisa nos dados pessoais da menina.

— Auster? Que engraçado, conheço uma família com esse nome. Deve ser só coincidência!

E entregou o segundo papel, que Evangeline colocou abaixo do seu.

— Também temos várias oficinas toda semana, filmes no auditório e jogos na sala de estudos de cada campus. Não se sinta obrigada a participar de nenhum deles, são apenas para garantir que vocês tenham o que fazer caso permaneçam na escola após o horário de aulas. Vocês podem sair nos finais de semana, feriados e toda vez que precisarem de permissão especial; mas seus pais serão sempre comunicados por *SMS* e *e-mail* a cada vez que passarem o ponto eletrônico. Se for preciso ficar na escola nos dias livres por qualquer motivo, não haverá nenhum impedimento, é só pedir uma Ordem de Permanência. Entendeu?

Evangeline fez que sim, sem absorver metade das informações.

— Você vai se acostumando aos poucos — garantiu ele, com um sorriso. — Qualquer coisa, pergunte para Roxane. Também deixei alguns livros com Leônidas, que devem ajudar você e sua amiga. Passe lá na biblioteca depois do almoço para pegar o pacote. Aqui no Instituto

costumamos utilizar a Biblioteca Municipal, a daqui foi desativada depois de um trágico acidente.

— Olha, não sei qual foi a sua primeira impressão, mas devo informar que nosso Instituto não é um lugar de frescos, nem de fracos — explicou Último, depois de uma breve pausa, tirando os óculos e apoiando os cotovelos na mesa para encarar a garota de perto. — Aliás, muitos diretores costumam me condenar pela escolha que faço em relação ao corpo estudantil. Muitos prezam os de maior poder aquisitivo; eu prefiro o talento e a boa educação. Pode ser o riquinho que for, pode pagar a mensalidade pontualmente mas, se sair da linha, está convidado a se retirar. Entende?

— Sim, senhor diretor. — Evangeline apreciava o jeito acolhedor que Último dispensava a ela. Era a primeira vez que falavam diretamente um com o outro, mas havia algo de familiar nele que a garota não conseguia identificar com exatidão. Talvez fosse apenas a familiaridade do contato com os outros Wings.

— Já tive que exorcizar muito espírito birrento, se existe uma coisa que não admitimos no A. W. Sigma são alunos mimados... é claro que esse não é o seu caso...

— De jeito nenhum, senhor!

— Tente não encarar essa propriedade como sua nova escola, mas como sua nova segunda casa.

O diretor estendeu a mão e, enquanto Evie retribuía o cumprimento, não pôde deixar de duvidar seriamente da insistência de sua mãe em considerá-lo um homem perigoso.

— Aposto que a favelada da Evie deve ter ficado com um bando de perdedores de quinta, circulando pela escola.

Era hora do almoço e a maioria dos estudantes voltara para casa para arranjar os últimos preparativos antes de se instalarem no campus. Na casa de Evie, Aurora conseguira um intervalo no seu trabalho na confecção para almoçar com as filhas e saber como fora o primeiro dia de aula de ambas. Era uma tradição anual que Genevieve especulasse sobre a vida da irmã, nunca de forma agradável.

— Eu não sou favelada, Genny — defendeu-se Evie. — E nem minhas amigas são perdedoras. Aliás, acho que você diz isso só porque não sabe o que é *ter amigas*...

— Eu tenho amigas, amigas *de classe*! — retrucou Genevieve. — Acho que VOCÊ não sabe o que é isso, vai além do poder aquisitivo.

— Fique você com suas amigas e a classe delas que eu fico com as minhas que são VERDADEIRAS!

— Ei, ei, parem vocês duas que eu não criei nenhuma barraqueira! — entrevistou Aurora, servindo a carne do almoço para as filhas.

— Fale isso para a Genny, então...

— Falo isso com as duas, as *duas* estão brigando — corrigiu Aurora, sentando. — Caso vocês não saibam, eu não sou surda!

— E nem nós somos mudas! — sibilou Genevieve, mas ninguém ouviu.

Houve uma pausa enquanto Aurora e sua filha mais nova almoçavam tranquilamente. Genevieve remexia o prato com a ponta do garfo, tomando coragem para finalmente fazer a pergunta que poderia acabar com o clima positivo da refeição.

— Mãe, eu posso pedir uma coisa muito importante (mas muito importante mesmo) para que os meus estudos sejam efetivos? — começou a garota.

— O que é? — disse Aurora, franzindo a testa enquanto cortava um pedaço de carne no seu prato.

— Um *notebook*... ou um celular. Todas as minhas amigas tem, menos eu.

— Olha, querida, não tenho dinheiro para comprar nem *tablet*, nem *smartfone*, nem *note*, *net*, ou seja lá qual *book* for! — respondeu a mãe. — Já tive que gastar muito comprando um celular pra receber os *SMS's* da escola da Eve. Então, a menos que você ganhe na *Mega Sena*, vai ter que dar um jeito de viver sem essas coisas.

— Mas mãe... celulares nem são tão caros...

— Mas são proibidos durante a aula — informou Evie, lembrando-se do que aprendera no final da aula de Margô Trevelin. — Lá na minha escola tem até um cartaz enorme na frente da sala com a bendita regra: “*É proibido qualquer tipo de aparelho sonoro ou eletrônico durante as aulas*”...

— Não importa, Eve, não vou ficar esfregando ele na cara dos professores!

— Evie, *você* recebeu alguma instrução para comprar uma parafernália dessas? — interpelou Aurora, sem dar atenção à Genny.

— Na verdade, não. E até temos o direito de usar os telefones lá da escola, é só agendar a hora.

— Viu só? — disse Aurora, apontando com o garfo.

— Mãe, eu estudo em outra escola, esqueceu?

— Pior ainda, é uma escola pública. Pode ser numa área nobre, mas continua sendo pública.

— Ah, lembrei! — interrompeu Evie. — O diretor disse que tomou a liberdade de matricular a Hanna e eu no reforço e nas aulas de informática, no contraturno.

— Pensei que fossem os pais que decidissem os cursos — estranhou a mãe, que lera o “Manual do Responsável” pelo menos umas cem vezes.

— Sim. Mas ele disse que você saberia o porquê da decisão.

Aurora pareceu perturbada com a informação. Mais do que deveria. Genevieve, vendo que não tinha chances de conseguir o que queria, fez menção de se retirar.

— Aonde vai, mocinha? — ralhou Aurora, a voz um pouco mais alta do que pretendia.

— Pro meu quarto. Perdi a fome.

— Mas você não comeu nada — argumentou a mãe.

— Não importa!

— Ótimo, morra então! — intrometeu-se Evangeline, enquanto a outra se afastava.

— EVANGELINE MARIA! — gritou a mãe, pausadamente.

— Desculpa, Genny! — gritou a garota para remediar, enquanto ambas ouviam Genny fechar a porta do quarto com uma batida. — Você viu que eu tentei né, *mammy*? — acrescentou ela para a mãe, que suspirou e deu de ombros. — Acho que vou à biblioteca agora para pegar uns livros, com Hanna.

Evangeline observou a mãe fitar a janela, verificando a rua. Como elas moravam numa favela, Aurora adquirira esse hábito de olhar a rua toda vez que alguém falava em sair da casa, mesmo que soubesse que estava tudo tranquilo.

— Pode ir sim, mando a sua mala mais tarde. O Seu João aqui da frente disse que levaria tudo de carro, já que ele vai passar pela Praça da Anunciação.

Acenando afirmativamente com a cabeça, Evangeline comeu as últimas garfadas e se levantou. Ainda usava metade do uniforme, mas não estava com a mínima vontade de trocá-lo por outra roupa, principalmente se para isso tivesse que entrar no quarto, com uma Genevieve irada lá dentro. Apressada, ela amassou rapidamente o cabelo, olhando seu reflexo no pequeno espelho da sala, enquanto ouvia sua mãe gritar do corredor:

— Não se esqueça de ir direto para o campus depois!

— Claro! — respondeu a garota voltando-se para a pequena sala, enquanto Aurora se aproximava.

A partir daquele dia, a garota veria sua mãe com menos frequência. Mesmo não estando presa ao A. W. Sigma todos os dias, era difícil se despedir.

— Tenho um presente para você, Evie. Acho que pode lhe ajudar na sua nova escola.

Aurora entregou nas mãos da filha um colar delicado de corrente prateada. Seu pingente era um pequeno coração vermelho e brilhante. Nele estava gravada a frase “Eternamente Unidos”, numa letra caligráfica. Um arame fora enrolado artisticamente ao seu redor. Em cada lado do coração

havia um pequeno furo, onde estavam penduradas pequenas penas brancas, presas por argolas, como se fossem as duas asas do coração.

— Que lindo! Como o conseguiu?

— Ele está há muitos anos na família. Quem o criou foi minha bisavó, e o chamou de *Sonho Alado*. Minha mãe deu o colar para seu tio Alexei — já que ele era o primogênito —, mas ele disse que agora era a minha chance de sonhar, e entregou o *Sonho Alado* para mim, pouco antes do meu casamento. E agora quero que seja seu.

— Mas e a Genevieve? Ela não é a *primogênita*?

— A Genevieve é muito ligada às coisas materiais, jamais entenderia o verdadeiro sentido do *Sonho Alado* — explicou Aurora, enquanto afastava os cabelos de Evangeline para colocar a corrente em seu pescoço. — Corra atrás dos seus sonhos alados, Evie, nem pense em desistir!

Evie tocou o delicado coração, já em seu pescoço. Sem sombra de dúvidas ele a ajudaria a suportar a distância, era como um pedaço de casa que estava indo junto de si.

— Mas... Por que *Sonho Alado*? *Coração Alado* não seria mais adequado?

— É exatamente aí que seu sonho deve estar!

Abraçando-a, Aurora e sua filha resumiram tudo o que queriam dizer naquele instante em apenas três palavras: “eu te amo”.

Para Evie, ir à biblioteca sempre fora uma tarefa agradável. Para Hanna, ler era algo que ela evitava ao máximo, principalmente porque precisava repetir pelo menos duas vezes o mesmo parágrafo para entender

razoavelmente o contexto. Quase sempre Hanna apenas sentava ao lado de Evie e cochilava até a hora de voltar a casa; ou ficava com Leônidas, importunando-o com perguntas que o velho geralmente não queria responder.

Ao chegar à Praça da Anunciação, em frente à biblioteca, Evangeline percebeu uma movimentação incomum. Duas viaturas foram estacionadas aos pés da escadaria; de onde estava, ela podia divisar a presença de pelo menos três pessoas andando pelo saguão.

— Olha só, Evie! — disse Hanna, agarrando o braço da amiga. — O que será que aconteceu?

— Não sei. Será que o seu tio Leo está bem?

— Não dá pra ver o Seu Leo daqui. Será que podemos subir?

— Não sei. Temos que tomar cuidado, pelo visto a coisa é séria!

Apreensivas, as duas galgaram vagarosamente a escada, tentando entrever de longe o que acontecia no saguão.

Ao alcançarem o nível da porta, Evie e Hanna testemunharam a presença dos policiais que ainda interrogavam o velho Leônidas. Hanna se escondeu atrás do batente direito da porta e Evie se ajeitou atrás da garota; de forma que, como era mais alta, podia olhar por cima da cabeça loira da amiga.

— E-eu não sei o que aconteceu — gaguejava Leônidas —, só cheguei aqui e encontrei o homem caído. Nem sei quem é, nunca o vi mais gordo!

Homem geralmente forte, Leônidas estava estranhamente confuso e tenso, olhando alternadamente para os rostos dos policiais à sua frente.

— Lembra se alguém suspeito veio à biblioteca antes do crime?

— Não, Seu delegado, eu acho que não.

— Mas nem ao menos alguém estranho, que tenha feito algo fora do comum?

— Não. Acho que a única coisa diferente foi que meu café foi entregue por um incompetente, eu nem olhei pra cara dele. Quando vi que estava aberto fiquei com nojo e nem bebi. É um daqueles dali...

Dois dos policiais haviam colocado copos de café frio iguais sobre o balcão, ao lado de um terceiro. Os dois examinaram os copos, tentando distinguir qual era o de Leônidas, mas não conseguiram.

— Hum... sei... — dizia o delegado, tomando notas num bloquinho. — A porta da biblioteca não foi arrombada, e só você tem a chave, não é?

— Bom, m-mais ou menos. Acho que algum funcionário da Prefeitura também a tem.

— Nós encontramos essa chave no lado de dentro da porta. É sua? — perguntou um dos policiais que tomavam café, mostrando uma pequena chave dourada rutilante.

— Não! A minha está aqui! — Leônidas mostrou a chave dourada envelhecida que estava no seu bolso. O terceiro policial, que acabara de recolher um dos copos de café, virou para a porta. As meninas tiveram que esconder suas cabeças para não serem vistas.

— Leve a chave para o laboratório, pode conter digitais — ordenou o delegado para um dos outros. — E leve o livro também.

O policial que olhara para a saída saiu do recinto, levando consigo a chave e o livro em sacos de evidência lacrados. Por pouco não flagrou as duas que espiavam, ainda escondidas no mesmo lugar.

— Onde você estava na noite de ontem, Seu Leônidas? Pense bem antes de mentir...

— Em casa. A dona da pensão, Gertrudes, pode confirmar. Meu sobrinho Miguel também pode.

— Positivo. Por enquanto, você é o principal suspeito. Ainda não temos provas suficientes para detê-lo, irá responder em liberdade.

— Mas não fui eu...

— É o que veremos. Contataremos o senhor assim que precisarmos — terminou o delegado, enquanto se virava para sair. Quando já estava quase na porta, voltou-se novamente. — Ah, sim, recomendo que o senhor não saia da cidade, ou estará declarando automaticamente a sua culpa.

— Sim, senhor — rosnou o exausto Leônidas, desabando numa cadeira.

Quando os policiais já haviam se retirado e entrado em suas viaturas, Evangeline e Hanna entraram na biblioteca. O velho Leônidas ainda estava sentado atrás do balcão, inconsolável.

— Tio Leônidas, está tudo bem com o senhor?

À guisa de cumprimentar as meninas que entraram, Leônidas puxou o gravador do bolso e apertou o botão de gravar, dizendo:

— E com a saída dos oficiais da lei, chegam os abutres.

— Abutres? — ofendeu-se Evie. — Tio, isso é demais, nem o senhor é tão mal-educado assim!

— Esse colar no seu pescoço é novo ou eu nunca o notei? — desconversou o velho.

— Minha mãe acabou de me dar. Mas — Evangeline abaixou o tom de voz, mesmo não tendo ninguém além dos três nas redondezas —, o que aconteceu aqui? Estávamos ouvindo e...

— Você vai descobrir, coração, que o que aconteceu aqui não é da sua conta! — sentenciou o velho, levantando.

— Estávamos ouvindo, parece ser algo grave... — insistiu a menina, chegando mais perto.

— E é, mas ainda assim não é da sua conta. E vocês não deveriam ouvir sem permissão.

— Nos preocupamos com o senhor, Seu Leônidas! — disse Hanna.

— Escute aqui, não vou envolver vocês duas, nem pensar!

— Bom, acho que já sabemos até demais... Vai, conta! — insistiu Hanna.

— Não é questão de saber ou não saber. Não quero ninguém se compadecendo por minha causa, e ponto final.

— Ponto final coisíssima nenhuma! — protestou Evie.

— Sou eu quem guarda os livros por aqui, então eu coloco os pontos finais onde quiser! Se vocês só vieram aqui para saber algo sobre esse caso, então perderam a viagem — terminou Leônidas, sentando-se novamente, sem perceber que acabara de se levantar.

— Na verdade, vim pegar uns livros que o tio Último disse que encomendou para nós — explicou Evangeline, sentando numa das cadeiras do balcão, bem em frente ao bibliotecário. — Mas agora só vamos sair daqui quando o senhor nos contar tudo.

Hanna e Evangeline encararam-no da forma mais séria que conseguiram, com as mãos cruzadas sobre o balcão, como se estivessem esperando que ele confessasse tudo para elas.

— Tudo bem, fiquem! Mas saibam que isso não me incomoda, quem está perdendo tempo aqui são vocês, não eu.

De imediato, o velho entrou no jogo e tentou ignorar as duas. Quando levantou e fez menção de se afastar do balcão, as duas o seguiram, em semelhança a pequenas sombras impertinentes.

— Ah, não! — protestou o velho. — Vocês juram que vão me seguir?

— Conte o que aconteceu e nós iremos embora! — barganhou Hanna.

Bufando, Leônidas passou a mão pelo rosto suado, como se tal gesto fosse reabastecer a paciência que já perdera definitivamente.

— Achei um morto no corredor de mistério, foi isso.

— E tem sangue por aqui? — perguntou Hanna, recuando, com receio de encontrar uma cena sangrenta no meio do caminho.

— Não, sem sangue! Só um homem morto.

— E a polícia pensa que o culpado pode ser o senhor? — perguntou Evangeline.

— Basicamente — resmungou o homem, recomeçando a andar.

— E como ele estava? — quis saber Hanna, pondo-se subitamente na frente do bibliotecário, que teve que se segurar na estante ao lado para não tropeçar na pequena.

— Ora essa! Jogado no chão, com um livro no peito.

— Aquele que o oficial levou num saquinho? — perguntou Evie. — “O Mistério do Caso Boaventura”?

— Exatamente — disse Leônidas, pegando um pacote no chão e empurrando nos braços de Evangeline.

Ela não estava preparada para o impacto, então cambaleou perigosamente para trás, caindo de lado sobre uma cadeira rotativa que estava por perto, ainda segurando o pacote. Leônidas, que estivera curvado para apanhar o segundo pacote e não vira a cena, franziu a testa para a sobrinha postixa enquanto entregava os outros livros para Hanna.

— E então, vão ou não vão me deixar em paz? — quis saber o bibliotecário, com o cenho ainda franzido.

— Vamos. Temos mesmo que ir ao campus — concluiu Evangeline, meio envergonhada, meio ofendida, meio decepcionada com o tio.

Capítulo IV:

Milenares Tradições Estudantis

Trilha Sonora: [Put your records on, Corine Bailey](#).

O mau humor do bibliotecário era compreensível, mas a garota não conseguiu ficar tranquila durante o caminho até o alojamento. Mal prestou atenção enquanto atravessavam a praça, entravam na escola e cruzavam a propriedade, só voltou à realidade quando chegaram ao portão do pátio.

O campus era formado por dois grandes prédios retangulares exatamente do mesmo tamanho, um com detalhes em lilás e a outro com detalhes num roxo azulado; ligados no centro por uma construção cinza, bem menor que os prédios. O roxo azulado era o masculino e estava mais perto do prédio principal para garantir que fosse vigiado ao máximo — segundo as palavras do próprio diretor na cerimônia de entrada. O feminino estava localizado mais para os fundos da propriedade, próximo à mansão. Ambos eram destinados aos estudantes do sexto ao nono anos.

Ao entrar no alojamento feminino, Evie e Hanna se dirigiram imediatamente a um balcão elíptico logo na entrada. No fundo, havia duas escadas, uma para cada lado do prédio; entre elas, uma porta dupla de madeira. Outra porta igual, do lado direito, estava entreaberta e revelava parte de um salão colossal de onde vinha um odor agradável de comida sendo preparada e sons típicos de cozinha.

No balcão estava uma jovem de cabelo preto cortado em camadas, e um senhor de aspecto austero. Olhavam atentamente para o monitor de *LCD* do computador do balcão.

— Estão adiantadas, meninas, esperava que vocês chegassem às seis! — disse a jovem assim que as avistou. — Vocês são as bolsistas Evangeline e Hanna, imagino...?

— Exato — confirmou Evie enquanto a jovem escolhia um molho de chaves num painel de pregos afixado ao balcão por um suporte. Ela escolheu o de número 31, o último do topo.

O homem mal levantara os olhos com a chegada das alunas. Tinha ótima aparência, como um coroa galã, usava o uniforme dos funcionários. A jovem, por sua vez, era magra e simpática, usava um terninho cinza com saia de pregas, uma saia de tule roxo por baixo e uma quantidade considerável de pulseiras em cada braço. Quando contornou o balcão para se aproximar das garotas, Evie notou um pequeno *piercing* reluzente na sua sobrancelha direita. Quando ela recomeçou a falar, foi no ritmo atropelado de quem tomara muita cafeína.

— Sou Séfora Bastos, inspetora-chefe do campus feminino. Aquele é Fausto Torquato, ele é um dos que cuidam dos garotos, só está aqui para conferir o sistema do meu computador. Levarei vocês até o quarto, tivemos que colocá-las no segundo andar, num dos que até pouco tempo estiveram interditados. Não sei se vocês sabem que foram as últimas a se inscrever neste ano...

— Não, não sabíamos — respondeu Hanna.

— Mas não se preocupem, é um ótimo quarto! — tranquilizou Séfora, falando como se seu cérebro fosse demasiado rápido para sua boca

acompanhar no tempo certo. — Eu até ficaria nele se pudesse, mas preciso ficar aqui no térreo — acreditam que tem dias em que eu praticamente não durmo? Nós nos revezamos entre os turnos para tomar conta de vocês, mas quando tem uma urgência acabam me chamando e a Dora e a Martha, as outras monitoras, nunca chegam pontualmente. Hoje mesmo...

— Tomou muito café outra vez, Séfora? — insinuou Fausto, sem tirar os olhos do monitor.

A mulher bufou com a indireta, mas não respondeu. Em vez disso, fez sinal para que as garotas a acompanhassem até a escada, as duas ainda sobraçando seus pacotes de livros.

— Vocês andarão um bocado todos os dias — comentou Séfora, subindo na dianteira. — Os elevadores são de acessibilidade. Fico escutando reclamações o dia inteiro dos veteranos, um bando de bestões!

Ao passar pelo primeiro andar, Evie escutou ao longe uma balbúrdia de sons: música, risadas, vozes e gritos femininos. Tudo nos corredores era branco e lilás, inclusive as portas, que abriam e fechavam constantemente, com a entrada e saída de suas ocupantes.

— Podem decorar o quarto de vocês à vontade, desde que não usem pregos — explicou Séfora, que já estava no meio do segundo lance de escadas que davam para o próximo andar. — Tivemos tantos problemas com perfurações de canos que logo os pregos foram abolidos. Todo fim de ano, eles fazem uma reforma no campus e todas as pichações desaparecem num segundo, recomendo que não façam nada drástico nas paredes — explicou ela, colocando a cabeça por cima do corrimão para conferir onde as duas estavam. — Vamos, meninas, sem moleza!

Algumas garotas subiam e desciam as escadas, passando por elas sem olhar duas vezes, sumindo depois pelos corredores. Algumas cumprimentaram Séfora, que respondeu a todas com beijos jogados ao vento.

— O toque de recolher é às oito horas, e vocês devem estar dormindo no mais tardar às dez. Temos sinais para alertar os horários, a Dora e a Martha passam pelos corredores a noite inteira para verificar se estão dormindo mesmo.

— Sou só eu ou você também acha que sua cabeça vai explodir com tantas regras? — sussurrou Hanna, quando chegaram ao último lance de escadas. Séfora já estava no corredor acima, o ruído de seus passos apressados ribombava pelo chão de madeira.

Quando chegaram ao último patamar, a inspetora já parara na última porta à direita. Quase todas as outras estavam fechadas, exceto a segunda à esquerda, onde uma garota de cabelo loiro-platinado segurava a maçaneta com uma das mãos, falando com alguém no interior do quarto. Ao passarem, reconheceram Mercedes Campelo, que as encarou de volta com desprezo.

— O diretor fez questão de equipar bem o quarto de vocês... que sorte! — informou Séfora, que tentava enxergar o buraco da fechadura, apertando os olhos. — Preciso urgentemente achar meus óculos, se vocês os verem por aí me avisem, por favor!

Mercedes ainda espiava as costas das garotas, mas nem Evie nem Hanna ousaram olhar de volta.

— Peço desculpas pelo Fausto e o mau-humor dele — acrescentou Séfora, ainda tentando acertar o buraco. — Um baita dum entrão, esse

Fausto. Ele alimenta uma paixão secreta por mim, mas não quer admitir — explicou, antes de finalmente abrir a porta e entrar no quarto. — Sejam bem-vindas ao seu novo dormitório! Espero que gostem, pois vão dormir aqui nos próximos quatro anos.

O quarto era surpreendentemente acolhedor. Não era exatamente grande, mas tinha espaço mais que suficiente para as duas. Em resumo, havia nele um beliche no lado direito e uma cama encostada no canto esquerdo do quarto, que tinha edredom preto. Logo acima da cama havia uma janela de correr retangular com grades de proteção; do lado direito da cama, um criado-mudo com uma televisão de quatorze polegadas; e mais à direita uma pesada cortina negra com flores rosa, que ocultava algo, talvez uma outra janela ou uma porta.

Em frente à entrada, havia um guarda-roupa e atrás dele um pequeno aposento que Evie julgava ser um banheiro, sua porta de correr era voltada para a cama de lençóis escuros.

— Atrás da cortina está a antiga saída de incêndio. A nova está no quarto vazio em frente, que dá pros terrenos da escola. Essa daqui vai pra floresta aqui atrás, mas como a prefeitura rodeou parte dela com grades, não é mais uma boa rota de fuga numa calamidade — explicou Séfora enquanto abria o guarda-roupa. — Coloquei a cortina para que de noite vocês não fiquem com medo. De dia podem abrir para arejar, ilumina bastante.

Da fresta que abriu na cortina, Evangeline pôde observar uma vasta floresta, tão grande que ela não conseguiu divisar suas fronteiras. Séfora tinha razão, ficaria assustador de noite, quando o crepúsculo emprestasse um ar sombrio às árvores.

Foi então que um brilho prateado chamou sua atenção: ainda havia uma pequena chave encaixada no cadeado do portão.

Séfora continuava a remexer no armário, com metade do corpo escondido atrás da porta aberta do móvel. Hanna observava a vista pela janela logo acima da cama. Nenhuma das duas percebeu quando Evie afanou a chave e a escorregou na gaveta de cima do criado-mudo. Ainda olhava para a gaveta entreaberta quando Séfora bateu as portas do guarda-roupa, sobressaltando-a; e ela quase deixou cair o pacote de livros que ainda segurava.

— Não, meus óculos não estão aqui... tenho que aprender a não deixar as coisas largadas por aí. Deixei uma chave no portão?

— Não — mentiu a garota, sentindo o rosto enrubescer e rezando para que a inspetora acreditasse.

— Ah, devo ter levado lá pra baixo então! — concluiu, abanando a cabeça. — Se precisarem de mim, toquem esse botão. — E indicou um botão redondo ao lado do interruptor. — Mas é só para emergências, não me chamem à toa, principalmente no meu horário de folga!

E se virou para sair. Já estava quase na porta quando se lembrou das últimas regras:

— Ah, se vocês ficarem acordadas depois da hora, vamos desligar a energia pelo disjuntor. Lembrem que isso também desliga o ventilador de teto e o chuveiro quente. Mais tarde teremos jantar lá no salão de encontro, aquele do lado direito do saguão. Vejo vocês por lá!

O salão de encontro era grande e iluminado, da mesma forma que Evie e Hanna entreviram na chegada. No centro, havia duas grandes mesas de madeira polida ladeadas por bancos compridos. A parede dos fundos era praticamente tomada por uma janela retangular, por onde as cozinheiras

serviam os estudantes. Na ponta da janela, já estava formada uma fila confusa de estudantes esfomeados, que praticamente rodeava todo o salão.

— Evie, Hanna! — Kiara pulava e agitava os braços para as garotas, logo no início da fila, seguida por Magda, Louise e Jeremy. Estavam logo atrás de Luara, César, Heitor e Zero; que, por sua vez, estavam depois de meia dúzia de alunos mais velhos.

— Fiquem aqui com a gente! — pediu Kiara, quando as duas se aproximaram.

— Hum... Acho melhor irmos pro final da fila — respondeu Evie, pois muitos veteranos fitavam-nas, reclamando com os colegas.

— Bobagem! — Kiara abanou a mão, displicente.

— De qualquer forma nós vamos...

— Então fiquem conversando um pouco com a gente antes da fila andar! — sugeriu Magda, puxando Evie para perto.

Hanna sentia-se desconfortável, então ficou mais afastada. Um veterano que estava na parte mais confusa da fila berrou: “Fura-fila!”

— Vou guardar nossos lugares — anunciou ela, logo depois do grito.

— Muito obrigada, Hanna! — agradeceu Evangeline antes da amiga se embrenhar na confusão da fila.

Zero remexia os talheres dispostos no canto da janela, numa bandeja prateada. Em vez de puxar um garfo, ele recolheu um óculos de armação roxa.

— Ih, olha o que eu achei! Deve ser para *comer pavê* — brincou ele.

— São os óculos da Séfora, isso sim! — corrigiu Magda, de braços cruzados.

— Vou entregar para ela, vocês guardam o meu lugar? — pediu o garoto, antes de se afastar correndo, rumo ao lado feminino do campus.

— Ele vai é levar uma bronca, já é a terceira vez do dia que ele invade a área feminina... — comentou Magda, indiferente.

A fila começava a dar seus primeiros passos quando Mercedes e Vitório surgiram sabe-se lá de onde e bloquearam a passagem de Luara, César e Heitor, o que abriu uma clareira na fila logo em frente a eles. Vitório cruzou os braços, com uma expressão ameaçadora no rosto.

— Vocês três vão servir nosso jantar hoje, três pratos. Senão já sabem o que acontece! — ordenou Mercedes, com a naturalidade de quem pede emprestada uma borracha.

— O que acontece? — ousou perguntar Jeremy, interpondo-se a todos. — Você se sente muito valente com *esse aí* ao seu lado, Mercedes; queria ver essa marra toda quando estivesse sozinha!

Ao ouvir a ameaça, Mercedes se acercou do garoto, pondo as duas mãos na cintura e levantando o queixo, tentando parecer mais alta.

— Quando você quiser! — grasnou a garota em resposta. — Mas não esqueça de que *você* é que vai estar batendo numa *garota indefesa*!

E com uma expressão de puro deboche, cuspiu no chão, na frente de Jeremy.

— Três pratos, e depressa! — ordenou, com um aceno de impaciência.

— Pois vocês vão pegar seu próprio jantar! — intrometeu-se Evie, pasma com a atitude da outra.

— Escuta aqui, Ayler, você é só uma bolsista, acabou de chegar à escola. Não tem direito à opinião alguma! — explicou Mercedes, com um sorrisinho debochado.

— Ah, é? Mande-me um *e-mail* quando achar alguém que se importe de verdade com isso. Meu endereço é *Evangeline@naoestounemaipravoce.com.br!*

Mercedes ainda tentou revidar, mas Jeremy, Magda e Evie fizeram uma espécie de barreira silenciosa à sua frente, e pelo visto ela acabara de esgotar seu refil de insultos; sem contar que duas adultas surgiram na porta — Dora e Martha, as outras inspetoras. Mercedes virou-se então para desfilar em direção à sua líder, marchando enfurecida, com Vitória ao seu lado.

Magda empunhava seu garfo à altura do rosto, como se ele fosse uma arma letal.

— O que você acha: acerto o primeiro golpe nos olhos ou direto no coração?

— Não seja burra! Se for no coração, vai quebrar o garfo: ele é feito de pedra! — comentou Kiara, como se explicasse algo óbvio.

— Deus sabe que se eu não estivesse prestes a ser expulsa, arrancaria à unha aquele cabelo lambido dessa lambisgoia! — comentou Magda, erguendo as mãos em punho.

— Vocês não vão levar comida para eles, vão? — perguntou Evangeline para seus colegas de classe.

Luara, César e Heitor se entreolharam, acuados, nenhum deles queria responder. Heitor foi quem decidiu:

— Temos que levar. Todo mundo da nossa turma — pelo menos os que já estão aqui desde o começo — sabe que isso é uma coisa com a qual não se deve brincar.

A fila voltou ao seu curso normal quando os três retomaram seus lugares, mas Evie não se mexeu. Ainda estava chocada com tamanha injustiça.

— Entra na fila, Evie! — disse Magda, puxando o braço da outra para que ocupasse o lugar à sua frente.

— Mas eu estou no fim... — protestou Evangeline, virando-se.

Magda impediu sua fuga, segurando seus ombros com as mãos e a virando para frente à força.

— Cala a boca, e disfarça!

Martha e Dora circulavam pelo espaço entre as mesas, de olho nos estudantes. Martha era gordinha e sorridente, tinha pele morena e cabelo preso num rabo-de-cavalo; já Dora era sisuda e se assemelhava a uma ave de rapina, com um rosto fino e nariz avantajado.

— Não estou nada confortável com isso! — comentou Luara quando Grace e Mercedes olharam na direção do grupo, cochichando e demonstrando um ar intimidador. Evangeline e Louise tinham acabado de convencer Luara, Heitor e César a desobedece-los.

— Vai valer a pena! — assegurou Evie, embora não estivesse tão confiante da decisão. — Isso só vai prosseguir enquanto vocês continuarem passivos.

— E se não der certo, eu posso quebrar a cara delas? — perguntou Zero, que acabara de lamentar por não estar presente na hora da confusão.

— Poder até pode — respondeu Jeremy. — O que não significa necessariamente que o Vitório não possa lhe achatar depois.

A princípio, estavam todos comendo normalmente, conversando vez ou outra, enquanto suas bocas não estavam ocupadas em mastigar (e até enquanto mastigavam, em alguns casos). Quando Magda acabou de comer, simplesmente descansou os talheres sobre o prato e o arrastou até o centro da mesa.

Imediatamente, como se estivessem esperando aquele sinal da garota; Kiara, Jeremy, Grégor, Carmen, Verônica e Zero aceleraram o ritmo da refeição, de modo que parecia que a comida em seus pratos logo iria escapular se eles não a ingerissem de maneira rápida o suficiente.

— O que é isso? Uma competição ou algo parecido? — perguntou Louise, enojada ao ver o caldo de feijão que escorria pelo canto da boca de José Roberto.

— Quem termina por último leva os pratos — explicou Jeremy, deixando visíveis os pedaços mal mastigados de comida que abafavam sua voz.

Em menos de cinco minutos, todos haviam disposto seus pratos numa pilha instável sobre a mesa, pilha que aguardava o mais lento dos convivas.

— Se é por falta de alguém que se ofereça para levar, eu levo! — anunciou Lou. — Não precisam agir como canibais!

— Não sei vocês, mas eu não comi carne humana — disse Zero, cuspiendo as partículas de comida que ainda não engolira junto com seus

perdigotos. — E para sua informação, isso é uma tradição antiga! Acabei de aprendê-la no almoço.

— Todo mundo faz desde o primeiro ano — explicou Verônica.

— Só que era no refeitório, naquele tempo — completou sua irmã.

Olhando à sua volta, Evie constatou que realmente havia pelo menos uma dezena de outras pilhas iguais ao longo das mesas apinhadas de estudantes. Ela não pôde deixar de rir da situação.

— Vocês estão zombando de nossas milenares tradições estudantis? — Jeremy fingia estar profundamente ofendido com as calouras, o que garantiu mais uma rodada de risos.

— Quer ajuda, Lou? — ofereceu-se Evie, tentando controlar o riso.

— Por favor!

Juntas, Evie e Louise dividiram a pilha em dois e levavam-na cautelosamente pelo salão. Grace vinha em direção contrária, andando mais ou menos no mesmo ritmo que as duas.

O que veio a seguir foi tão confuso e repentino que deixou Evangeline atordoada: ela sentiu seus pés se emaranharem no de Grace, depois sentiu que perdera o equilíbrio. Tentou recuperá-lo em seguida, mas era tarde demais, os pratos já haviam dado uma volta completa no ar e começaram a desabar; logo ela mesma estava vergonhosamente estatelada no chão, tendo os aparelhos de porcelana se espatifando em centenas de fragmentos pontiagudos, bem na frente do seu nariz.

Dora estava de costas, no outro lado do salão, e Martha conversava com uma das cozinheiras; nenhuma das duas testemunhou o momento em que Grace Helen derrubou Evangeline. Todos os rostos no salão convergiram na

direção do estrondo e Evie sentiu-se humilhada, tentando apenas encarar os cacos inúteis à sua frente para não se sentir pior do que já estava.

— Seja bem-vinda ao A. W. Sigma, Ayler! — disse a voz desagradável de Grace, se afastando.

Evangeline ficou em choque, ainda estirada no chão. Ela precisou ser amparada por Louise, que depositou sua própria pilha de pratos no chão para poder ajudá-la.

— Isso foi um trote ou o quê? — perguntou Evie a Lou, que estava tão confusa quanto ela.

Martha era a inspetora mais próxima, seu rosto ficou genuinamente angustiado ao ver a garota caída no chão.

— Divino Pai Eterno! Você está bem? — gritou ela, acorrendo ao lugar onde Evie estava caída para ajudar Louise a erguê-la.

— Estou bem... fisicamente — respondeu a garota, conferindo seus braços e pernas. Felizmente, não havia nenhum arranhão.

— Incrível o que esses estudantes fazem para chamar atenção! Agora até pratos eles quebram! — bradou Dora, aproximando-se furiosa.

— O quê? Acha que fiz de propósito? Eu fui derrubada!

— Derrubada! Não seria a primeira vez que dão uma desculpa esfarrapada dessas!

— Pense bem, Dora — entrevistou Martha —, ela está constrangida por ter caído, por que faria isso de propósito?

— Esses calouros fazem de tudo para estar em evidência, não finja que você não sabe, Martha!

Séfora vinha correndo, atraída pelo barulho, vinda do saguão, já usando seus óculos recém-encontrados.

— O que está acontecendo? Eu não posso ter um pingo de paz nem na minha folga?

— Não foi nada de mais, essa garota apenas tropeçou e quebrou os pratos — respondeu Martha bondosamente.

— Tropeçar? Ela se lançou ao chão tentando atrair atenção para si mesma! — rosnou Dora, ao mesmo tempo.

— Séfora, foi a Grace! Ela colocou o pé... — tentou explicar Louise, sobrepondo sua voz às das inspetoras.

— Ela fez de propósito, queria se vingar de mim! — defendeu-se Evie, mal escutando a si mesma no meio da balbúrdia.

— Já chega! — gritou Séfora, sua voz reboando por todo o salão. — Vamos deixar isso como sendo apenas um incidente. Chamem uma das faxineiras para limpar esta bagunça, e pronto!

— Dá pra acreditar, Hanna?

Evangeline jogava furiosamente suas roupas no guarda-roupa em frente à porta, o que produzia um monte confuso de roupas emboladas no fundo do móvel. Enquanto isso, Hanna as recolhia e dobrava cuidadosamente. Assim que as duas chegaram ao quarto trinta e um, perceberam que suas malas estavam bem no meio do aposento, trazidas por Seu João.

— Essa tal de Dora não foi mesmo com a minha cara! — Evangeline jogou um casaco com tanta força que Hanna precisou se abaixar para não ser atingida.

— Olhando para ela, parece que não vai com a cara de ninguém, pra falar a verdade — opinou Hanna, voltando a dobrar.

— Agora me diz, Hanna: o que estamos fazendo aqui? — perguntou Evie enquanto atirava a última blusa no fundo do móvel e andava pelo quarto, para por fim se atirar na cama de lençóis escuros.

— Aqui? Bom, você estava numa luta contra o nosso vestuário e eu estou dobr...

— Não estou falando *aqui no quarto*, me refiro a *aqui no Instituto*.

— Pode ter sido apenas um primeiro dia ruim — opinou Hanna.

— Pra mim está tudo ruim: as pessoas, as regras, o uniforme, os professores, o diretor... É tudo tão complicado!

— Talvez não seja complicado — explicou Hanna, fechando as portas do guarda-roupa. — Tudo é novidade para nós, nunca estivemos num semi-internato. Só precisamos nos acostumar, lembra o que o professor Constantino disse?

— Não sei se acredito nele.

Hanna subiu no beliche e sentou, cobrindo as pernas com o edredom azul-claro. Quando enxergou seu rosto, Evangeline notou que sua expressão mudara. Ela conhecia aquela expressão, já a vira tantas vezes que era impossível ignorar. Hanna estava com medo do que Evie dissera, ainda que amedrontá-la não fosse sua real intenção.

— Ei! — chamou, se aproximando do beliche. — Vai dar tudo certo, a gente vai se acostumar. Eu só estou frustrada, tentando descontar em alguma coisa.

— Como nas roupas, por exemplo?

Evie assentiu. Embora não gostasse de vê-la assim, conhecia a garota o bastante para saber que deixá-la em paz era a atitude mais prudente, então se afastou para desligar o interruptor.

Quando Evangeline já estava deitada em sua cama, ouviu um suspiro tremido da amiga.

— Acha que vamos conseguir dar conta de tanta coisa nova?

— Não — respondeu Evie, sinceramente. — Mas vamos dar um jeito, eu prometo.

Naquela mesma noite, o delegado saía de sua sala depois do final do expediente. A delegacia estava escura e silenciosa, apenas o policial Antônio Vieira (um dos que estiveram com ele na biblioteca mais cedo) ainda ficara sentado em sua escrivaninha.

— Vamos logo, Vieira! Vai fazer serão por dois dias seguidos? — chamou o delegado, quando viu que Antônio não se movera. — Ah... dormindo no trabalho! Te peguei!

O delegado aproximou-se lentamente, tramando em sua mente uma forma divertida de acordar o companheiro de trabalho. Antônio estava sentado de lado, com a cabeça jogada para trás no encosto da cadeira e a boca escancarada. Segurava o livro “O mistério do caso Boaventura” numa das mãos, a outra pendia pelo lado esquerdo da cadeira.

— Acorda, Bela Adormecida!

O delegado preferiu apenas chacoalhar o ombro de Antônio, o que deveria fazer com que ele acordasse num sobressalto. O policial não esboçou reação alguma.

Num exame mais atento do delegado, ele finalmente pôde constatar: Antônio Vieira acabara de falecer, ali mesmo na delegacia.

O segundo a perder sua vida na presença daquele livro funesto.

Sobre esse capítulo:

[Desenho da personagem Séfora Bastos](#)

Capítulo V:

Um Fantasma Irado e Sedento de Sangue

Trilha Sonora: [Tell me baby](#), [Red Hot Chili Peppers](#)

Durante toda a semana não se falava de outra coisa em Coronel Boaventura. O caso do misterioso livro tomara proporções assustadoras e, para reforçar o clima sinistro, a polícia não quis divulgar o laudo da autópsia de nenhum dos cadáveres. Isso dava a forte impressão de que o falecimento de ambos poderia ter sido algo fora do comum. Começou então a correr o boato de que o tal livro estaria amaldiçoado, já que era o único objeto que ambos tiveram em comum.

— Não existe isso de maldição, Kiara!

Na quinta-feira, no intervalo antes do terceiro contraturno, por volta de uma hora da tarde; Evie, Hanna, Magda, Louise e Kiara discutiam o caso do livro, sentadas a uma mesa de xadrez de concreto da Praça da Anunciação. O porteiro Préstimo Antunes costumava ficar vigiando alguns alunos enquanto eles passeavam pelos arredores da escola, iam à biblioteca ou ao mercado dos pais de Jeremy. Era raro alguém conseguir fugir, não enquanto o porteiro estivesse em posse dos pontos eletrônicos de todos que estavam na área externa.

A praça era cercada por três grandes edifícios: de um lado, a biblioteca; no seu oposto, a grande paróquia; entre as duas, estava o Instituto, com a mansão Wing ao fundo e a vasta floresta logo atrás. Também se localizava

ali o mercado Saint'Clair e um casarão antigo abandonado, tombado pelo patrimônio público.

Hoje as garotas vestiam o uniforme oficial, que era usado nos dias comuns. Era bem mais simples do que o de gala. Em vez de camisa, colete e gravata, era composto apenas por uma camiseta polo preta com detalhes em roxo, e o logotipo da escola bordado no bolso. O uso de saia era facultativo, podia ser trocada por calça cinza. Se usassem saia, as garotas poderiam optar por meias “três quartos” ou colegial no verão, e meia-calça preta no inverno. Das cinco, apenas Louise usava calça naquele dia.

— Olha, não é querendo fazer fofoca não... — começou Kiara.

— Você, Kiara, não quer fazer fofoca? — duvidou Evangeline.

— Escuta, menina! — continuou Kia com impaciência. — Fofoca ou não-fofoca, o fato é que dizem que a polícia escondeu o tal livro. E dizem também que todos estão proibidos de mexer nele.

— Dizem, né. Que *sujeito indeterminado* que diz? — quis saber Evie.

— A minha fonte, ué! — respondeu Kiara.

— Fonte? Seriam as suas vizinhas? — debochou Maggie.

— Também...

— E, aliás, se ele fosse realmente amaldiçoado, por que justamente *esse* livro? — acrescentou Louise, para mudar o rumo da conversa.

— Acho que pode ser o fantasma do tal do Boaventura — arriscou Kiara.

— Fantasma... sei... E por que ele o amaldiçoaria? — perguntou Evie, descrente.

— Sei lá! Vai ver não quer que descubram quem é o assassino dele...
peraí! Isso não faz sentido, né?

— Para mim, esse é um caso bem humano, Kia! — opinou Louise. —
Maldições não existem.

— Podemos verificar, então! — sugeriu Hanna, levantando do banco.

— Verificar onde? Ficou doida? — perguntou Evie.

— Lá na Paróquia. Podemos falar com o seu padrinho, o padre
Emanuel.

— O que o padre tem a ver com isso? — quis saber Mag.

— Ele é um Wing, não é? E, por eliminação, acho que é mais adequado
falar com ele, talvez o padre saiba um pouco sobre esse troço de maldição
— explicou Hanna.

— Para mim, você pirou de vez — afirmou Evie. — Mas e daí? Quem
disse que eu sou normal? — E levantou. — Vocês vêm?

— Eu não acredito muito nessas coisas de religião — disse Kia —, mas
não me incomodo de ir, só por curiosidade. — E se juntou às duas.

— Eu conheço o padre Emanuel, realmente ele é astuto — confirmou
Magda.

— Eu não vou — concluiu Louise. — Minha mãe é protestante e muito
preconceituosa, se ela souber disso não vai gostar nem um pouco. Ninguém
da família se oporia, mas sei que ela é cheia de frescuras; é coisa dela, não
da religião em si...

A menina continuou prodigalizando ao vento as frescuras de sua mãe.
Vendo que ela já não prestava mais atenção em nenhuma das outras, Magda

disse: “Tudo bem”, e deu as costas à menina, sendo seguida pelas outras três.

Percebendo que quedara sozinha, Louise fez cara de quem toma uma decisão complicada à força, e pulou da mesa, gritando:

— Não me deixem aqui sozinha, por favor! — E correu para alcançá-las.

O padre era, sem sombra de dúvidas, a melhor escolha para um bom conselho. Emanuel Wing — irmão mais novo de Nicolas e Leônidas e mais velho de Último — era imensamente respeitado na cidade, por sua índole impecável e sua total entrega à Igreja. Evie sabia que, ao se tornar padre, ele havia se recusado a continuar morando na mansão Wing, sem perder, entretanto, o contato com nenhum dos irmãos.

— Nós podemos aproveitar e rezar um pouco — sugeriu Hanna no caminho — para que não aconteça nada de mal com o Seu Leônidas.

Evie deixou escapar uma risada. Hanna não era do tipo que rezava com frequência.

— O que foi? — perguntou Hanna, ofendida com a risada.

— Nada não. Apenas me espanta sua religiosidade repentina.

— E você é muito santa, não é, Evie? — intrometeu-se Louise.

— Então nós empatamos. Bom, acho que não vai dar muito resultado, mas já que você acredita...

Logo as cinco amigas se aproximavam da paróquia, que tinha em sua entrada uma bela estátua da Virgem Dolorosa com o Senhor Morto nos braços. Hanna sempre dissera que aquela estátua lhe dava arrepios, tamanha

era a perfeição de seus detalhes. Evangeline a considerava magnífica, assim como era admirável aos seus olhos a fachada suntuosa da velha paróquia.

Se é que é possível, seu interior era ainda mais esplêndido: tinha paredes brancas, o chão de mármore negro recortado por um longo tapete vermelho que se estendia até o altar, ladeado por bancos de ébano enfileirados em quatro colunas. O teto era abobadado, ricamente decorado com pinturas religiosas. Nas paredes, janelas com vitrais coloridos que retratavam as estações da via-crúcis. No fundo, atrás do presbitério, estava afixado o enorme crucifixo, tão realista quanto a estátua da Virgem. À direita, uma imagem de Nossa Senhora das Dores guardava a entrada da capela do santíssimo e, à esquerda, uma imagem de São João Evangelista precedia a sacristia.

Juntas, as amigas adentraram a capela deserta. Evie amava aquele lugar, principalmente pela beleza do sacrário. Este se assemelhava a um ostensório acoplado à parede, banhado a ouro, com raios que lhe davam o formato de um grande sol. No centro, um pequeno círculo de vidro, onde se encaixava uma das hóstias consagradas, de forma que, quem orasse ali, poderia contemplar o Sacramento dos Sacramentos. Por trás do vidro, brilhava uma luz branca suave que indicava que o Senhor estava presente.

Hanna se acomodou no gnuflexório, enquanto as demais preferiram se ajoelhar ao redor.

— Jesus, Meu Senhor, te peço com todo o ardor...

— Ei, Hanna, não precisa fazer versinho! — disse Louise, cuja voz ecoava pela capela, como se fossem muitas Louises falando por toda parte.

— Não estou fazendo versinho... e você nem é católica! — defendeu-se Hanna.

— Deixa a Hanna rezar do jeito que ela sabe! Desculpa, Jesus, o Senhor não precisa ouvir isso! — acrescentou Evie, virando para o sacrário.

— E por que ela não reza em silêncio? — intrometeu-se Magda.

— Eu não quero rezar em silêncio. E não quero que falem de mim como se eu não estivesse aqui!

— E por que vocês *todas* não calam a boca? Poxa vida, estamos numa igreja! — irritou-se Evangeline.

— O que está acontecendo aqui?

As cinco garotas viraram as cabeças ao mesmo tempo, surpresas. O padre chegara sorrateiramente e agora as observava da entrada da capela.

Evangeline, levantando do lugar onde estava, adiantou-se para cumprimentá-lo com um beijo na mão direita.

— A sua benção...

— Deus te abençoe, minha filha! — respondeu o clérigo, com um sorriso.

— Que susto, padre! O senhor está ouvindo desde quando? — disse Hanna após recuperar-se do susto.

— Desde o começo, acredito.

— Que vergonha! — encabulou-se a garota, ainda no genuflexório.

— Padre, essas são Kiara e Louise, acho que o senhor não as conhece — apresentou Evie.

— Muito prazer, meninas! Sintam-se à vontade, pois a casa é de vocês também, como já devem saber... Então, o que as trouxe até aqui num dia ensolarado como o de hoje?

— Viemos conversar com o senhor sobre o caso da biblioteca — introduziu Kiara. Louise a repreendeu com o olhar por ter começado o assunto de forma tão abrupta. — Soubemos do boato das maldições.

Pelas feições do sacerdote, era evidente que ele já ouvira sobre esse assunto inúmeras vezes.

— Não passam disso, Kiara. São apenas boatos.

— Eu disse isso! — exclamou Evie. — Ela não quis acreditar em mim...

— Sei que parecem muito estranhas estas mortes sucessivas. Ontem fui à delegacia, prestar meu depoimento, sei que o meu irmão Leo jamais faria mal a ninguém. Porém, o caso está ficando cada vez mais estranho.

— Por quê? O que aconteceu? — quis saber Magda.

— Haviam encontrado uma chave na porta que não era do Leo. Acharam digitais nela, que eram do próprio falecido. O problema é que a chave estava do lado de dentro e, segundo o meu irmão, a porta estava trancada quando ele chegou.

— Viu só, Evie? — disse Kiara, de forma tão repentina que assustou tanto as amigas quanto o sacerdote. — Foi o fantasma do Boaventura! Não teria como ninguém entrar lá sem o poder de atravessar paredes!

— Não existem fantasmas — explicou o padre Emanuel, com paciência —, os mortos não podem voltar a este mundo. Aliás, estou particularmente interessado que esse caso seja resolvido imediatamente, essas crendices já estão tomando uma proporção assustadora entre meus paroquianos.

— Mas padre — começou Lou —, por que esse homem se trancaria do lado de dentro? Será que ele temia que outro invasor tivesse a mesma ideia?

— Não. Eu disse isso ao delegado: acredito que ele não queria que alguém *entrasse*.

— Estava fugindo? — arriscou Magda.

— É bem provável, mas não podemos julgar ninguém...

O dia nascera claro, morno, incrivelmente agradável. Todavia, nem o tempo mais perfeito era capaz de amenizar o esgotamento mental do delegado Fontes naquele dia.

Desestimulado, Carlos Fontes adentrara em seu escritório, levando consigo uma quantidade considerável de papéis, alguns um pouco amassados; e, por cima deles, um livro embrulhado num pacote de evidências. Jogando o bendito livro de lado, o homem pôs-se a examinar os documentos que trouxera.

Nunca um caso lhe dera tanto trabalho. Desde seu primeiro ano em Coronel Boaventura, ele cuidara apenas de pequenos casos de roubo, inadimplência, assalto, etc. Subitamente, viera à tona esse caso sinistro que não envolvia a morte de apenas um suposto funcionário público, como também de um colega seu, um companheiro de profissão que estava perfeitamente saudável horas antes, quando visitaram a biblioteca. Ele tinha família, filhos e um futuro inteiro pela frente. Agora não tinha mais nada, nem sua própria vida.

Será que este livro realmente continha uma maldição?

Olhando para o livro de esquelha, Carlos admitiu consigo mesmo que tinha medo de examiná-lo sozinho. Sempre fora um homem racional, prático; contudo, o atual estresse abalara sua mente de forma que ela tardava em demasia a absorver qualquer coisa.

Lentamente, o homem abaixou os relatórios que lia. “Não pode ser! É só um livro!”, pensou.

Apenas um livro. E um livro que já passara pela perícia duas vezes.

Abrindo uma das gavetas, o delegado procurou as luvas de látex que guardara ali. Não que fosse necessário usá-las, mas, devido às precedências do objeto, ele julgou que seria uma atitude prudente.

Tirou-o então de seu invólucro, sentindo um certo nervosismo ao fazê-lo. Nada aconteceu. Examinou longamente as páginas levemente amareladas pelo tempo. Era um livro comum, de edição normal, sem diferença alguma dos demais livros com o mesmo título. Não havia marca, dobra, mancha ou qualquer outra coisa que o fizesse especial. Carlos lera esse enredo, era de leitura agradável, não muito estimulante. Depois de examinar, devolveu o livro a sua embalagem e o jogou na gaveta. Desapontado, depositou suas luvas no mesmo lugar.

Sentindo vontade de espairar e desejando que uma súbita inspiração surgisse na caminhada, o delegado voltou a sair da delegacia. Nada mais lhe importava tanto nos últimos dias do que o “fantasma” daquele caso inexplicável.

Logo o homem chegou à Praça da Anunciação. Contemplando a biblioteca, várias sensações tomaram conta de seu interior, muitas delas já adormecidas há muito tempo. Sentia um misto de agonia, frustração e impotência, principalmente pelo fato dos Wings serem uma família tão respeitada. Era verdade que ele não conhecia Leônidas a fundo. Antes do interrogatório, não chegara a conversar com o bibliotecário nem por dez minutos; contudo, tinha certeza de que se tratava de uma pessoa de bom caráter.

Olhando em direção à Paróquia Nossa Senhora das Dores, lembrou-se do Padre Emanuel. O delegado Fontes nunca fora um homem de rezar, seu trabalho policial contribuía e muito para que aos poucos ele fosse se tornando cada vez mais cético. Naquele dia, porém, ele alimentava uma vontade crescente de recorrer aos conselhos do clérigo. Aliás, o padre queria falar com ele, conforme avisara na tarde anterior, quando viera à delegacia.

Satisfeito por finalmente ter pensado em algo para fazer que contribuísse com o caso, o homem se levantou, cruzou a praça e seguiu para a igreja de forma tão rápida que, se algum cidadão o visse, julgaria que ele fugia do próprio fantasma sangrento e irado do Boaventura.

O homem chegou ao templo exatamente na hora em que o padre conversava com a afilhada e suas amigas.

— É bem provável, mas não podemos julgar ninguém...

— Eu acho que ele fugia sim — arriscou Hanna. — E acabou encontrando alguma coisa no tal livro que interessava ao cara que o matou, aí esse cara entrou na biblioteca...

— Na biblioteca trancada por dentro? Lembra que a chave era do falecido? — lembrou Evie.

Hanna parou no meio da frase.

— É, não faz sentido! — disse.

— E se ele já estivesse dentro antes do falecido entrar? — arriscou Kiara.

— Mas como ele teria saído depois? A chave ficou do lado de dentro da porta trancada! — lembrou Evie.

— Então acho que só existe uma explicação razoável — começou Kiara, em tom solene. — Ninguém pegou nesse livro e viveu pra contar história, só pode ser a maldição do Boaventura agindo!

— Sinto estragar sua teoria — disse o delegado, e todos na capela se viraram para vê-lo chegar —, mas acabei de examinar o livro e ainda estou vivo.

— Há quanto tempo o senhor o pegou? — perguntou Evie, olhando as horas no relógio de pulso de Louise, que quase teve que se deitar por causa do puxão que a amiga lhe deu.

— Uma meia hora, mais ou menos.

— Então vamos esperar mais meia hora. Se o senhor não morrer, nós acreditaremos!

— Evangeline Maria, não seja inconveniente! — ralhou Louise com seu tom mais presunçoso, puxando o braço de volta enquanto todos riam.

— Meninas, eu peço perdão por interromper, mas acredito que o delegado gostaria de falar a sós comigo — disse o padre educadamente.

— Exato. Soube que o senhor tem algo a informar — confirmou o delegado.

— Sim... Meninas, vocês se incomodam? — perguntou o padre Emanuel.

Uma por uma, as garotas levantaram do chão da sacristia, apenas Kiara permaneceu sentada. O padre, de forma mais delicada possível, repetiu:

— Se incomoda?

— Claro que não! — disse a menina, cruzando as pernas. — Incômodo nenhum, podem continuar falando à vontade...!

— Se toca, *japa girl!* — alertou Evie, entrando novamente e puxando a amiga pelo braço.

Logo as garotas saíam da paróquia, com Kiara fechando o cortejo.

— Você não tem vergonha mesmo, não é? — disse Louise ao perceber que a garota ficara para trás e procurava voltar sorrateiramente.

— Vergonha eu tenho — admitiu Kiara —, só que minha curiosidade sempre ganha a briga contra qualquer outro sentimento... ela é beeeem grande.

— Um dia você ainda vai pagar por isso, Kia! — profetizou Louise com seu melhor tom de passar sermão. — E Deus é testemunha — continuou ela, apontando para o céu teatralmente — de que um dia você há de pagar!

— Tá legal, já entendi! Não precisa começar um faniquito por causa disso. Só quero saber mais sobre o caso porque parece que todos estão mentindo, tem muita coisa estranha rolando! — defendeu-se Kiara.

— Mas, Kia, por que você acha que isso é uma grande conspiração? Será que as autoridades realmente fariam uma coisa dessas? — perguntou Lou, retrocedendo para chegar mais perto de onde Kiara parara.

— Não sei. Talvez eles queiram evitar o caos público. Haveria um desespero coletivo se todos soubessem que existe um fantasma irado e sedento de sangue solto por aí!

— Sangue? Nem teve sangue em nenhuma das mortes! — lembrou Hanna.

— É força de expressão. Eu quero dizer que ele quer *vingança*, é a única coisa que motivaria um fantasma a matar alguém.

— Não... não pode ser verdade, Kiara — duvidou Magda.

— Gente — começou Hanna, parada atrás das amigas. — Sou só eu, ou vocês também estão ficando com medo? Sabem, desse negócio de maldição, de fantasma...

— Não se preocupe, Hanna! Seja o que for, nós lhe protegeremos! — assegurou Evie, abraçando-a.

As aulas de reforço eram dadas por monitores recém-formados da faculdade e um grupo de monitores auxiliares compostos pelos melhores alunos dos oitavo e nono anos. Evangeline, Hanna, Louise, Tobias e Magda ficaram com Roberto; que nem reconheceu as duas bolsistas que atendera dias antes, na entrada do discurso de abertura.

Assim como Evie e Hanna, Louise e Tobias, como bolsistas, teriam que participar das aulas para acompanhar a turma com mais segurança. Louise possuía bolsa integral, enquanto Tobias só conseguira setenta por cento de aproveitamento na prova de admissão, portanto não tinha direito de ficar no campus de graça, teria que pagar para estar ali como os demais alunos. Evie levou um susto quando soube que existia um exame para adquirir a bolsa, nem ela nem Hanna tinham passado por ele, apenas receberam o convite do diretor e ingressaram na instituição. Hanna ficou aborrecida, pensou não ser merecedora de estar ali. Louise explicou que ela poderia se esforçar ao máximo e provar que merecia sim estar no Instituto, mesmo sem o exame.

Magda contou para Evie que seus pais a colocaram no reforço pois, pela primeira vez na vida, ela quase fora reprovada. Tentou explicar que o motivo da queda nas notas era a saída de suas ex-amigas, que já haviam anunciado que não estariam no instituto no ano seguinte. Seus apelos não

provocaram efeito algum, o que seus pais queriam eram apenas bons resultados.

Evangeline percebeu nos primeiros cinco minutos de aula que Roberto não era um ser muito didático. Ele constantemente se atrapalhava entre os livros, errava bastante e gaguejava quando não tinha certeza da exatidão do que estava explicando.

— Quero um *impeachment* do nosso monitor, com urgência! — sussurrou Magda ao ouvido de Evie quando o homem se abaixou para catar as folhas derrubadas por uma lufada de vento, vinda do ventilador que ele mesmo acabara de ligar.

Estranhamente, a sala de reforço não era bem equipada. Era a terceira sala do pátio, bem menor do que as do prédio principal. Contava apenas com quatro mesas grandes com seis cadeiras cada, algumas prateleiras com livros didáticos, um quadro branco e um ventilador atrás de onde Evangeline estava — que, por acaso, produzia um estrondo assustador enquanto oscilava, e fazia o cabelo do cocuruto da garota ondular e esvoaçar para todo lado.

— Ehr... Roberto — começou Evangeline quando o bolo de papéis confusos que escondia o homem emergiu da mesa. — Somos um grupo de novatos, deve ser difícil para o senhor ensinar sozinho. Por que não chama um auxiliar? Ali naquela mesa tem três!

Em cada mesa havia um monitor sentado e dois auxiliares em pé, que ajudavam os alunos com questões mais simples. A mesa mais perto da porta tinha duas garotas — uma morena e outra loira — e um garoto mais novo, de cabelo desgrenhado com mechas verdes. Estava encostado na porta aberta, lendo uma revista de esportes.

— Ô da revista! Chega mais! — gritou Roberto, depositando a papelada no centro da mesa e fazendo algumas folhas escorregarem no colo de Magda, que estava prestes a explodir.

— Acho que um auxiliar já é suficiente, Roberto — respondeu o garoto, sem levantar os olhos para conferir se sua premissa era válida no caso.

— Sim, eu concordo. O problema é que não tem *nenhum* comigo! — informou o monitor, caprichando na entonação da penúltima palavra.

Com um gemido, o garoto fechou a revista e a enrolou em um canudo, enquanto gingava entre as duas mesas do fundo.

— Ai, Jesus! — exclamou Magda, fechando os olhos.

— O quê? — perguntou o garoto, olhando diretamente para Magda.

— Que o quê? — exclamou Magda, confusa. — Eu nem te chamei!

— Chamou sim, você disse *Jesus*...

— Seu nome é Jesus? — perguntou Hanna.

O garoto fez que sim com a cabeça enquanto cruzava os braços sobre a mesa, observando Roberto procurar desesperadamente a ordem das páginas.

— Nossa, que ironia — sussurrou Magda enquanto Jesus se levantava para ajudar o homem —, pelo visto nem *Jesus* nos salva!

Magda estava errada. Embora Jesus estivesse claramente trabalhando como auxiliar de monitor apenas por obrigação, era um jovem inteligente e tinha uma didática digna de professor. Roberto não conseguiu disfarçar um sorriso quando o viu explicar perfeitamente a diferença entre sujeito e predicado para uma Hanna confusa.

— Já pensou em ser professor, Jesus? — perguntou Roberto, parecendo cada vez mais aliviado com o apoio do menino.

— Todo mundo me pergunta isso — informou o jovem, reclinando a cadeira. — Mas acho que não tenho disciplina suficiente. De qualquer forma, ainda é cedo para escolher minha profissão.

— Ah, pode crer, às vezes a gente não tem muita escolha! — confessou Roberto, desanimado.

— Então por que o senhor escolheu ser monitor, se não gosta de ensinar? — perguntou Hanna delicadamente.

— Um dia vocês entenderão, crianças. Só espero que não seja da pior forma, como eu fiz. Mesmo assim, ainda tenho fé de que em breve estarei numa colocação melhor.

Capítulo VI:

A Gota D'água

Trilha Sonora: [Máscara](#), [Pitty](#)

A segunda-feira da segunda semana no Instituto se arrastou da forma mais lenta possível. No dia seguinte, todos os estudantes poderiam voltar para casa, seria o aniversário da cidade, um doce feriado. Naturalmente, o tempo se tornou o inimigo número um de todos no A. W. Sigma.

Na quarta-feira, voltando de casa após a gloriosa folga, Hanna e Evangeline já estavam no portão da frente do Instituto quando Evie parou bruscamente. Hanna, sem perceber a manobra repentina, esbarrou nas costas da garota; que se dobrou com o impacto e tropeçou perigosamente para frente, conseguindo por fim se agarrar num poste de iluminação para não cair.

— Mas que m... — deixou escapar Evangeline ao olhar mais uma vez.

A cena era, sem dúvida, bizarra. A frente da escola estava apinhada de gente, uma fila enorme e desordenada de estudantes nervosos. Garotas extremamente maquiadas desenrolavam suas saias ou tiravam brincos enormes, se desvencilhando de acessórios de todos os tipos e cores; góticos e roqueiros tiravam *piercings* do rosto, e vários alunos amarravam as gravatas de volta ao pescoço, de onde não deveriam ter saído. Meia dúzia de alunos jogava pela janela do segundo piso suas abotoaduras, gravatas e até meias e sapatos para seus amigos e amigas; que apanhavam as peças no

pátio de entrada, meio escondidos pelas moitas dos canteiros, agindo como se estivessem fazendo algum tipo de tráfico.

Lentamente, as duas garotas se aproximaram da entrada e constataram que a confusão era apenas “a ponta do *iceberg*”. Uma balbúrdia de alunos — veteranos, em sua maioria — se amontoava na porta, berrando ao mesmo tempo. O inspetor-chefe Zeno, o inspetor Claus, o zelador Batista e o porteiro Prestes (como os alunos costumavam chamar Préstimo) tentavam se fazer ouvir em meio às vozes descontroladas. Zeno gaguejava ordens soltas aos estudantes e repetia sem parar que todos deveriam estar em fila indiana. Ninguém obedecia a suas ordens. Claus parecia estar à beira de um colapso, com chumaços de cabelo esvoaçando pelo rosto. Batista e Préstimo, por outro lado, riam-se dos colegas e conseguiam fazer com que alguns dos casos de infração mais leve passassem impunes.

Magda logo se destacou da multidão em direção às duas amigas, que ainda observavam perplexas o conglomerado frenético.

— Vocês acreditam que nenhum deles me deixou entrar?

A resposta das duas certamente era sim. Magda usava um lenço estampado de oncinha no lugar da gravata, esquecera o sobretudo e, para arrematar a infração, colocara sapatos de salto em vez das sapatilhas.

— *Errr...* — murmurou Hanna.

— Você está aqui desde o primeiro ano e ainda não aprendeu as regras de vestuário, Maggie? — disse Louise, que acabara de chegar, salvando as duas do momento constrangedor. — Hoje é dia de uniforme de gala, eles dão um tempo para que todos possam adquirir o uniforme completo, mas a partir da segunda semana já é obrigatório usá-lo em todas as quartas. Se não

estiver usando todos os itens, não pode entrar e nem passar do campus para a escola. Você ainda não decorou o manual?

— Ninguém sequer *lê* o manual, Lou! — argumentou Maggie, revirando os olhos para o céu.

Louise olhou para as outras amigas, buscando apoio.

— Eu só dei uma passada de olho — disse Evie honestamente.

— Acho que nem abri... — confessou Hanna, envergonhada.

Louise ficou desapontada com a conduta das amigas. Certamente esperava que elas fossem como ela, a “senhorita tão responsável que até dói”.

— Mas uniforme é feito para ser personalizado! — defendeu-se Magda, botando as mãos na cintura.

— Eu pensava que era pra todo mundo ficar *igual*... — comentou Hanna ingenuamente. — Sabem, “uni-forme”, uma forma...

— Tome cuidado para não chegar perto do meio-fio, Magda — disse uma voz debochada às costas das garotas. — Pode ser que queiram processar a escola por prostituição infantil se te virem assim!

Ao ouvir a voz, Magda ficou lívida de raiva, mas não virou em sua direção. Sabia quem era, era capaz de adivinhar o que ela diria a seguir.

A voz era de Grace, que acabara de chegar com seus súditos: Mercedes de um lado, etérea como sempre, e Vitório do outro.

— Como ousa... — disse Louise, indignada.

— Só quero garantir que a reputação da escola também continue intacta. Gente como a Fortunato costuma deixar o ar mais poluído.

— É O QUÊ! — gritou Evie, que não podia acreditar no que ouvira. Mais do que depressa, Hanna a segurou pelo cotovelo. — O QUÊ É QUE VOCÊ DISSE?

— Você sabe muito bem do que estou falando, Aylar. Tem gente que *nasceu para ser lixo...* uma lástima, mas é a mais pura verdade!

Magda continuava trêmula, mas não se mexia, tinha que resistir às provocações da outra caso não quisesse ser expulsa. Enquanto isso, Hanna se esforçava o máximo que seu físico miúdo permitia para conter sua amiga, que ainda esbravejava.

— Se manca, garota, quem polui o ar aqui é VOCÊ! — gritou Evangeline.

Grace apenas ria, satisfeita com o efeito que causara.

— Tudo bem, Evie, deixa pra lá — disse Maggie finalmente, contendo a amiga pela frente; ainda tremendo por culpa da raiva reprimida. — O dia dela ainda há de chegar.

— Se você acha! — concluiu Grace, começando a desfilar para a entrada da escola como se fosse a dona daquele lugar.

— “*Se você acha*”! — repetiu Louise, arremedando-a.

— Não acredito que você vai deixar por isso mesmo, Maggie! — consegui dizer Evie, ainda fuzilando as costas de Grace com o olhar. — Olha só o que ela disse!

— É bem do feitio dela mesmo — informou Magda. — Para ela, só duas coisas diferem quem ela protege e quem ela ataca: o sobrenome e... bem... a cor da pele.

Evangeline sentiu como se um balde de água gelasse sua pele ao ouvir a garota dizer essas palavras, antes de abaixar a cabeça. Como eram ridículas pessoas como Grace!

Hanna, que continuava segurando a amiga pelo braço, soltou um lamento baixinho.

— Eu só estou aqui há uns dias, e já cansei de testemunhar a conivência de vocês! — Evie se desvencilhou de Hanna, como se houvesse acabado de perceber que ela a segurava.

— Eve, as coisas não funcionam assim, a vingança nunca é a solução! — lembrou Magda.

— E o que vamos fazer, esperar por um milagre? — perguntou a exaltada Evie.

— Acho que o que a Mag quer dizer é que temos que agir com cautela, encontrar a estratégia perfeita, ou pelo menos a mais adequada. Caso contrário, poderemos sofrer com as consequências.

— OK, Louise, eu entendo. Mas fiquem sabendo que não continuarei a controlar meus nervos...

— Olha, se vocês quiseram, podem entrar — tranquilizou Magda, olhando para o fim da rua. — Meu mordomo está chegando com o resto do uniforme.

— Tem certeza que você está bem, Mag? — perguntou Lou, que já esquecera a pequena discussão sobre o uniforme.

— ‘Tô acostumada. Podem entrar que eu já vou também!

As três garotas ainda titubearam, observando enquanto Magda seguia até o carro da família, dirigido pelo mordomo Gomes; careca, baixinho e

sério. Só ao vê-la fazer um gesto impaciente para que entrassem, foi que elas seguiram para o tumulto que cercava os atribulados Zeno e Claus e os pacientes Batista e Prestes, que deixaram as três passarem por um canto.

Chegando à sala, encontraram Kiara empoleirada na janela, espiando a confusão. Ao seu lado, Ulie exibia seu ser exótico de sempre — hoje com menos penduricalhos que o normal. Já era comum que ela ficasse um tempo na sala seis, antes de partir para sua própria classe. Ao lado das duas, virado para a porta e alheio à confusão externa, estava Grégor; já com sua gravata frouxa e com as mangas da camisa dobradas, como de costume.

— Bom dia, garotas! — disse Grégor ao vê-las. — Então, minhas *piolhinhos* conseguiram passar pelo *pente-fino*?

Evie sorriu para o garoto, mas algo em seu rosto deixou transparecer sua preocupação, o que fez Grégor franzir o cenho e pousar a mão no ombro da amiga, preocupado.

— O que foi, Eve?

— Não sabem o que aconteceu lá fora — começou Louise, sem esperar a resposta de Evangeline.

— O quê? — perguntou Kiara prontamente, pulando da cadeira na qual subira para alcançar a janela.

Louise contou o acontecido em três minutos, sem deixar nenhum detalhe de fora.

Apesar da confusão da entrada, era um dia típico no Instituto A. W. Sigma. Vinte minutos após a entrada, o professor de português, Armando

Abreu, já escrevia freneticamente no quadro, enquanto seus alunos copiavam (ou fingiam que copiavam) o texto.

Como o professor queria que seus esforços pela educação fizessem algum sentido! Ele já esgotara ano após ano seus recursos pedagógicos possíveis e impossíveis. Ele se esgotara, mas o mundo parecia conspirar contra ele. Quem estaria errado? Seria ele por não saber ensinar da forma devida? Seria culpa daquela geração tão egocêntrica? Seria culpa dos grandes pensadores nos quais pautava sua didática? Seriam os pais, que já não queriam educar seus filhos, jogando toda a responsabilidade para a escola? E pensar que neste ano começaria tudo outra vez, ele teria que lapidar pelo segundo ano consecutivo os alunos que mal largaram a infância, depois de anos lecionando apenas para os mais velhos.

Fatigado, pôs com veemência o ponto final no texto. Ele queria dar um ponto final *de verdade*, em tudo. Por vezes, sentia-se tão cansado que lhe parecia atraente fazer qualquer besteira como, por exemplo, amordaçar os alunos, obrigá-los a prestar atenção de uma vez por todas...

De fato, ele já tentara de tudo, e poucos eram os alunos que mostravam algum avanço. Para piorar, nada compensava, principalmente o salário. Abreu sentia-se à beira da loucura, pronto para jogar tudo para o alto. Só precisava de um gatilho, algo que desembestasse aquela vontade louca de gritar, de fazer algo impensado, algo capaz de fazer sua loucura transbordar de uma vez por todas.

Como ele queria um *ponto final*...

E o tempo naquele dia se arrastava como se o próprio relógio estivesse igual a ele. Aquele burburinho de conversas invadia o cérebro do professor Armando como um veneno gelado, tão entranhado em seu córtex cerebral que uma sensação desagradavelmente poderosa invadia seu ser.

Como ele queria que o fim da aula chegasse...

Enquanto isso, Evie — que minutos antes ainda estava com a cabeça latejando — repousara sua cabeça sobre os braços cruzados na mesa e cochilara sem perceber, já estava babando sobre o papel onde começara a copiar as dez primeiras linhas do texto. Louise, ao seu lado, tamborilava a caneta num ritmo irritante, manchando de azul o canto de seu caderno, focando-se em pensamentos distantes. Kiara virara para trás na cadeira, tagarelado sem parar com Tobias Santana. O garoto sentara ao lado de Magda, que chegara a uns cinco minutos e agora lixava as unhas, como fazia todo dia no início da primeira aula. Vez ou outra arriscava um olhar raivoso direcionado à Grace; que tirava fotos do quadro, à guisa de copiar o texto. Hanna, sentada ao lado de Kiara, era a única que copiava, acompanhando fielmente o ritmo do professor.

— Então, ainda não sabem do que o policial morreu? — perguntou Tobias.

— Se sabem, não querem dizer nada — respondeu Kiara. — Na minha opinião, deve ser uma causa improvável, ou muito sinistra.

— Eu acho que não — opinou o garoto, voltando a copiar —, você sabe como é a polícia daqui. Eu não ficaria admirado se descobrissem que eles ainda não sabem de nada...

— Sabe o que eu acho? — intrometeu-se Magda, ainda lixando as unhas com ar de desprezo.

— Não — respondeu Kiara, que não gostara do tom da amiga.

— Eu acho que você é uma fofqueira de primeira.

— Ah, tá! Vai cuidar da sua vida, Maggie, que eu nem lhe chamei na conversa!

— Mas tenho todo o direito de manifestar minha opinião — defendeu-se Mag.

— Dá pra vocês duas pararem de *se amar*, por favor! — cortou Lou, virando para trás. — Quando não são vocês, é a Evie...

— Eu o quê? — exclamou Evie, acordando.

— Nada não, dormindo você colabora mais — ironizou Magda, cruzando as pernas. — Ou atrapalha menos...

— Mag, eu acabei de te defender — começou Evie.

— Silêncio! — ralhou o professor Armando. — Por favor, se vocês já acabaram, comecem a fazer o trabalho em grupo!

— Ih, com esse grupo eu não sei não! — disse Lou, virando a mesa para formar um retângulo com os demais. — Parece que não temos nada em comum.

— Ué, se nós fôssemos iguais, que graça teria? — argumentou Evie, se virando também. — E então, Kia, quais são as últimas?

— Últimas do quê?

— É tanta fofoca que você até se confunde, né? — zombou Magda, que parou de falar ao notar o olhar mortal de Kiara.

— A tal da maldição das quantas. E então, alguma novidade?

— Nada. Os policiais não querem liberar nenhuma informação. Acho que essa atitude só piora a má fama da polícia — informou Kia, também virando a carteira.

O grupo já estava quase formado, Hanna era a única que não se mexera. Ainda copiava o texto.

— Hanninha, quer fazer o favor? — pediu Maggie.

— Estou copiando o texto. Caso vocês não tenham notado, o *fessor* já está apagando!

De fato, o professor Armando já apagara a primeira parte do texto. Vendo isso, Evangeline gritou da sua carteira:

— Não faz isso não, professor, eu ainda não copiei!

Foi a gota d'água para o mestre. Exaurido, jogou com força o apagador no chão, que ricocheteou na mesa de Evangeline, a mais próxima do quadro. Atormentado, disse meia dúzia de ruídos estranhos, gesticulou nervosamente e saiu de sala, batendo a porta.

— O que foi que eu fiz? — disse Evie assustada.

Suas amigas encolheram o ombro. O silêncio que se instalara na sala com a saída desvairada do professor logo foi substituído pelo zunido crescente de vinte bocas falando ao mesmo tempo, vindo de vinte garotas e garotos que tentavam entender o que se passara com o mestre.

Naquele mesmo dia, a turma 603 teria sua primeira aula de Artes com a presença da nova professora. Na semana anterior, tinham sido conduzidos por Claus até a sala de Artes Visuais para uma aula livre. Tiveram um momento de descontração, pois foram instruídos pelo inspetor a compor uma obra espontânea — que muitos aproveitaram para elaborar da forma mais ligeira e desleixada possível — e depois passaram o resto da aula conversando ou infernizando a vida de Claus.

A sala de Artes Visuais era localizada no pátio, a primeira das sete salas dali. Nela não havia carteiras, mas bancos altos e coloridos dispostos ao

longo de duas bancadas nas paredes laterais. Ao fundo, estavam três pias e um armário repleto de materiais. O centro da sala era uma confusão de cavaletes coloridos e vazios, que esperavam pacientemente pelos artistas amadores.

— Sou a professora Petra Garbo, lecionarei a partir deste ano a disciplina de Artes Visuais.

A professora Petra era magra, mulata e de rosto oval. Ninguém poderia ver naquele dia qual cor ou formato seus cabelos possuíam, pois ela os prendera num requintado turbante verde florido. Era uma mulher atraente e exótica, com traços fortes, aparentava ter por volta de quarenta anos. Dispensara o uniforme docente e usava em seu lugar um vestido longo verde, leve e esvoaçante. Adornara-se também com maxi-colares de contas, que pendiam de seu pescoço desordenadamente.

— A disciplina “Artes” divide-se aqui no Instituto em três vertentes: visuais, cênicas e musicais. Infelizmente, as outras não são dadas por mim, mas por professores bem menos geniais. — A professora fez uma pausa para apreciar sua própria genialidade. — O que não significa que as três vertentes não estejam intimamente interligadas — explicou, juntando as mãos em concha para ilustrar. — Vamos usá-las a todo instante, vocês verão. Nas Artes Cênicas há a produção do cenário, por exemplo, que necessita dos conhecimentos visuais. Também vemos a música nas trilhas das peças e nos musicais.

“E por que não usar as outras formas de arte para compor um concerto completo, quando se leciona a música? Aqui, em nossas singelas aulas, muitas vezes terei que fazer uma ou outra encenação para chamar atenção de vocês — isso é fato. Poderemos também ouvir belas melodias enquanto

trabalhamos, para estimular a criatividade. Por que não uma sinfonia de *Bethoven? Tchaikovsky?*”...

— Deus te crie.

A professora parou em meio a um meneio floreado que se assemelhava a um bule empinado e olhou numa expressão incrédula para Hanna, que por sua vez não entendia por que todos estavam rindo dela.

— Pelo visto vocês precisam de uma infusão urgente de arte em suas veias, os outros professores não devem ter feito um bom trabalho até agora! — concluiu a mestra, passando a mão da testa ao turbante.

Antes de continuar, Petra Garbo fechou os olhos e levantou um punho até a frente, numa expressão de pura concentração, tentando reencontrar o fio da meada.

— Também teremos — continuou, tão repentinamente e num tom tão alto que vários alunos distraídos quase caíram de seus bancos —, durante o ano, alguns projetos paralelos a fim de levá-los a uma vivência mais íntima com as artes. Talvez até os leve a uma galeria! — anunciou, com a voz entusiasmada de quem diz: “Talvez eu distribua dinheiro na próxima aula!”.

Puxando um cartaz enrolado em canudo, a professora sorriu para turma. Um sorriso largo, assustador.

— Vamos começar pela Pré-história, numa viagem mágica rumo às pinturas rupestres! — anunciou teatralmente, desenrolando o cartaz e colando-o no quadro.

— Na Idade da *Petra*, não é professora? — zombou Zero.

— Sim, na Idade da *Pedra*, meu anjo. Sei que meu nome significa *pedra* — disse a professora, com um outro sorriso colossal. Pelo visto, não

entendera a piada. — Mas, voltemos à Pré-história...

A professora levou-os a uma jornada breve e bastante teatral rumo aos primórdios da espécie humana, apresentando-lhes aos desenhos que o homem primitivo fazia em suas cavernas antes da caça, para que sua busca por alimento fosse efetiva. A turma já tivera suas primeiras aulas de teatro e música, contudo, nenhum dos outros professores era tão excêntrico quanto Petra Garbo. Na verdade, nenhum deles era sequer levemente interessante.

Após a explicação, a professora distribuiu lixas a todos, a fim de que cada um desenhasse nelas sua própria pintura rupestre com giz de cera.

— Lembrem que eram desenhos simples, fujam dos detalhes! — alertava a professora enquanto observava o progresso da turma.

— Eu nunca conseguiria fazer nada detalhado no papel, quanto mais numa lixa — murmurou Magda, pegando um lápis de cera preto no pote que estava mais perto de Evie.

A professora continuou a circular pela sala, olhando por cima das cabeças dos alunos — que não estavam nem um pouco confortáveis com ela espiando seus trabalhos antes de estarem prontos — e batendo palmas entusiasmadas quando encontrava algum talento promissor.

— Mas o que é isso? — perguntou a professora, parando ao avistar o trabalho de José Roberto.

— É um dinossauro comendo a cabeça de um homem — explicou ele, erguendo a lixa para que Petra visse de perto.

— Isso não faz sentido. Se eles desenhavam na parede para dar sorte na caçada, por que alguém faria um desenho de si mesmo morrendo? — perguntou Grace com sua voz presunçosa.

— Poderia ser um suicida. E eu nunca disse que a pessoa desenhou isso para si mesma! — replicou o garoto.

— De qualquer forma, você vai pegar outra lixa e começar outra vez...

— Mas, professora, eu quis ser mais criativo...

— ... esses não foram os parâmetros que eu indiquei! — Petra deixou claro no tom de sua voz que o assunto estava encerrado.

Toc, toc, toc.

— En-treeeee! — cantarolou a professora, rodopiando no centro da sala para receber a pessoa que batia na porta.

Quem apareceu na entrada foi Margô Trevelin, com sua costumeira aparência de estátua. Vários alunos gemeram, imaginando que ela iniciaria seus costumeiros insultos à turma. Todavia, ela se dirigiu à professora Petra:

— Garbo, precisamos ter uma conversa sobre suas... condições de vir trabalhar no A. W. Sigma.

— Hum... Podemos tratar disso mais tarde — respondeu a outra, indiferente.

— É urgente, Garbo!

— Duvido que seja! — desdenhou Petra, recomeçando sua caminhada pela sala.

A professora Margô era um poço de impaciência. De certa forma, os alunos se divertiam com essa situação, dificilmente a professora Trevelin era posta de lado por professores normais.

— Será que eu preciso lembrar — começou a professora de matemática, alteando a voz para obrigar a outra a ouvir — que assuntos relacionados a

eles também me atingem?

A professora Petra abalou-se ao ouvir a última frase. Olhou à volta, nervosamente, depois consultou o relógio de parede.

— Bom, vou dispensá-los por hoje — disse por fim, tentando inutilmente voltar ao seu jeito dramático, o grande sorriso tremendo no rosto. — Na próxima aula terminaremos nossas pinturas rupestres, não se esqueçam de escrever seus nomes no verso!

A professora Margô deu um passo para o lado, deixando a turma passar pela porta, com os olhos fixos em Petra, esperando que estivessem a sós.

Seja lá o que as duas fossem conversar, o olhar que Evangeline notou em ambas antes de sair de sala dava a nítida impressão que elas se conheciam há muito tempo. E que compartilhavam o mesmo segredo.

Sobre esse capítulo:

[Desenho da personagem Petra Garbo](#)

Capítulo VII:

Maravilhoso Mundo do Esquecimento

Trilha Sonora: [Ordinary_girl](#), [Kady_Z](#)

Na segunda-feira seguinte, a turma meia-três saiu do prédio principal para sua primeira aula prática de Educação Física na quadra. No vestiário, a maioria das meninas já usava o uniforme de educação física quando Evangeline entrou. Era composto por uma camiseta cinza-claro de algodão com o logotipo da escola na frente e personalizada nas costas, com o número de chamada e o nome do aluno; e um *short* roxo. Não havia regras específicas que determinassem a cor ou o formato de tênis que deveriam usar, então, uma boa variedade de cores e formas de calçado saltitava pelo vestiário.

— Você está atrasada, Evie — constatou Louise, ajeitando os fartos cabelos para uni-los num rabo-de-cavalo.

— Eu sei.

— E o que aconteceu? Vi a Hanna entrando sozinha e estranhei o fato de você não ter vindo com ela.

— Não aconteceu nada. Só não estou com muita vontade de participar da aula.

— A aula é obrigatória, você sabe disso!

— Sim, mas não muda o fato de que eu não gosto nem um pouco dela.

— Olha, também não morro de amores por esportes — comentou Magda, sentando ao lado de Louise. — Sabe, é o tipo de coisa que faz a gente suar e acaba com nossos cabelos e unhas, mas tenho que aceitar esse sacrifício para passar de ano. Ficarei com você, podemos conversar para passar o tempo!

— Olha, Mag, não dá pra conversar *correndo* — lembrou Kiara, que prendera o cabelo num pequeno coque e já não usava óculos. Ela apertava os olhos enquanto olhava ao redor, tentando lobrigar os rostos mesmo com sua miopia.

— Eu não me lembro de ter dito que a gente vai *correr*! — corrigiu Maggie. — A gente vai correr? — perguntou ela, desanimada com a possibilidade.

— Sem dúvida vai ser divertido ver vocês tentarem participar da aula sem correr! — disse Louise, que sempre duvidava que qualquer professor aturasse indisciplinas, por menores que fossem.

— Vou me vestir — anunciou Evie, indisposta, enquanto Carmen, Verônica, Mercedes e Grace já saíam para a quadra.

— Quer que a gente espere? — perguntou Louise, ao mesmo tempo em que Hanna se unia ao grupo, com o cabelo preso em marias-chiquinhas.

— Não, tudo bem, podem ir! — respondeu ela, já se encaminhando para um dos boxes ao fundo.

Evangeline ainda tentava tramar uma boa desculpa para não participar da aula enquanto se vestia. Era óbvio que não havia uma boa estratégia de fuga, ainda que ela tenha imaginado quase umas cem nas últimas horas. Evie sabia que nunca teria coragem de, por exemplo, quebrar a perna de propósito — principalmente com tantas escadas para subir e descer, e com

tanto chão pra andar do campus ao prédio do instituto. Não, ela teria que participar da aula, infelizmente.

O que ela nem ao menos cogitara até o momento em que saiu do box, já usando o uniforme, era que encontraria um menino parado de costas para ela. Ela gritou e derrubou suas coisas no chão.

— Grégor, o que você está fazendo aqui?

— Fugindo da aula, ué! — respondeu ele em sua voz arrastada, o rosto ainda virado para a porta, espiando a quadra em frente com um dos olhos azul-turquesa claro.

— Mas no vestiário feminino?

Antes de responder, Grégor virou para a garota, fechando a porta atrás de si. Ele a olhava com a cabeça levemente inclinada, num gesto já comum de escanear qualquer pessoa ao seu redor, como se tivesse todo o tempo do mundo para se perder no mundo nebuloso de sua mente.

— É. O professor não entraria aqui, a menos que fosse um pervertido, não é?

— Faz sentido. Mas como vou saber que *você* não é o pervertido?

— Eu não sabia que você estava aqui, não tenho visão de *raio-x*! — defendeu-se o garoto. — E você, vai para a aula?

— Tenho que ir...

O esgar involuntário que a garota exibiu em seu rosto denunciou imediatamente que ela não queria enfrentar uma dupla de intermináveis horas de exercícios. De certa forma, ela já implorava que o garoto a convidasse para fugir também. Mas ele nem precisou que ela externasse sua vontade.

— Tarde demais, você é oficialmente a minha cúmplice — sentenciou o garoto. — Pode colocar o uniforme outra vez, nós vamos sair daqui assim que o professor estiver distraído — ordenou Grégor, puxando do bolso seu celular.

— O que você vai fazer?

— Arranjar um álibi para você, *gafanhoto* — Grégor movia os dedos com rapidez pelo teclado do aparelho, escrevendo uma mensagem. — Temos a colaboração de uma mente criminoso bem peculiar. O José Roberto — acrescentou, notando a expressão aturdida da colega. — Agora vai se trocar, estamos perdendo um tempo precioso!

— Você faz isso toda aula? — perguntou Evie, enquanto os dois andavam entre as cadeiras vazias do refeitório, depois de terem escapado da área da quadra.

— Tento não criar um padrão, mas dou um jeito quando posso. Depois posso lhe passar umas dicas de como participar da aula e não fazer nada...

Avistaram então Seu Batista, que estava com a cara enfiada numa confusão de caixas e mais caixas de alimentos para a cantina. Grégor puxou a garota para longe, conduzindo-a para o corredor em absoluto silêncio. Evangeline só se sentiu segura para voltar a falar quando estavam perto dos armários.

— Espero que sua repetência não tenha sido por causa dessas fugas!

— Ah, não! Foi por causa de... outra parada.

O tom do garoto era de quem não queria compartilhar essa *parada*. Por essa razão, os dois voltaram a ficar em silêncio enquanto seguiam pelo

corredor deserto, se abaixando na frente das portas das salas para que suas cabeças não aparecessem nas janelas retangulares.

— 'Cê tem cara de quem gosta de livros, acertei? — disse Grégor, parando como quem acha uma ideia flutuando no ar.

— Sim — respondeu a outra, reticente.

— Então vamos ao lugar mais seguro aqui do Instituto — para quem quer matar aula, é claro.

Evie e Grégor andaram lado a lado, passando pela entrada e pela diretoria, seguindo até o fim do corredor, onde havia uma porta que a garota não notara até então. Era pintada nas mesmas cores da parede, quase como se estivesse camuflada. Era antiga, provavelmente não era aberta há anos.

— Esse é o antigo almoxarifado. Ninguém mais o usa, nem lembro como consegui encontrá-lo... acho que só acabei esbarrando nele.

Grégor abriu com dificuldade o ferrolho que lacrava a entrada e sacudiu a porta com violência, até que ela cedeu, abrindo um espaço suficiente para os dois passarem. Evie entrou na frente, se perguntando como ninguém ouvira tamanho estardalhaço.

A condição daquele lugar era precária. Um conjunto de três lâmpadas fluorescentes tortas e fracas (uma delas piscando, quase queimada) iluminava do alto as pilhas inconstantes de livros velhos, as montanhas de cadernos usados e as folhas soltas espalhadas pelo chão. Nas paredes, arquivos velhos e restos de maquetes destruídas; tudo envolvido em poeira e incontáveis teias de aranha.

— Seja bem-vinda ao maravilhoso mundo do esquecimento! — começou Grégor, num tom rebuscado como o de Petra Garbo. — Aqui temos o arquivo morto do século passado, mas se procurar bem vai

encontrar um ou outro livro antigo sem capa, ou meio manchado, ou roído por traças... ou os três ao mesmo tempo. Só não procure demais, ou você vai se deparar com a *galera* daqui... uns insetinhos nojentos que vão lhe assustar.

— Sem dúvida é um lugar... *exótico*! — Evangeline soprou do topo de uma caixa uma nuvem de pó, para poder sentar nela sem que sua saia ficasse branca, em vez de cinza.

— Eu sei, é estranho. Mas eu não estou brincando: ninguém vem aqui. Nunca.

— Dá pra entender o porquê! — comentou a garota, agora analisando os livros em volta.

— Se quiser, podemos só conversar — sugeriu o garoto, sentando numa caixa em frente. Apoiou então os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, do jeito que as crianças fazem para prestar atenção em sua professora. — E então, o que há de novo?

— De novo? Não sei, acho que nada...

— Vou mudar minha pergunta pra ver se consigo alguma coisa: o que você achou da nova professora de Artes e dos segredinhos dela com a *Amargô*?

— A professora Petra parece ser legal. Um pouco exagerada e tudo mais, mas boa gente. E... eu já tenho minha cota de mistérios completa, não preciso de mais um na lista.

— Como assim?

Evangeline assistiu a uma aranha subir pela parede oposta antes de responder. Ela nunca falara desse assunto com ninguém do Instituto além de

Hanna e, sinceramente, já estava na hora de desabafar. Por que não com Grégor? Ele se revelara um garoto extremamente confiável até então.

— Minha mãe e o diretor Último não se dão muito bem. Isso acontece desde que eu me entendo por gente. Ela nunca quis contar a razão dessa implicância.

— Já tentou perguntar para as outras pessoas da sua família, para ver se alguém entende e lhe explica?

— Não daria certo. Sabe, minha mãe só contava seus segredos para a tia Eleanor, a melhor amiga dela, mas ela mora longe daqui. E o meu tio Alexei... digamos apenas que ele sabe menos ainda.

Evangeline esperou que Grégor perguntasse algo sobre o tio Alexei, mas ele continuou a observá-la, apenas esperando a continuação da história.

— Eu não sei por que, mas tenho a impressão de que esse arranca-rabo tem a ver comigo. Especificamente comigo.

Evie fez uma nova pausa, alisando de leve as pregas da saia. Durante anos ela se sentira egocêntrica só por suspeitar que sua mãe estivesse lhe escondendo alguma coisa do seu passado, uma lacuna essencial. Contudo, já estava claro que ela só estava ali no A. W. Sigma por razões que nenhum outro estudante jamais teria. Não era egocentrismo. Evie até desejava que fosse, mas não era.

— Já sentiu como se existisse um segredo — algo importante, maior do que você — que te mata aos poucos e que dá a impressão de ser poderoso demais?

— Na verdade, não — Grégor olhou para o lado direito, tentando lembrar. — Minha família nunca escondeu nada de mim, que eu saiba. Às vezes eu até queria que eles escondessem.

— Hum.

A garota voltou a olhar para a parede, mas a aranha já não estava mais lá, então ela resolveu apostar num novo tópico para a conversa:

— E então, contei um segredo para você, não vai contar um também?

— Um segredo? Eu...

Grégor riu e seu rosto se avermelhou um pouco. Visivelmente ele tentava encontrar algo que não fosse constrangedor demais para dizer; pois gesticulava e balbuciava, hesitando em começar.

— Promete que não vai rir?

— Prometo.

— Eu... eu gosto de desenhar um pouco.

— Sério? Por que eu nunca te vi desenhando?

— É que eu costumo me dedicar a isso de noite, quando estou mais criativo. Tenho um caderno onde faço alguns rabiscos. Às vezes faço personagens e penso em histórias para cada um. Só não consigo passá-las para o papel... Acho que não consigo colocar em palavras, então só fico observando e imaginando como os personagens agiriam se fossem reais.

“Um dia minha mãe viu alguns. Eles eram um pouco sombrios, sabe. Ela pensou que eu tinha feito um pacto com o demônio ou algo parecido e fez um escândalo”.

Evie sorriu para ele, tentando não gargalhar. Grégor era um bom amigo, um bom ouvinte, uma boa companhia para se passar o tempo num almoxarifado claustrofóbico e meio escuro que cheirava a mofo, com aranhas subindo e descendo por toda parte. Tanto que ela se surpreendeu

quando minutos depois o sinal tocou, indicando o final das aulas daquele turno.

Na saída, encontraram José Roberto. Ele estava suado e ainda usava o uniforme de Educação Física, provavelmente tomaria banho no campus (ou pelo menos era o que Evie esperava que o garoto fizesse, pois o cheiro não estava nem um pouco agradável).

— Eu disse ao professor que você prendeu o uniforme na porta do box e ele acabou rasgando — informou o garoto assim que a viu, sem preâmbulos. — Deu certo, mas queria saber por que nenhuma das suas amigas sequer estranhou a mentira...

— Acho que elas já me conhecem muito bem! — explicou Evie, rindo; e se despediu dos garotos para poder se encontrar com suas amigas, para conversarem antes do almoço.

As salas de estudos eram de longe os melhores lugares do semi-internato. Eram duas, localizadas logo atrás do saguão de cada alojamento. Eram aposentos um pouco menores do que o Salão de Encontro, se o parâmetro de comparação for o seu comprimento. A sala de estudos feminina se alongava até o primeiro andar, onde havia um patamar, no qual se chegava por uma escada branca com balaústres prateados. Todas as paredes eram lilás. A da direita continha um mural de avisos cinza, com cartazes de campanhas a favor da conservação do meio ambiente, informativos diversos sobre saúde e segurança, informes escolares imprimidos em papel timbrado, recados enérgicos dos professores e de outros funcionários, anúncios de representantes de turma e até bilhetinhos de amizade eterna.

As alunas mais velhas se ocupavam fazendo comércio das coisas mais variadas. Algumas mercadorias eram simples como bombons, *lingeries*, cosméticos, artesanatos e eteceteras; outras eram proibidas e vendidas na encolha — coisas que Evie fazia questão de estar bem distante quando eram vendidas. A movimentação era grande e volta e meia uma das inspetoras entrava, causando um rebuliço de meninas que fugiam na mesma hora, escondendo seus produtos.

Por todo o térreo estavam dispostos pufes e almofadas coloridas, onde as garotas sentavam em grupos, trios ou duplas para conversar ou se distrair com jogos de tabuleiro. Quando precisassem de espaço para executar alguma tarefa, subiam para o primeiro andar, onde havia mesas brancas limpas e algumas cadeiras. O silêncio total era impossível, mas ainda assim era um dos melhores lugares para se ter boas ideias.

— Fiquei sabendo que vai acontecer uma festa no quarto de uma garota do oitavo ano nesse final de semana — contava Kiara, esparramada numa grande almofada verde, perto do mural de avisos. As quatro amigas haviam resolvido conversar ali durante a pausa antes do almoço.

— E você foi convidada? — perguntou Hanna, não muito curiosa, deitada de bruços numa almofada azul-cobalto.

— Não, é claro. Mas a Grace foi.

— A Grace? — exclamou Magda, extremamente surpresa, sentada de pernas cruzadas num pufe rosa.

— E ela não pode ser convidada? — estranhou Evie, sentada de lado numa almofada amarela.

— Claro que não — explicou Kiara. — Somos a base da *hierarquia*, nós do sexto ano raramente somos convidados.

— *Hierarquia?* — Louise estava confusa enquanto se ajeitava em seu pufe roxo.

— Basicamente, o sétimo ano manda, o oitavo comanda e o nono impera — recitou Magda.

— E nós?

— Nós se ferra, Louise! — suspirou Kiara.

— *Nós nos ferramos!* — corrigiu a outra.

— E não foi o que eu acabei de dizer, Lou?

— Estou tentando ensinar a maneira correta de dizer...

— OK, eu mudo minha frase, se isso lhe incomoda tanto! — Kiara ergueu as mãos para fazer a outra parar de falar. — Fica melhor assim: “*A gente se dá mal*”?

Louise suspirou, cansada, mas concordou.

— Eu não entendo... se a Grace estuda com a gente, então como ela foi convidada?

— Uma palavra, Hanna: *status* — explicou Magda. — A Grace é filha do prefeito, tem vantagem com os grandes. Isso acontece desde que éramos do primeiro ano, e olha que os menores geralmente nem são notados. Ela tem uma espécie de combinação perfeita de popularidade com aparência e *status*. Olha só, quem não gostaria de ser como ela?

— Sei não. — Evangeline estreitou os olhos. Grace acabara de entrar, rodeada de meninas históricas. — Sabe com o que ela se parece? Com aquelas bonecas vagabundas que a gente compra, e que na primeira vez em que a penteamos o cabelo sai inteirinho na escova!

As garotas riram, mas todas sabiam que não era verdade. Grace tinha um quê de superioridade, não o suficiente para ser bonita além do natural, mas era dotada de um encanto próprio.

— Como fazem uma festa aqui no campus? — quis saber Hanna. — Pelo o que eu sei, as inspetoras estão sempre andando pelos corredores, daria para elas perceberem que um monte de gente está entrando num quarto só, não é?

— Na verdade, elas têm um padrão bem previsível de horários para fazer a rota — explicou Kiara. — Sem falar que existem quartos específicos para se dar uma festa, eles têm de estar bem localizados, por causa do barulho. É claro que a pessoa precisa ser rápida para conseguir um quarto desses, todos querem dormir num deles.

Grace estava agora a um canto, circundada por Mercedes e as garotas que entraram com ela, exibindo no seu *tablet* uma simulação da roupa que usaria na festa proibida.

— Magda, se você pudesse, tentaria dar um jeito de entrar na festa? — perguntou Kia, ainda olhando para as garotas que pulavam, animadas com o efeito da produção.

— Se você me perguntasse isso no ano passado, eu diria que sim. Inclusive agora eu já teria meu próprio convite V.I.P. e vinte e quatro opções do que usar no dia da festança. Só que quanto mais eu observo a Grace — e quanto mais converso com vocês — percebo que sempre tentei ser quem eu não sou. E, sabe, não valia a pena nem um pouco.

— E você, Lou, iria?

— Nunca, Kia! Só de pensar que vai ter álcool, e sabe-se lá mais o quê de ilegal, já me dá alergia! — respondeu Louise, coçando-se como se

realmente estivesse em plena reação alérgica a contrabando.

— E você, Evie? Fiquei sabendo que lá onde você mora tem muitas festas, bailes *funk*...

— Ah, mas não é porque eu moro lá que necessariamente tenho de gostar de festas e bailes. Digamos que, para mim, viver numa comunidade é como estar num outro lugar qualquer, só que com menos segurança e vinte e quatro horas de barulho. Por via das dúvidas, prefiro evitar essas coisas.

— Hanna?

— Se a Evie não fosse, eu não iria.

— Nem hipoteticamente? — insistiu Kiara.

— Claro que não, eu nem sei o que é *hipotic... hipototic...* isso aí que você disse!

Capítulo VIII:

Um Círculo na Pergunta Sete

Trilha Sonora: [Rush, Aly & AJ](#)

Na quarta-feira seguinte, o clima era de plena ansiedade na sala seis. Se o professor Armando fora afastado do emprego, quem lecionaria em seu lugar?

— Soube que ele surtou de vez, aqui na escola mesmo — começou a dizer Kiara no início da aula, com seu tom habitual de fofoca fresquinha —, só que aconteceu depois das aulas, na sala dos professores. O que houve aqui foi apenas o começo, nós não vimos quase nada.

— Ah, que pena!

Todo mundo olhou para Evie. Seria normal se ela exclamasse: “*Que loucura!*” ou “*Que doideira!*”, talvez até “*Que chato!*”, mas esse “*Que pena!*” não era exatamente apropriado ao contexto.

— *Hã?* Como assim? — quis saber Louise.

— Queria ter visto...

Todas se entreolharam.

— Ah, qual é? Seria interessante! — insistiu Evie.

— Não, não seria — retrucou Hanna, assustada. — Seria horrível...

Quando finalmente ouviram o ranger da porta, todos os alunos olharam automaticamente para a entrada. Um silêncio anormalmente denso pairava

na atmosfera da classe assim que ela deu os primeiros passos na sala; até mesmo os alunos mais distantes puderam ouvir com clareza o ruído suave do caminhar da nova professora.

Sim, era uma jovem professora. Não era do tipo de mulher que chama a atenção, mas tinha um ar de mistério e doçura. À primeira vista, parecia um pouco séria. Carregava uma bolsa no ombro, algumas folhas num dos braços e puxava uma pequena mala florida de rodinhas.

Calmamente, a mulher atravessou o corredor de carteiras até estar perto de sua mesa. Depositou nela a bolsa e a mala, com leveza.

— Sou a professora Natalie Cristina Angele — apresentou-se finalmente em sua voz melodiosa. — Professora Naty, se vocês preferirem.

Ao redor, a maioria dos alunos cochichava, transmitindo suas primeiras impressões aos colegas. Kiara, sentada logo à frente de Evie, tentava enxergar o conteúdo do cento de folhas que estava nos braços da mestra.

— Peço que vocês afastem suas carteiras, pois começaremos a aula com um pequeno teste.

— *Teste?* — lamentou Zero, decepcionado. — Mas como? A senhora ainda nem deu matéria!

— Se for sobre o que o Professor Armando escrevia no quadro, eu não faço a mínima ideia! — acrescentou Jonas, sentado próximo a José Roberto.

— Não se preocupem, estou certa de que todos já conhecem tudo o que está contido aqui — tranquilizou a professora, enquanto seus alunos abriam espaço nas fileiras duplas. — Vocês terão cinco minutos para resolvê-lo, marcarei o tempo pelo celular.

— É um daqueles testes para descobrir o nosso nível de conhecimento, *profs?* — quis saber Jeremy, que olhava o verso da folha que encimava a pequena pilha que a professora Natalie depositara em sua mesa.

— Na verdade, acredito que, por meio dele, vocês aprenderão uma lição essencial — explicou a professora enquanto distribuía pilhas iguais nas colunas seguintes. — Passem a folha para trás, sem virar!

Kiara, que já virara disfarçadamente a folha pelo menos umas cinco vezes, passou o resto das páginas para Evie, por cima da cabeça. A professora segurava o celular numa das mãos, preparando o cronômetro do aparelho.

— Podem começar! — ordenou ela quando toda a turma já estava a postos, cada um com seu teste.

Eram vinte questões no total. Evangeline conferiu o relógio, memorizando a hora em que haviam começado o teste. Será que cinco minutos era tempo suficiente?

“1. Leia as questões com muita atenção antes de respondê-las.”

“Óbvio” pensou a garota, “vou aproveitar a deixa para ler com tanta atenção que, se eu não conseguir terminar a tempo, porei a culpa na primeira pergunta!”.

Na sua frente, Kiara já começara a escrever. Reclinara-se sobre a folha, sentada na beira da cadeira; sua mão se deslocava tão rápido pela página que era quase impossível acompanhar o movimento.

“2. Escreva seu nome completo em caneta azul no topo da página.

3. Circule todos os verbos da folha com caneta vermelha.”

Pelos movimentos circulares que fazia, Evie concluiu que Luara respondia a essa questão, tentando se concentrar em não esquecer nenhum verbo.

“4. Ainda de caneta vermelha, sublinhe os adjetivos das questões anteriores.

5. Se você foi o primeiro a chegar nesta questão, levante-se e diga em voz alta: ‘Cheguei à pergunta cinco, portanto sou mais esperto que os demais’.”

Foi exatamente isso que Kiara disse ao levantar instantes depois. Ainda pensando em como este teste era estranho, Evangeline continuou a ler:

“6. Se você foi o primeiro a fazer a questão anterior, passe direto para a pergunta sete. Se não, forme uma frase no rodapé da folha, começando pelas palavras: ‘Nunca poderei em minha vida’”.

— Fiz um círculo na pergunta sete! — anunciou Kia bem alto, tornando a se levantar.

Evie teve que tapar a boca para tentar conter a risada que surgira ao ver a amiga cumprir a questão sete, que ordenava: *“Faça um círculo ao redor da pergunta sete, levante e anuncie isso à turma toda, com entusiasmo”.*

Continuando a ler, Evangeline teve de conter novas risadas a cada vez que alguém cumpria a pergunta sete. Era hilário.

Grégor acabara de sair de seu lugar no canto direito e agora entregava o teste para a professora Natalie, que sorriu satisfeita ao receber o papel.

— Não pode ser! Ele não pode ter acabado... — murmurou Kiara, ainda deslizando a caneta pela folha, seguindo as ordens estranhas de cada questão.

Alguns enunciados não eram nem remotamente ligados à Língua Portuguesa. A pergunta dez, por exemplo, exigia que o aluno desenhasse círculos na borda esquerda da folha, e a quinze pedia para somar 354.647 ao número da turma, dividir por dois e mostrar a prova real da conta.

Finalmente, Evangeline acabara de ler quase toda a prova. Ao chegar à última questão, entendeu por que Grégor terminara tão cedo:

“20. Agora que você já leu todos os enunciados com atenção, ignore as questões de 3 a 19. Siga apenas o que está escrito na questão de número dois e entregue o teste”.

Rindo mais do que quando ouvira seus colegas de classe cumprirem a questão sete, a garota escreveu no topo da página “Evangeline Maria Arcanjo Ayler” e levantou para entregar a prova um minuto antes do tempo acabar; no mesmo instante em que Mercedes e Louise se levantavam. Ao passar por Grace, que ainda respondia as questões, Mercedes sussurrou algo ao seu ouvido, provavelmente o segredo do teste. A garota expressou numa fisionomia impagável toda a sua decepção por saber que seu trabalho fora em vão.

— Muito bem — disse a professora quando Evie entregou-lhe o teste.
— Foi difícil para você?

— Não, foi bem divertido!

— Divertido... *Humpf!* — desdenhou Kiara no seu lugar, enquanto passava marca-texto em todos os numerais escritos por extenso.

Um pouco adiante, Hanna choramingava como um cachorrinho. Antes que a pequena perdesse o controle, Evie se abaixou disfarçadamente ao seu lado e sussurrou ao seu ouvido:

— Leia a pergunta vinte.

Olhando assustada para a amiga, Hanna pareceu estar em choque, mas leu. Logo após bateu a mão espalmada na testa.

— Mas que droga! — exclamou, ao mesmo tempo em que o relógio marcava o fim do exame.

— Já acabaram os cinco minutos! Quem ainda não terminou, pare de escrever e leia a última questão — ordenou a professora.

Kiara não deu atenção, continuou a escrever freneticamente no verso da folha, ainda tentando responder as questões malucas.

— Eu disse para pararem de escrever! — repetiu a professora, olhando diretamente para Kia.

A japonesinha olhou para a mestra com sua mão ainda se movendo descaradamente pelo papel, tentando rabiscar as últimas palavras da frase.

— Leia para mim a questão vinte, senhorita...?

— Kiara, Kiara Shimizu — respondeu ela, parando de escrever a contragosto.

— Leia a última questão em voz alta, Kiara, por favor.

— “*Agora que você já leu toda a prova com atenção, ignore as questões de 3 a 19. Siga apenas o que está escrito na questão de número dois e entregue*”.

O palavrão que Kia gritou a seguir provocou caretas na professora e em vários alunos em volta. Zé Roberto, lá de sua carteira, batia palmas e gargalhava:

— Gostei, professora! Nível *troll master*!

— Espero que da próxima vez você não use um vocabulário tão chulo, Kiara. Fico pasma quando vejo uma moça tão bonita falando de forma tão vulgar — pediu a professora, delicadamente.

De braços cruzados e cara fechada, Kiara assentiu.

— Muitos de vocês já devem ter notado que o objetivo do teste nada tinha a ver com seus conhecimentos de Língua Portuguesa, mas sim com noções de obediência, atenção e interpretação. Focaremos nesses valores durante o curso, junto com a gramática, é claro. Espero que ninguém se esqueça da lição de hoje...

“Também tenho uma surpresa para vocês; uma coisa que nos acompanhará neste ano e nos anos seguintes”.

Ela se adiantou até a mesa do professor e abriu sua mala florida com cuidado. De seu interior, retirou uma agenda grossa com espiral, de capa roxa, no mesmo tom oficial do Instituto.

— Essa é uma agenda permanente, cada um de vocês receberá uma. Nela, quero que vocês registrem tudo o que desejarem: se sentirem alguma inspiração, escrevam um texto ou um poema; se lerem algo interessante,

copiem. Podem anexar desenhos, fotos, tudo o que vocês acharem que é pertinente. Na nossa última aula, que espero que aconteça no nono ano, contarei o objetivo real desse diário.

— E se eu não colocar nada, ficarei sem nota? — perguntou Zero quando a professora começou a distribuir agendas iguais para cada aluno, vindas do interior da maleta.

— Claro que não! Se ela estiver vazia, prometo que não vou lhe julgar. Mas é cedo demais para prever que a sua ficará em branco, não acha?

— Sei não... — duvidou José ao receber seu diário.

— Podemos dar um nome para ela. Alguém tem uma sugestão? — perguntou a professora, enquanto distribuía as últimas agendas para Carmen e Verônica.

— *Agenda de Português?* — tentou Jeremy, sem muita criatividade.

— Pode ser *Diário de Bordo* — sugeriu Grace, com o ar sobranceiro de quem tem certeza de que a ideia será aprovada.

— Hum, interessante — considerou a professora. — Mas creio que é um nome um pouco impessoal, não acham?

Os alunos concordaram com a professora e Grace bufou descontente.

A sala seis entrou num silêncio pontado de breves conversas, todos os alunos tentavam pescar no fundo do inconsciente algum nome que pudesse servir. Se cada um daqueles cérebros fosse uma máquina, certamente exalariam um forte odor de queimado ao trabalhar na velocidade em que estavam.

Surpreendentemente, foi Hanna a primeira a quebrar o silêncio:

— Talvez... *Diário dos Sonhos?*

Murmúrios de aprovação rodearam a garota, a maioria da classe aderiu ao nome. Do fundo da sala, José Roberto bateu palmas exageradas, bradando: “*Bravo, bravo!*”.

— Então está combinado. A partir de hoje cada um começará seu próprio *Diário dos Sonhos*.

À tarde, Evangeline recebeu uma ligação de sua mãe, pedindo para voltar a casa depois do contraturno. Isso não era comum, Evie, até então, voltara ao Complexo do Alto apenas nos finais de semana e feriados. Naquele dia, fora liberada em caráter de urgência e, portanto, estava preocupadíssima ao entrar na sala e encontrar Genevieve e Aurora à sua espera, sentadas no sofá.

— Meninas, tenho um assunto sério a tratar com as duas — anunciou Aurora, assim que sua filha mais nova entrou.

— Tão sério a ponto de você não contar nada antes *dela* chegar? — insinuou Genevieve, olhando para Evie com desprezo.

— Sim, Genny. A situação envolve todas nós.

Genevieve olhou mais uma vez para sua irmã, contudo, seu olhar já não indicava repulsa. As duas nunca foram melhores amigas, raramente encontravam alguma coisa em que concordassem de forma mútua. Naquele instante, porém, ambas compartilhavam os mesmos temores.

— Tenho que dizer que a partir de hoje tudo ficará cada vez mais difícil, precisaremos do apoio uma da outra para que tudo dê certo.

— Mãe, você está me assustando! — Genny se aproximou da mãe, ainda sentada no sofá. — O que houve?

— Eu recebi uma ligação do nosso senhorio. Ele não está mais tolerando os atrasos do aluguel... se eu não conseguir quitar todas as dívidas até o final do ano, seremos despejadas.

— Despejadas? Mas mãe, a senhora sempre pagava tudo direitinho! Com um pouco de atraso, mas de uma forma ou de outra acabava pagando!
— Evangeline não conseguia entender a decisão. Se aquilo era verdade, o senhorio cometeria uma tremenda injustiça!

— Sim, eu *pagava*. O problema é que agora temos despesas a mais, como por exemplo...

— A prestação do meu *notebook* — admitiu Genevieve.

Evangeline arregalou os olhos. Não conseguia processar o fato de que sua mãe realizara mais uma vez os desejos de sua irmã. Isso já acontecia desde sempre.

Quando tinha oito anos, Genny teimou que queria uma boneca do tamanho dela, dessas que andam quando a criança a puxa pelos braços. Três meses depois, a boneca quebrou quando a garota fez um escândalo, precipitando-a pela escada de casa, gritando que queria um *videogame* de última geração — que, por acaso, não durou nem um mês. Aos onze insistiu que queria fazer curso de informática, mas que não poderia ser qualquer um, tinha que ser o curso chique que sua melhor amiga fazia. Cinco meses depois ela abandonou o curso, brigou com a amiga e anunciou que queria ser bailarina, como sua nova melhor amiga. A tal vontade de ser bailarina durou até os doze, quando Aurora cedeu à pressão da garota e comprou todo o equipamento necessário para suas aulas de balé, que a garota abandonou no terceiro dia, queixando-se de dores no pé.

Dos doze aos dezessete, Genevieve ficou relativamente sossegada. Pedia uma coisa ou outra, nada muito caro. Nesse meio tempo, Aurora conseguira fazê-la desistir de querer aquilo que estivesse além do orçamento, e depois de alguns meses de birra, ela parava de pedir o objeto em questão. Portanto, Evangeline presumira que nunca mais precisaria ficar sem presente de aniversário porque a mãe ficara sem dinheiro, por causa de algum dos chiliques da irmã.

Não poderia estar mais enganada.

— Mãe, você comprou...?

— É uma longa história — desconversou Aurora, constrangida.

— Mas onde vamos morar no ano que vem? — perguntou Evie, tentando aceitar a situação.

— Já tenho um plano: podemos ir para a antiga casa do seu tio Alexei. Ele não está morando lá, então poderemos usá-la...

— A casa do tio Alexei? Ela fica tipo, *em outro estado!* E a minha escola? — quis saber Evie.

— Vou pedir uma Ordem de Permanência para o Último. Você poderá nos visitar no recesso e voltar para casa nas férias de verão. — O tom de voz de Aurora tentava ao mesmo tempo passar segurança e pedir perdão, mas sua tentativa fracassava em ambos os aspectos.

— E a *minha* escola? E minhas amigas? — inquiriu Genny.

— Desculpa, Genevieve, vamos ter que encontrar outra escola.

— E você vai ter que aguentar, porque a culpa é toda sua! — A voz de Evangeline saiu bruta, deixando uma sensação de ardência na garganta.

— A culpa não é minha! — defendeu-se a outra, gritando também.

Mas Genevieve sabia que grande parte da bola de neve de dívidas ela própria provocara, então parou de falar no mesmo instante.

Evangeline não queria mais olhar para a irmã; virou para a parede, tentando esconder o pranto tímido que se formava em seus olhos.

— Que foi agora? — perguntou Genny, enfurecida.

— Estou cansada de ser a única compreensiva dessa família, a única a sempre abrir mão de tudo. — A voz da garota saiu chorosa e Evangeline se arrependeu de ter dito aquilo. Ela não gostava de chorar na frente de ninguém, e muito menos de se fazer de coitada. Disparou no mesmo instante pelo corredor, ninguém tentou impedi-la.

Entrou bufando no quarto que dividia com Genny e atirou-se em sua cama, arremessando a um canto sua mochila preto-e-rosa. A bolsa caiu no chão, encostada à parede, produzindo dois baques surdos: o primeiro advindo de seu impacto com o solo e o segundo produzido por alguma coisa que caíra dela.

Ainda deitada, Evie virou a cabeça para checar o que produzira o segundo barulho.

O Diário dos Sonhos.

Evie dirigiu-se para o lugar onde a mochila estava e recolheu a agenda do chão. Distraída, alisou com o dedo indicador o logotipo em relevo na capa, depois a abriu. Por um instante apenas encarou as páginas alvas, considerando a ideia que acabara de ter.

Logo desabou de lado, deslizando pela parede até sentar no chão, apoiando as costas em sua mochila como se fosse uma almofada. Antes de sair do Instituto, ela prendera seus cabelos com um lápis rosa com *glitter*;

desfez então o coque para usá-lo, seu cabelo desmanchou em cascatas negras e brilhantes, caindo suavemente sobre os ombros.

Uma lágrima solitária ainda caiu sobre a página, manchando uma das pautas centrais, antes que Evie começasse a escrever, despejando sua emoção reprimida a cada letra que desenhava na folha.

Capítulo IX:

Obra Barroca

Trilha Sonora: [What you want, Evanescence](#)

Aquela sexta-feira começou quente e seca e, para piorar a situação, o ar-condicionado da sala seis quebrara, ninguém conseguia suportar o calor de sauna que se formara naquele ambiente. A professora Natalie, depois de seus alunos insistirem por quase meia hora, deixou que todos tirassem o sapato e a meia; com a promessa de que, caso o diretor ou algum inspetor se aproximasse da sala, ela os avisaria e o distrairia até que todos estivessem devidamente calçados.

Ela própria estava sem seu *scarpin* preto, mas a mesa impedia que os alunos percebessem. O calor era tamanho que a professora fechou os olhos um instante e respirou fundo. Se estivesse de olhos abertos, perceberia que alguém acabara de aparecer na porta.

— Com licença, professora Natalie... Estou incomodando?

A voz forte do professor Miguel provocou uma reação em cadeia bem interessante naquela classe: pelo menos cinco alunos olharam para trás, Louise calçou os sapatos em um nanossegundo, junto com Hanna, que acabou calçando errado um dos pés (pôs o de Roxie, que era dois números maior); alguns meninos fizeram cara de nojo ao ouvir o suspiro das meninas do fundo, as primeiras a ver o professor. Mas as duas reações mais chamativas foram: a de Kia, que virou o pescoço tão rápido que quase teve torcicolo, e começou a enxugar o suor do rosto com sua toalhinha; e a da

professora Natalie, que levantou da mesa num sobressalto, derrubou quatro dúzias de folhas no chão e ficou rubra como um caqui maduro quando se abaixou para recolhê-las.

Cavalheiro, o professor atravessou a sala num instante e ajudou a professora a arrumar a bagunça. Evangeline não conseguiu desvendar se a mestra ainda estava vermelha de vergonha, ou se a vermelhidão fora culpa do sol forte que batia em sua mesa desde o início da aula.

— Peço perdão, não quis assustar... — começou o professor, quando ambos emergiram de trás da mesa.

— Não, tudo bem! Deixei as crianças tirarem o sapato por causa do calor, e nós pensamos que fosse o diretor. — A professora parou no meio da frase ao perceber os sapatos díspares de Hanna. — Hanninha, acho que o sapato direito não é o seu.

Hanna olhou para os pés, e ficou tão vermelha quanto a professora quando Grace e Mercedes começaram com suas risadinhas.

— Podemos conversar lá fora? — propôs o professor.

— Claro — concordou Natalie, arrumando rapidamente as folhas na mesa e calçando disfarçadamente os sapatos.

A turma, mais uma vez, estava incrivelmente silenciosa. Depois que os professores passaram, Kiara esperou cinco segundos e os seguiu até a porta, para tentar escutar o que diziam.

— Kiara! Sai já daí, criatura de Deus! — alertou Louise.

— *Shhh*, não dá pra ouvir! — Ela abanou a mão, sem dar a mínima para o alerta.

— Não faz isso, Kia! — pediu Hanna, que se levantara para puxar o braço da garota.

— Me deixa quieta, assim eu não consigo ouvir! — insistiu Kiara, se desvencilhando da amiga e voltando a pousar a orelha na porta.

Mas nesse exato instante, a porta se abriu e esbofeteou o rosto de Kiara. Como Hanna ainda estava atrás da garota, levou uma cabeçada que a fez cair sentada no chão.

— O que vocês estão fazendo? — perguntou Miguel, que entrara na frente. — Você está bem? — acrescentou ele, segurando a cabeça de Kia pelos lados e examinando a vermelhidão que se formara na sua testa com a pancada.

Hanna, ainda sentada no chão, soltou uma exclamação de susto. Acabara de tocar o filete de sangue que lhe escorria pela testa, proveniente de uma ferida causada pelo prendedor de cabelo de Kiara. Agora ela olhava com uma expressão mortificada para a mão direita, suja do vermelho sanguíneo.

— Não se preocupe, Hanna! — tranquilizou o professor, largando o rosto da hipnotizada Kia para examinar sua testa. — Foi superficial... Vou levá-la à enfermaria, tudo bem pra você, Naty?

— Claro!

Enquanto o professor conduzia a pequena para o aposento branco da enfermaria, Natalie observou-os, preocupada. Estava tão aflita que nem percebeu que Kiara estava ao seu lado, acariciando o lado do rosto e sussurrando, sonhadora:

— ... queria ter me machucado mais, que sorte a dela...

— O quê? — exclamou a professora, que apenas ouvira metade da frase.

— Disse que ela já tinha copiado quase toda a matéria — consertou Kiara no mesmo instante.

— Sim. Que bom, então! — concordou a mestra, voltando para dentro.
— Não vai sentar, Kiara?

— ‘Tô bem aqui — debochou a garota. — Brincadeirinha! — corrigiu ela, ao notar o olhar severo de Natalie.

— Antes de prosseguir com a aula — começou a professora —, preciso...

Todavia, os alunos não puderam saber imediatamente o que a professora precisava. No mesmo instante, disparou pela porta ainda aberta um cão de médio porte, latindo e abanando o rabo. O cão serpeou entre as mesas, Evangeline reparou que os alunos que estudavam no Instituto há mais tempo não se incomodaram com a presença canina.

Ainda serelepe, o cão se apoiou no colo de Roxie e começou a lambe seu rosto, radiante.

— Arbo... Para com isso! — exclamou a garota, rindo e afagando o cachorro.

Depois, o cachorro zigzagueou entre as pernas de Verônica e Carmen até chegar à Evie, e saudou a garota com o mesmo entusiasmo com que cumprimentara Roxane, ainda que não a conhecesse.

No encaço do cão, Seu Batista irrompeu pela porta, com uma coleira numa das mãos.

— Mil perdões, senhorita Natalie, esse safado fugiu pelo portão da mansão outra vez. É um peralvilho! — explicou Batista, perseguindo o cão.

Arbo largou Evie e começou a descrever círculos em volta do velho Batista, pulando. Depois de muito girar, o zelador conseguiu colocar a coleira e suspirou aliviado.

— Que bom que ele não deixou um presentinho aqui, né, Seu Batista? — começou Zero, já rindo do que diria a seguir. — Se bem que poderíamos levar a *obra barroca* para a professora Petra, já que ela gosta tanto de *artes*!

— José Roberto, José Roberto! Pare de implicar com a senhorita Petra! Mais uma vez peço perdão — repetiu o zelador, agora se dirigindo à Natalie.

— Tudo bem, Batista.

— E não se preocupe, o pessoal da manutenção já está vindo! — avisou o zelador, sendo arrastado por Arbo para o corredor.

A professora aproveitou a relativa calma para pegar um lenço florido em sua bolsa e limpar o suor do rosto.

— Quase esqueci! — exclamou Natalie, guardando o lenço. — Kiara, Louise, Evangeline e Magda, podem vir aqui um instante? Preciso falar com vocês.

As cinco meninas saíram de seus lugares, acompanhando a professora até o lado de fora.

— Tenho uma coisa muito séria a falar com vocês quatro e com a Hanna. Mas não pode ser aqui na escola.

— Por que não? — quis saber uma intrigada Louise.

— Como eu disse, é um assunto sério, bastante delicado. Precisamos de um lugar sem tantos ouvidos — respondeu misteriosamente a professora. — Vocês podem ficar na escola neste final de semana? Pensei em convidar vocês para conhecer minha casa, eu mesma providenciarei a permissão da escola.

— Acho que podemos sim — respondeu Magda, olhando para as outras para conferir se não havia objeção.

— Vamos ligar para os nossos pais e pedir uma Ordem de Permanência — acrescentou Louise.

— Perfeito! Passarei o endereço no fim da aula.

A aula preferida de todos era surpreendentemente a que aparentava maior complexidade. Toda sexta-feira, assim que terminavam as aulas regulares, os alunos recebiam as instruções de onde seria lecionada a aula de Filosofia, Ética e Cidadania; o próprio Último Wing ministrava as aulas. Ele escolhia com antecedência um lugar nada convencional onde formava uma espécie de roda de discussão para tratar de assuntos ligados à contemporaneidade, além de tópicos ligados à Filosofia.

A turma três já tivera aulas memoráveis, como aquela em que haviam se reunido no Salão de Encontro e Último anunciara do nada que seu estômago estava “orando em línguas” devido ao cheiro do jantar sendo preparado. Logo ele interrompeu a aula e se dirigiu sozinho até a cozinha, trazendo de lá pequenos petiscos para todos.

Grégor, o único que já tivera um ano inteiro de aulas com o diretor, contou a todos que já participara de aulas nos lugares mais incomuns, como no teto da mansão ou na escadaria da biblioteca. Também disse que, de

longe, a melhor de todas as aulas era a famosa *Aula Nômade*, na qual todos saiam num passeio pela cidade, discutindo sobre problemas comuns do lugar e outras questões ligadas à cidadania, entrevistando moradores, inclusive. Entretanto, era raro que uma aula dessas acontecesse para o sexto ano, devido à própria agenda do diretor. Como ele tinha vários compromissos, sempre dava prioridade às turmas mais avançadas.

Fora as excentricidades de Último e as discussões que o mesmo tinha com a filha durante a aula — o que sempre garantia situações cômicas —, a aula se resumia a uma pequena explicação do tema a ser abordado, com exemplos; e depois se iniciava o debate. Último prestava atenção em todas as opiniões e raramente descartava algum ponto de vista. A turma 603 estava, aos poucos, aprendendo a manifestar sua opinião e a analisar o argumento alheio, respeitando as opiniões contrárias. Logo perceberam que filosofar não era um “bicho-de-sete-cabeças”, até mesmo José Roberto, que fora o mais relutante, acabara se tornando um destaque em matéria de opiniões interessantes.

Hoje, Último resolvera estender um toldo branco sobre um dos cantos do jardim, no lado oposto ao campus, onde havia um pedregulho enorme encostado ao muro. Os alunos espalharam-se num tapete vermelho, estirado em frente à rocha, em cima da qual Último se acomodara com uma quantidade considerável de almofadas à sua volta.

— Para vocês, o que seria uma coisa útil? — questionou o diretor, se ajeitando na pedra.

Os alunos ficaram em silêncio. Dificilmente alguém respondia a primeira pergunta por vontade própria.

— Acho que é algo que nós podemos usar pra fazer alguma coisa — tentou Jeremy.

— Ou pra conseguir dinheiro — acrescentou Vitório, numa das poucas vezes em que abrira a boca, nessa ou em outras aulas.

— É uma resposta simples, mas correta — considerou o diretor. — Hoje em dia, as pessoas consideram a utilidade como o valor supremo das coisas, mas ela não é o bem propriamente dito, é só um meio para obtê-lo. A utilidade do objeto, vista por esse ângulo, pode ser determinada, então, pelo fim para o qual ela está ordenada. Vejamos, por exemplo, uma caneta: ela só é *útil* enquanto serve para escrever, não é verdade?

“Considerando isso, o que seria alguma coisa dita *inútil*?”

— Algo que já não pode mais ser usado para o seu fim — respondeu Heitor prontamente. — Como uma faca cega ou um copo quebrado.

— Ou alguma coisa que não tenha um fim, uma utilidade — opinou Magda. — Por exemplo, as conversas intermináveis da Kia e da Ulie sobre horóscopo... completamente inúteis!

— Exatamente — disse o diretor, enquanto Kiara olhava para a amiga com uma careta que dizia “até parece que você não gosta”. — É por isso que a Filosofia é considerada inútil, como discutiremos hoje.

— Inútil? Se a Filosofia é realmente inútil, o que estamos fazendo aqui, afinal? — protestou Zero, levantando-se.

O diretor passou uma das mãos pelo rosto. Quando Zero punha na cabeça alguma ideia, era difícil convencê-lo de que não era exatamente como ele estava pensando.

— Evie! — chamou Roxie, tentando não ser ouvida por seu pai; que agora explicava tudo bem devagar.

Evangeline, sentada um pouco além, fez cara de quem está escutando. Em resposta, Roxie fez um gesto com a mão para ela chegasse mais perto.

— Quero fazer um convite — começou Roxie, depois que Evangeline se esgueirou pelo tapete até estar ao seu lado. — Você nunca foi lá em casa, que tal passar um final de semana comigo?

— Não posso ir, tenho um compromisso marcado — respondeu Evangeline enquanto José Roberto pedia para o diretor explicar outra vez.

— Não precisa ser *neste* final de semana, pode ser semana que vem, que tal?

— Tudo bem, então.

— Ótimo. Está combinado.

Devagar, Evie voltou ao seu lugar. Na pedra, o diretor tentava dar um exemplo mais simples para Zero, que insistia em dizer que tentar ensinar aquilo para ele era mais inútil do que a própria Filosofia.

— O que ela queria? — perguntou Kiara assim que a garota sentou ao seu lado.

— Fazer um convite. Quer que eu passe um final de semana na mansão. No próximo, não neste.

— Jura? Quero saber de tudo o que acontecer, heim! — disse Kia.

— E quando você não quer saber das coisas? — implicou Magda.

— Por favor, não comecem a brigar! — pediu Hanna, com uma voz súplice.

— Hanninha, a gente não está brigando! — explicou Magda, no seu tom mais suave. — É que eu não consigo resistir quando *essa aí* começa com

suas asneiras.

As garotas fizeram uma pausa na conversa para verificar o que estava acontecendo na aula. Sem um porquê aparente, Zero cantava: “*Inútil, a gente somos inútiiiiil!*”. O diretor colocara o rosto nas mãos, desesperançado.

— O que vocês acham que a professora quer conosco? Sabem, nesse encontro que ela marcou — perguntou Kiara, enquanto Zero parava de cantar e começava a tentar convencer Último de que, já que a Filosofia era inútil, também não havia motivos para ter uma avaliação bimestral.

— Kiara, não podemos falar sobre isso aqui na escola! — alertou Louise, percebendo que Mercedes, cujo ouvido estava mais próximo, poderia escutar tudo o que elas diziam.

— Perdão, *mamãe!* Apenas fiquei curiosa, não me culpe!

— Acho que da próxima vez em que formos convidadas a ir à casa de um professor, é melhor só contar pra Kiara quando estivermos indo para lá! — propôs Magda.

Lá na frente, Último conseguira finalmente explicar para Zé Roberto o suficiente para prosseguir com a matéria. Agora percebia que as alunas mais distantes haviam dispersado do assunto.

— Meninas, prestem atenção, por favor!

— Se a Filosofia é mesmo *inútil*, elas não precisam prestar atenção! — insistiu Zé, levantando outra vez.

— Não vamos começar outra vez, José Roberto! Tenha piedade de mim! — implorou Último.

Capítulo X:

Casinha de Bonecas

Trilha Sonora: [Hurricane](#), [Bridgit Mendler](#)

Assim que acordaram no Sábado, as garotas se apressaram na hora de se arrumar e partiram para a casa da professora Natalie, escoltadas por Clímaco Batista. Como cada garota tinha uma ideia diferente de onde se localizava a rua, acabaram se perdendo no labirinto confuso do entorno do A. W. Sigma, tanto que chegaram atrasadas à Rua Prefeito Cândido dos Alqueires.

Ela tinha uma aparência arrebatadora, possuía três arcos de ferro enormes — um no início, um no meio e um no fim —, todos recobertos por uma espécie de trepadeira, que também subia pelos troncos dos tamarindeiros. Os galhos de cada árvore encaixavam-se perfeitamente com os da que estava defronte, causando um belo efeito de luz, sombreando com galhardia o asfalto negro e liso logo abaixo. Entre os troncos, perfilavam-se arbustos podados no formato de grandes paralelepípedos; entremeados por lixeiras de ferro, com um ou outro saco de lixo cada uma.

Perto do segundo arco, um gari contente varria as folhas úmidas da sarjeta, cumprimentando uma senhora miúda que saía de casa com seu pequeno *poodle*. Mais à frente, um senhor que usava bermuda cáqui molhava seu jardim com uma mangueira, com seus netinhos brincando ao seu redor, rindo uns para os outros. Pássaros voavam entre os galhos das árvores, entoando um cântico suave, somando sua voz ao farfalhar das

folhas em volta. Tudo contribuía para o ar de encanto que emanava daquela rua, uma graça que, para Evangeline, era quase palpável.

— Nossa! — exclamou Hanna. — Quando eu crescer, quero morar aqui!

— Duvido que você consiga — desdenhou Kiara.

— Por quê?

— Ora, todo mundo que mora aqui deve amar essa rua, certo?

— Certo.

— E se eles gostam de morar aqui nunca vão vender a casa, não é?

— Hum — murmurou Hanna, já sentindo que Kiara destruiria seu sonho em instantes.

— Então a menos que você receba uma dessas casas de herança, não vai conseguir um lugar vago aqui.

— Kiara, não faça isso com a pobrezinha! — disse Batista, que as seguia calmamente —, deixe que ela sonhe um pouco, isso não custa nada!

— É, você sabe como a Hanninha é sensível! — reforçou Louise.

— Tá, tá, chega de conversa — cortou Evie, abanando as mãos. — Qual é mesmo o número da casa da professora?

— Seis! — informou Lou, conferindo os dados que anotara na mão esquerda.

— Não precisava anotar, era só lembrar que é o mesmo número da nossa sala! — disse Magda.

— E você, lembrou?

— Não.

— Então foi por isso que eu anotei! — Louise mostrou a mão espalmada para a garota, com um sorriso triunfante.

— Certo, sabichona, vamos lá...

As amigas e o zelador desceram a rua até chegar a um portão verde alto, encimado por um grande número seis dourado.

Era uma residência magnífica, possuía um jardim de grama bem cuidada e uma bela fonte no centro. Um largo caminho de pedrinhas chatas recortava o centro do jardim, circulando a fonte e terminando na frente da casa. Pelos muros também subiam trepadeiras, como na rua. Nos cantos do gramado floresciam roseiras bem cuidadas, onde borboletas subiam e desciam, procurando por pólen.

A casa de dois andares era charmosa, toda branca. Na sua frente havia uma área, onde estava um banco de ferro branco com almofadas azul-turquesa e uma cadeira de balanço com estofado também azul. Telhas vermelhas com aspecto de serem recém-compradas proporcionavam à casa o feitiço de uma casinha de bonecas que crescera demais.

— Uau! Será que a *profê* me deixa a casa de herança? — Hanna comprimia o rosto entre duas barras do portão, tentando enxergar tudo.

— Só se passar por cima do meu cadáver! — disse Evie distraída.

— É melhor parar de *secar* a casa da professora e tocar logo o interfone — sugeriu Kia, saindo do transe.

Louise tomou a dianteira e apertou o botão do aparelho. Em poucos segundos, a voz da professora Natalie surgiu, soando robótica através do interfone:

— Quem deseja?

— Somos nós, professora, as meninas da turma três, do sexto ano! — berrou Louise, tão alto que o interfone tornava-se praticamente inútil.

— Ei! Não grite, sua jeca! — sussurrou Magda, reforçando o alerta com um tapinha no braço da outra.

— Olá, meninas! — saudou a mestra, rindo. — Estava esperando por vocês! Esperem um instante.

Logo a professora surgiu na porta da sua casa. Ela usava um vestido branco florido, bem leve, e estava com os cabelos soltos, de forma que sua aparência era mais despojada, bem diferente de como costumava se arrumar na escola: sempre de coque e uniforme docente.

— Olá, meninas! Seu Batista! — disse ela ao chegar.

— Olá, senhorita Natalie! — cumprimentou o zelador, ao mesmo tempo em que as estudantes retribuíam a saudação da professora com “ois” animados. — Bom, como elas já estão entregues, voltarei ao Instituto. Tenham todas um ótimo dia!

— Tchau, Seu Batista! — responderam elas, enquanto ele começava a descer a rua.

— Comecei a achar que vocês não viriam. — A professora abriu o portão para suas alunas.

— Demoramos pra descobrir onde ficava a rua — explicou Louise ao entrar. — Mas valeu a pena, que lugar mais lindo!

— Lindo mesmo... — concordou Natalie, fechando o portão após a passagem delas. — Vamos?

Juntas, as cinco garotas e Natalie atravessaram o jardim até a entrada da casa. Chegando lá, a professora sentou na cadeira de balanço e suas pupilas se ajeitaram no banco de ferro.

— Professora, peço desculpas por gritar na orelha da senhora, fico até ruborizada...

— Louise, não precisa me chamar de senhora, estamos fora do Instituto.

— Para mim, professora é sempre professora, seja dentro ou fora da escola! — declarou Louise, como se proclamasse uma lei oficial.

— O que é *ruborizada*? — perguntou Hanna, confusa.

— Sempre que alguém me pergunta o significado de alguma palavra — explicou Natalie, puxando um pesado livro que estava ao lado da cadeira —, eu costumo sugerir que a pessoa o procure imediatamente no dicionário.

Hanna não gostou da ideia, mas Kiara estendeu a mão para o *pai-dos-burros*.

— Posso procurar no lugar da Hanna?

— Claro!

Kiara pegou o dicionário, folheou rapidamente e buscou a palavra, esquadrinhando algumas linhas com o dedo indicador, até se deparar com o verbete correto:

— Ruborizar: corar; avermelhar-se; envergonhar-se — ela leu, fechando o dicionário em seguida.

— Alguém poderia me dar um exemplo diferente? — pediu Naty. — Talvez Louise, que já nos disse uma frase?

— Claro... — respondeu Lou. — “Depois que ele se foi, senti que permaneci ruborizada durante uma hora”.

— Muito bem. Agora você, Hanna! — incentivou Natalie.

— Eu o quê?

— Monte uma frase para nós, para comprovar que você realmente aprendeu!

— Bom... Pode ser “Não gosto de ruborizar”? — disse ela, olhando para o chão.

— Não é uma boa frase — opinou Maggie.

— Mas é a mais pura verdade! — assegurou Hanna, cruzando os braços.

— Eu tenho uma frase melhor, professora: “Toda vez que ela vê o professor de Educação Física, logo ruboriza”! — sugeriu Kiara com o jeito maligno de quem espera uma reação.

As meninas riram baixinho enquanto a professora se levantava. Nada disse e nem desmentiu a frase, mas Evie pensou ter visto, por uma fração de segundo, um sorriso involuntário surgir nos lábios dela. Mas talvez fosse apenas a sua imaginação.

— Olha, *prof*, não quero parecer indelicada, mas acho que não viemos aqui para ficar analisando dicionários e montando frases...

— Tudo bem Magda, eu entendo. Vamos entrar, então? — convidou a professora, um pouco aliviada por estarem encerrando o assunto.

Já no interior da casa, as cinco amigas congelaram, extasiadas.

— É impressão minha ou vocês também acham que entraram no paraíso das garotas? — perguntou Evie.

Tudo naquela sala-de-estar era intensamente feminino. Havia centros-de-mesa de crochê em cada mesinha ou estante e um vaso de violetas ornava a mesa de centro. As paredes eram pintadas num tom rosa bebê; a cortina bege clara era fina e deixava a luz do sol entrar suavemente; o sofá de quatro lugares era forrado com uma capa em estampa *liberty*, com babados na borda inferior; um tapete branco felpudo se estendia por grande parte da sala, entre o sofá e o chão de madeira escura polida.

A professora já sentara delicadamente no sofá. Ainda olhando boquiabertas, Lou, Magda e Hanna acomodaram-se ao seu lado; Kiara e Evangeline sentaram no tapete, Evie encostou-se de lado nas pernas de Louise e Kiara sentou de pernas cruzadas ao lado da mesa de centro.

— Querem umas cadeiras...? — ofereceu a professora, fazendo menção de se levantar.

— Carece não! — respondeu Kiara. — A gente não tem frescura, não é *Ev*?

— Sabe, Kia, eu gostaria que meu nome não fosse tão abreviado. Primeiro me chamam de *Evie*, depois *Eve* agora você vem com essa de *Ev*... Vai ser um pulo até me chamarem de *E* ou de *psiu*! — disse, sendo seguida por uma enxurrada de risos das outras.

— Meninas, precisamos ir direto ao assunto de hoje. — A professora interrompeu os risos, com uma expressão mais séria.

— Ah, é verdade! — animou-se Kiara. — Afinal de contas, qual é o assunto tão misterioso que não pode ser dito no colégio?

— Não posso adiantar muita coisa antes que o professor Miguel chegue, mas...

— *Peraí!* — cortou Kiara, empertigando-se. — O professor Miguel vem *aqui*?

— Vem sim. Ele acabou de ligar avisando que já está a caminho.

— E a senhora só diz isso agora? — exasperou-se a japonesinha, pondo-se de pé. — E eu que nem me arrumei...

— E o que há de errado no jeito como você está vestida? — perguntou Natalie, educadamente.

— É que... é que... — Era perceptível a forma como Kiara corava mais a cada segundo. — É que pensei que estaríamos entre mulheres, ué!

— *Mulheres?* — riu Magda. — Só tem uma *mulher* aqui: a professora!

— Olha, professora, acho que vamos querer aquelas cadeiras! — interrompeu Evangeline.

Natalie saiu para outro cômodo, para buscá-las, e Evie se aproximou de Kiara, aproveitando que elas ficaram à sós para finalmente fazer a pergunta que já queria fazer há um bom tempo:

— Você gosta do professor Miguel, não é?

Por um instante, Kiara pareceu inchar-se de coragem, pronta para explodir numa resposta mal-educada; porém, logo após, murchou e desabou no braço do sofá, vencida. Ela tapou o rosto com as mãos, mas não chorou. Apenas exclamou para si mesma:

— Eu sou uma idiota, sou mesmo uma burra!

— Calma, amiga! Prometemos que vamos ajudar na sua *reabilitação*!
— disse Lou, acariciando o topo dos cabelos lisos da garota. — Mas se controla que a professora já está voltando!

Kiara respirou com força e se endireitou, ainda abatida. Quando a professora se afastou para atender o interfone, que acabara de tocar, Hanna perguntou baixinho para Louise: “*O que é reabilitação? Explica para mim senão a professora vai me fazer procurar no dicionário...*”.

Evangeline ouviu com clareza a voz do professor Miguel através do interfone, quando a professora o atendeu. Ela olhou para Kiara, que escutava a voz, quase entorpecida.

— Fiquem à vontade, vou receber o professor e já volto! — disse Naty enquanto saía pela porta.

Kiara tencionou na mesma hora espiar pela janela, e todas as outras estenderam o braço para detê-la.

— Nada disso! Você vai esperar aqui, como todas nós! — decretou Louise.

Os professores não demoraram a surgir pela porta, conversando. Miguel usava jeans, camiseta e chinelos, mais informal impossível. Cumprimentou a todas com um *bom dia* geral e se posicionou em frente a elas, parecia estar apenas iniciando mais uma aula teórica.

— Meninas, numa conversa com o padre Emanuel, ele mencionou brevemente o interesse de vocês pelo caso da biblioteca, e fiquei sabendo que vocês andam conversando bastante sobre isso no Instituto — começou o professor, num tom contido. — Até que ponto vocês sabem?

— Não muito — explicou Louise, antes que Kiara começasse a falar sobre suas fofocas. — Só o que foi divulgado pela imprensa e os boatos do

povo.

— Entendo... — O professor fez uma breve pausa, durante a qual mediu as palavras que diria a seguir. — Pedi para Natalie trazê-las a um lugar neutro porque preciso lhes dar um alerta: não procurem informações sobre este caso. Se ficarem sabendo de algo, qualquer coisa que seja, procurem um adulto.

— E nos chamaram aqui *só* por isso? — perguntou uma Kiara decepcionada.

— Não é *só* por isso — corrigiu Natalie, seu semblante deixava claro de que aquilo não era um assunto qualquer. — Esse caso pode ser bem mais complexo, pode deixar qualquer um numa situação de risco.

— É imprescindível que vocês se distanciem — completou Miguel.

— E como o senhor pode ter tanta certeza de que podemos ficar em perigo? — desafiou Evangeline, duvidando na mesma hora que obteria a resposta exata.

— Digamos que... os atos de uma pessoa que conheço me deixaram altamente desconfiado — explicou o professor, mais uma vez com a voz lenta de quem escolhe bem as palavras. — Se minhas suspeitas forem confirmadas, isso levará o crime a um patamar perigoso demais.

— Talvez a gente possa ajudar, se o senhor contar a história completa — tentou Louise.

— Vocês só ajudarão se esquecerem. A polícia já está resolvendo tudo, não precisa da ajuda de vocês.

O professor olhava para elas, buscando sinais de apoio e entendimento, mas nenhum dos olhares à sua frente aderiu ao pedido.

— Sei que vocês logo entenderão. Por enquanto, apenas parem de se preocupar — encerrou o professor, num tom mais suave. — Posso me oferecer para levá-las de volta ao Instituto no carro da escola?

— Claro, Miguel! Tenho certeza de que elas vão amar a ideia, não é, meninas? — disse a mestra.

— E nós vamos embora *agora*? Sem nem um lanchinho? — lamentou Kiara, sem interesse real na comida, mas na possibilidade de engrenar uma conversa realmente produtiva.

— Não vamos abusar da hospitalidade da professora Natalie — argumentou Miguel, estendendo a mão para cumprimentar sua colega de trabalho. — Muito obrigado por tudo, e desculpe o incômodo.

— Que isso, estou às ordens! — respondeu a professora, retribuindo o cumprimento.

Ao sair novamente ao jardim, as garotas não puderam refrear o desapontamento que sentiam por terem ido até ali apenas para uma conversa rápida que nenhuma delas queria realmente ter ouvido.

— Convidarei todas para conhecer melhor a casa no futuro — prometeu Natalie, lendo os pensamentos das garotas. — Poderemos almoçar, assistir a uns filmes, essas coisas de *mulher*.

— Amei a ideia! — disse Evie, ao se despedir com um abraço.

— Espero que esse dia chegue logo! — desejou Magda, abraçando-a também.

— Tchau, professora. Vejo a senhora na quarta-feira! — despediu-se Louise, imitando as outras. Depois foi a vez de Hanna, que também se

despediu, com seu jeito delicado de ser.

Kiara apenas olhou para a professora com a cara emburrada e disparou pelo portão em silêncio.

— Até mais, Kiara! — disse Natalie.

— É... até! — forçou a japonesinha, com um sorriso nada convincente, e correu para empurrar suas amigas, planejando alcançar primeiro a porta do passageiro.

— Você vem atrás, Kia, do meu lado! — ordenou Louise, puxando a amiga.

— Mas eu...

— Os guardas de trânsito podem pensar que você tem seis anos, de tão pequena que é! — insistiu Louise, alteando a voz para abafar os protestos esganiçados de Kia. — E é melhor que a Magda sente na frente, senão aqui atrás vai ficar bem apertado.

— ‘Tá me chamando de gorda, é? — Magda não estava realmente enfurecida antes de embarcar, mas ainda assim Louise respondeu com uma cara que diz: “não foi isso que eu quis dizer, desculpa”.

— Ei, Evie! Você não está usando o *Sonho Alado*! — percebeu Hanna, assim que a garota sentou ao seu lado.

Evie levou as mãos ao ponto exato onde o pingente deveria estar e não encontrou nada; nem por cima, nem debaixo de sua blusa. Ainda não notara a ausência dele.

— É mesmo, nem percebi!

— O que é *Sonho Alado*? — perguntou o professor, virando levemente para o banco traseiro.

— É só um colar que eu sempre uso — resumiu a garota.

Elas voltaram ao Instituto anormalmente quietas. Cada uma refletia sobre as palavras de seus professores; nenhuma estava convencida de que realmente deixariam o enigma nas mãos dos adultos.

Capítulo XI:

Winglândia

Trilha Sonora: [We are who we are, Little Mix](#)

A geração atual da família Wing era uma das mais misteriosas. Pouco se sabia sobre seu passado, acreditava-se que ela foi formada quando Ignácio Wing III se casou com Clara Gomes, assim que completou a maioridade. No ano seguinte, nasceu dessa união o primogênito Nicolas, e oito anos depois o segundo filho, Leônidas.

Após três anos de relativa calmaria, a paz na família Wing foi perturbada por um caso grave de tuberculose que levou Clara ao óbito. Naturalmente, Ignácio passou os anos seguintes em luto pela morte prematura de sua amada. Todavia, como dizem, o tempo é capaz de curar todas as feridas; e Ignácio acabou se apaixonando perdidamente por Berenice, irmã mais nova de Clara, sete anos depois. Dessa união nasceram três filhos: Emanuel, Último e Eleanor.

Aos dezoito anos, Leônidas resolveu viajar, conhecer o mundo e conquistar sua própria fama. Durante sua aventura, aconteceu alguma tragédia que Leo esconde a sete chaves. Ele voltou deprimido ao Brasil, e arrumou o seu atual emprego de bibliotecário. Desde então, ficou recluso e rabugento, afugentando a todos que sequer mencionassem sua viagem.

Quando Emanuel resolveu seguir sua vocação de padre, houve uma briga entre ele e o resto da família. Todos acreditavam que ele seria um ótimo empreendedor, a escolha perfeita para estar no comando da fortuna

da família no futuro. Mas não, ele teve coragem suficiente para renunciar a tudo e seguir a Deus. Era provavelmente o mais audaz entre os Wings.

Há mais ou menos quinze anos atrás, Ignácio faleceu e Nicolas sucedeu-o como novo patriarca. Sua liderança não demorou muito, pois logo ele partiu, levando consigo seu filho mais velho, declarando que não poderia suportar estar naquele lugar nem por mais um mês. Quando retornou sozinho a Coronel Boaventura, anos após, foi para morar num barraco construído nos limites da cidade, passando a se sustentar de coleta de material reciclado, uma escolha que era considerada estúpida pelos boaventurenses em geral.

Último era o penúltimo irmão Wing. Ironicamente, ele foi o último homem e também o único que sobrara para administrar o legado. Sempre fora a ovelha negra da família, ninguém acreditava que sequer pudesse se tornar um homem decente no futuro. Para os moradores da cidade, era um típico “caso perdido”. Quando já não restava outro Wing na mansão, pensaram que esse seria o fim da família e de sua trajetória de glórias. Surpreendendo a todos, Último foi tomando as rédeas do Instituto aos poucos, e só alguns anos depois o homem conseguiu colocar tudo nos eixos.

Eleanor ainda morou com seu irmão até pouco depois de se casar com Apolínus Ayler, irmão de Gustavo Ayler, o já falecido pai de Evangeline e de sua irmã Genevieve. Último não gostou nem um pouco dessa união, tinha aversão profunda a Apolínus. Por esse motivo, ela partiu um ano depois para outro estado, apenas Último ficou na mansão, como guardião dos segredos e das posses daquela estirpe.

Kiara fez questão de expor esse *dossiê* completo à Evangeline pouco antes do final de semana na mansão, deixando claro que ela teria a

obrigação de relatar minuciosamente tudo o que descobrisse por lá, assim que regressasse ao campus.

Exatamente às nove horas, Evie desceu ao saguão e encontrou Roxie sorrindo para ela, encostada no batente da entrada. Último estava um pouco além, discutia com duas garotas do nono ano que tentavam sair vestidas com uma mistura bizarra do uniforme da escola com peças de um clássico estilo *periguete*.

— Olha, não é da minha conta as burradas que vocês fazem da porta da escola para fora, mas ainda assim não posso deixá-las saírem daqui vestidas dessa forma! — explicou ele, pausadamente.

— Vamos a uma festa à fantasia — argumentou a garota da direita.

— Não interessa! Esse uniforme é uma marca, o nome e a reputação do A. W. Sigma está estampado nesse logotipo, todos os alunos devem respeitá-lo!

— *Aff...*

— Pois tratem de engolir esse *aff* e vão trocar *isso* por uma fantasia decente. Ou pelo menos uma que não seja uma afronta ao nome do Instituto... SÉFORA!

— Sim, chefinho! — exclamou a inspetora-chefe dos dormitórios, endireitando-se na cadeira. Há um segundo atrás ela se inclinara na cadeira com os pés sobre o balcão, rindo da bronca e comendo um pacotinho de amendoim. Neste dia ela escolhera usar um alongamento capilar removível com mechas roxas que descia até a sua cintura.

— Acompanhe essas duas até o quarto e certifique-se de que sairão de lá adequadamente vestidas.

— Sim, senhor! — Séfora bateu continência enquanto as duas veteranas seguiam em direção à escada, bufando. Ao passar por Evie, a inspetora piscou um olho, antes de desejar: — Boa sorte na *Winglândia*!

Evie lhe retribuiu com um sorriso.

Roxane fez questão de cumprimentar sua prima com um abraço enquanto Último caminhava um pouco além, admirando a paisagem banhada pela luminosidade fraca do sol escondido atrás das nuvens.

— Bom dia, moça! — saudou Último quando as duas se juntaram a ele. — Peço perdão pelo contratempo, não podia deixar que elas saíssem daqui vestindo... *aquilo*! Não com o histórico impecável do Instituto!

— Entendo — respondeu Evie, enquanto eles começavam a caminhar rumo à mansão.

— Isso me faz recordar a história do A. W. Sigma. Sabe, Evangeline, há um século atrás, todo esse terreno não passava de puro mato...

— E lá vai ele! — suspirou Roxane, que durante as palavras seguintes do pai movimentou os lábios como se fosse um boneco de ventríloquo.

— Após uma pequena dissensão familiar, nosso ancestral Godofredo Wing — que na minha opinião tem um nome tão feio que me faz dar graças aos Céus pelo fato de que eu me chamo Último — chegou a esta mesma floresta, que era bem maior do que é hoje, pouco distante de uma aldeia simplória. Ele construiu para os Wings um lar distante do olhar de todos, um pequeno paraíso, um Éden particular... Por Deus, Roxie, pare de me imitar! Isso acaba com toda a pompa do discurso!

Roxane ainda sorriu para a prima antes de encerrar seu ventrilouquismo.

— Com o tempo, a floresta foi invadida pela civilização, mas a mansão Wing continuou oculta pela mata, como se fosse um muro natural. Toda essa parte — ele se virou e fez um gesto que abrangia o campus e a escola — ainda pertencia à natureza até o dia em que meu tataravô ergueu o A. W. Sigma. Eu quis fazer umas mudanças na estrutura da escola quando comecei na direção, mas não deu certo. Pensei até em comprar um *kart* e construir uma pista aqui no jardim, mas fui vetado.

— Vetado?

— É, pela *patroa* — explicou Rox.

— Não caçoe de mim, mocinha! — Último não estava exatamente repreendendo a filha, divertia-se tanto quanto ela.

— Tio, o senhor é um pouco esquisito — comentou Evie ao chegarem à entrada da *Winglândia*.

— Talvez não seja — defendeu-se o homem —, não se esqueça de que a palavra inglesa “*exquisite*” significa “*excelente*” em português!

— Decididamente esquisito! — sussurrou a garota para Roxie, que ria, concordando.

O interior opulento da residência era a junção perfeita entre o clássico e o contemporâneo. As cores da mobília e da decoração variavam numa gama entre os tons de terra, marrom, dourado e branco. Do teto da sala de estar, pendia um bellissimo lustre de cristal, ricamente ornamentado, que deveria ser a peça mais rara dali. No centro da sala, estava estacionada uma mulher de cabelos presos num coque alto, com cara de poucos amigos.

— Essa é a nossa governanta, Norma Romanetto, o raio-de-sol de nossas vidas! — apresentou Último, indicando a mulher. — Norma, quero que este dia seja especial para nossa pequena convidada!

— E eu quero um aumento de salário e férias maiores, mas, infelizmente, não se pode ter tudo! — respondeu a mulher antes de sair da sala-de-estar, arrastando os pés.

— Uma criatura adorável — comentou Último sarcasticamente. — Então, Roxie, pode continuar o *tour* pela propriedade?

— Sim. Vamos, Evie?

Roxane a conduziu até o segundo andar e entrou à esquerda no corredor do primeiro patamar. Juntas, as duas seguiram até a última porta branca da direita.

O quarto de Roxane era amplo, com as paredes pintadas num tom lavanda. Numa delas fora afixada uma prateleira alta repleta de bonecas de pano. Evie recordava-se vagamente de ter ouvido a prima contar que as colecionava desde os cinco anos.

— Quem dorme aqui com você? — perguntou Evie, ao notar o segundo leito do aposento.

— Ninguém. A outra cama já estava aqui desde antes de ser o meu quarto. Pelo que sei, quem dormia aqui era a tia Eleanor, ela compartilhava o quarto com a sua mãe.

— Com a *minha* mãe?

— É. Acho que com a Genevieve também, ela já tinha nascido. Você não sabia?

— Não. Minha mãe não me conta nada do passado — respondeu Evangeline, analisando a cama que Roxie arrumara para ela. — Mas por que ela dormia aqui?

— Não sei. Só me contaram que ela morou aqui com a tia Elle por um tempo.

— E por que você não tira a segunda cama?

— Ah... é um pouco embaraçoso.

— Conta! — pediu Evie, sentando na cama, que rangeu um pouco sob seu peso.

— Eu sempre quis ter uma irmã, sabe — respondeu Roxie, sentando em frente à Evie, em sua própria cama.

— Ter uma irmã não é grande coisa.

— Ah, tá! Você pode até não se dar bem com a Genny, mas não pode negar que a Hanna sempre foi praticamente uma outra irmã sua.

— É mesmo.

Roxane contornou com o dedo um desenho do lençol, pensando na melhor forma de contar o que tanto lhe constrangia. Evie tentou não forçá-la.

— Então... não sei se foi por causa dessa vontade, mas sempre senti como se eu tivesse uma irmã perdida pelo mundo que um dia dormiria aí; por isso não deixei que meu pai tirasse a cama.

Evangeline preferiu apenas encarar Roxie pelo minuto seguinte, processando a ideia.

— Olha, isso não é tããão embaraçoso. Digamos que você só é tão esquisita quanto o seu pai.

Roxie respondeu com um barulho singular, algo entre uma risada e um engasgo.

— Você é terrível, Evie. Alguém já lhe disse isso?

— Dizem o tempo todo!

As primas ficaram horas conversando. Roxie mostrou todos os detalhes da casa, exibiu as coisas que usava para se livrar do tédio (seu *notebook*, o *videogame* que compartilhava com o pai, seus livros preferidos). Elas almoçaram no quarto e depois saíram para brincar com Arbo na beira da piscina, até Ayla aparecer na porta que levava à cozinha.

— Venham, garotas! O jantar está quase pronto!

Arbo, que voltara abocanhando sua bola favorita, pôs-se a pular em círculos, reivindicando a presença das duas.

— Já chega, Arbo! Hora de voltar para a sua casinha — ordenou Rox, segurando sua coleira e guiando-o até o cercado.

— Ele fica aí dentro? — perguntou Evie. A cerca que rodeava sua casinha não era muito alta, o cão certamente poderia escapar com um salto bem caprichado.

— Ele é obediente, mas curioso. Se algo chamar atenção dele, ele sai — explicou a menina. — Por que você acha que ele vive entrando na escola? Papai acha um desperdício ter tanto espaço e não deixar ele solto, então não aumenta a cerca. O importante é ele não fugir dos muros da escola, não é?

— O Arbo ou seu pai? — debochou Evie, rindo.

— O Arbo, é claro. Nem uma camisa de força seguraria meu pai, acredito.

Chegando à cozinha, encontraram Norma virando alguma coisa na frigideira enquanto uma cozinheira confeitava um delicioso bolo de

chocolate. O óleo da panela respingava com força e Norma resmungava, como se o óleo fervendo pudesse escutar e obedecer. Mais além, na sala de jantar, Ayla arrumava a mesa comprida, distribuindo os pratos e alguns talheres.

— Posso ajudar de alguma forma, tia?

— Hum... — murmurou Ayla, entregando alguns talheres para Roxane.
— Pode sim, chame seu tio que está lá em cima, na biblioteca. Ele está tão concentrado que nem notou quando eu chamei.

— A biblioteca fica no fim do corredor, perto do meu quarto — informou Roxie, começando a ajudar a mãe na arrumação da mesa.

Quando entrou na biblioteca, Evie encontrou Último de cabeça baixa, escrevendo em um livro enorme. Ele usava camiseta e calça de moletom, seu cabelo caía livremente pela testa e pelos lados do rosto.

— O jantar já está pronto... — sussurrou Evie, tentando não sobressaltar o homem. Achava graça no atual jeito despojado do tio, tão diferente da máscara de diretor pomposo que ele costumava usar.

— Tudo bem, Roxie, já estou descend... — E levantou a cabeça. — Ah, perdão Evangeline, pensei que fosse minha filha. É que vocês são tão... parecidas.

— Pode me chamar de Evie, tio.

Último parara de escrever e agora olhava diretamente para a garota. Ele franzia a testa e se concentrava com força, como quem tenta decifrar uma charada. Evangeline achou que sua reação era exagerada. Ela não se parecia *tanto* com Roxane, apenas tinham a mesma cor de cabelo, o mesmo tom de

pele e alguns traços comuns; mas, de resto, Roxie era praticamente a cópia de sua mãe, e Evie... bom, ela nem ao menos era parente consanguínea.

A garota se aproximou devagar, tentando espiar o livro. Queria falar sobre qualquer coisa que desviasse a atenção dele de sua aparência.

— O que o senhor está fazendo? É algo da escola?

Antes de responder, Último ainda permaneceu meio minuto olhando para a garota. Evie começava a se sentir perturbada, mas, logo em seguida, o diretor abanou a cabeça como se espantasse o pensamento — que nem se afasta uma mosca bosteira impertinente — e passou as mãos pelo cabelo.

— Esse livro é como um diário dos Wings, uma tradição — explicou, folheando o livro. — Creio que ele serve para manter viva a descendência nobre da família. Uma baboseira. Gosto de escrever aqui às vezes para me lembrar do meu pai, dos meus irmãos e dos fatos terríveis do passado.

— Fatos terríveis? — perguntou Evangeline, lembrando-se dos conselhos de sua mãe. Será que era sobre esses fatos que ela alertara?

— Coisas do tipo que não vale a pena saber. Gosto de pensar neles para não cair nos mesmos erros — respondeu o homem bruscamente, fechando o livro e se erguendo.

Era apenas impressão da mente de Evie, ou ele estava realmente consternado?

— Perdão, tio, eu não queria...

— Tudo bem, tudo bem! — tranquilizou Último. — Acho melhor descermos. Pelo que soube, hoje a Norma preparou um verdadeiro banquete para nós!

Antes do jantar, Evangeline foi sozinha ao banheiro, no corredor oposto à sala de jantar. Antes de tudo, molhou o rosto, sentia seus olhos arderem devido à tarde intensa. Ao secar o rosto numa toalha felpuda, a garota ouviu um barulho mínimo. Por um instante, Evie pensou que poderia ter imaginado o som de uma respiração fraca, vindo de além da porta que ela deixara entreaberta. Quando constatou que o ruído não cessara, seu coração pulsou num solavanco: se todos estavam na sala de jantar, quem estaria no quarto em frente?

Vagarosamente, ela destapou um dos olhos para espiar pelo espelho. Ao ver o reflexo, seu coração desatou numa batida frenética, ao mesmo tempo em que sentia como se o chão debaixo de seus pés tivesse acabado de se desintegrar. Com um olho só, ela divisou um rosto escondido nas sombras, um grande olho verde a observava por uma fresta recém-aberta na porta do outro lado do corredor. O vulto era pálido como um fantasma, tão branco que quase reluzia na escuridão, se destacando debaixo de uma nuvem de cabelos desgrenhados. Evangeline o espreitou por dois segundos e tentou enxergar além, mas não podia ver mais do que isso sem se virar para trás.

Quando virou, a porta em frente voltou a se trancar com um estalido mínimo; antes que ela pudesse encará-lo sem o intermédio do espelho. Ficou, então, parada ali, confusa, ainda contemplando a porta branca fechada, esperando o pânico diminuir. Quando suas marteladas cardíacas retomaram um ritmo mais saudável e o chão voltou à solidez habitual, Evie seguiu em direção à porta, pé ante pé, até seu nariz estar a dois centímetros da madeira pintada de branco. Encostou a orelha delicadamente, tentando escutar; contudo, não havia som algum do outro lado. Girou de leve a maçaneta dourada, empurrou com o joelho, mas não obteve sucesso.

Voltou então para a copa o mais rápido que pôde, assustada como nunca, ninguém além de Roxie notou a mudança nas feições da garota.

— O que houve? Parece que você viu um fantasma! — perguntou ela preocupada, quando Evie sentou à mesa. Último e Ayla conversavam alguma coisa com Norma, estavam entretidos demais para prestar atenção nas duas.

— Não. Quero dizer... n-não sei — gaguejou Evie em resposta. — Tinha um rosto me espiando pela porta em frente ao banheiro. Quem era? Você sabe?

Por um instante, Evie pensou ter visto um brilho de compreensão atravessar o olhar da garota, mas a resposta da prima não foi nem um pouco animadora:

— Do que você está falando? Aquela porta está trancada... sempre esteve.

— Alô?

— Alô! É a Hanna?

— Não, é Conceição, sua avó.

— Minha avó? Não, minha avó se chama Kimiko... Ah! Desculpe, a senhora é a vó da Hanninha, não é?

— Sim — a voz de Dona Conceição, vinda do telefone, era impaciente.
— Sou a avó da Hanna.

— E ela está?

— Está. Vou chamá-la.

Kiara estava deitada em sua cama, acabara de passar a última meia hora tentando persuadir Magda a emprestar-lhe o celular, a fim de descobrir se Hanna estava a par de algo sobre o dia de Evangeline na mansão. Magda insistira que aquilo era desnecessário, mas concordou em deixá-la usar o aparelho assim que ela prometeu que após a ligação passaria a noite inteira calada. De qualquer forma, não conseguiria aguentar nem mais dois minutos sequer da voz aguda da garota, que repetia: “É só um pouquinho, Maggie! Prometo que não vou abusar, posso usar apenas o bônus para fixo, nem vai parecer que eu usei o seu celular! E depois você não ouvirá nem mais um pio da minha voz”.

Ela não pretendia cumprir o que combinara, é claro.

— Alô? — A voz de Hanna estava insegura no outro lado da linha.

— Oi amiiiiiiiga! Escuta, liguei para saber se você ficou sabendo de alguma coisa da Eve...

— Não. Estou em casa, e ela foi para a mansão. Vocês é que estão mais perto dela.

— É que eu pensei que ela ligaria para você, já que é sua “*BFF*”...

— Não, a Evie não é de usar o telefone, principalmente para falar comigo.

Fez-se um silêncio constrangedor. Kiara esperava de um lado que Hanna dissesse alguma coisa, mas a garota não tinha nada a acrescentar.

— E então... essa que atendeu o telefone era sua avô? — começou Kia, com sua sede de informações ainda insaciada.

— É.

— Mora só com ela?

— Sim.

— E os seus pais?

Hanna se calou novamente. E ficou em silêncio por tanto tempo que Kiara chegou a pensar que a ligação fora interrompida.

— Alô? Hanninha?

— Oi?

— E os seus pais?

— Não... não gosto de falar sobre isso. Olha, preciso desligar...

— Não, ‘peraí, não desliga não! — chamou Kia, antes que a outra colocasse o fone no gancho.

— Hum?

— Falei algo que não devia? Perdão, eu não sabia...

— Não, está tudo bem. Te vejo segunda?

— OK, até segunda. Beijos, minha flor!

— Beijos, tchau.

Sobre esse capítulo:

[Sobre o sobrenome Wing \(e o meu pseudônimo de autora\).](#)

Capítulo XII:

Sapiência

Trilha Sonora: [Waiting for a Friend](#), [The Pretty Reckless](#)

No domingo, já no campus, Evangeline entrou sorrateiramente no quarto trinta e um. Saíra da mansão às quatro da madrugada, sem avisar a ninguém que estava partindo. Aquela atitude, sem dúvida, pareceria suspeita para Roxie. Isso não fazia diferença, pois Evie começara a se sentir nauseada naquela mansão, a angústia não a permitira descansar de verdade nem por um segundo. Quando virara de bruços na cama e conseguira cochilar por uns minutos, a visão tenebrosa de um olho flutuando na escuridão a fez acordar sem fôlego, e logo ela se surpreendeu arrumando suas coisas para fugir dali na encolha.

Felizmente, encontrou a porta da cozinha ainda aberta, e não esbarrou com ninguém no jardim. Um golpe de sorte, na verdade. O caminho estava silencioso e sombrio, qualquer farfalhar de árvore — ou outro movimento qualquer — fazia com que Evie andasse mais depressa e desviasse o olhar. Ela não queria ver mais nada que fosse capaz de assombrar ainda mais sua mente, evitaria isso a qualquer custo.

Também não queria conversar com Hanna. A garota era incrivelmente impressionável, certamente ficaria aterrorizada, mesmo não tendo presenciado a cena. Não, aquilo era algo que Evie queria enfrentar sozinha, embora ainda não soubesse o porquê exato desta decisão.

Ao abrir a mochila para devolver ao armário as roupas que levara, Evie notou um objeto desconhecido entre seus pertences: um papel fino, amarelado pelo tempo, dobrado em quatro, não muito grande. Na mesma hora, mil pensamentos passaram por sua mente, apenas um deles lhe pareceu razoável: poderia ter sido um descuido de Roxane, que colocara o papel ali por engano. Pensou em jogá-lo fora, mas a curiosidade foi maior e ela o abriu.

No papel estavam estampadas algumas palavras numa caligrafia miúda e desconhecida, difícil de ler. Seu coração voltou a disparar, junto com o mesmo aperto no estômago que ela sentira na mansão.

“Cara Evangeline,

Esse é o seu nome, não é? Ouvi Roxane dizer esse nome e concluí que era o seu...

Peço perdão se cheguei a lhe assustar, não foi minha intenção. Temi a reação que você teria caso me visse no corredor, pois não sei até que ponto minha família comunicou as mentiras que geralmente dizem a meu respeito... Digamos apenas que não seria a primeira vez que alguém faria falso julgamento de minha pessoa, nem a última.

Estou preso há tanto tempo que quase perco as esperanças de liberdade. Ontem eles se descuidaram quando fingi que estava dopado, acabei ficando com a chave do meu cárcere e a escondi. Abri a porta algumas vezes durante a noite e fiquei espiando enquanto você lavava o rosto; você parece ser uma boa garota.

A verdade é que minha família mente sobre mim e me esconde de tanta vergonha. Não consigo mais suportar nem um segundo, então arriscarei mais uma tentativa desesperada. Tenho que sonhar com o dia em que estarei livre e sei que você pode me ajudar, se quiser. Se estiver interessada, venha até mim, e eu lhe contarei meus planos.

Na esperança que você entenda,

Christofer Wing.”

Durante a leitura, os sentimentos da garota foram variando cada vez mais, como numa montanha russa. No fim, desejou ter jogado a carta no lixo, como pensara em fazer a princípio.

Sentindo seu cérebro lutar contra sua vontade de entender o que estava escrito, Evie preferiu jogar o papel no topo da gaveta do criado-mudo, e desmoronou nas cobertas negras da sua cama, ainda usando as roupas que vestira apressadamente ao escapar da Winglândia.

Evangeline observava a cortina ondular levemente com a brisa matutina, deixando a luz do sol invadir o aposento. Ela ainda estava meio adormecida, mas tinha plena consciência do que acontecia à sua volta. A noite tenebrosa finalmente acabara, deixando de recordação apenas aquele papel amarelado que estava escondido entre seus troços.

Evie ficou admirando a forma como o sol batia na grade oxidada, reluzindo nas partes ainda intactas do metal. Para ela, era um verdadeiro calmante observar o movimento da poeira, que flutuava preguiçosamente, subindo pelas nergas de luz dourada. A menina entrevia pelas grades da

saída de incêndio pedaços do céu azul límpido, algumas gaivotas a voar ao longe, a vegetação verdejante da floresta logo abaixo, um grande gato tigrado e peludo que a olhava do portão...

“Como assim um gato?”, pensou a garota, repentinamente acordada e disposta. Teve de piscar e esfregar os olhos para ter certeza de que ele não era uma ilusão.

O animal era pouco maior do que um gato comum, tinha pelos densos ao longo do corpo, pequenos tufos saíam de ambas as orelhas. Seus grandes olhos extraordinariamente verdes encaravam-na, curiosos. Ele entrara por completo no quarto, apenas seu rabo felpudo balançava no lado de fora, não parecia propenso a se retirar por conta própria.

Girando por cima dos lençóis, Evie abriu e tateou a gaveta de seu criado-mudo até encontrar o molho de chaves. Aquela era a ocasião perfeita para finalmente usar sua chave ilegal.

Antes de chegar ao portão, a garota recolheu o bichano cuidadosamente, e ele deixou ser conduzido sem esboçar reação. Já com o gato no colo, ela descobriu uma coleira prateada no seu pescoço.

— Você tem dono, meu bem? — disse ela, erguendo-o à altura das vistas.

No pingente da coleira, estava gravado apenas seu nome: Levi. Não havia nenhuma informação sobre seu dono.

— Pois é, Levi... Sinto muito, mas você tem que voltar pro seu dono, seja ele quem for! — disse a garota, abrindo a saída de incêndio.

Ao colocá-lo na escada, pensou por um instante que o gato a encararia feito uma estátua, como estava fazendo segundos antes. Em vez disso, o felino começou a descer os degraus e pulou graciosamente até a marquise

do andar de baixo. Antes de saltar para a árvore em frente, ainda olhou para Evie, miando, e depois partiu. Por um instante fugaz, Eve chegou a pensar que ele a convidara para um passeio, mas afastou a ideia na mesma hora.

Aquilo era loucura, só podia ser uma invenção de sua cabeça.

Só então voltou para a cama e tornou a se estender sobre ela. Já começava a adentrar no confortável mundo dos sonhos quando ouviu mais uma vez o miado de Levi, parecendo vir de perto.

Perto até demais.

— Só pode ser brincadeira! — gemeu ela ao se deparar com o gato a menos de cinco milímetros do seu nariz.

O danado sacudia o rabo para os lados com displicência. Quando a garota se ergueu, ele saltou para o chão e deslizou até o portão num átimo. Parando nas grades, olhou para trás.

— O que você quer, seu abusado? — perguntou Eve.

Ele se aproximou e roçou de leve em suas pernas, antes de voltar para as grades.

Levi queria que ela o seguisse, agora não havia dúvida. Ela voltou a abrir o portão, pensando se seria prudente segui-lo.

A garota ainda se ateu na escada, observando Levi tomar a dianteira na descida. Estava tão ansiosa para saber o que encontraria na floresta... A adrenalina invadia seu cérebro, ocupando lugar demais para que outro pensamento surgisse, exceto o de descarrilar a escada de ferro que vinha após os degraus maiores.

Levi aguardava aos pés da escada, seguindo Evie com o olhar. Antes de descer, a garota voltou para o quarto e calçou seus chinelos.

— Acabei de passar por umas boas e já arranjo mais confusão! — disse ela para si mesmo. — Parabéns, Evangeline!

A princípio, a floresta não parecia diferente do que era quando vista de cima. Havia nela cedros, mangueiras, pitangueiras, oliveiras e outras vegetações que Evie não conhecia. Pássaros chilreavam ao redor, pequenos animais corriam ao longe, pedras cobriam a trilha e muitos, muitos mosquitos mordiam as pernas da garota. Amaldiçoando o fato de ter saído de *short*, ela parou numa raiz protuberante para analisar as picadas, dobrando as pernas num quatro.

Foi quando avistou o dono de Levi.

Ele não a viu, estava afastando um galho verdejante da entrada de um velho casebre abandonado que Evie nunca conseguira avistar de seu quarto. Mesmo só enxergando metade do seu rosto, Evangeline apreciou o formato bem delineado de seu perfil, diferente do de qualquer garoto que ela já vira. Ele tinha pele negra e usava roupa leve, devia ser pelo menos dois anos mais velho. Ou tinha a mesma idade, não era fácil determinar com exatidão olhando-o de longe.

Levi aproximou-se do garoto, miando. A garota se endireitou na mesma hora, esquecendo-se das raízes que estavam ao seu redor.

Resultado: em menos de cinco segundos, ela conseguiu enroscar o pé, dar meia volta no ar, tentando se desvencilhar; e caiu de costas no chão.

O garoto ouviu a queda e se aproximou, inclinando-se para entrar no seu campo de visão.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Acho que sim...

— Nossa, que queda!

Evangeline sentou, constrangida. Quando começou a se erguer, percebeu que o garoto já voltara para a entrada do casebre.

— Muito obrigada por sua ajuda e cavalheirismo! — murmurou Evie, espanando a sujeira de seus braços e pernas.

— Disse alguma coisa?

— Estava me perguntando por que seu gato me trouxe até aqui — disfarçou ela enquanto se aproximava do menino.

— Levi a trouxe aqui? *Hehe...* que danado!

— Sou Evangeline.

O garoto não respondeu. Espiava pelas frestas da velha porta, bastante maltratada.

— Sou Evangeline — repetiu, um pouco mais alto.

— Eu ouvi...

— E então?

— Então o quê? É um nome bonito...

— Quero saber o *seu* nome.

— Ah, tá! Por que não disse antes? Meu nome é Plácido.

— E então, Plácido, o Levi é seu?

— *Aham.* — Plácido agora tentava puxar a porta por um lado, tomando cuidado para não quebrá-la.

— E onde vocês moram?

O garoto parou de forçar a porta e olhou para o céu, com as mãos na cintura.

— Não muito longe daqui.

E recomeçou a puxar.

— E isso seria? — Evangeline contornou-o por um lado para ter a visão completa do seu rosto.

— Em Coronel Boaventura, ué!

“Óbvio!”, pensou Evie.

— Já ouviu as lendas daqui? — perguntou ele, dando uma pausa em sua tentativa de desobstruir a entrada.

— Não, na verdade, não sei quase nada sobre a floresta.

Plácido se afastou até um grande pedregulho pouco além do lugar onde estavam, sentou nele e indicou o espaço ao lado para que a garota fizesse o mesmo.

— Muitos dizem que esse lugar é disputado por um ricaço e pela Prefeitura, o que explicaria como a maior parte é cercada por grades — principiou Plácido. — A verdade mesmo é que os moradores mais antigos contam várias versões diferentes de lendas que aconteceram aqui. Muitos acham que por causa disso é que ninguém consegue tomar posse do território.

“Dizem que a floresta é repleta de magia, que se pode encontrar nas trilhas coisas além do que a mente humana é capaz de prever — Olha só!”.

Plácido apontara para a copa das árvores, onde algo se mexera há pouco, rumorejando as folhas.

— Viu o que estou dizendo?

— Não. — Ela olhou com atenção, mas não encontrou nada além das folhas verdes que se desprendiam da árvore até cair no chão.

— Que pena! — comentou o garoto, se levantando da pedra e voltando novamente para a porta da casa abandonada.

— O que era?

— Você acreditaria em mim se eu dissesse?

— É difícil acreditar quando eu não sei o que deveria ter visto!

Desta vez, Plácido conseguiu abrir a porta, rasgando várias teias de aranha que pendiam da moldura superior. Evie o seguiu quando ele entrou no casebre.

A casa era de tijolos mas parecia fina e frágil de tão desgastada. O interior era escuro, poucas nêgas de luz adentravam pelos buracos das janelas pregadas e pelos furos das telhas. Por um grande rombo na parede entrava um galho de uma árvore do lado de fora, que se prolongava até o meio do casebre e se estendia na direção da luz do sol que entrava por um buraco do teto. A parede estava manchada e o limo recobria os cantos. Tudo estava cinzento de poeira, apenas os móveis pareciam intactos debaixo de cobertas brancas.

No fundo, havia uma porta de madeira escura, bloqueada por um armário pesado; provavelmente ela dava acesso a um quarto ou a outro cômodo qualquer. Ao lado do armário, apoiava-se um monte enorme de entulho e pedras. Mais à direita, a parede quebrada deixava expostos os destroços do que obviamente fora um pequeno banheiro.

— Eu posso não lhe conhecer, mas você está com uma cara tão amuada... — comentou o garoto.

A garota tentou afastar o galho que invadia o casebre, distraída.

— Aconteceu muita coisa comigo ontem e não consigo pensar direito. Já se sentiu assim?

— Conhece a lenda do *Espelho Sapiente*?

Evangeline tentou não dar atenção. O garoto acabara de fazer uma pergunta pessoal e nem ao menos contara alguma coisa sobre si em troca. Em vez disso, vinha com esta bendita lenda do *Espelho Sapiente*. Para que essa história poderia ser útil?

— Não, e nem quero saber — respondeu ela.

— É uma história bem curiosa — ignorou Plácido, dirigindo-se até um espelho rachado, perto de onde Evie estava. — Ela tem uma moral interessante, que pode te ajudar. Mas se você não prestar atenção, não vai funcionar...

A garota, que já flutuava em seus pensamentos, virou o rosto e arregalou os olhos para o outro, impaciente.

— Há muito tempo atrás, a cidade não passava de uma simplória aldeia de camponeses. Nessa aldeia, uma das casas mais humildes era habitada por uma moça atraente que vivia sozinha. Ela costumava ganhar o pão de cada dia lavando roupas, era um exemplo de discrição, mal conversava com seus vizinhos.

“Um dia, chegou à cidade um jovem bem apessoado que logo despertou a atenção de todas as donzelas. Contrariando o desejo de todas, ele preferia

visitar a lavadeira, fingindo precisar de seus serviços. É claro, isso instigou a inveja de todas as outras mulheres.

“Então começou-se a espalhar o boato de que a jovem não passava de uma ladra muito sutil que teria como próximo alvo o tal do ricaço. A princípio, ele entendeu a história como advinda do despeito alheio. Contudo, com o passar dos dias, aquelas mentiras se alastraram com tal intensidade que o rapaz acabou sucumbindo ao poder do povo e nunca mais visitou a lavadeira.

“Os embustes chegaram a um grau tão absurdo que acabaram levando a jovem à loucura. Em meio à sua insanidade, ela disparou pela floresta, correndo a esmo, disposta a andar até não ter mais forças para viver.

“Mas quando chegou ao ponto onde estava plantada a árvore mais antiga da floresta, ela surpreendeu-se ao encontrar este mesmo espelho pendurado em seu tronco, e parou de chofre”.

— Quem teria colocado um espelho no meio do nada?

— Não é *quem*, é *o quê*. Foram seres como ele.

Plácido apontava na direção do galho. Mais uma vez, Evangeline ouvira um farfalhar tímido, mas não havia nada ali.

— Não vai dizer que não viu outra vez!

— Mas não tem nada...

— Poxa vida, garota, assim fica difícil! Bom, continuando a história — recomeçou ele, ignorando os muxoxos inquietos da outra —, assim que a lavadeira parou de vagar e fitou o espelho com atenção, seus pensamentos se ordenaram magicamente e algo admirável aconteceu: ela se lembrou de quem verdadeiramente era. E o mais importante: a lavadeira tinha certeza

de que não era uma ladra; não havia por que se importar com a opinião dos outros.

“Ela quis encontrar o dono do objeto, queria lhe demonstrar toda a sua gratidão pelo que acontecera, mas andou até o anoitecer e não encontrou ninguém. Quando voltou ao ponto onde encontrara o espelho, a velha árvore não estava mais lá. Em seu lugar, havia-se erguido misteriosamente essa mesma habitação”.

— Ah, não brinca!

— Verdade! E a partir de então a jovem passou a viver nessa casa, e a cada vez que alguém perturbava a sua tranquilidade, tudo que ela precisava fazer era olhar para o espelho. Nele estavam todas as respostas, estampadas no seu reflexo.

— Uau...

— Eu sei, é formidável, não?

Na realidade, Evangeline quisera dizer: “*Uau, quanta besteira!*”, mas preferiu não contrariar.

— O que é isso? — perguntou o garoto, apontando para Evangeline.

A garota olhou para baixo, na direção que o rapaz apontara. Ele acabara de notar o Sonho Alado. Evie mal percebera que ainda o usava; de tanto tê-lo em seu pescoço, era como se fosse mais um membro de seu corpo.

— É o meu *Sonho Alado*.

Plácido achou graça no nome. Jogou a cabeça para trás e se sacudiu numa gargalhada.

— O que foi? — indignou-se ela. — É uma tradição de família!

— Isso? Essa coisinha não deve valer nada...

— Talvez não para você, ou para as outras pessoas. Para mim é inestimável.

— Então é como um amuleto?

— Está mais para um lembrete. Não acredito em amuletos, em superstições e nem nesses *seres* que você diz que existem.

— Como você sabe que não existem? Até eu poderia ser um deles! A magia desse lugar...

— Também não acredito nessa tal *magia*!

Evangeline estava estafada. Não esperava, todavia, que iria arfar com a cena a seguir: Plácido passou uma das mãos no galho e recolheu de sua superfície uma borboleta amarela que acabara de pousar. Com uma suavidade impressionante, manejou-a devagar até depositá-la entre os dedos longos de Eve.

— Como pode não haver magia nisso? Pode não ser como a gente encontra nos livros, mas a parte do inexplicável fica por sua conta.

A borboleta levantou voo quase imediatamente, mas o efeito que a cena produzira conservou-se na mente da garota, deixando-a menos desconfiada da atitude estranha de Plácido. Então ele não se referia à magia no sentido literal, mas numa forma mais profunda, algo mais ligado com sua visão própria da realidade.

— Olha, Evangeline, sei que vai parecer esquisito o que vou lhe pedir... eu não posso mais ficar com Levi e tenho procurado um novo lar para ele há meses...

— Por que não pode ficar com o gato? — tentou perguntar a garota.

— ... acredito que seja um bom sinal ele ter ido até você, na sua *casa* — continuou Plácido, que ignorara ou não ouvira a pergunta. Ainda pensando em como era estranho que ele não dissesse nada sobre si além do nome e de não poder ficar com seu próprio gato, Evie registrou mentalmente que apesar de Plácido conhecer os detalhes mais sombrios e lendários dali, desconhecia o campus da escola mais famosa da cidade. — Um monte de gente tentou adotá-lo, mas ele sempre ficava voltando para mim... Você topa ficar com Levi?

Talvez pelo fato de estar tão entorpecida pelo sono, ou por estar pasma com a estranheza do garoto, Evie se flagrou concordando com a proposta, ainda que não soubesse se teria condições de abrigá-lo na escola.

— Claro, eu...

— Fico muito feliz — disse o garoto recolhendo o gato e o colocando nos braços da menina. — Levi é um gato educado, sempre foi. Já é adulto, está vacinado e castrado, você não terá problemas. Não se preocupe, ele não crescerá mais, até é pequeno para a raça.

— Hum.

— De qualquer forma, virei aqui no final do ano para conferir se está tudo bem.

Evangeline logo corria pela floresta, com o gato pesando nos seus braços, quase escorregando. Plácido se despedira pouco antes, embrenhando-se numa trilha. Disse que era melhor levar o felino no colo por um tempo, para diminuir as chances do bichano segui-lo.

— Acho que você está fadado a ter donos com sérias perturbações mentais, eu só posso estar maluquinha também! — comentou Evangeline,

soltando o gato quando já estavam próximos à saída de incêndio. Ele apenas a seguiu despreocupadamente.

Voltando ao quarto, Evangeline trancou o cadeado e deixou a cortina aberta. Quando olhou para sua cama, encontrou Levi esparramado no centro das cobertas desarrumadas.

— Vamos conversar sobre isso daqui a pouco, mocinho! Quando eu voltar, acharemos um lugar melhor para você dormir.

Ela poderia facilmente perder meia hora pesquisando sobre animais de estimação no manual, mas sabia quem poderia responder suas dúvidas em poucos minutos.

E ela estava apenas no andar de baixo.

Evie lembrava que o quarto de suas amigas era o de número dois, um dos que tinham quatro camas. Ao se aproximar da porta, ouviu pessoas discutindo. Inconfundivelmente eram as vozes de Kiara e de Magda.

Toc, toc.

Alguns segundos depois, Maggie abriu a porta.

— Evie... pensei que você estava na mansão, o que aconteceu?

— Muita coisa — resumiu a garota.

Louise estava de pé, no centro do quarto.

— Louise, o regulamento diz algo sobre animais ou mascotes?

— Bom dia, Evie, é um prazer revê-la! — ironizou Magda quando a garota disparou porta adentro.

— Bom dia, gente! E então? — apressou Evie. Não contaria que um gato enorme estava no seu quarto até se certificar que estar com ele não era estupidez.

— Por que você quer saber? — perguntou Kiara imediatamente, sentando na cama do fundo, onde anteriormente estivera deitada, lendo revistas de fofoca. Algumas das que ainda estavam espalhadas à sua volta deslizaram até o chão, caindo com um leve baque.

— Só curiosidade... — mentiu Evangeline enquanto Louise vasculhava a memória.

— Acho que tem um parágrafo que fala sobre isso. Diz que quaisquer mascotes estarão sobre total responsabilidade do portador; ou seja, se ele fugir, morrer, ser morto, ficar doente ou algo assim, a escola não mexerá nem um músculo. E eles estão proibidos de entrar na área escolar, devendo permanecer nos quartos na ausência do dono. Caso contrário, serão enxotados... ou serão confiscados? — informou Louise, franzindo mais a testa.

— Dizem que o diretor teve que incluir esse parágrafo por causa do Arbo — explicou Kiara, recolhendo suas revistas do chão. — Disseram que se ele podia ter o cão andando livre por aí, os alunos também poderiam ter seus bichinhos. E como ele não queria prender o pobrezinho...

— Sim, claro — concordou Evie.

Magda sentou na cama à direita, obviamente a sua; já que tinha edredom cor de terra brilhante, quase dourado. A cama de Louise deveria ser a superior do beliche à esquerda, a única que estava perfeitamente arrumada, sem dobras nas cobertas. Na cama abaixo, estava uma garota de óculos e cabelo castanho-claro liso, usando um *baby doll* e meias listradas

em preto-e-branco. Por um instante, Evie pensou não a conhecer mas, olhando mais atentamente, reconheceu uma Ulie meio aguada, sem os acessórios habituais.

— Mas porque você está perguntando isso? — perguntou mais uma vez Kiara.

Evie não sabia por onde começar: se pelo grande gato que entrara pelo portão ou se por seu dono excêntrico e esquivo.

— Hum... hoje de manhã um gato entrou lá no quarto. Ele tinha dono, então saí pra procurá-lo...

— Saiu? A que horas? Pensei que ainda não deixassem a gente sair tão cedo — perguntou Ulie.

— Não saí pela entrada, foi pelo portão do meu quarto.

— ‘Peraí! Explica isso direito! — O rosto de Kia se iluminou de interesse.

Evangeline tentou contar a história da melhor forma que seu cansaço permitiu. Felizmente, nenhuma das outras a interrompeu.

— Ai, um gatinho! — exclamou Kiara, quando Evie terminou a história. — Posso ser a madrinha dele?

— Pode, fique a vontade — respondeu Evie, esfregando os olhos para diminuir o sono que sentia.

Kia bateu palmas, entusiasmada.

— Que legal!

— Depois vamos sair para comprar acessórios pra ele, vai ser demais! — sugeriu Ulie.

— Tudo bem, fico feliz com a ajuda de vocês. Mas, mudando de assunto, alguma de vocês já conhecia essa lenda do espelho e do casebre? Kiara? — perguntou Evie.

— Não, eu não sou do tipo que investiga o passado, meu interesse está no presente — respondeu Kia. — Essa casa da floresta precisa de um nome...

— Poderia se chamar *Casa da Sapiência*, não seria legal? — sugeriu Ulie, encantada com sua própria ideia.

— *Sapiência* parece coisa de sapo. — Magda fez uma careta de nojo.

— Então a gente chama de quê? — insistiu Kiara.

— Ninguém chama de nada. E *Sapiência* é um nome ridículo!

— Eu não acho, Evie! — protestou Ulie emburrada.

— Mas ir àquele lugar não seria tipo... *ilegal*? A prefeitura briga por aquele terreno há anos! — lembrou Louise.

— O homem que reivindica as terras nunca deu as caras por aqui, desde que eu me entendo por gente. E a natureza é de todo mundo! — contou Kiara.

— E a Prefeitura nem dá importância pra floresta, provavelmente eles querem derrubar tudo e fazer um estacionamento — completou Ulie.

— Vamos para lá agora? — pediu Kiara.

— Não, meninas, eu acho que...

Nenhuma delas deu bola para o que Evangeline achava, saíram do quarto no mesmo instante e dispararam até a escada. Evangeline se conformou em segui-las, se arrastando em seu encalço.

— Eu nunca disse que vocês podiam...

— Podiam o quê?

Mercedes Campelo bloqueava a passagem das garotas no topo da escada, com as mãos na cintura, numa pose digna de um açucareiro. Grace logo surgiu ao seu lado, com cara de quem está prestes a fazer algo divertido.

Divertido para ela, não para as garotas paradas no patamar abaixo.

— Nada! — respondeu Evie.

— Já que não é *nada*, acho que vocês não vão se incomodar se ficarmos esperando aqui fora enquanto vocês continuam com seu *nada* — sugeriu Grace. — Estou ajudando a Dora, ela quer todos os quartos livres para o pessoal da faxina antes da hora do café da manhã.

No mesmo instante, elas preferiram descer novamente, derrotadas. Ainda olharam uma última vez para a dupla que as observava do alto, com sorrisos satisfeitos.

— Não fiquem tristes, tenho certeza de que a Evie nos levará lá depois!
— encorajou Magda, quando chegaram ao quarto dois. — Não é?

— Vou levar todas — prometeu Evie, olhando em volta para ter certeza de que não estavam sendo ouvidas —, só que com duas condições: que vocês esperem até que eu ache que é seguro, e que ninguém fique me pressionando!

Capítulo XIII:

Bolacida

Trilha Sonora: [Sweet dreams \(are made of this\), Emily Browning](#)

No recreio, qualquer pessoa era capaz de distinguir as séries de cada aluno do Instituto só pela observação. Os do nono ano geralmente deitavam ou se esticavam à sombra da árvore; ou se uniam em pequenos grupos no banco de concreto, discutindo alto e debochando dos que passavam. Os do oitavo geralmente ficavam próximos aos do nono, tentando se incluir por associação nos grupos dos mais velhos. Os do sétimo, que ainda possuíam uma microscópica parcela da infância, andavam em duplas ou trios pelo pátio, conversando animadamente e trocando figurinhas de álbuns ou cromos diversos que rutilavam ao sol à sua passagem. Os do sexto, recém-saídos do primeiro segmento, corriam pelo espaço aberto, lépidos e serelepes; ou se reuniam num canto para brincar.

Como acontecia usualmente, Zero era quem comandava a parte lúdica da turma meia-três. Hoje ele sugerira um torneio e não conseguira providenciar uma bola decente. Sua imaginação gigantesca o levava a criar uma espécie de bola imaginária. Com isso, eles começaram uma espécie de jogo sem bola, que alternava entre partidas de basquete, futebol e vôlei.

Mikael, Jeremy, Carmen e Verônica toparam a ideia. Louise também estava entre eles, a garota não costumava perder uma única oportunidade de participar de qualquer tipo de esporte, mesmo sendo imaginário. Sua longa cabeleira, presa num rabo-de-cavalo alto, ondulava atrás de si com seus

movimentos ágeis. Era um verdadeiro espetáculo vê-la jogar de forma tão apaixonada.

Arbo — que acabara de fugir do jardim — acercara-se deles, atento aos seus passos. Sua expressão canina dava a entender que ele tentava decifrar que raios de bola as crianças estavam jogando que ele próprio não via.

Maggie, Hanna e Evie sentaram a um canto, abrigadas na sombra da casa de Seu Batista e Seu Prestes, a casinha branca que ficava no canto do pátio. Kiara era a única que se destacara dos alunos do sexto ano para transitar entre grupos diversos, coletando dados — duvidosos ou não — e repassando informações em troca.

— Você ainda não contou nada do que aconteceu na mansão — comentou Hanna finalmente, depois de longos minutos de apreciação muda do jogo.

— Não quero falar sobre isso — respondeu secamente Evangeline.

Arbo desistira de solucionar o mistério e agora vinha em direção às garotas sentadas na sombra, descansando por fim ao lado de Evie, que passou a acariciar o cão de leve. Ele, por sua vez, cutucava seu cotovelo com o focinho a cada vez que a garota parava a festa, pedindo para que continuasse.

O olhar de Evie recaiu sobre Roxane, que sentara num dos bancos da árvore, sozinha. Ela ainda não conversara com Evie, nem para descobrir o motivo de sua saída.

— Droga, não estou aguentando mais! — exclamou Evangeline, com a naturalidade de quem acabara de explicar o assunto.

— Vai ao banheiro, então! — sugeriu Magda, com uma careta.

— Eca! Não estou falando disso. O que eu não aguento é ficar sem falar com a Roxie. A gente meio que está sem se falar desde sábado, mas acho que, no final das contas, ela não tem culpa.

— Culpa de quê? — perguntou Magda, confusa.

— Já deve ser tão ruim para ela ser filha do diretor. Olha lá! — continuou Eve, mais para si do que para as outras. — Ela fica tão solitária!

— Hum — exclamou Magda, já sem interesse.

— Vou até lá!

— Então vá, ué! — Magda deu de ombros enquanto Evie levantava de seu canto para atravessar o pátio em direção à Roxie.

O jogo imaginário estava a pleno vapor quando Evangeline passou pelo grupo. Pelo visto, José Roberto fingia que passava a bola para Mikael, em sua cadeira de rodas, num lance de basquete. Quando Evangeline chegou mais perto, Mika estendeu os braços ao céu, fingindo que receberia a bola. Em vez de pegá-la, descreveu um arco com a cabeça, como se estivesse acompanhando a trajetória de uma bola que saía do campo e ia parar pouco além de onde Evie estava.

— Jogou alto demais, Zero!

— Desculpa, Mika! Foi a Evangeline que passou no meio do campo e me distraiu.

— Que campo? — quis saber Evie.

— Nosso campo imaginário, oras! Se quiser ajudar, devolva nossa *redonda!* — Zero estendeu as mãos na direção da garota.

Tentando simular a existência de uma bola — e sentindo-se extremamente idiota por isso —, Evangeline simulou que recolhia um

objeto redondo aos seus pés. Ignorando os gestos animados de José Roberto, a garota fantasiou uma arma pontiaguda e golpeou friamente a pelota de vento.

— Sua... *bolacida!* — revoltou-se Zero, pasmo com o assassinato do vento.

— Eu nunca disse que era boazinha, vocês é que presumiram isso!

Roxane ria da situação quando Evie sentou ao seu lado. Ela não parecia magoada, pelo menos não no grau que Evangeline havia suposto.

— Roxie, queria pedir desculpas...

— Não há motivos para se desculpar, Eve. — Roxie fez uma pausa, durante a qual contemplou a mansão. — Quer falar sobre aquela noite?

Evie pensou bem antes de responder. Roxane poderia saber sobre Christofer e ter mascarado sua existência, mas não deveria saber que ele entrara em contato. Se ela estivesse sendo obrigada a mentir, poderia ficar em sérios apuros se ela a confrontasse, o que não seria nada bom.

Enquanto isso, José Roberto consertava sua bola de vento. Ele colocou um remendo feito de nada no objeto imaginário, depois simulou que a enchia com uma bomba feita de coisa nenhuma.

— Não. Prefiro esquecer o que aconteceu — respondeu Evie por fim.

— Vamos passar uma borracha em tudo?

— Eu prefiro arrancar a página de vez e picá-la, mas que seja como você quiser!

Roxie riu.

— Fico feliz de voltar a ser sua amiga.

— Nunca deixei de ser. Só estava com os sentimentos confusos.

O jogo recomeçou, e tudo voltou ao normal no A.W. Sigma. Por enquanto.

Evangeline estava de pé, na esquina da rua de casa. O céu nublado filtrava a luz do sol, deixando o firmamento num tom branco e doentio, quase tão nauseante quanto a cena que se desenhara ao longo da humilde estrada de paralelepípedos.

Todas as roupas, enfeites e utensílios anteriormente contidos em sua casa agora se agrupavam num bizarro tapete, como se fosse uma estranha forma de pavimentar a rua. Seus móveis e eletrodomésticos enfileiravam-se pelas calçadas. Parecia uma feira, exceto pelo fato de que não havia comerciantes para vendê-los, nem clientes à procura do melhor preço. A rua estava completamente deserta.

Enquanto galgava o caminho até seu lar, Evie notou que sua perspectiva parecia menor do que a estava acostumada, como se estivesse caminhando de joelhos. Será que encolhera de um dia para o outro?

Olhando para baixo, ela notou que sua estatura diminuía, era mais ou menos a mesma de quando tinha apenas seis anos. Também usava um vestido vermelho e infantil que nunca havia visto, meia-calça branca e sapatos pretos como os da escola. Levando as mãos trêmulas à cabeça, sentiu que uma fita a circundava, como uma tiara. Evie não se recordava de tê-la amarrado ali, tampouco de ter feito aquele laçarote no lado esquerdo.

Na entrada de sua casa estava uma mulher ruiva de mais ou menos vinte anos, impedindo sua passagem. Olhando-a com atenção, Evie reconheceu em seu rosto traços de Grace; mas aquela Grace Helen não era a mesma que

ela conhecia, era adulta demais para ser sua colega de classe. Quando falou, sua voz era potente e ecoava junto a uma miríade de outras vozes conhecidas.

— Você não pode entrar mais, criança — disse ela —, não há nada que possa mudar seu destino.

Eve queria retrucar, se defender, dizer que ela ainda morava ali e que tinha todo o direito de entrar quando quisesse, mas as palavras pareciam entalar em sua garganta. Tentou correr até a porta, arriscando entrar à força. A Grace superdesenvolvida apenas estendeu um dos braços e a empurrou para trás.

Evangeline forçou um grito, enquanto o chão às suas costas se abria num grande buraco, e ela começou a despencar pelo despenhadeiro infinito que se formara.

— NÃO!

Aquele brado forte escapara maravilhosamente, mas Evangeline logo notou que a queda era falsa.

Ainda era noite, ela estava deitada de bruços na própria cama, com os pés tocando a cabeceira. Estava suada e suas cobertas enrolavam-se por todo o corpo, como se houvesse travado nos últimos minutos uma luta de *MMA* com uma cobra. No mesmo instante, se desvencilhou do edredom e ergueu-se na cama, assustando Levi, que estava no peitoril da janela, em sua nova almofada.

Com uma efusão de alívio, constatou que ainda tinha a mesma altura de sempre e usava sua costumeira roupa de dormir. Hanna a olhava de seu beliche, preocupada.

— O que foi, Evie?

— Nada. Só um pesadelo.

Ainda bem, fora apenas mais um sonho.

Capítulo XIV:

Última Esperança

Trilha Sonora: [Faint](#), [Linkin Park](#)

A aula de filosofia daquela última sexta de Maio aconteceu no terraço da escola. Devido a um compromisso, o diretor precisou adiantá-la para logo depois do almoço.

O terraço era um espaço metade coberto, metade ao ar livre; que visivelmente já fora usado para outras aulas, principalmente por causa das cadeiras dobráveis que estavam encostadas aos muros e as mesas já dispostas em círculo.

— Diretor Último, o senhor sabe se alguém já se jogou daqui de cima por causa da pressão das provas finais? — Foi a primeira pergunta que Zero fez ao contemplar a vista frontal do terraço, espiando por cima do parapeito.

— Não. Principalmente por que fazemos questão de deixar o acesso para cá bem vigiado no último bimestre — respondeu Último, arrastando-o para longe.

— Que bom, José Roberto, você pode ser o primeiro! — caçoou Grace, tomando cuidado para que Último Wing não ouvisse.

— O primeiro a *se* jogar ou o primeiro a arremessar *você*? — rebateu o garoto.

— Ah não, Zé! Você não pode ser tão egoísta a ponto de desfrutar desse prazer sozinho! Nós podemos te ajudar! — completou Evie.

Naquele dia ventava bastante. Evangeline não conseguia prestar atenção por completo na aula, sua atenção oscilava entre as palavras do diretor e os seus próprios pensamentos. A expressão de sua mãe ao contar que elas seriam despejadas em breve a atormentava a todo instante, e era difícil encarar o diretor sem se lembrar de Christofer. Mesmo assim, ela ainda não era capaz de acreditar por completo que o diretor podia ser tão mau quanto Aurora alertara. Até então, ele a tratara de forma tão amigável!

E agora também se lembrava daquele pesadelo toda vez que olhava na direção de Grace. Evie estava tão aérea que se sobressaltou ao perceber que o diretor os dispensara dez minutos mais cedo, e mais ainda quando Último disse:

— Evangeline, preciso falar com você!

Enquanto os alunos corriam pela saída do terraço, Último conduziu Evangeline até o exato ponto onde Zero estivera no início da aula.

— Roxane me contou que vocês estão tendo dificuldades com o aluguel. Fiquei preocupado e pensei em ajudá-las.

Último foi direto: estendeu um cheque que estava em seu bolso. Evangeline apenas olhou para ele, sem saber se deveria aceitá-lo ou não.

— Sei que você não se concentrará nos estudos enquanto estiver preocupada. Considere como uma ajuda para o seu aprendizado.

— Acho que minha mãe não vai aceitar...

— Diz que é como um empréstimo: ela pagará quando puder. — E abaixou a voz, ainda que não houvesse ninguém à volta para ouvir. — E pode deixar que eu mesmo encontrarei uma forma de não aceitar o pagamento.

Último Wing estava tão descontraído e Evie ficou tão animada com a possibilidade de acabar com as dívidas de sua mãe que não pestanejou em aceitar a proposta, esqueceu até mesmo de tudo que descobrira sobre o Christofer.

— Muito obrigada, tio! — agradeceu a menina, já com o cheque em mãos.

— Não foi nada. Só não espalhe por aí, senão vão achar que tenho cara de caixa eletrônico — pediu o homem, olhando distraído para baixo e apoiando os cotovelos no muro. — Mas que chongas aquele homem pensa que está fazendo?

Zeno acabara de avistar o diretor e agora gritava do pátio da entrada, tentando se comunicar com ele por gritos.

— O QUÊ? — gritou Último. Do terraço, só era possível ouvir metade dos berros do inspetor-chefe.

Zeno mudou a estratégia, dessa vez apontou para a rua e gritou outra coisa, como se para indicar a chegada de algo. Uma senhora que passava — provavelmente a avó de algum aluno — olhou-o com uma expressão chocada e se afastou resmungando, parecia ter ouvido um palavrão. Um grupo de alunos do Instituto também passou perto de Zeno. Eles se contorceram de tanto gargalhar.

— Acho que ele quer dizer que chegou alguma coisa naquele caminhão — opinou Evangeline ao notar o veículo parado em frente ao portão externo.

— E pela cara do povo, posso jurar que é papel higiênico! — adivinhou o diretor, fazendo coro ao riso dos estudantes lá embaixo.

O sinal tocou no andar inferior.

— Mas que droga de sinal! Acredita que às vezes eu o ouço na minha cabeça até quando não toca? — praguejou Último, enquanto acompanhava Evie até a saída.

Depois do lanche da tarde, às quatro horas, quase todos os alunos já haviam retornado às suas casas para o final de semana, portanto, o quarto dois estava vazio quando Evie e Maggie entraram.

— Vai deixar que eu te arrume hoje?

Desde que se conheceram, Magda insistia que gostaria muito de encontrar o *estilo próprio* de Evangeline. E desde a primeira vez em que Mag fizera a sugestão, Evie prodigalizara as mais variadas desculpas. Não que não gostasse da ideia ou não quisesse se arrumar, mas pelo simples fato de que ficaria extremamente constrangida ao receber um presente sem motivo.

— Fiz umas compras ontem à noite com minha mãe — contou Magda, sem esperar a resposta da amiga, abrindo o grande guarda-roupa do quarto. — E, de repente, *bang*, achei seu estilo! Minha mãe tinha me arrastado para uma loja nova do *shopping*. A princípio não gostei de nada, mas vi aquele manequim e consegui visualizar você usando a roupa dele, com a maquiagem perfeita, o penteado e tudo. É claro que você não tem nada a ver com o manequim, além da cor. — Saiu de trás do guarda-roupa para olhar a amiga. — Desculpa, não quis parecer racista.

— Não, não achei racista. Sei que você não é.

— Mas então por que está com essa cara amuada de quem comeu e não gostou? Não me venha com essa desculpa de *não posso aceitar*, que não cola comigo!

Enquanto Maggie voltava a remexer as roupas, Evie fingiu estar muito interessada nos próprios sapatos. Era justamente o que ela estivera cogitando dizer em seguida.

— Tenho que ir embora o mais cedo possível, preciso entregar uma coisa importante para a minha mãe. Talvez não dê tempo de chegar antes do jantar...

— Não faz mal, meu *chofer* nos levará para casa. — Magda emergiu novamente das profundezas do armário. — O Gomes, é claro. Conte para ele que você mora numa área de risco e ele garantiu que não tem problema. Disse que já estive em lugares bem piores... Ah, aqui está!

Maggie, que já espalhara uma enorme pilha de roupas coloridas e cintilantes ao seu redor, agora driblava a bagunça, segurando nas mãos uma caixa de presente preta fechada por uma fita e um grande laço rosa-choque. Sentou na sua cama e convocou Evie, dando tapinhas no espaço ao seu lado.

Quando as duas já estavam lado a lado, Maggie depositou a caixa na cama e segurou delicadamente a mão de Evie sobre a sua. Sua pele contrastava majestosamente contra os dedos finos e alvos de Evangeline, uma agradável antítese.

— Gosto de você pois sabe enxergar o caráter além das aparências. Somos muito diferentes, mas nisso somos completamente iguais. Nunca me esquecerei da forma como você me defendeu quando a Grace disse aquelas atrocidades... ainda não lhe agradei. Sei que não preciso! — acrescentou, ao ver que Evie fizera menção de retrucar. — Mesmo assim, obrigada. E se, algum dia desses, eu tratá-la com mau-humor, saiba...

— ... que isso significa que ainda somos boas amigas!

Rindo, Magda entregou o pacote para Evangeline. Dentro havia um lindo vestido de renda preta com babados cor-de-rosa; uma fita de cetim negro marcava a cintura alta. Evie o retirou da embalagem e colocou-o sobre o corpo, admirando como Magda conseguira acertar em cheio o seu gosto.

— Uau! Obrigada, Maggie... é tão lindo!

Magda sorriu satisfeita.

— Também trouxe uns acessórios, acho que combinam com ele. Evie.

— Magda esperou até que ela devolvesse o vestido à caixa para prosseguir:

— Vai parecer estranho se lhe disser que para mim você é minha melhor amiga?

— Claro que é estranho, mas é apenas a verdade. Você e a Hanna *são* minhas melhores amigas. — E baixou a voz: — Só não conte isso para a Lou e para a Kia.

Algumas horas depois, lá estavam elas no banco traseiro do carro dos pais de Mag, olhando no *notebook* prateado da garota as fotos acabaram de tirar no casebre abandonado da floresta. Magda insistira que não deveriam desperdiçar o *look*, por isso precisavam de uma seção de fotos na “*Sapiência*”. As duas correram até a floresta, levando consigo umas velas que Magda guardara (“*O que foi? Acha que eu nunca fiquei acordada depois da hora?*” — respondeu ela quando Evie estranhou o fato dela ter velas no armário). Por conseguinte, as duas saíram tarde do campus, já era quase dezenove horas.

— As fotos ficaram incríveis! — disse Magda quando Evie desceu na porta de casa.

— Ficaram sim, você fez um ótimo trabalho. Obrigada por tudo.

— Nos vemos segunda, então? De qualquer forma, vou ligar pra você amanhã ou no domingo!

— Então nos falamos amanhã. Tchau, amiga!

— Tchauzinho!

Genevieve olhava a irmã da entrada de casa, com seu ar de superioridade, enquanto o carro avançava pela rua até sumir na curva da esquina. Olhando a loira da irmã, Evie se lembrou do sonho que tivera com a Grace crescida. Até agora não percebera o quanto as duas se pareciam. Pensando bem, talvez fosse por causa disso que ela não gostava da filha do prefeito.

Quando Evie se aproximou, Genny espirrou. Ela era alérgica a gatos, e com certeza sentia a presença dos pelos de Levi.

— O que foi agora? — perguntou Evie ao ver a carranca da outra, depois do espirro.

— Aquela é a Magda Fortunato?

— É. Conhece?

— Não exatamente. É que ela é a cara da mãe dela. — Genny explicara como se fosse algo óbvio, mas Evie ainda não atinara o que ela queria dizer. — Olga Fortunato! Ela aparece o tempo todo nas colunas sociais, é uma atriz de novela famosíssima. Não vai dizer que você não conhece a mãe de sua própria amiga? — E espirrou de novo.

— Não...

— Eu não sei por que ainda me impressiono com seu caipirismo, francamente... — espirrou mais uma vez. — Menina, andou se esfregando

num gato ou o quê?

Genny subiu na dianteira, resmungando insultos variados. Evangeline a seguiu, sem contar nada sobre o Levi. Ela costumava deixar o gato no instituto com Séfora nos fins de semana (a inspetora aceitara a proposta sem pestanejar, ela amava gatos). Evie receava que mãe pedisse para devolvê-lo a Plácido, caso contasse sobre ele. Então preferiu manter segredo absoluto.

— Oi, mãe! Olha só o vestido que ganhei da minha amiga! — anunciou Evie, ao chegar à sala de casa, rodopiando em frente à mãe.

— Nossa, que lindo! Parece tão caro...

— E é. Tentei recusar, mas ela insistiu tanto que fiquei sem forças para dispensar.

— Sei como é — confirmou Aurora, com um aceno de cabeça —, também já tive a sua idade. E, ao contrário do que vocês pensam, não foi há tanto tempo assim.

Genevieve soltou um muxoxo muito parecido com as palavras “até parece” enquanto se deitava no sofá, abraçando uma almofada.

— E então, qual é a notícia tão importante que você trouxe? — perguntou Aurora, sentando na poltrona.

Evangeline respondeu extraindo o cheque da pequena bolsa que trazia a tiracolo e o entregando para a mãe. Genevieve levantou a cabeça, em alerta, à semelhança de um cachorro que acabou de sentir cheiro de comida.

— O que é isso? — Aurora analisava o papel em momentânea confusão.

— Um cheque do tio Último. Ele disse que se você não estiver confortável em aceitar tanto dinheiro, pode pagar depois, como se fosse um

empréstimo. Mas acrescentou que não está nem um pouco interessado em ter o dinheiro de volta.

Aurora não reagiu conforme sua filha esperava. O sorriso animado e toda a excitação de Evie se esvaíram no exato instante em que a mãe rasgou o cheque em dois, depois em três, em quatro... logo os pedaços daquela última esperança coalhavam o piso da casa.

— Ficou louca mãe? — gritou Genny. — Isso é quase a mesma coisa que rasgar dinheiro!

— Mãe, por que...?

— Vocês não têm noção do perigo que significa aceitar esmolas desse homem!

— Mas, mãe... esse dinheiro salvaria a nossa casa! — replicou Evie, ainda olhando os fragmentos inúteis de papel aos seus pés.

— Não vale a pena.

— Mãe, esta briguinha infantil com o diretor não pode continuar para sempre!

— Não é só uma *briguinha*, Evangeline. É algo bem mais grave, você não entenderia.

— COMO VOCÊ SABE QUE EU NÃO ENTENDERIA SE NUNCA CONTOU NADA? — gritou ela.

Genevieve assistia boquiaberta à briga, olhando de uma para a outra como quem acompanha uma partida de tênis.

— Eu não entendo! Você prefere dormir na rua a engolir o orgulho UMA VEZ NA VIDA? — A voz da garota alteara demais, Evie sentia sua garganta arder ao deixar escapar toda a frustração.

— Sou sua mãe, você precisa confiar em mim!

— MAS COMO SE A SENHORA NÃO CONFIA? PORQUE NÃO CONTA LOGO O QUE ACONTECEU NO PASSADO E ACABA DE UMA VEZ COM O ASSUNTO? — Evangeline detestava se enfurecer naquele grau, mas não tanto quanto detestava ser poupada da verdade completa.

— Não há nada que você deva saber, Evangeline, para seu próprio bem.
— Ao contrário da filha, Aurora estava demasiado calma, e isso a irritou ainda mais.

— Então não tenho mais nada a fazer nessa casa por hoje!

Ela ouviu o chamado da mãe quando disparou pela porta da sala. Desceu a escada, tropeçou nos últimos degraus e praticamente se atirou na porta que dava para a rua, tamanha era sua pressa de fugir dali.

Os vizinhos que conversavam, sentados na calçada, viraram os rostos à sua passagem. Os bandidos que se esgueiravam pela esquina olharam-na, mas ela não ligou. Nada mais importava, ela só queria estar o mais longe possível daquele lugar.

Evie não desacelerou até chegar ao ponto de ônibus onde costumava pegar a lotação. O ponto estava vazio. Ela não tinha certeza se o ônibus ainda circulava àquela hora, mas resolveu apostar assim mesmo na tentativa de chegar ao Instituto antes do toque de recolher.

Enquanto olhava para o fim da rua, a garota tinha plena consciência de que vultos escuros de pessoas desconhecidas passavam pelos dois lados da rua. Sua raiva ainda se sobrepunha ao medo que sentia das más intenções que aqueles indivíduos poderiam ter caso vissem uma menina bem-vestida e maquiada, sentada num ponto de ônibus nos limites de uma favela,

tremendo com o frio tímido da noite e sentindo gotas quentes de lágrimas brotarem nos cantos dos olhos.

Ela sabia por que se sentia daquela forma. Aquela casa poderia não ser a melhor do mundo, e nem estar localizada no lugar perfeito para se viver; mas era o lugar onde ela crescera, onde vivera desde que saíra do útero de sua mãe (e talvez até antes disso). Acostumara-se àquela vida árdua de viver numa área perigosa, já conseguira de certa forma se livrar daquela sensação de *alvo ambulante* que tinha quando era criança. Não poder mais chamar aquele lugar de lar significaria estar cada vez mais longe de sua família, que já era tão pequena...

Depois de um tempo absurdo, Evie já pensava seriamente em começar a andar a esmo pelas ruas até o amanhecer, para não ter que voltar para casa, quando avistou um par de faróis reluzirem ao longe. Sem ter consciência total do que fazia, pôs-se de pé no meio-fio. O letreiro luminoso piscava em letras garrafais o destino final do veículo: CORONEL BOAVENTURA.

Era o seu ônibus.

Levantando o braço direito, Evangeline se perguntou se não deveria arriscar e esperar o próximo. O ônibus seguia em marcha lenta, quase parando; não deveria estar em boas condições.

Ele parou chiando à frente da garota. Ela ainda não decidira se deveria entrar ou não. Continuou a encarar o motorista carrancudo quando este abriu a porta da frente.

— Vai subir ou não vai? — apressou o homem barbudo que guiava o veículo.

O degrau mais baixo rangeu melancolicamente quando a garota finalmente embarcou. Evie começou a se arrepender da decisão no exato

instante em que as portas voltaram a se fechar às suas costas.

Lembrando que não gostava nem um pouco de chorar em público, a garota tentou se controlar e enxugou as lágrimas no antebraço antes de se aproximar da roleta vermelha. A obesa e adormecida cobradora não notara a entrada da nova passageira, e não pareceu nada contente quando Evangeline a acordou, tocando de leve o seu ombro.

— Já vou avisando que não tenho troco! — anunciou, à guisa de cumprimentos.

— O dinheiro está exato, pode conferir.

— Acho bom! — A cobradora contou as moedas rapidamente. Evie só tinha aquele dinheiro, que seria sua passagem de volta na segunda-feira.

O ônibus estava quase vazio. Atrás da cobradora, sentara um vendedor de balas. Não chegava a ser um senhor, mas tinha o ar maltratado de quem já vivera o suficiente para uns cem anos. Estava com o rosto encostado na janela, observando a rua. Seu gancho, repleto de pequenos sacos de bala e guloseimas, balançava no corrimão. Evie viu de soslaio que ele virou a cabeça de leve para lhe observar enquanto passava pela catraca.

No outro lado do corredor, sentara uma mulher com um bebê no colo, e uma menininha ao seu lado, que devia ter uns três anos. A pequena balançava os pés, incapazes de tocar o chão do ônibus. Na cadeira em frente à saída (que ficava no centro), estava um senhor ferrado no sono, com a cabeça reclinada em seu ombro. A luz logo acima dele estava quebrada, piscava bastante e deixava o ônibus em penumbra parcial por longos intervalos. Antes de sentar atrás da mulher, Evie teve a ligeira impressão de que vira algo pequeno e asqueroso atravessar o corredor aos seus pés.

No exato instante em que se acomodou no assento, a garotinha ficou de pé em sua cadeira e virou para ela. Evangeline não quis encará-la, concentrou-se apenas em olhar para a parte de trás do encosto à sua frente, onde estavam pichadas palavras obscenas. Quando finalmente ergueu os olhos, percebeu que ela ainda a observava, com apenas os pequenos olhos castanhos visíveis no alto do encosto. Evie forçou um sorriso amarelo. Ela voltou a sumir, envergonhada.

O silêncio do ônibus foi suficiente para abrandar seu espírito. Talvez fosse pelo simples fato de que ela estava seguindo rumo a um lugar onde estaria segura, onde poderia expressar seus sentimentos em paz. Sua ansiedade em chegar logo ao Instituto fez com que Evangeline se levantasse dois pontos antes do lugar onde deveria saltar, segurando em ambos os balaústres que ladeavam a saída.

Quando estava próxima de seu destino, a garota puxou com cuidado a corda de náilon azul, que estava prestes a se romper, segura apenas por um fio. No instante em que o alarme soou, o vendedor virou-se para ver quem desceria.

— Fica com Deus, colega! — despediu-se o homem.

— O senhor também — respondeu Evie quando a porta à sua frente se abriu.

Capítulo XV:

A Imensidão de sua Impotência

Trilha Sonora: [Skycraper, Demi Lovato](#)

Ela desceu na praça vazia e a atravessou correndo, sem olhar para nada além dos muros da escola. Finalmente, depois do que lhe pareceu uma eternidade, alcançou o portão externo, onde segurou as barras frias da entrada e contemplou por um instante o interior do Instituto A. W. Sigma.

Não havia ninguém por perto.

Sem querer acreditar que não poderia entrar, ela tocou insistentemente o interfone e gritou, mas não obteve resposta. Obviamente nem Prestes nem Batista estavam acordados àquela hora, ou pensavam que os toques vinham de alguma criança de rua que tentava pregar uma peça neles.

Foi ali mesmo que Evie deu vazão às lágrimas que estavam retidas desde o ônibus. Virando de costas para o portão, ela escorregou até se sentar no chão frio, apoiando as costas na entrada, enquanto sentia o rosto empapar-se de lágrimas. Só então notara a imensidão de sua impotência. Ela não queria aceitar que ainda era apenas uma criança, uma garotinha frágil e apavorada, sem rumo e nem forças para mudar sua realidade, como era no seu pesadelo. Sentada em frente ao Instituto, deixou que o desespero a inundasse por inteiro.

Quando o silêncio desolador e a escuridão nevoenta que a cercava começaram a lhe infundir a consciência de que poderia ser perigoso ficar ali sozinha, sentada em frente ao portão; a garota começou a andar pela praça,

tentando se distrair do pânico. Só o que precisaria era ficar num dos bancos e aguentar mais algumas intermináveis horas, até que o sol despontasse e ela pudesse entrar no colégio. Não era o plano ideal, era o que o futuro lhe reservara.

Já estava no banco há meia hora quando viu a silhueta de um homem se destacar em meio à escuridão de uma das ruas. Ele tinha olhos astutos e aparência atraente, se vestia de forma elegante e andava em passos macios, quase não se ouvia ruído algum; como o caminhar de um tigre que espreita sua presa. Evangeline não quis olhar para ele, apenas o viu pelo tempo suficiente para perceber que havia algo familiar em seus traços. Em seu interior, ela torceu para que ele apenas seguisse em frente.

Seus temores se confirmaram quando o homem sentou no banco, ao seu lado. Olhou-a fixamente, com um sorriso torto brincando no rosto. A garota não sabia o que fazer, nem o que falar. Queria gritar para as pessoas ou para os carros que passavam, mas o terror a congelara, então ela se limitou a olhar para uma sombra do outro lado da rua de uma forma em que poderia acompanhar os movimentos dele pela visão periférica.

Após alguns instantes, o homem quebrou o silêncio numa voz baixa, quase num sussurro. Ainda assim, Evangeline pôde sentir cada palavra dita viajar pelo ar frio e chegar aos seus ouvidos:

— O que faz uma garota tão arrumada, sozinha, a essa hora, na rua?

Evangeline não respondeu. Apenas virou o rosto mais um pouco e afastou-se.

O homem, percebendo o movimento, sorriu debochadamente. Aquela situação parecia ser-lhe um deleite. Ouvindo-o rir, Evie sentiu um arrepio

subir pela espinha, seus joelhos tremeram e ela precisou segurar ambos para não transparecer o medo que já sentia.

— Meu nome é Narciso, todos me chamam de Ás. Sou um homem de negócios. Não fique com medo de mim, não farei nada que você não queira.

— Eu não quero nada do senhor.

— Não quer? Você ainda não ouviu minha *proposta*.

Com um solavanco no coração, Evie se lembrou dos conselhos clássicos de sua mãe de não falar com estranhos. Aquela situação a incomodava terrivelmente. Olhando em volta, procurou uma rota de fuga, mas não havia forma de escapar dali sem que ele a seguisse.

— Procuo jovens assim da sua idade para pequenos serviços, como entregar e buscar coisas, às vezes passar recados... tudo bem sigiloso.

Quem era ele? Que terror era esse que Evie estava sentindo? Entregar coisas... tudo tão suspeito!

— Não, obrigada, acho que não vou precisar.

— Como assim, Evangeline? Prefere não ter para onde voltar nas férias?

— Como você sabe...?

— Ah, eu sei de muitas coisas.

Desesperada, a garota tentou escapar, contudo, o homem a agarrou pelo pulso. Tudo o que ela mais desejava era poder chutar as canelas de Narciso, mas suas pernas estavam demasiado pesadas. Aquele instante se prolongou como que por um século, a garota arfava enquanto o homem apenas a olhava, sem aparentar o mínimo esforço ao contê-la.

— O que faz aqui, Ás?

Evangeline pulou de susto quando ouviu a pergunta ecoar pela praça semideserta. Aquela era uma voz masculina bastante conhecida. Narciso se voltou para o homem que o chamara, se descuidando de segurar o pulso da menina, que imediatamente aproveitou a deixa para escapular.

A voz era do professor Miguel, que avançava até eles, irado.

— Ora, se não é meu caro irmão Miguel! Não se sinta ofendido, mas não quero perder meu precioso tempo conversando com você. — Evangeline já estava a meio metro do banco quando ele percebeu que ela escapara. — Não fuja de mim, amorzinho! Ainda não acabei minha proposta...

— Acabou sim! — disse Miguel, seguindo em direção à garota. — Ela não quer negócios com você, não é?

Evie fez que sim. O homem chamado Narciso, olhando com indignação, se afastou do banco, sempre com seus passos macios de predador.

— Típico. Espero que esteja satisfeito, Miguel! — insinuou o homem à distância, andando de costas. — Acabou com todas as chances que tinha de saber antes o que eu sei sobre o caso da biblioteca.

E foi embora, da mesma forma suave como quando chegara.

— Tudo bem com você? — perguntou o professor assim que Narciso saiu de vista.

— Mais ou menos.

— Bom, já é alguma coisa. Tome cuidado, Evangeline — advertiu ele —, o Narciso não vai desistir tão fácil. Vou lhe levar até sua casa... acho que

ainda lembro onde fica, uma vez fui lá com meu pai. Estou com o carro da escola, chegaremos num instante.

— Professor, eu posso perguntar uma coisa?

— Já perguntou. Mas pode perguntar outra coisa — respondeu o mestre no caminho até o carro.

— Como esse Narciso sabia quem eu sou?

— Acredito que por intermédio de meu pai — sintetizou ele, abrindo para Evangeline a porta do carona do automóvel preto com adesivos do logo da escola.

— Esse tal de Narciso é mesmo seu irmão? — gritou a menina para o professor, que já rodeava o carro para entrar pelo lado do motorista.

— Infelizmente, sim. — Ele entrou também. — Sei que ele parece meu oposto, mas somos filhos do mesmo pai e mesma mãe. — E colocou o cinto de segurança, Evie o imitou na mesma hora. — O Ás nasceu numa época em que minha mãe foi morar com nossos parentes do interior, então, mal convivi com ele na infância — explicou, enquanto ligava o motor e punha o veículo em movimento. — O fato é que ele não liga muito para as leis em geral. Você não estava pensando em aceitar a proposta dele, não é? — perguntou o professor, com um olhar desconfiado.

— Eu até pensei que sim — confessou ela, envergonhada. — Nós vamos ser despejadas no final do ano se não conseguirmos pagar todo o aluguel.

— Fazer isso não vale a pena, posso lhe assegurar que não. Ele é o motivo principal daquela nossa reunião na casa da Natalie.

— Acha que ele pode estar envolvido no caso da biblioteca?

— Tenho quase certeza. Você ouviu quando Narciso disse que não me contaria o que ele sabe?

— Ouvi.

— Isso significa que ele pode ser muito perigoso. Se você topar com o Ás por aí, não responda a nada que ele disser; apenas fuja, entendeu?

— Entendi.

O resto da viagem até a comunidade foi extremamente soturno. Evie se conformou em contemplar as casas e estabelecimentos fechados pela janela. O professor preferiu respeitar o silêncio da garota e continuou a dirigir calado.

Em menos de vinte minutos, chegaram à casa de Evie. Ou pelo menos a casa em que morava por enquanto. A luz da sala estava acesa, o que indicava que Aurora aguardava sua volta.

— Se cuide. E nem pense em sair de casa tão tarde outra vez!

— Boa noite, professor!

— Boa noite.

Antes de entrar, a garota observou o homem fechar a porta do carro, ligar o motor e partir pela rua ladeada de casas retangulares. Um rádio próximo tocava *funk*, e Evie podia ouvir as risadas dos vizinhos, que comemoravam alguma coisa numa das lajes.

Foi apenas quando se virou em direção à janela e viu o rosto enfurecido de sua mãe que Evangeline se lembrou do tamanho da encrenca na qual se metera.

— Alô?

— Evie? Oi! É a Magda!

— Oi, Mag! Como é que você está?

— Mais ou menos... Escuta, liguei pra saber o que aconteceu.

Evangeline olhou para a janela. Acontecera tanta coisa naquela noite de sexta que era difícil discriminar sobre o que a amiga queria saber.

— Como assim?

— Aquele cheque do diretor. E então, sua mãe ficou contente? Vocês vão continuar aí?

— Ai, Mag, nem te conto! Deu tudo errado, minha mãe insiste nessa briga com o tio Último e não quis aceitar o dinheiro de jeito nenhum. Eu briguei com ela, tentei voltar pro colégio, mas já estava fechado. Fiquei do lado de fora, na praça, e encontrei o irmão esquisito do professor Miguel, que tentou me levar para o mundo do crime; mas o professor chegou na hora certa e me levou para casa. Foi uma confusão, tive que ouvir um sermão imenso da minha mãe. De qualquer forma, conto tudo amanhã na escola, não dá pra explicar direito pelo telefone.

— Escuta, Eve, eu também queria falar sobre isso. Não vou poder ir amanhã, surgiram uns imprevistos aqui em casa... o tipo de problema que eu não posso comentar com ninguém.

— Sei como é!

— Se alguém perguntar, diz que estou doente. De intoxicação alimentar, virose, você escolhe o que for mais agradável. — Magda fez uma pausa, depois prosseguiu, com uma voz tristonha: — Eu sinto muito pelo que

aconteceu com você. Se eu pudesse ajudar, amiga, você sabe que eu daria esse dinheiro; mas, infelizmente, não posso. Meu pai não deixaria.

— Tudo bem. Sei que no final a gente vai dar um jeito. Sabe, Magda, a Genny contou uma coisa, queria confirmar com você...

— Hum?

— Sua mãe é mesmo uma atriz famosa?

— É. Não que isso valha alguma coisa. Mas é uma longa história longa, pra outro dia.

— Sim... Nos vemos na terça, então?

— OK. Sem falta. E você me contará tudo sobre esse babado de irmão esquisito do professor!

— Conto sim. Beijos, Mag.

— Tchau, amiga! Muitos beijinhos!

Capítulo XVI:

Vai Dar Briga!

Trilha Sonora: [Drive](#), [Imagine Dragons](#)

Junho chegou, e com ele veio a necessidade de usar o sobretudo do lado de fora, desligar um pouco os ares-condicionados e começar a preparação para o Arraial do Instituto. Nele, as turmas deveriam apresentar sua quadrilha, como de costume, além do grande quadrilhão do nono ano.

Todo ano era escolhida uma turma de cada série para funções específicas como: cuidar da decoração, escolher as músicas para a festa, ou representar o casório. Na última quarta-feira de Abril, a Professora Petra explicou tudo isso, com seu habitual floreio; e arrematou dizendo que entre as três turmas do sexto ano, ela selecionara a 603 para cuidar da parte estética da festa — estranhamente, ela era a única professora que achava que a meia-três merecia alguma recompensa. Como seria um trabalho grande, contariam com a vantagem de não participar da quadrilha e receberiam pontos extras por capricho e dedicação. É claro que alguns receberam a notícia com alívio, outros reclamaram; todavia, no fim das contas, todos deixaram os preparativos para a última semana antes da festa, que se realizaria no primeiro final de semana de Junho. Agora estavam todos atarefados, descabelados e com a forte sensação de que não conseguiriam terminar a tempo.

Naquela quarta-feira, uma hora antes da reunião trimestral com os pais, a turma três já passara quase quatro horas e meia cortando bandeirolas de

plástico colorido, que agora se aglomeravam num monte considerável, no centro da quadra.

— Que téééedio... — reclamou Evie, cansada e com calos no dedo indicador.

Antes que qualquer um pudesse perceber ou impedi-la, Evie largou a tesoura num canto e se jogou de costas no monte.

— Ficou doida? — ralhou Louise, que prendia com um grampeador imenso as bandeirolas ao longo de um barbante; junto com Hanna, que ia guiando o fio.

— Esse trabalho é chato, é torturante! — afirmou Evie. Ainda deitada, pegou um pouco das bandeirolas e as jogou em Louise. — Relaxa um pouco, Lou! Se continuar assim, você vai surtar!

— Vamos relaxar sim, depois que tudo estiver pronto. Pode tratar de pegar o outro grampeador, um pedaço de barbante e ir à luta!

— Sim, mamãe! — ironizou a garota, espalhando mais bandeirolas ao se levantar.

Enquanto pegava o novo cordão, Evie observou a professora Petra, que repreendia Zé Roberto por tentar passar na marra uma escada enorme pelo estreito portão da quadra, ajudado por Heitor. Enquanto Zero discutia, seu ajudante simplesmente descansara a ponta da escada no chão, despreocupado.

A maioria das professoras costumava usar o uniforme docente, geralmente com os mesmos acessórios e penteados. Petra Garbo era a única que parecia um catálogo de moda excêntrica. Hoje usava com um vestido roxo longo e soltara sua juba de cabelos crespos e levemente dourados,

adornando-os com um lenço branco torcido, amarrado como um diadema, cujas pontas desciam pelo ombro.

— Onde está a Kia? — quis saber Hanna, dando voltas com o carretel.

— Foi receber os pais dela. Eles vieram para a reunião — respondeu Evie, começando a grampear.

— Alguma chance da Dona Aurora vir? — perguntou Hanna.

— Nenhuma. Ela disse que não viria nem morta, principalmente depois do cheque.

— E a Maggie, cadê ela? — perguntou Louise, esperando Hanna soltar as próprias pernas, que acabara de enrolar no barbante.

— Não veio. Quando ela ligou para mim no Domingo, disse que pegou uma virose... uma dessas coisas que os médicos falam quando não sabem qual é a nossa doença. Deve não ter melhorado ainda — informou Evie.

— *Uuuh...* agora a Mag vive de segredinhos com você! — insinuou Lou.

— Será que estou sentindo uma pontada de ciúmes? — riu Evangeline enquanto Louise voltava a grampear, mais descontraída.

Nicolas Wing sempre usava camisas coloridas, *jeans* surrados e chinelos gastos. Seu cabelo grisalho e cacheado caía pelos ombros, luzindo com um brilho prateado à luz do Sol. Ultimamente, passara a ocultar o cocuruto meio calvo com uma de suas bandanas estampadas mais chamativas. Miguel usualmente afirmava que seu pai não queria admitir que estava ficando careca — ao que o velho replicava dizendo para o filho tomar cuidado, pois a calvície é hereditária.

Naquela quarta, Nicolas conduzia com uma das mãos o seu cavalo Poison. O animal ainda era preto e reluzente, apesar de ter emagrecido bastante com o passar dos anos. Ambos caminhavam calmamente pela praça, o velho observando o fluxo de pais e alunos que apinhavam a entrada do Instituto A. W. Sigma, e o equino apenas puxava a carroça atrelada ao seu arreio.

— E ele arrematou dizendo que não me contaria as informações sobre o caso da biblioteca — dizia Miguel, andando ao lado do pai. — Como se eu quisesse saber!

— Não menospreze seu irmão, você sabe o quão informado ele pode estar. Concordando ou não, não podemos negar que ele *sabe das coisas*.

Juntos, pai e filho passaram pela entrada principal da escola e deram a volta pela esquina, até pararem em frente ao portão da área da quadra.

— Fico pensando em até que ponto ele está envolvido neste mistério — ponderou Miguel, se escorando no muro.

— Acha que ele pode arrumar mais problemas para o seu tio? Ou piorá-los? — O velho Nick franziu o cenho.

— Talvez... talvez não de propósito, mas ele é bem capaz.

— É um assunto delicado, filho. De qualquer forma, ele prometeu que contaria tudo ainda hoje para Último, Leo, e o resto de nós. Mudando de assunto — disse o velho, sentando na carroça vazia —, como vai o trabalho? Nunca pensei que você seria professor, sempre o imaginei trabalhando nas academias como *personal trainer*...

— Não é um trabalho ruim. É complexo, mas os alunos do Instituto são ótimos. O salário é razoável...

— Ah! Admita, Miguel! Você deve ganhar menos do que eu...

O professor riu, mas sua diversão durou pouco. Acabara de avistar um carro preto com janelas fumê que andava a toda velocidade. Ele conhecia bem aquele carro.

— É Narciso — confirmou o velho Nick.

Sem dizer palavra, Miguel abriu o portão. O professor pretendia chegar à diretoria em tempo de ouvir todo o discurso do irmão, simplesmente precisava ouvir aquela ladainha na íntegra.

— Você vem, pai? — perguntou ele para Nicolas, já dentro do colégio.

— Ah, não. Preciso *estacionar* o Poison antes, vai que me roubam!

Involuntariamente, Miguel sorriu enquanto seu velho pai dava tapinhas carinhosos nas ancas do seu companheiro equino.

— Como assim você não perguntou nada?

As garotas ainda preparavam as bandeirolas quando Kiara chegou. Pouco depois, o professor Miguel atravessou apressadamente a quadra, o que fez Evangeline recordar-se do que acontecera dias atrás. Até então, ela só contara metade da história às amigas.

— Kia, eu não tinha cabeça para isso!

— Se fosse eu, perguntaria imediatamente.

— Se fosse *você*, perguntaria mesmo que fosse apenas uma cabeça decapitada! — zombou Louise.

— Ah, talvez perguntasse mesmo — confirmou Kiara. — Qual é, vocês não estão nem um pouco curiosas para saber o que está rolando entre ele e a

professora Natalie?

Nos últimos dias, Kiara insistia em afirmar que Natalie e Miguel estavam nutrindo um romance secreto, e desde então irritava a todos, sem exceção, para extrair mais informações sobre os dois. Louise tentou refreá-la, mas a garota sempre dava um jeito de manter suas investigações longe dos olhos da amiga. Inclusive chegou a fazer Evie, Hanna e Magda jurarem que perguntariam ao professor sobre esse assunto, caso tivessem a oportunidade de conversar a sós com ele.

Roxane vinha correndo pelo jardim, esbaforida. Parou nas grades da quadra, no ponto mais próximo de onde estavam as garotas.

— Viram meu primo, o professor Miguel? — resfolegou ela.

— Passou correndo agora há pouco — informou Hanna

— Por quê? O que aconteceu? — quis saber Kiara.

— Meu primo Narciso está aqui. Ele pediu para que o tio Leo viesse, acho que vai contar alguma coisa... tenho certeza que vai dar briga! — respondeu Roxie num atropelo, antes de seguir correndo até a porta do refeitório.

Kiara olhou para Louise, implorando por sua permissão.

— Não, nem pense nisso! — respondeu a garota, entendendo a pergunta muda da amiga.

— Ah, Lou! Não me diga que você não está nem um pouco curiosa!

— Não, eu não estou nem um pouco...

— Eu disse pra você *não* dizer! — explicou Kiara. — Vamos, sei que lá no fundo todas querem ir!

Louise buscou apoio à sua volta, mas nem Evie nem Hanna se juntaram a ela. Então respirou profundamente, enquanto Kia esperava, com a ansiedade à flor da pele.

— Tudo bem, nós vamos lá tentar ouvir alguma coisa! — anuiu Lou.

Na diretoria, as garotas se agruparam em torno da porta, espiando o gabinete do diretor por uma fresta. Último estava de pé atrás de sua mesa; Roxie e sua mãe ficaram num canto ao fundo, perto do armário. Em volta da mesa estavam Leônidas, Narciso — que acabara de acender um cigarro — e Miguel, que olhava para o irmão de braços cruzados, parecendo mais forte do que de costume. Perto da porta, estavam Nicolas e Seu Batista, apenas observando de longe.

— Pelas barbas de Paulo Freire, porque você está fumando essa coisa? — ralhou Último, que acabara de perceber a fumaça que se alastrava a partir do lugar onde seu sobrinho estava.

— Não vi nenhum sinal que proibisse.

— Eu pensei que as pessoas teriam inteligência suficiente para *se matar* bem longe daqui. Se você quer ser suicida é um direito seu, mas pelo menos faça isso longe de nós, que não queremos morrer! Nicolas, por que não dá logo uma surra nesse moleque?

— Ele não é mais *moleque*, Último — defendeu-se Nicolas tranquilamente. — Ele fez suas próprias escolhas. Escolhas erradas, mas não posso obrigá-lo a ouvir meus conselhos.

— Você não teria algo forte para beber, teria? — perguntou Leônidas, que pelo visto queria estar em qualquer lugar, menos ali.

— Só tem o café do Seu Batista, mas, se você preferir, posso buscar um pouco da gasolina do meu Mustang — ironizou Último.

— Que cheiro estranho é esse? — comentou Narciso com uma careta.

— Não seria o quociente tóxico do seu fumacê? — sugeriu o diretor.

— Não... é um cheiro meio podre...

— Ah, sim! É meu novo perfume, *Lê bostê Du Equine*. Gostou, filho? — gracejou Nicolas, ganhando uma bela rodada de risadas dos demais.

— É melhor que você fale logo o que veio fazer aqui, Narciso. — O diretor Último era o único absolutamente sério quando interrompeu o momento de descontração, apoiando as mãos sobre a mesa. Imediatamente, fez-se um silêncio ansioso por toda a extensão do gabinete. — Não tenho muito tempo antes da reunião de pais e mestres, nem posso atrasá-la por causa de uma reunião familiar.

— É importante, tio — informou Narciso, colocando as mãos no bolso. — Tem a ver com a morte na biblioteca. É sobre o falecido.

Perto da porta, Nicolas olhou para trás e encontrou o rosto das garotas que espiavam, antes que qualquer uma pudesse notar. Por um instante, pareceu que as delataria; mas o homem apenas piscou o olho e voltou-se para frente, sorrindo.

— Então diga! — apressou Leônidas, nitidamente interessado.

— Ele não era funcionário do Município...

— Isso todo mundo já sabe — interrompeu Miguel, exasperado.

— A questão não é essa, Miguel: eu sei exatamente quem ele era e o que buscava.

— E então, quem era o bendito? — apressou Leônidas.

— Era meu sócio, estava atrás de um exemplar específico do livro “*O misterioso caso do Boaventura*”, ou seja lá qual for o título desse papelucho. Obviamente ele pensava que não haveria risco algum, ou não iria pessoalmente.

— Não, usaria um dos seus *peões*, não é? — provocou Miguel.

Narciso não respondeu, apenas se agitou no lugar onde estava, desconfortável.

— Você tem certeza, Ás? — As costas de Leônidas pareciam bem esperançosas, vistas do ângulo em que as meninas estavam.

— Sim. Posso passar os dados dele para vocês, mas não vou depor, não quero me envolver.

— Hum... Típico! — murmurou Miguel. Evangeline, ainda escondida atrás da porta, anotou mentalmente que todos os Wings tinham essa mania irritante de exclamar: “*Típico!*”.

— Mas por que ele queria *esse* livro? — perguntou Último.

— Por culpa minha. Deixei escapar que havia um exemplar raro do livro que continha todos os segredos ocultos do caso. Claro que não cheguei a mencionar que, na verdade, era um manuscrito. Foi um erro de percurso — explicou Narciso.

— Você chama a morte de um homem de *erro de percurso*? E só conta tudo isso meses depois? — constatou Miguel, indignado.

O diretor saiu de seu posto para algum ponto fora do campo de visão das meninas. Apenas Louise não vira o movimento, pois acabara de olhar para a saída.

— Acho que estou ouvindo passos — sussurrou ela, de forma tão inaudível que Evie precisou ler o movimento de seus lábios para entender.
— Vai lá ver quem é.

Na ponta dos pés, Evie se esgueirou até a saída para o corredor. Abriu dois milímetros da porta e pôde avistar duas figuras masculinas que se aproximavam: Jesus Vasconcellos, gingando com os braços abarrotados de papéis, e um mauricinho engomado ao seu lado. Por um instante, Evie pensou não conhecer o segundo garoto, mas, ao chegarem mais perto, soube quem era.

Grégor. Um Grégor asseado, com o cabelo repartido de lado e sem maquiagem que ela nunca vira antes. Estava incrivelmente normal, como qualquer outro garoto, os olhos turquesa brilhando em destaque no seu rosto.

— Tudo limpo? — perguntou Lou impaciente.

— É o Jesus e o Grégor. Então sim, tudo limpo.

Os dois entraram na diretoria e não quiseram perguntar o motivo delas estarem de tocaia na porta do diretor, apenas espicharam o pescoço para tentar enxergar o que elas espiavam.

— Tudo é muito importante, mas receio que teremos de adiar a reunião — dizia a voz de Último, vinda de algum lugar da sala. — Meu tempo livre está quase no fim, sem mencionar de que temos uma plateia cativa, que, aliás, não deveria estar presente...

Ao mesmo tempo, quatro bocas femininas gritaram quando Último abriu a porta, surpreendendo as espiãs. Hanna, que se agachara na frente das garotas, caiu sentada aos pés de Louise e precisou ser amparada pela garota ao se erguer.

— O que vocês pensam que estão fazendo? Espero que tenham um bom motivo para estar aqui. — O diretor não parecia bravo, tampouco feliz por encontrá-los.

— Vim trazer os relatórios do reforço escolar — disse Jesus, estendendo os papéis para o diretor, que os apanhou sem entusiasmo.

— Meu avô pediu para avisar que ele precisa falar a sós com o senhor — disse Grégor.

— Avô? Quem é você, menino? — perguntou o diretor, ajeitando os óculos que escorregavam pelo nariz.

— Grégor Uno, senhor.

— Ah, sim... *o da franja*. Perdão, não reconheci. — Último se virou para as garotas. — E vocês?

— V-vim saber se a declaração que minha mãe pediu já está p-pronta — inventou Louise, gaguejando de nervoso.

— Você deveria perguntar isso na secretaria, não aqui. Evangeline?

Evie não sabia o que dizer, porém, o olhar severo de Último dizia claramente que ela deveria ter um bom pretexto, ou estaria automaticamente encrocada. De onde estava, Evie podia ver metade do rosto de Ás, que sorria maliciosamente. Ao seu lado, o professor Miguel as olhava numa expressão complexa. Talvez fosse de desapontamento.

Então Evie se lembrou da reunião que aconteceria em instantes.

— Minha mãe não aceitou o dinheiro e avisou que não viria à reunião. Queria saber se vou ter algum problema, já que é obrigatório que todos os alunos tenham um pai ou responsável pre...

— Eu já sabia, sua mãe entrou em contato. Quanto a isso, não se preocupe. Imagino que Hanna veio avisar de sua avó, não é?

Hanna, que nos últimos minutos estivera com as engrenagens cerebrais gemendo de esforço — tamanha era a força que fazia para encontrar uma desculpa plausível —, fez que sim para o diretor. Kiara, que estava por trás do grupo, encolheu-se ainda mais para não ser notada.

— Muito bem... recados dados. Agora vão e não fiquem atrás das portas, ou serei obrigado a concluir que vocês não estão bem-intencionados!

Capítulo XVII:

Uma Rosa Negra

Trilha Sonora: [My heart is broken, Evanescence](#)

O sinal que indicava o fim das aulas começou a soar assim que as garotas deixaram a diretoria. Elas estavam aliviadas por escaparem, sem deixar de sentir uma pontada de desapontamento por não ouvirem toda a conversa. Kiara, Hanna e Louise seguiram os meninos, voltando para a quadra; mas Evangeline desacelerou o passo ao chegar perto da sala seis. Ela acabara de notar que alguma coisa fora afixada ao seu armário, divisava claramente um bilhete datilografado colado nele com fita adesiva.

Chegando mais perto, notou que as letras vermelhas estavam claras, como se a fita da máquina de datilografia que as escrevera estivesse quase no fim. Ainda assim, conseguiu ler o que estava escrito:

“Doce sonho que voa,
seguindo o canto que entoo.
Estejas aqui assim que possas,
Não deixes que teu sonho alado volte ao seu voo”.

Não havia pista alguma de quem o colara ali. No fundo do seu coração, Evangeline desejou que não fosse uma brincadeira de mau gosto, e guardou o bilhete dentro do armário.

Depois que todos já dormiam, Evangeline sentou em sua cama, não estava nem um pouco propensa a adormecer. Todos os acontecimentos dos últimos dias agitavam seu pensamento, pelo visto ela não conseguiria desligar sua mente naquela noite. A angústia e a impotência fervilhavam em seu sangue, transformando-se numa adrenalina potente e quase incontrolável. Ela queria agir e tinha o forte pressentimento de que aquele não era o lugar onde realmente deveria estar. O poema colado ao seu armário dizia claramente que ela deveria voltar, e que deveria ser o quanto antes. Então, por que ela ainda titubeava?

Hanna dormia tranquilamente em sua cama, a luz do luar iluminava parte de seu rosto. Ela ainda abriu os olhos quando sua amiga atravessou sorrateiramente o quarto, continuou observando enquanto ela saía pelo portal, em silêncio; depois reclinou a cabeça no travesseiro e voltou a dormir como antes. Talvez pensasse que a saída de Evie não passava de um sonho muito vívido. Claro que ela jamais acreditaria que Evie se arriscaria saindo do quarto após o toque de recolher, principalmente sem a sua companhia.

Porém, não era um sonho. Evangeline realmente escolhera quebrar as regras.

Ao passar pelos corredores, a garota entreouviu barulhos madrugueiros, vindos de diversos quartos, onde suas ocupantes obviamente não concordavam com o horário estabelecido.

Na verdade, até então, a garota desconhecia a forma correta de sair do quarto sem ser notada. Na tarde anterior, depois de ter visto o poema, ela fora sozinha à papelaria para conferir as apostilas deixadas lá pelos professores, como fazia quase todo dia depois das aulas. Providencialmente, ouvira uma conversa entre duas meninas do oitavo ano que estavam na sua

frente na fila, que tiravam cópias de um mapa muito bem elaborado com o caminho perfeito para circular pelos corredores do campus de noite, inclusive com os horários corretos de cada rota das inspetoras em todos os dias da semana. Pelo visto, planejavam um tipo de festa ou saída ilegal.

Quando foram pagar as cópias, a folha original escorregou para o chão e, na pressa de conferir as moedas, ninguém notou a perda.

E, é claro, Evie a recolheu assim que ficou sozinha.

Tudo o que a garota precisaria fazer para não ser pega era sair na exata hora em que a inspetora do turno estivesse numa pausa para o café. Um plano arriscado, mas surpreendentemente eficaz.

Chegando ao saguão, Evie teve de se esconder debaixo da escada e esperar até que Dora saísse do balcão. Mentalmente, ela traçou o percurso até o engradado de chaves. A que deveria pegar era a primeira, a chave-mestra de todas as portas da escola.

Seu coração pulsou quando a inspetora saiu de cena. Chegara a hora de agir.

Dora não ouviu e nem retornou quando a garota se aproximou; nem mesmo quando as chaves retiniram perigosamente. Evie jurou ter ouvido os passos da inspetora voltando para o balcão enquanto saía, mas não ousou conferir, apenas saiu para o jardim.

Ela se questionava sobre sua atitude imprudente pelo caminho até o portão, mas agora não havia mais volta, a menos que tivesse uma boa desculpa para estar fora da cama com a chave mestra da escola na mão. Não, seria covardia demais desistir sem nem ao menos tentar.

Evie já estava abrindo o portal quando sentiu uma mão fria escorregar pelo seu ombro. Ela estacou, seu coração pulou até a garganta e sua

respiração retrocedeu dolorosamente até o pulmão.

— O que você está fazendo fora da cama, mocinha?

Com um grito agudo, Evangeline voltou-se para a voz. Séfora estava logo atrás dela, encarando-a com o rosto impassível.

— Ehr... S-séfora... eu estava... hum...

Séfora riu do nervosismo da garota, o que deixou Evie sinceramente confusa.

— O quê? Acha que eu vou dar bronca?

— Claro! É o seu trabalho, não é?

— Sim, mas só até as sete. Depois disso, isso aqui é como se fosse minha casa.

— Você mora aqui no Instituto, que nem o Seu Batista e o Seu Prestes? Pensei que você só ficasse de vez em quando.

— Fico aqui porque minha mãe mora longe, e não tenho condições de encontrar um lugar legal para mim por enquanto. Digamos que sou exigente demais para morar num *pulgueiro*. Costumo desligar esse negócio de ser inspetora assim que o turno acaba, senão vou acabar enlouquecendo!

Séfora tomou a chave mestra das mãos de Evie com delicadeza, e ela própria abriu o portão.

— Vem! Vamos dar uma volta. Normalmente não faço isso, prefiro deixar os infratores em paz, mas você parece ser uma garota especial.

— Especial do tipo: *nossa, ela é incrível*, ou especial do tipo: *ih, ela deve ter sérios problemas*? — perguntou Evie quando passou pelo portão.

— Especial do tipo: *você se parece muito comigo*.

— Como assim?

A inspetora-chefe fechou o portão atrás de si com cuidado e começou sua explicação enquanto as duas caminhavam tranquilamente pelo pátio deserto.

— Acho que você já deve ter notado que eu sou um pouco esquecida.

— Sei...

— E que não ligo muito para as regras normais.

— Percebi isso hoje.

— A questão é: como consegui fazer com que meu cargo no A. W. Sigma desse certo? A resposta é muito simples: eu tenho um dom.

— Que dom seria esse?

— Costumo ler a personalidade de todo mundo pelas características básicas de cada um. Por exemplo, sei que você está sempre em boa companhia, não deve ser uma garota má. Mas também não liga para regras, ou não teria ficado com a chave do cadeado da saída de incêndio.

— Como sabia disso?

— Não sabia. Só revirei o campus inteiro e não achei a chave em lugar nenhum. Agora *joguei verde* e você acabou de confirmar minhas suspeitas.

— *Ops!*

— Sorte sua eu ter descoberto fora do horário. Continuando, você faz amizade fácil, no primeiro dia já estava rodeada de colegas. Também luta para que não haja injustiças a sua volta, ou não teria acontecido toda aquela confusão dos pratos. Olhando bem, acredito que você não fará nada de

errado, então não preciso prestar muita atenção em você, e com isso tenho mais tempo para focar nas meninas de má índole.

— Ah...

— Mas não abuse, heim! Se eu perceber que você está fugindo do controle, passará pra minha *lista negra*!

— OK.

— Isso me lembra de que preciso perguntar o que exatamente você está fazendo aqui fora.

Evangeline parou. As duas tinham acabado de chegar à porta de acesso para o prédio principal da escola. Ela não conseguia explicar de forma satisfatória nem a si mesma a mensagem maluca que recebera mais cedo, quanto mais à Séfora.

— Tenho um forte pressentimento — abreviou ela.

— Como numa premonição? Porque, se for, saiba que eu acredito e muito nessas coisas!

— Não, é mais uma intuição feminina. Acho que tem algo aqui na escola que eu deveria ver, senão não vou conseguir dormir hoje. Uma coisa no meu armário.

— Sei... seja breve, vou esperar por você aqui fora.

A luz dos postes de iluminação entrava pelas janelas do refeitório vazio, dando uma visão clara do caminho pelo qual Evangeline deveria seguir. Parecia tolice da parte dela acreditar que realmente poderia dar algum resultado.

Porém, no corredor, Evie foi obrigada a concluir que a pessoa que deixara o poema não estava brincando: havia um volume incomum na porta

de seu armário.

Alguém amarrara com fita de seda vermelha ao cadeado um envelope amarelado pelo tempo e uma rosa negra artesanal, muito delicada. No verso do envelope, estava o nome do emissor datilografado com a mesma tinta vermelha do poema: *Angelus G. D. II*.

Sentindo a emoção vibrar, Evie desatou a fita com cuidado e abriu o envelope. Esperava encontrar uma carta, uma mensagem misteriosa qualquer ou um novo poema. O que ela não esperava de forma alguma era encontrar um maço grosso e impecavelmente intocado de gloriosas notas de cem. Deveria ter pelo menos cinco mil reais.

Não havia ninguém no corredor. Quem a presenteara com o envelope e a rosa já estava a léguas de distância.

— Será que o diretor mandou o dinheiro? — sugeriu Hanna.

Fora difícil para Evangeline convencer a si mesma de que não havia sonhado com a saída do dia anterior. Ela precisaria, então, de mais de uma mente para desvendar quem era *Angelus G. D. II*. Portanto, de manhã, convocou uma reunião urgente com Séfora e todas as amigas no canto da sebe do campus, onde podiam se isolar dos transeuntes atrás de um enorme galho que caíra ali durante uma tempestade — que elas cobriram com o mesmo toldo que Último usara na aula de filosofia. Magda, que voltara ao Instituto há pouco, usou seu celular para chamar Roxane, e em poucos minutos ela se somou às outras na cabana improvisada.

A rosa negra e o envelope já haviam passado de mão em mão, todas tentaram achar uma pista sequer que identificasse o emissor. Não havia mancha, rabisco, impressão digital, nada que pudesse ajudá-las.

— Isso é improvável, Hanna, meu pai é orgulhoso demais — retrucou Roxie, devolvendo a rosa para Evie. — E também adoraria a desculpa de esfregar na cara de todo mundo que “*um Wing sempre ajuda a família*”.

— Pode ter sido o professor Miguel! — lembrou Kia, num tom apaixonado. — Você contou da ordem de despejo na sexta-feira, não é? E provavelmente ele tem acesso à chave mestra...

— Na verdade, só eu, o Batista, o Fausto e o Prestes temos — explicou Séfora. — E Miguel não pode ter tanto dinheiro assim para doar, ele não ganha mais do que eu. E ainda há o fato de que qualquer um pode ter afanado a chave, como fez a Evie ontem, com a minha.

— E não pode ter sido o Seu Batista, ou o Seu Prestes? — arriscou Hanna.

— Não, eles têm suas próprias dívidas — rejeitou Séfora.

— Também pode ter sido você, Séfora! *Você* estava andando pela escola antes de me encontrar...

— Se eu tivesse tanto dinheiro para esbanjar, não trabalharia aqui no Instituto. Sem contar que *você* estava com a minha chave, eu só estava dando uma volta pelo jardim.

— Ontem foi a reunião de pais e mestres, lembram? — recordou Louise. — Tinha muita gente aqui antes da escola fechar, inclusive o Seu Nicolas, o Seu Leônidas, o Narciso...

— E se foi o tal do Narciso Wing? — opinou Magda.

Evangeline sentiu um frio transpassar suas costas ao pensar que aquele poderia ser um dinheiro sujo, proveniente de meios marginais. Sentindo um

assomo de desânimo, lembrou que Narciso já oferecera dinheiro a ela, e que ele conhecia a história do despejo.

— Vocês não conhecem o Narciso — Roxie parecia completamente descrente da possibilidade, o que infundiu uma bela e quente dose de alívio na mente de Evie. — Ele nunca faz nada em prol do bem alheio, sempre quer algo em troca. Inclusive teve uma vez que ele fez uma doação para que a Pastoral Social pudesse oferecer uma ceia de Natal para os mais necessitados — Todo mundo estranhou, é claro. E o tio Emanuel descobriu que ele só queria se livrar de notas falsas. Foi na primeira vez em que o Ás foi preso, acho.

Evangeline girava a rosa pelo caule, analisando suas delicadas pétalas. Ela tentava lembrar onde já vira rosas negras...

— Esperem um instante — disse finalmente. — Na diretoria tem um quadro que retrata rosas negras num vaso. Isso pode significar que foi o seu pai sim, Roxie!

— Não, isso não deve ter nada a ver com aquele quadro. Ele já está na diretoria desde a fundação do A. W. Sigma. É uma herança, vem da família da qual os Wings descendem, os *Darkrose*.

— *Darkrose*? Isso não significa *rosa negra* em inglês? — perguntou Lou, somando *A mais B*.

— Sim, mas *Angelus* não poderia ser um deles — explicou Roxie. — Não tem nenhum *Angelus* entre os *Darkrose*, que eu saiba. Sem contar que todos eles vivem muito longe daqui, nem conhecem a Evie. Esse “D” do sobrenome pode significar qualquer coisa!

— *Angelus* é uma oração, não é? — perguntou Kiara.

— Sim, mas nem pense que foi o meu padrinho. Ele nem sabia que eu precisava de dinheiro. E se fosse nos ajudar, falaria diretamente com minha mãe.

— Também tem o fato de que esse Angelus conhecia o Sonho Alado, ele o citou no poema — lembrou Séfora. — Tem que ser alguém bem próximo da Evie.

— Pode ser que ele apenas conheça minha mãe e saiba que ela o passou para mim — Evie ainda girava a rosa na mão, olhando-a, quase hipnotizada. — Queria saber quem é o Angelus, queria ao menos poder agradecer.

— Na minha opinião, tanto faz. Quem deixou o envelope, agiu como um verdadeiro anjo, não deve ser uma pessoa ruim. Não é verdade que as legítimas boas ações precisam ser feitas anonimamente, sem vanglória? — comentou Louise.

— Às vezes Deus faz isso, não é? Quando Ele não pode mandar seus anjos de verdade e nem vir pessoalmente, usa um dos seus filhos, que agem como verdadeiros anjos — comentou Hanna, olhando para o céu.

— Olha, Hanninha, dizem absurdos de você, eu já ouvi um monte deles — disse Kiara, sentando ao lado da amiga. — Mas a verdade é que você é a portadora da sabedoria mais pura!

Evangeline agora olhava para o campus, pensativa, segurando a rosa negra perto da face.

— Ainda assim, minha mãe pode recusar o dinheiro, ela é tão desconfiada!

— Eu posso ajudar! — ofereceu-se Séfora. — Posso ir com você, dar uma de bacana e dizer que quero fazer uma caridade!

— Hum... nada mal — considerou Evie. — Podemos ir depois do contraturno, se você conseguir sair mais cedo...

— Então vai mentir pra sua mãe e aceitar um dinheiro misterioso que veio sabe-se lá de onde? — constatou Roxie.

— Sim e não. Vou omitir a origem do dinheiro e salvar minha casa. Depois vou apenas rezar para que isso não me traga mais problemas.

Enquanto isso, a sétima sinfonia de Beethoven ecoava suavemente pelo segundo andar do Instituto Educacional A. W. Sigma, que àquela hora da manhã estava quase deserto. O som do piano chegava aos ouvidos próximos como um antídoto calmante para o estresse escolar e como um potente sonífero para aqueles que não descansaram tempo suficiente durante a noite.

A mestra de Artes era quem comandava o belo instrumento, no palco do auditório vazio. Seus dedos longos e ágeis deslizavam pelas teclas com uma destreza exemplar, fazendo parecer que tocar o instrumento fosse algo extremamente simples, como se qualquer um que ali sentasse pudesse imitá-la.

Vinda da entrada, Margô Trevelin se aproximava. Ela seguiu pelo corredor lateral até subir no palco e quedar-se de pé ao lado do piano, aguardando pacientemente; como se o ato de interromper a melodia que Petra tocava pudesse causar um desastre ambiental.

Percebendo com um olhar rápido a presença da outra, Petra Garbo resolveu iniciar a conversa, ainda tocando.

— O que veio fazer aqui, Margô? Duvido que tenha apenas decidido apreciar minhas prodigiosas habilidades...

— Você sabe que prefiro ser tratada pelo sobrenome, Garbo.

— Sei. É mesmo difícil abandonar as tradições. Principalmente quando se é uma Trevelin, como você.

A professora de matemática continuou parada no mesmo lugar, em silêncio. Ainda permitiu que Petra seguisse tocando mais algumas notas antes de levar a conversa ao ponto desagradável.

— É exatamente sobre isso que eu queria falar. Não sobre a minha família, mas sobre os *Darkrose*.

Aquele nome fez com que a professora perdesse o rumo da música. Ela olhou de esguelha para a outra antes de continuar a tocar, voltando sem querer para os primeiros acordes.

— Acredito que o assassinato da biblioteca possa ter alguma ligação com eles. Você concorda? — perguntou Margô, num tom crítico.

A pergunta fez com que Petra interrompesse a música, numa nota final alta e destoante.

— Não. Eles não viriam aqui e nem teriam motivos para matar aquele mercenário.

— Eu não seria tão otimista, Garbo. Você sabe muito bem que o estilo deles é sutil, não me impressionaria se logo eles viessem a Coronel Boaventura.

— De qualquer forma, não corremos perigo, e nem correremos. Estamos seguras enquanto estivermos próximas dos Wings — declarou Petra, voltando a tocar do ponto onde abandonara a sinfonia.

Margô Trevelin aproximou-se da outra, dobrando-se para falar ao seu ouvido.

— Você é crédula demais, Garbo. Se os Darkrose suspeitarem de nós, todos estaremos vulneráveis, inclusive os Wings. Torça para que seja apenas um mau pressentimento de minha parte.

A mestra de matemática afastou-se, deixando Petra voltar a tocar o piano com a mesma destreza, mas não com a mesma graça de antes. Agora seu rosto se contorcia de preocupação e seu toque era pesado. O som do piano, aos seus ouvidos, soava como sua própria marcha fúnebre.

Sobre esse capítulo:

[Sobre o vocábulo “sebe”](#)

[Sétima sinfonia de Beethoven](#) (quando Margô entra, Petra está tocando Allegretto, segundo movimento, clique em “Play” para ouvir)

Capítulo XVIII:

Choque de Crânios

Trilha Sonora: [Boa Sorte/Good Luck, Vanessa da Mata e Bem Harper](#)

Algum tempo depois de Evangeline entregar o dinheiro misterioso para a sua mãe (e de ela ter aceitado, depois de certa insistência da filha e da inspetora, disfarçada de ricaça), vinte e um alunos, um professor e um delegado tentavam se apertar na pequena sala de espera da delegacia; era o primeiro e único passeio do ano para a turma meia-três. Não que nenhum outro professor quisesse levá-los a algum lugar, ao contrário, quatro vezes antes aconteceram solicitações na diretoria, mas todas foram vetadas por Margô Trevelin. A professora alegava que a turma três era a única do sexto ano com problemas de indisciplina e de falatório, ainda que fosse a classe com os melhores resultados em questão de notas entre os sextanistas.

— Só estamos aqui porque o professor Miguel entrevistou a nosso favor — contou Kia, verificando se era seguro conversar enquanto o professor Constantino falava com Fontes.

— E como ele conseguiu esse feito? — Magda se inclinou sobre Evie, fingindo interesse na fofoca.

Mesmo com as risadas abafadas de Evie, Lou e Hanna; Kiara não notou o sarcasmo na voz da garota.

— Ah, com aquele sorriso, ele consegue qualquer coisa! — suspirou ela.

— Kia! Você não pode idolatrar o professor, lembra? — Evie nunca se importara de verdade com o assunto até ter surpreendido a amiga coletando uma toalha de rosto suada da sala do professor na última aula de Educação Física.

Kiara não respondeu. Acabara de avistar a sala entreaberta do delegado Fontes, bem perto do banco onde estavam sentadas.

Evie e as outras garotas seguiram seu olhar. Na sala estavam dois policiais; o mais velho apoiado na mesa do delegado e o mais jovem de pé, segurando um saco de evidências. E no saco de evidências...

— “*O Mistério do Caso Boaventura*” — sussurrou Hanna. — É aquele livro que nós vimos no começo do ano, na biblioteca. Não é, Evie?

O professor e o delegado terminaram sua pequena reunião. Carlos Fontes agora se dirigia ao centro da sala para iniciar seu discurso de boas-vindas. O professor Constantino preferiu ficar encostado na parede, apenas observando.

— Temos que dar um jeito de pôr as mãos naquele livro — disse Kiara, sem dar atenção às palavras do delegado e nem ao olhar de censura de Louise.

Ulíe, a um canto, brincava em seu videogame portátil. Ela não deveria estar ali, já viera no mesmo passeio com sua própria turma. A maioria dos outros prestava atenção ao que o delegado dizia, mas, se as garotas entrassem na outra sala, certamente despertariam a atenção de alguém.

— Muito obrigado, delegado — agradeceu o professor Constantino quando Carlos Fontes encerrou seu pequeno histórico. — Agora vamos conhecer melhor a estrutura física daqui. Para ficar mais fácil, nos dividiremos em dois grupos, o segundo ficará aguardando o segundo *tour*.

Kiara sorriu para as outras. Era a ocasião perfeita para espiar o livro.

Junto com elas, ficaram esperando também Ulie (ainda jogando), Grégor, Tobias, José Roberto, Jeremy e Roxane. Tudo estava propício para uma boa invasão, até mesmo a recepcionista saíra de seu posto.

— Zero! — chamou Evangeline, tendo uma ideia, enquanto Kiara se adiantava para convidar Roxie, Grégor e Jeremy.

— Sim?

— Se lembra de quando você me deu cobertura na aula de Educação Física? Vou precisar mais uma vez dos seus *serviços*.

— Mas hoje? Agora? O que vocês vão fazer? — disparou ele, desconfiado.

— Nada ilegal, eu juro! Só uma espiadinha.

— Hum...

— Se alguém aparecer, arranje uma forma de não perceberem que não estamos aqui.

— Tudo bem. Mas você me deve uma! — alertou Zero, agitando o dedo indicador.

— E leve o Tobias com você — lembrou Magda, se unindo aos dois.

Mais adiante, Jeremy e Louise relutavam em participar da missão.

— Nem pensar! — dizia ele. — Isso é mexer com a Lei!

— Nós só vamos olhar, não vamos roubar, nem nada parecido! — justificava uma suplicante Kiara.

— Só queremos que vocês estejam com a gente, para decifrar as pistas. Somos amigos ou não? — pediu Magda.

— Claro que somos amigos, mas isso não significa que somos obrigados a participar de todas as suas burrices! — argumentou Louise.

— Se isso ajudar, diremos que vocês foram obrigados a ir conosco, caso formos pegos — sugeriu Evangeline.

— Mas se não forem, vamos dizer que vocês têm culpa no cartório de qualquer jeito! — completou Magda com um ar maligno.

Foi com a mais extrema relutância que os dois se juntaram ao grupo que entrava pela porta da sala do delegado Fontes.

Os oito cercaram a mesa. Kia se posicionou em frente à gaveta, segurando o puxador. Louise ficou mais perto da porta, espiando por cima do ombro a cada dois segundos.

— Ah, eu não aguento! — anunciou ela na terceira olhada. — Vou ficar na porta vigiando, vocês que se virem!

Grégor estava em frente a Kia, sereno como sempre, como se invadir gabinetes de delegados fosse a coisa mais normal do mundo. Jeremy estava ao seu lado, de braços cruzados, ainda se perguntando se deveria mesmo estar entre eles. Magda, Evangeline, Hanna e Roxie estavam apenas curiosas, aguardando o que viria a seguir.

Kiara começou a puxar a gaveta, abrindo-a com demasiada cautela. Pelo visto temia que, caso usasse um gesto mais bruto, algum alarme fosse disparado.

— Pessoal, a Grace voltou e está falando com o Zero! — informou Louise, ainda espiando pela janela da porta. — Acho que ela descobriu o nosso sumiço.

— Vamos sair daqui! — apressou Magda.

— Eu não vou sem olhar o livro — retrucou Kiara, segurando o saco de evidências em ambas as mãos.

— Ai meu Deus! Ela não está acreditando no Zero... acabou de sair outra vez, acho que vai chamar o delegado! — atualizou Louise, sacudindo as pernas nervosamente.

Kiara abriu o saco, e retirou dele o livro com o máximo de cuidado que poderia ter nessa situação. Mais do que depressa, os outros se acercaram, contornando a mesa.

— Não tem nada de estranho nele — constatou Evie, olhando por cima do ombro da amiga enquanto ela folheava o exemplar. — Nem ao menos um rabisco.

— Tenta ver quem foram os últimos a pegar o livro emprestado! — sugeriu Grégor.

Kia pulou as páginas restantes, parando por fim no verso da contracapa. O registro de empréstimos estava vazio.

— Ninguém pegou esse livro — disse Kia.

— Só o cadáver — completou Roxie.

— Esse caso está cada vez mais estranho! — comentou Grégor, voltando para a frente da mesa.

— Não, está cada vez mais frustrante! — Evangeline chegara à conclusão de que o livro não passava de uma pista inútil.

— Discutimos isso depois, pessoal, o delegado está vindo! — exasperou-se Louise.

O pandemônio silencioso que se seguiu ao aviso de Lou poderia ser caracterizado como cômico: cada um se moveu para um lado, Magda deu

de cara com Roxane, num choque de crânios; Kiara quase derrubou o livro, na pressa de colocá-lo de volta ao plástico; Grégor contornou a mesa e empurrou Evie para abrir a gaveta e Jeremy catou do chão as folhas que caíram da escrivadinha com o movimento.

Kiara escorregou o saco e fechou a gaveta no exato instante em que a porta se abria.

— O que vocês estão fazendo na minha sala? — perguntou o delegado, olhando de um rosto culpado para outro.

Ninguém parecia disposto a inventar uma resposta convincente. Evangeline ainda buscou apoio entre os companheiros, antes de começar:

— Perdão, delegado Fontes, nós não queríamos invadir a sala! — Olhou em volta, em busca de inspiração. Magda segurava o celular com as duas mãos, manipulando-o nervosamente — É que... os garotos começaram a brincar de “*vamos ver quem consegue pegar o celular da Magda*”...

Grégor e Jeremy olharam-na surpresos. Ela tentou retribuir o olhar, implorando para que embarcassem na história. E continuou:

— Quando eles começaram a jogar o celular de um lado para o outro, ele acabou escorregando por baixo dessa porta e nós viemos procurar, não tínhamos a intenção de mexer em nada.

O delegado olhou para a porta aberta. O vão logo abaixo dela era grande o suficiente para passar um celular fino, como o da garota.

— E porque estavam com a porta fechada? — questionou Grace, intrometendo-se.

Só então Evie percebeu que toda a turma as observava do lado de fora. José Roberto, logo atrás de Grace, pediu desculpas em silêncio.

— Gente, acho que fechei sem querer quando entrei, desculpa! — inventou Hanna, falando baixinho.

— Sei que para o senhor pode parecer suspeito, mas acredite: esses meninos podem fazer muita baderna quando querem! — reforçou Evangeline, tentando fazer a expressão mais inocente do mundo.

Grégor aproveitou a deixa para concordar:

— É isso aí, somos terríveis!

— Verdadeiros demônios — concordou Jeremy.

O delegado agora examinava suas coisas, provavelmente conferindo se não faltava nenhum item.

— Na próxima vez que forem brincar — alertou o homem, abrindo a mesma gaveta onde estava “*O mistério do Caso Boaventura*” —, façam isso num lugar apropriado, não aqui na delegacia.

— Sim, senhor! — responderam todos, aliviados.

Grace Helen ainda encarou os oito com um olhar letal, enquanto eles passavam por ela, na saída do escritório.

Ninguém fez comentários sobre o acontecido durante o passeio; porém, assim que estavam a sós, esperando a Van que os levaria de volta ao Instituto, trataram de encontrar um canto afastado para conversar.

— Você dissimula bem — surpreendeu-se Grégor, encarando Evie como se não a reconhecesse.

— Foi assustador! — acrescentou Jeremy.

— Foi mesmo, nem eu sabia que ia conseguir — concordou a garota.

— Tivemos sorte. Temos que prometer que nunca mais nos arriscaremos dessa forma, vamos deixar esse caso com a polícia, que é o que deveríamos ter feito desde o início. E vamos prometer também que nunca mais faremos algo que esteja na fronteira do ilegal — disse Louise no exato instante em que a Van estacionava na frente da delegacia.

Quase todos murmuraram um “prometemos” desanimado. Menos Evie, que ainda evitava o acordo.

— Eu prometo — disse ela, depois de alguns segundos. — Mas você, Louise, ainda vai beber desta água! — alertou ela, deixando para trás uma Louise confusa.

Utilizando a desculpa de iniciar o trabalho em grupo sobre o passeio, as cinco meninas subiram até o último andar do campus, para o quarto de Evie e Hanna, onde conversariam em paz sobre tudo o que acontecera.

— O que mais me frustra é que mesmo que descobríssemos quem é o assassino, não adiantaria muito, já que ninguém acreditaria em nós! — disse Evie sentando em sua cama de um jeito tão brusco que fez cair tudo o que estava sobre ela.

— Mas nós temos a Kia, nossa antena difusora de informações. Ela poderia espalhar a verdade, pra variar! — disse Maggie, que não parecia ter real intenção de debochar da amiga.

Kiara não entendeu dessa forma e fechou a cara no mesmo instante.

— Sim, a Kiara poderia espalhar a informação, mas você sabe como é o povo daqui, sempre aumenta um ponto — contrapôs Louise.

— E se a gente fizesse um *blog*? — sugeriu Hanna, se encolhendo com medo de acharem a ideia ruim.

Ninguém se animou. Magda deixou escapar um muxoxo de desprezo. Só rosto de Kiara se iluminou, um sorriso sorrateiro surgiu em sua face nipônica.

— Genial, Hanna! É isso!

— Sério? — disse Magda, descrente.

— Lembra daquele *blog* que surgiu há dois anos atrás?

— O *CB News*? O blog de fofocas aqui da cidade que foi removido pela justiça por calúnia e difamação?

— Esse mesmo, Mag! — confirmou Kiara.

— Mas o que esse *blog* nojento tem a ver? — quis saber Evie.

— Claro que nosso *blog* não seria como esse, mas a ideia seria quase a mesma. A gente poderia até inventar codinomes, pra aumentar o mistério!

— Tá parecendo história de série de TV — comentou Magda.

— É uma boa ideia, mas não daria certo, Kia, pelo menos não agora. A maioria do povo da cidade nem tem internet. Só mais o pessoal aqui da escola, a *elite* — explicou Louise.

— Isso é tão retrógrado — começou Magda em um tom digno de ser usado por Grace ou por Mercedes. — A internet é essencial nos dias de hoje.

— Desculpa Maggie, mas eu discordo. — Louise parecia ofendida e envergonhada ao falar. — Talvez você não saiba, mas muitos de nós temos que escolher entre comer e pagar as contas...

Maggie, que antes se empavonara, agora era uma avestruz pronta a enfiar a cabeça num buraco. Por um instante, olhou para seu *smartphone* novíssimo, de última linha. Ela nunca experimentara a sensação de querer muito uma coisa material e não poder tê-la. Alguma coisa naquele *muitos de nós* a fizera perceber o quanto se distanciava dos problemas das amigas.

— Perdão, eu não quis... — disse finalmente, com a voz fraquinha.

— Tudo bem — tranquilizou Lou, apertando de leve a mão da amiga. Maggie ergueu os olhos e viu que todas sorriam para ela, o que a fez se sentir mais próxima.

— De qualquer forma, isso de saber se o livro é amaldiçoado ou não é a busca da Kiara. O que eu queria mesmo é descobrir outras... *coisas*. Mas para descobrir isso, eu precisaria de um plano mais arriscado — começou Evie. Ela já pensara sobre isso diversas vezes e, a cada vez que essa ideia surgia, ela ficava mais convencida do que deveria fazer. A princípio, o tal plano era apenas considerável, até que a menina parou de encará-lo como infantil e começou a julgá-lo aceitável e, aos poucos, necessário.

Evie deitou na cama, com as pernas esticadas apoiadas no trecho de parede sem janela. Olhava para o teto, sua cabeça pendia para fora da cama, o cabelo solto descia até encostar-se ao solo. Do peitoril da janela, Levi olhou para sua dona; até ele desconfiava de suas intenções.

Magda entrou imediatamente no seu campo de visão.

— Como assim *outras coisas*? — perguntou, arqueando a sobrancelha direita. — Essa sua mente maligna não me agrada nem um pouco!

— Acredito que devemos investigar mais a fundo o diretor Último Wing. Será que sou só eu que acho que tem alguma coisa sobre ele que precisa ser descoberta? — explicou Evie, endireitando-se.

— Você só diz isso porque sua mãe vive brigando com ele! — falou Hanna.

— Eu digo isso porque tenho razões maiores para suspeitar — Evie referia-se à carta de Christofer. Até então não conseguira comentar nada com ninguém, e pretendia continuar assim até que tivesse certeza de que Último realmente não era “flor que se cheire”.

— E essa investigação seria? — interpelou Louise, cruzando os braços.

— Quando fui à mansão, o diretor estava escrevendo num diário de memórias dos Wings. Ele disse que esse diário continha fatos terríveis sobre o passado da família.

— E você acha que pode ter algo nele que lhe ajude? E se só tiver coisas de, tipo, *trocentos* anos atrás? — Kiara ainda não estava interessada, o que era um mau sinal.

— Ele também disse que era uma tradição que o fazia se lembrar dos irmãos e do pai dele, então tem que ter algo mais recente! — explicou Evie, usando o tom de quem tenta provar a veracidade de uma tese.

— E se mesmo assim não for algo útil?

Evangeline olhou para Louise. Sim, poderia ser uma verdadeira decepção, como acabara de ser na delegacia. Mas aquela família tinha tantos mistérios... desvendá-los era quase um desafio.

— Nunca vamos saber se não tentarmos.

Toc, toc, toc.

— Estão esperando alguém? — perguntou Louise, se aproximando da porta do quarto.

— Abre aí, Lou! Deve ser alguma menina querendo saber se temos hidratante pra emprestar — pediu Hanna.

Abrindo a porta, Louise deu de cara com uma atribulada Séfora.

— Estava discutindo com o Fausto e ouvi uma campainha tocando, foram vocês que me chamaram? — perguntou a inspetora, coçando a cabeça.

— Não — respondeu Eve, deitando novamente na cama, com as pernas na parede.

— Droga. Passei em todos os quartos e ninguém disse que me chamou... será que foi o telefone? Ou foi coisa da minha cabeça? — Séfora ainda ficou um instante na porta, tentando lembrar. Depois foi embora, resmungando algo para si mesma.

— Provavelmente foi coisa da cabeça dela! — comentou Louise, rindo.

— Nossa, somos mesmo um grupo de perdidas...

— Como é, Maggie? — quis saber Evie, franzindo a testa.

— Sabe, a gente se conhece só há uns oito meses, e já dá pra perceber que cada uma tem uma característica que sempre nos mete em encrenca. A Kia é uma fofqueira de primeira categoria, a Lou é a maníaca por perfeição, a Hanninha tem a memória de um camundongo... um camundongo fofo, ratinhos de laboratório são adoráveis — corrigiu ela ao ver que a amiga não gostara de ser comparada a um roedor. — a Evie é a *Lei de Murphy* encarnada...

— *Lei de Murphy*? — repetiu Evie, sem entender.

— É, tipo, a gente até podia te chamar de *Lady Murphy* se quisesse. Tudo o que pode acontecer de ruim com você, acaba acontecendo. E olha

que nem deu tempo de acontecer muita coisa. Eu também poderia citar sua propensão a ser petulante, mas seria indelicadeza de minha parte. — Magda não notava o quão indelicada já estava sendo, mas Evie preferiu ignorar. — E eu...

Nessa hora, Magda parou. Era justamente o que tinham acabado de conversar.

— Bom... Alguns me culpam porque tenho uma condição melhor do que os outros...

Todas as outras se entreolharam.

— Que foi? Eu não sou soberba não!

— Tá, Maggie — disse Evie com o máximo de paciência que conseguiu reunir —, vamos deixar assim!

Capítulo XIX:

Verdadeira Contradição

Trilha Sonora: [Memórias, Pitty](#).

Difícilmente um aluno conseguiria faltar às aulas no Instituto A. W. Sigma usando como desculpa uma enfermidade fictícia, a menos estivesse em casa. Caso estivesse no campus, o procedimento padrão da maioria dos funcionários era contatar imediatamente a enfermeira da escola que (no caso de ser algo grave) ligaria para a clínica conveniada, que por sua vez enviaria um doutor em, no mais tardar, trinta minutos; para examinar o aluno em questão.

Séfora Bastos não era uma funcionária exemplar e insistia em lidar com casos menos graves de doença sem o intermédio de um profissional qualificado. Foi por causa disso que Evangeline permaneceu em seu quarto naquele dia, quando acordara sentindo-se mole e com calafrios. Depois de ter sido medicada pela inspetora com receitas naturais, a garota ficou assistindo a televisão e ouvindo o barulho agradável da chuva caindo lá fora, aproveitando o dia de relativa folga em seu quarto.

Aquela tranquilidade lhe trazia boas recordações. As tardes que passara na sala de estudos com suas amigas, as memoráveis aulas de Filosofia, as fugas de algumas aulas de Educação Física na companhia de Grégor, o dia em que fora com Séfora entregar o dinheiro de Angelus para sua mãe... que bons momentos ela já tivera!

Porém, aquela lembrança logo se dissipou, transformando-se nas trevas das noites escuras que enfrentara. O rosto de Christofer, a voz de Narciso, o envelope amarrado ao cadeado. Ela não podia evitar o temor que sentia daquelas ocasiões. Será que tudo estaria interligado de alguma forma? Ou não passavam de fatos isolados?

Uma sensação estranha transpassou seu corpo, e Evangeline sentiu pela primeira vez a impressão de que algo importante surgiria em breve. Ela sabia que jamais aceitaria o convite de Narciso, que nunca falaria com Christofer e que aquele dinheiro poderia ter vindo de um benfeitor; mas o sentimento que acabara de pulsar no seu interior dava a forte impressão da existência de um segredo, algo que ela precisava saber, custe o que custar.

E aquele combate mental persistia, enquanto o vento fazia as folhas distantes das árvores farfalharem e a chuva continuava a tamborilar na janela. As gotas pluviais deslizavam pelo vidro logo atrás de Levi, que cochilava em sua almofada no peitoril da janela.

Uma vontade súbita de ir até o casebre abandonado tomou conta da menina. Mesmo sentindo a moleza febril, logo ela estava de pé, vestindo um casaco de lã roxo, pegando um guarda-chuva e abrindo a porta antes que pudesse coibir-se.

Evie sentiu um arrepio quando uma gota de chuva escorregou pela sua cabeça, antes de abrir o guarda-chuva. A garota ainda sentia uma certa tontura enquanto seguia pela floresta, olhando para o chão para não tropeçar em nenhuma raiz ou galho caído pelo caminho.

A *Sapiência* estava vazia e escura como sempre. Quando Evangeline abriu a porta, as teias de aranha da porta a saudaram, fazendo cócegas em sua testa. Parecia uma forma muito estranha da casa de dizer que a estudante era bem-vinda.

Sorrindo, ela entrou.

Era estranho para Evie entrar ali sozinha. Quando levara Kiara para aquele lugar, ela quase não pôde aproveitar nada, com tantas perguntas que teve que responder. Louise mal entrou, ficou satisfeita apenas espiando a casa por fora; depois correu dali, com medo de ser pega num lugar tecnicamente proibido. Estar sozinha era diferente, Evie poderia fazer o que quisesse e ninguém iria repreendê-la.

Mesmo com o céu nublado, ainda havia luz o suficiente para enxergar tudo à sua volta. Goteiras molhavam o chão, deixando nele uma lama viscosa, mas nenhuma gota atingia os móveis ainda cobertos. Coincidentemente, a maioria dos buracos no teto estava localizada nas extremidades, numa espécie sinistra de retângulo de chuva.

Evie puxou a coberta do sofá, e deu graças a Deus por estar de nariz entupido quando uma nuvem densa de poeira encheu o ar feito fumaça. Era um sofá de couro verde, bem antigo. Jogando o lençol de qualquer jeito a um canto, a menina sentou. As gotas rutilantes produziam um efeito incrível a sua volta, como uma cortina de diamantes.

Plácido dissera que aquele lugar poderia sim ter sua magia. Aquele juízo parecia insano, mas era difícil não crer, não num dia como esse. Ela pensou que ali não poderia ser o lar de uma pessoa comum. Fechando os olhos e recostando a cabeça para trás, Evangeline decidiu que imaginaria que aquela era a casa de um anjo... a casa do *Angelus*.

Um barulho estranho a sobressaltou, e ela se ajoelhou no sofá para olhar em volta. Fora rápido, mas a garota ainda duvidava se tinha ouvido mesmo, ou se cochilara e se confundira. O ruído poderia ter vindo de outro lugar, poderia ser algo completamente diferente. Abanando a cabeça, Evangeline concluiu que só podia estar delirando de febre: não havia explicação

plausível para ela ter ouvido o ruflar poderoso de asas batendo. De asas grandes e fortes.

— Evangeline, você está na *Sapiência*? — chamou uma voz à distância. Era Hanna.

— Viemos te visitar! — berrou Magda logo depois.

Pulando do sofá, já completamente acordada e alerta, Evangeline arrumou freneticamente o cabelo com os dedos, desejando imediatamente não estar usando a roupa de dormir que a deixava com a cara mais desleixada do mundo.

— Estou aqui sim! — respondeu a menina, enquanto fitava-se no que restara do *Espelho Sapiente*. — Já estou indo!

— Fica aí, amiga, a gente entra! — gritou Louise, que pela altura da voz parecia estar bem perto.

Após examinar seu reflexo, Evangeline concluiu que não era nenhum desastre. Estava sim com a cara de quem enfrentara uma guerra e não saíra vitorioso dela, suas roupas não eram exatamente peças de desfile de moda, mas suas amigas não se importariam. Portanto, sorriu quando Louise entrou; seguida por Hanna, Kiara, Magda e Roxie.

— Que bom ver vocês menin...

Levou um baita choque quando percebeu que Roxie não fechava o cortejo. Um calor que nada tinha a ver com a febre preencheu sua face quando viu os rostos de Grégor e Jeremy, e instintivamente a menina procurou encarar a lama do piso.

— Nossa! Quanta gente veio aqui — falou ela, com um sorriso encabulado, quando os meninos começaram a examinar os cacarecos do

casebre.

— É, eu sei. Disse a eles que era imprudência, mas, como sempre, ninguém me ouviu — explicou Louise, se adiantando para abraçar a garota. — Nossa! Você está suando *pacas*! Será que é a febre que está baixando? — acrescentou ela ao encostar seu rosto no da amiga.

— É, acho que estou melhorando sim. — Evie se sentia uma verdadeira contradição: estava quente e suave frio. — Mas como os meninos...?

— Séfora — informou Jeremy, dispensando mais explicações.

Enquanto todos arranjavam um canto para sentar, Evie observou que os demais estavam meio molhados, provavelmente por causa da caminhada pela floresta. A maioria deles ainda usava o uniforme. Louise vestira o casaco oficial com capuz, a blusa oficial, calça cinza e sapatilhas. Magda usava um casaco de pelúcia em estampa de oncinha, a blusa oficial, saia e meia-calça de fio grosso preta. Kiara e Hanna também se vestiam da mesma forma que Magda, só que Kia optara por um casaco vermelho e Hanna por uma jaqueta *jeans*. Grégor era o mais infrator das normas do vestuário do grupo: usava a camisa do uniforme de gala com um suéter preto por cima, calça cinza e tênis preto e branco. Quem olhasse rápido, mal perceberia que era um aluno do Instituto. Jeremy usava o uniforme completo com um casaco colorido; todo o espectro das cores deveria estar estampado ali. Roxie era a única que trocara o uniforme por um vestido preto e um bolero, provavelmente passara na mansão antes de vir ao campus.

— Que barulho foi esse? — perguntou Louise, assustada. Evangeline também ouvira, era quase o mesmo som que escutara há segundos, quando estava sozinha. Desta vez não se parecia com asas, era um som comum de alguma coisa batendo em madeira.

— Não ouvi nada... — disse Magda, olhando para a garota como se ela fosse uma louca com mania de perseguição.

— Acho que veio do armário, ou de algum lugar perto dele. Ouvi o mesmo barulho antes de vocês chegarem — contou Evie, seguindo Louise até o centro do casebre.

— E se tiver alguém aí? — alertou Roxane, se juntando às duas.

— E se for um bandido? — apostou Hanna, amedrontada.

— E se for algo pior, como um rato? — arriscou Magda.

— Sério? Você acha um *rato* pior do que um *bandido*? — interpelou Grégor, rindo.

— E o que pode ser pior que um rato? — Magda falava como se fosse algo elementar.

— Pior do que um rato? Talvez um fantasma? — chutou Hanna.

Ao ouvir a pergunta, Louise, Evie e Roxie pararam a meio caminho, sem coragem suficiente para descobrir o que era. Acuadas, uma procurou chegar mais perto da outra, olhando à distância para o lugar onde acreditavam estar a fonte do ruído.

— Não pode ser nada de mais — asseverou Jeremy, tomando a dianteira.

O garoto já estava entre os pedaços de madeira ao lado do armário quando o barulho veio pela terceira vez.

— *O FANTASMA!* — gritou ele, agitando os braços, com uma expressão de aparente pânico.

Mais do que depressa, as garotas e Grégor dispararam em debandada para a porta, aterrorizados, e correram pela floresta, se trombando num atropelo para escapular o mais depressa possível.

Só quando chegaram à velha saída de incêndio que eles perceberam que Jeremy se achegava deles gargalhando.

— E o fantasma? — quis saber Magda.

— Não tem droga de fantasma nenhum! — ele desmentiu, ainda rindo.
— Peguei vocês, não é?

— Mas o que era o barulho? — perguntou Louise.

— Não sei — respondeu Jeremy. — Não havia nada vivo lá naquele monte de entulho... pelo menos não que eu tenha visto.

A chuva já perdera a força, um relâmpago rasgou o céu e seu brilho iluminou o rosto do padre Emanuel, parado diante da janela da sacristia da Paróquia Nossa Senhora das Dores.

— Quando você contará, Último? — perguntou ele.

— Nunca. — Último, por sua vez, estava sentado, de cabeça baixa; com os braços apoiados nas pernas, evitando encará-lo. — Ninguém pode saber, pelo menos não nessas circunstâncias. E principalmente... — Suspirou, deixando a frase morrer. Dizer aquele nome em voz alta só o deixaria pior.

— Sabe muito bem que eu não posso, não quero e não vou quebrar os meus votos e contar tudo para alguém, muito menos seria capaz de trair sua confiança — disse o padre, sério. — Mas se eu pudesse... Último, eu imploro, se arrependa!

— Estou arrependido — afirmou ele, levantando um pouco a cabeça e gesticulando com as mãos. — Jamais faria nada parecido hoje em dia... queria não ter feito nada.

— Não me refiro ao pecado em si, você sabe que não. Falo da omissão — explicou o clérigo.

Último se endireitou na cadeira, desconfortável, e fixou o olhar na janela, onde se podia contemplar o céu cinzento. Chovera o dia inteiro e Último acabara recordando o passado. Quando aquela noite brotou em suas memórias, ele sentiu um aperto no coração e saiu correndo de sua sala até parar quase que maquinalmente na paróquia, procurando pelo irmão.

Por um instante teve certeza de que enlouqueceria se não falasse com ele, se não dividisse o fardo depositado em suas costas.

— Como você consegue viver com toda essa culpa? Como consegue dormir? — continuou o padre, praticamente lendo seus pensamentos.

Antes de responder, Último abriu e fechou a boca nervosamente, esfregando as mãos.

— Não posso — respondeu ele, ainda encarando a vidraça. — Não durmo... simplesmente tomo uns calmantes e apago.

“Como ele chegou a esse ponto?”, pensou Emanuel. Ele não tinha, até então, a certeza de que Último sabia da história completa, apenas desconfiava. Essa descoberta só tornava a situação ainda pior. Secretamente, o padre sentia-se culpado por não ter percebido, anos atrás, o momento em que seu irmão mais novo começara a se tornar um indivíduo tão inconstante. Ainda que soubesse que o homem havia se erguido do fundo do poço, as consequências o faziam considerar-se quase como um cúmplice, e um cúmplice omisso.

Emanuel virou para a janela, pensativo, com os braços cruzados atrás do corpo, observando a rua lavada pela chuva.

— Sinto muito, mas não posso fazer nada além de rezar para que a decisão correta seja tomada, como tenho feito há tantos anos — disse, virando novamente para onde seu irmão estava.

Último finalmente focalizou o olhar sacerdotal de seu irmão. Naquele momento ele se assemelhava demais a Ignácio, seu falecido pai: calmo, centrado, rígido e inflexível.

— Se isso vai lhe ajudar a se sentir um pouco melhor; ao meu ver, você está realmente progredindo, Último. Até que é uma forma razoável de lidar com a situação.

— Obrigado. É incrivelmente frustrante, mas tento fazer o melhor... para todos.

Último fez uma pausa. Desviara o olhar mais uma vez para o céu. O sol já surgia timidamente por trás de uma nuvem, como um sinal de esperança, como a certeza de que algum dia tudo estaria bem. Mesmo que para isso acontecer ele tivesse que esperar mais alguns anos.

— Para mim, saber que o senhor está ao meu lado já basta.

— *O senhor!* — repetiu o padre Emanuel, rindo. — Espero que esteja falando de Deus, pois não precisa me chamar de *senhor*. Você continua sendo e sempre será para mim meu irmãozinho, o *pequeno Último*.

— Espero que esta seja a última vez que você usa a palavra *pequeno* ao se referir a mim! — brincou o diretor, um pouco mais aliviado pela conversa ter tomado um rumo mais informal. — Ainda tenho saudades dos nossos tempos áureos, quando caíamos na farra...

— Eu não posso voltar a cair na farrã, mas podemos assistir a uma partida de futebol pela televisão num dia desses, que tal?

— Vai me punir com *tédio*?

O sacerdote ria para Último. Vendo-o tão sério na escola, ocupado em seus afazeres, ele se esquecia de como seu irmão era dotado dessa personalidade meio louca. Um ótimo homem... pena que com um passado tão sombrio.

Capítulo XX:

Pesadelos Múltiplos

Trilha Sonora: [Nightingale](#), [Demi Lovato](#)

Com o tempo, todo aluno do A. W. Sigma encontrava uma forma de escapular dos limites do Instituto. Evie e suas amigas nunca se atreveram a ir além da praça da Anunciação. Maggie sempre salientava que não passavam de um bando de covardes; sem propor, contudo, um plano mais drástico. A verdade é que elas apenas queriam passear um pouco.

Naquele dia, as garotas conversavam com Nicolas, que as encontrara aos pés da biblioteca. Elas riam de seus *causos* inusitados quando Leônidas Wing desceu, reclamando do barulho infernal.

— Até a multidão dos anjos pode ouvir esta balbúrdia! — ralhava ele.

Kiara, Hanna, Magda e Louise se viraram para Leo, todas sentadas no degrau mais baixo da escada. Evangeline estava de pé, junto a Poison.

— Poxa vida, Seu Leo, o senhor não deveria ser tão carrancudo assim! Olha só o seu irmão, ele vive na pior e continua sorrindo! — disse Louise.

Leônidas olhou-a como se não acreditasse na idiotice que dissera.

— Na pior? Vou te dizer o que é estar na pior: eu trabalho o dia inteiro naquela biblioteca, enquanto ele vive por aí numa boa. E, quando volto para casa, ainda tenho que aturar o filho dele!

— O Narciso ou o Miguel? — quis saber Kia.

— O Miguel. Pelo menos isso. Se fosse o Ás, já teria me suicidado! Se bem que esse daí vive saindo e entrando lá da pensão, parece até que mora lá também.

— Ora essa, se eu soubesse que você não gostava, não visitaria mais *Sua Bibliotecância!* — zombou Nick, com uma reverência.

Evie estava distraída, aquela discussão não lhe interessava muito. Olhou para Poison. Foi então que a resposta surgiu clara e majestosa, ao fitar por um instante o olhar equino do animal.

Poison... como ela não pensara nisso antes?

— Seu estafermo! — insultava Leônidas, compenetrado no bate-boca.

Nicolas fez cara de quem vai responder à altura, mas pelo visto não encontrava as palavras certas. Por fim, disse enquanto subia à carroça:

— Só não lhe respondo do jeito que você merece porque preciso fazer algo antes.

— O quê? — quis saber Leônidas.

— Checar o dicionário... Até mais!

Enquanto Nicolas partia e seu irmão subia resmungando, de volta ao trabalho; Evangeline saiu correndo para o outro lado da praça, sem comunicar o que tinha em mente às amigas.

— Evie! — Magda foi a primeira a notar. Na mesma hora em que percebeu que a garota se distanciava do grupo, correu para alcançá-la. — Evie, aonde você vai? — Ela se emparelhou com a garota no meio da praça.

— Tenho que ir à delegacia.

— Mas agora?

— É, agora. — As duas pararam. Kiara, Hanna e Louise já vinham ao seu encontro.

— Ficou maluca? A delegacia fica longe, temos que estar no Instituto antes do toque de recolher... Ou você quer ficar do lado de fora outra vez?

— Preciso contar para o delegado Fontes que descobri uma pista do caso da biblioteca — explicou ela, o mais rápido que pôde. Não queria que as outras garotas ouvissem aquilo, e elas já estavam bem perto.

— Você prometeu que esqueceria o assassinato!

— *Shhh!* Fala baixo!

— Você prometeu! — berrou Mag, alto o suficiente para as outras ouvirem antes mesmo de chegar.

— Prometeu o quê? O que houve? — perguntou Louise, parando ao lado de Magda.

— Ela quer voltar a *meter o bedelho* no caso da biblioteca! — entregou Maggie, ignorando os pedidos aflitos de Evie.

— Não quero *meter o bedelho*. Só tive uma ideia, e acho que o delegado vai gostar de saber.

— Que ideia? — perguntou a sempre curiosa Kiara.

— É o seguinte: como duas pessoas que não se conhecem podem ter morrido de forma parecida em lugares diferentes? Como demoraria tanto para eles morrerem?

As quatro garotas tentaram seguir sua linha de raciocínio. Hanna se esforçava tanto para tentar entender que sua face se tornou rosada.

— Veneno? — arriscou Louise momentos depois, olhando para o local onde Poison estivera.

— Exatamente. E a única coisa que saiu da biblioteca foi aquele livro, o veneno pode ter estado nele.

— Como assim? — Hanna, por mais que quisesse, não conseguia juntar todas as peças do quebra-cabeça.

— Vi uma vez na televisão uma história em que a pessoa colocava um tipo de veneno nas bordas do livro. Quando o fulano o folheava, umedecendo os dedos com saliva, ingeria sem querer o veneno, e morria envenenado pouco tempo depois — explicou a garota.

— Mas eu peguei nesse livro! — constatou Kiara, assustada. — Por que não morri?

— Você deve não ter posto a mão na boca depois de ter folheado o livro. Você se lembra de ter feito isso?

— Não sei... Já faz tanto tempo que fomos lá! — disse a menina, tentando puxar pela memória.

— Isso realmente pode ser útil, mas nós nem sabemos se o senhor Fontes está na delegacia — lembrou Louise. — Pode ser que a gente volte tarde à toa!

— Posso ligar pelo meu celular, que tal? — ofereceu Magda.

Triiim. O telefone tocava na delegacia.

— Delegacia de Coronel Boaventura, boa tarde — atendeu a recepcionista, chamada Rute, depois do segundo toque.

— Alô? Poderia me informar se o delegado Fontes está no momento?
— disse a voz mais educada de Magda, no outro lado da linha.

— Ele está em reunião.

— Mas ele está ou não está *na delegacia*?

— Não está.

Rute remexeu as anotações que fizera antes do delegado sair. Ele avisara que talvez sua sobrinha ligasse, e que Rute deveria informá-la sobre o local onde ele fora jantar com o prefeito.

— Mas ele avisou que você ligaria, Júlia! — acrescentou Rute, tentando transparecer eficiência.

Do outro lado da linha, Maggie fez uma careta. Quem era essa tal de *Júlia*?

O jeito era entrar na história.

— Isso mesmo, sou eu. Pode me dizer onde o delegado está?

— Claro, está no restaurante *Amábile*, numa reunião com o prefeito.

— Restaurante *Amábile* — repetiu Magda para que todas ouvissem.

— É o da família da Luara, não fica longe daqui — informou Louise.

— Certo, muito obrigada pela informação — agradeceu Magda, voltando a falar com Rute.

— Disponha. Ah, queria deixar os meus pêsames para sua família — finalizou ela, numa voz contida.

— Obrigada... acho — respondeu a garota, resolvendo na mesma hora que o melhor a fazer era não perguntar o porquê.

Todos os olhares se voltaram para a entrada quando as cinco estudantes uniformizadas entraram pelo tapete vermelho do restaurante Amábile. Um homem que falava ao celular olhou desconfiado e uma mulher rechonchuda que bebericava um champanhe, usando um vestido de babados antiquado, demonstrou sua desaprovação com um muxoxo.

— Senhor, por favor? — adiantou-se Evie, chegando ao balcão.

— Pois não?

— Queríamos saber qual mesa está em nome do... do... — Por causa do nervosismo, a garota se esquecera do nome do delegado. Se virou para as amigas. — Em nome do...

— ... do Pai, do Filho e do Espírito Santo? — chutou Hanna.

— Não, loira! Em nome de *Carlos Fontes* — corrigiu Louise.

— Ninguém aqui incomodará o senhor Carlos Fontes! — avisou o homem que as atendera.

— Por favor, é só um instante! — insistiu Magda com uma voz forçadamente meiga.

— Sinto muito. Se vocês insistirem, vou ser obrigado a chamar os seguranças.

Evangeline perscrutou o interior do restaurante, procurando pelo delegado. Certamente não era o tipo de lugar que ela frequentaria; na verdade, acreditava que jamais teria dinheiro suficiente para sequer para comprar o pãozinho servido como guarnição.

— Quem está falando de mim? Não sabia que já estava tão famoso! — disse a voz do delegado.

É claro que ela não o encontraria lá dentro, pelo visto ele se retirara para atender o celular ou para ir ao banheiro. Agora ele caminhava em direção a elas.

A expressão descontraída do homem mudou ao reconhecer as garotas.

— Foram vocês que invadiram a minha sala naquele dia, não foi? — constatou o homem. — O que fazem aqui? Estou em uma reunião importante com Juscelino Farias, o prefeito que acabou de ser reeleito... e, pelo que me recordo, a filha dele não gosta muito de vocês!

— Mil perdões, Seu delegado. Viemos apenas para informar uma descoberta — introduziu Louise.

— Acreditamos que o assassinato da biblioteca possa ter a ver com veneno — contou Evangeline, atropelando a fala seguinte de Lou. Ela não aguentaria guardar aquilo consigo nem por mais um instante, torcia com todas as forças para que o delegado entendesse.

O rosto de Fontes escureceu ao ouvir a informação, ele as conduziu para um canto afastado de todos, onde ninguém poderia ouvi-los.

— Vocês andaram lendo os laudos da polícia? — perguntou desconfiado.

— Não, claro que não! Só fizemos uma dedução. Nós pensamos: “*O que poderia matar duas pessoas que mal se conhecem e que morreram em lugares diferentes?*” — explicou Evangeline, ansiosa para que ele não suspeitasse que elas andaram espionando. — Achamos que o veneno poderia estar nas páginas do “*O Mistério do Caso Boaventura*”, o livro que acham que está amaldiçoado.

— Pensamos isso a princípio. Sem dúvidas seria bem ardiloso, mas não há como eles terem morrido dessa forma — explicou Fontes. — O veneno

que os matou foi a *toxina botulínica*, numa quantidade letal, havia vestígios no estômago de ambos.

— *Toxina botulínica?* É aquela mesma toxina usada em intervenções plásticas? — perguntou Louise, no seu característico tom de “eu sei mais do que minhas amigas sabem”.

— Sim, é um veneno. Um veneno muito potente.

— E eles teriam tomado ele? Como no café que o Seu Leônidas tinha no balcão? — disse Evie.

— Café? Antônio estava tomando café naquele dia...

A compreensão logo brilhou nos olhos castanhos do homem, seu cérebro juntou as partes do enigma.

— Não contem nada para ninguém, entenderam? — alertou o delegado, já se afastando esbaforido para se despedir do Prefeito, que o aguardava na mesa.

— Sim, senhor! — respondeu Evangeline, bem mais aliviada. Agora a polícia certamente resolveria todo aquele mistério.

Tarde da noite, no quarto trinta e um, Evangeline sentou, tentando lembrar os detalhes do pesadelo que acabara de ter. As imagens eram confusas, ela só conseguira visualizar a silhueta de várias pessoas num lugar escuro. E havia vozes por toda parte. No começo, ela nada entendera do que diziam, só depois de um tempo começou a discernir algumas falas: “*Mentiras! Sua vida está repleta de mentiras!*”, bradava uma voz feminina. “*Não confie no diretor, não confie no diretor!*”, gritava uma outra voz,

estrídula e aguda. “*Segredos! Eles estão por toda parte!*”, repetia uma voz masculina lenta e rascante.

E, por cima da balbúrdia de sons, ela conseguira ouvir a voz calma e reconfortante de um menino, dizendo: “*Encontre-me na Sapiência assim que acordar!*”. Ao ouvir a voz, ela tentara se aproximar, queria distinguir o rosto de quem falara. Porém, quanto mais ela andava em direção aos vultos, mais eles se apartavam dela, flutuando.

E acordou. Ainda era duas da madrugada.

Estendendo a mão para o criado-mudo, Evie começou a tatear o interior da gaveta, à procura da lanterna que Séfora lhe dera de aniversário, em quinze de Setembro. “*Para você usar na Sapiência*”, dizia o cartão do embrulho. *Sapiência*. Evangeline detestava esse nome, mas todos cismavam de chamar o casebre assim. Inclusive Séfora, que nunca fora lá.

Hanna adormecera profundamente. Ela não acordou enquanto Evie saía para a noite estrelada que se abria do outro lado da saída de incêndio. Nem ao menos ressonou quando ela descarrilou a escada até que tocasse o chão, sem se preocupar com o alarido que provocara. De alguma forma, a garota já sabia que ninguém a impediria de ir à Sapiência naquela noite.

Evie afastou violentamente os galhos das árvores pelo caminho. A mata estava assustadora, mas ela nem se importava. Por que ainda acreditava que poderia encontrar alguém ali? Realmente confiaria no seu próprio sonho, mesmo sendo loucura acreditar?

Loucura ou não, ela já chegara à velha casa abandonada, segurando a lanterna na altura do rosto. Quando abriu a porta, tudo cheirava a mofo e poeira, como sempre.

Mesmo se deparando com a casa vazia, Evie entrou e fechou a porta. Tentou chegar mais perto do armário do canto. Desde o dia em que todos os seus amigos vieram visitá-la, no dia em que ficara com febre, ela ainda não tivera coragem de ver o que estava escondido em meio aos destroços ao lado do móvel. Por que não aproveitar o momento?

Estava com a mão a centímetros das tábuas quando ouviu novamente aquele ruído tão familiar, e dessa vez ela teve certeza de que se tratava de asas batendo. Não vinha dos escombros, vinha de um ponto logo atrás de si.

Quando ela virou, sua mão suada deixou escapar a lanterna, e a casa ficou na penumbra. Um brilho suave entrava pelos buracos da parede e do teto, Evangeline pôde distinguir apenas o contorno de um jovem de mais ou menos quinze anos. Não era possível ver o seu rosto, mas o luar revelava o formato de seus cabelos, que eram brancos, longos e lisos. Seguindo a silhueta do jovem, Evangeline teve de prender a respiração: acabara de notar as asas alvas que se estendiam atrás dele.

Um anjo pousara bem no meio da sua *Sapiência*.

— Quem é você?

— E quem mais seria? Essa é a minha casa, lembra? — disse a mesma voz que ela acabara de ouvir no pesadelo.

— Angelus?

Evangeline pensou ter visto um sorriso no rosto do jovem anjo, mas era difícil ter certeza de alguma coisa naquela escuridão.

— Mas... por que você está aqui?

— Evangeline, você precisa saber a verdade.

— A verdade?

— Sim, a verdade sobre quem você é.

— Conte-me!

Angelus não respondeu. Ele se movia como se estivesse falando, mas de sua boca não saía palavra alguma. A única coisa que Evangeline pensou ter ouvido foram as cinco primeiras palavras; que soaram baixas e entrecortadas, como num rádio fora de sintonia.

“*A resposta está na mansão*”, dissera ele.

— Angelus? — chamou Evangeline no escuro. Ela moveu-se para a esquerda e colidiu com o galho que entrava pela parede, antes que pudesse se aproximar. O galho pareceu ganhar vida e começou a cutucar insistentemente seu rosto. Ela tentou afastá-lo, mas ele persistia, e estava difícil entrever Angelus com tantas folhas turvando sua visão.

Ela arremessou seu travesseiro impetuosamente contra a *coisa* que a perturbava.

— Levi!

Ela acordou, percebendo que a luz do sol banhava seu quarto. Seu gato estivera cutucando-a com a pata, e agora ele fugia da trajetória da almofada.

Evie não saíra de sua cama, o sinal lhe avisava que já era hora de se levantar.

— Droga! Pelo visto agora tenho até pesadelos múltiplos! — disse ela, tampando o rosto com outro travesseiro e voltando a deitar. Os exames haviam a deixado tão tensa que ela ainda cogitou voltar a dormir por mais cinco minutos.

Pelo menos para ter a chance de ver Angelus outra vez.

Capítulo XXI:

Reunião Geral no Covil

Trilha Sonora: [From the inside](#), [Linkin Park](#)

Dezembro chegara, e seu ar quente de verão trouxe com ele o desespero das provas finais. E com as provas finais, vieram as crises.

E não era apenas o corpo estudantil que gemia em dores de parto, o próprio diretor Último também tinha sua cota de preocupações, principalmente por causa da grave de seguranças da empresa terceirizada e pelo colapso no sistema da escola, que acabara de ser *hackeado*. Por conseguinte, os resultados seriam entregues o mais rápido possível e as férias começariam mais cedo. E, é claro, tudo virara de cabeça para baixo; já se tornara comum para os alunos tropeçar num Último descabelado, que corria pelos corredores tentando endireitar tudo.

A última prova da turma meia-três foi a de Língua Inglesa. A sala seis estava tão fria por causa da climatização (que também sofrera com a crise dos computadores) que todos usavam os casacos.

Evie já tinha respondido todo o teste quando ouviu alguém a evocar através de cochichos.

— Ei! — Era José Roberto, sentado logo atrás dela. — Quais são as respostas da múltipla escolha?

Evie tentou ignorar o pedido. Não queria passar cola.

— Qual é a resposta da última? — insistiu Zero, aproveitando a distância em que a professora se encontrava.

— “A” — mentiu Evie, aproveitando a ideia que acabara de ter.

— E a da *quatro*?

— “A” também.

A professora se acercara deles e Evie precisou disfarçar que conferia as respostas do próprio teste.

— Tem certeza? Se a da *quatro* é “A”, qual é a da *cinco*? — conferiu Zero, quando a professora foi atender a uma dúvida de Carmen.

— É “C”.

Louise, sentada na coluna contígua, olhou desconfiada para os dois. Sua expressão era estranha, parecia um misto de “se vocês continuarem vou chamar a professora” com “que droga de respostas são essas?”. A professora voltou a se afastar, e Zero não tardou a perguntar:

— E a *um*, a *dois* e a *três*? Quero dizer, eu já respondi, só quero conferir...

— As respostas são “B”, “A” e outro “B” — respondeu a garota.

De sua carteira, Louise demonstrou que entendera a estratégia da amiga, abafando uma risada.

Zé Roberto trocou as três primeiras respostas e demorou cerca de um minuto para entender o que Evie fizera.

— Ah, nojenta! — exclamou ele, enquanto Evie e Lou se sacudiam em gargalhadas silenciosas.

— O que foi? — quis saber Hanna, virando para trás.

— É a ordem das respostas que ela deu — explicou Louise. — *B-A-B-A-C-A*.

— *Babaca?*

José Roberto as olhou de maneira letal.

— Ótimo, Evangeline! Até então eu estava dando uma chance, mas agora é guerra.

— Guerra, que guerra?

— Você vai ver no ano que vem! — proclamou ele, tentando apagar as respostas erradas.

— Agora podemos curtir as férias com a consciência livre! Até a Hanna só precisava de alguns pontinhos, tenho certeza que ela vai consegui-los nessa prova — suspirou Kiara, tirando o casaco oficial, quando elas saíram do exame de inglês e foram para o pátio.

— Que Deus te ouça, Kia! — disse Hanna, que, mesmo estando esperançosa, ainda não estava certa de que conseguiria bons resultados.

Evangeline não ouviu a conversa. Olhava para o portão de acesso ao jardim do campus, lá perto estavam reunidos o diretor Último e as professoras Petra e Margô; todos exibindo nos rostos uma expressão digna de suspeita, como se estivessem tramando um delito.

— Você não está com cara de consciência livre... Não me diga que ainda está nessa de tentar descobrir o que há de errado com o diretor! — disse Kiara, seguindo o olhar da garota.

— Olhe só para eles. — Evie apontou o trio. — Parece até uma reunião geral no covil! Daria tudo para saber o que estão dizendo.

Um pequeno grupo de alunos passava do pátio para o jardim. Eles vieram ao portão pela direita, então mal se aproximaram de nenhum dos três adultos. Talvez se elas conseguissem passar pela esquerda, fingindo que conversavam despreziosamente, daria para entreouvir ao menos uma frase.

— Não está pensando em... — disse Louise ao ler a expressão da garota.

— Só quero passear um pouco! — garantiu Evie numa voz pouco inocente. — A Kia e a Hanna virão comigo, não é?

— Opa, beleza! — exclamou Kiara, praticamente pulando de tanta vontade de ouvir um novo mexerico.

Hanna apenas seguiu as duas.

— Magda, fique aqui comigo! — exclamou uma decepcionada Louise quando a outra se uniu às três.

— Lou, até então eu respeitei sua personalidade, pois sei que você é uma menina responsável, que gosta de deixar bem claro a todos que cumpre as regras — começou Magda, voltando no caminho para se posicionar a centímetros de Louise —, mas você se esquece de que esta não é apenas uma curiosidade comum, nem um rumor qualquer; isso diz respeito a Evangeline e ao fato de que ela não conseguirá ficar em paz nesse instituto enquanto não puder confiar no diretor. E, vamos admitir: EU não confio, VOCÊ não confia, NINGUÉM CONFIA NELE! — terminou ela, abrindo os braços e falando a última frase tão alto que a fila da turma de segundo ano que passava por perto, cantando “*Piui, Tic-Tac*”, deixou a cantoria morrer e evitou a garota. — Nós só vamos andar, ninguém vai perceber a nossa passagem.

Louise parecia menos reticente quando aceitou o braço que Magda oferecia.

— Para mim, tudo fica melhor quando estamos juntas! — Hanna conseguiu sorrisos de todas as outras com essa frase.

Apenas quando chegaram na distância suficiente para escutar, as cinco diminuíram o ritmo da caminhada e ouviram:

— ... pode ser perigoso se continuarmos desatentos ao que *eles* fazem!
— chiava a professora Margô.

— Se sequer desconfiarem que estamos suspeitando que um assassinato comum tenha algo a ver com *eles*, será o nosso fim! É melhor que tudo fique como está — sussurrou Petra numa voz rápida e urgente que nenhuma das garotas a ouvira usar antes.

— Claro, Petra, eu concordo. Se alarmar à toa é algo que devemos evitar por ora.

Margô Trevelin literalmente rosnou ao ouvir a fala de Último. As garotas imprudentemente pararam pouco além do grupo; nenhuma delas notou que poderiam ser pegas no flagra facilmente, só o que tinham em mente era continuar ouvindo o que os professores diziam.

— Último, se algum inocente *morrer* por causa disso, eu juro que...

Mas nenhuma das cinco pôde saber o que a professora Margô jurou que faria. No exato instante em que Último começava a se virar na direção delas, Grégor surgiu por trás e agarrou Evangeline e Hanna pelo braço, arrastando-as para longe dali, praticamente correndo para o jardim do campus. Evie ainda ousou olhar para trás e se deparou com Jeremy ao encalço deles, arrastando Magda, Kiara e Louise. Felizmente, nenhum dos adultos notara a movimentação estranha.

— O que vocês dois...?

— Vocês estavam paradas que nem cinco *bocós* — respondeu Grégor.

— A gente tinha que fazer alguma coisa, Evie!

— Eles estavam falando de morte — contou Hanna com a voz fraquinha, quando os amigos pararam próximos à sebe do campus masculino.

— Morte? — Jeremy franziu o cenho para a garota, parecia não acreditar que ouvira direito.

— É. Disseram que alguém pode chegar a matar inocentes se descobrir que os três desconfiam de sei lá quem — resumiu Kiara, assentindo com a cabeça.

Todos se voltaram automaticamente para onde o diretor e as professoras estiveram há pouco, mas não os encontraram lá. Agora eles se afastavam pelo pátio, em direção à escola.

— Temos que entrar na mansão, custe o que custar. Precisamos descobrir mais sobre essa família. Não é o tipo de coisa que se pode resolver simplesmente perguntando para a Rox, ela não deve saber de tudo, ou vai tentar esconder os detalhes mais sórdidos. Para isso é necessário um bom plano...

Todos olharam para Evangeline, porém, não fora a voz da menina que articulara a frase. Louise estava com os cabelos revoltos pelo vento e um brilho obstinado no olhar que não lhe pertencia.

— Invasão de propriedade privada é crime, Lou! — lembrou o estupefato Grégor.

— Só vai ser crime se alguém descobrir.

Ela estava mesmo dizendo aquilo? Hanna estava boquiaberta, horrorizada. Magda olhava de um para o outro, verificando se os outros estranhavam o fato tanto quanto ela. Kiara parecia mais curiosa do que assombrada, como sempre. Evie sentia um misto de surpresa e satisfação, pois era justo de um apoio como esse que ela precisava para sua investigação. Jeremy fazia careta, decepcionado ao contemplar Louise em sua nova personalidade imprudente.

— Precisamos de um bom plano, à prova de falhas — repetiu a garota, sentando na grama e puxando um bloquinho da mochila. — Temos que pô-lo em prática hoje à noite; com a greve dos seguranças, nosso caminho estará livre. Sem contar que é nosso último dia de aula, só os alunos que não receberam boa nota ficarão amanhã no Instituto na parte da tarde.

— E o Arbo? — lembrou Kiara, animada com a possibilidade de fazer algo excitante. — Ele vai latir quando a gente passar.

— Para isso temos a Eve — lembrou Louise, anotando tudo tão depressa que o papel logo entraria em combustão sob seus dedos. — Arbo gosta dela, então Eve tomará a dianteira e o distrairá.

— O tio Último dorme num quarto no fim do corredor do primeiro andar — disse Evangeline, pegando uma folha de ofício em branco e começando a esboçar a planta da mansão. — A biblioteca particular dele fica no lado oposto, perto do quarto da Roxie.

— O único problema é a Norma. Ela dorme no primeiro andar, não é? — perguntou Louise.

Evie confirmou com a cabeça.

— Mas não nos escutará se entrarmos pela porta da cozinha. Ela fica do lado esquerdo. Com sorte, poderemos subir a escada sem fazer nenhum

barulho — lembrou Evie, desenhando o primeiro andar em outra folha.

— Vocês estão falando como se fôssemos realmente fazer... — Grégor finalmente descongelara do seu choque. — Tem noção da gravidade que é entrar na casa dos outros à noite? Nós não fomos punidos lá na delegacia, dessa vez será bem pior...

— Os fins justificam os meios Grégor — explicou Louise, da mesma forma que faria para ilustrar um problema complicado de matemática. — O risco vale a pena se com ele nós pudermos derrubar as máscaras de Último Wing. Se tudo continuar como está, inocentes poderão morrer!

— Deveríamos contar a um adulto, é a coisa certa a fazer. — Jeremy uniu-se a Grégor.

— Como, se ninguém acreditaria? — lembrou Maggie, finalmente reagindo. — Se lembram do restaurante? Da cara descrente do delegado Fontes? Ninguém quer acreditar num bando de crianças.

— *Pré-adolescentes!* — corrigiu Kia, sublinhando cada sílaba ao falar.

— Tanto faz! — disse Magda, indiferente.

— Não importa se vocês vêm ou não conosco; eu, a Lou e a Kia vamos entrar! — noticiou Evie, desenhando os últimos traços da planta.

— É isso aí! — concordaram as outras duas.

— Eu também vou, estou cansada desse segredo todo — disse Maggie, se unindo às amigas.

Os garotos olharam para Hanna, que se balançou sobre os pés, indecisa.

— Preciso ir, elas são minhas amigas... — decidiu.

Grégor olhou para Jeremy. Seria muita covardia da parte deles deixar um bando de garotas entrar numa fria sem a devida proteção?

— Ok, vamos todos — conformou-se Jeremy, com uma careta. — Só espero que esse plano seja à prova de falhas.

Capítulo XXII:

“Cem Maneiras de Torturar um Aluno sem Deixar Rastros”

Trilha Sonora: [M&Ms](#), [Tei Shi](#)

Mais tarde, depois da saída dos alunos que já haviam adquirido boas notas antes do último bimestre, lá estavam os sete, trancados no almoxarifado, esperando o momento certo de agir. Eles já haviam telefonado para suas casas, avisando que passariam a noite na escola e que a greve dos seguranças era puro boato. Não haveria motivos para se preocupar com o ponto eletrônico, nenhum sistema funcionava desde que o *hacker* bagunçara a tecnologia da escola.

Mais cedo, Kia surrubiara o molho reserva do zelador Batista que continha a chave mestra da escola e a chave extra da mansão, enquanto Jeremy distraía o homem, falando sobre a partida de futebol da noite anterior. Agora a garota o tinha em seu colo, e batia as pernas tão rápido que produzia uma barulheira infernal.

— Para com isso, Kiara! Alguém pode nos ouvir — admoestou Jeremy com o ouvido colado na porta.

— O que nós estamos fazendo aqui, afinal? — perguntou a japonesinha pela quarta vez.

— Nós precisamos sumir, fazer parecer que voltamos para casa; ou algum inspetor pode nos procurar depois do toque de recolher. Eu já

expliquei isso duas vezes...

— Três — corrigiu Evie.

— Pior ainda! — exaltou-se Jeremy.

Hanna apoiara a cabeça no colo de Evie e já dormia a sono solto; assim como Magda, que se jogara numa pilha de livros antigos e cochilava a um canto. Grégor sentara num caixote, sério e tenso. Evangeline acariciava de leve as madeixas de Hanna, pensando no que aconteceria em instantes. Louise andava de um lado para o outro no espaço vazio que sobrara, agitada demais para relaxar. Ninguém conversava, já haviam revisto o plano até a exaustão — sem contar que toda vez que alguém puxava um assunto qualquer, Louise e Jeremy ralhavam, lembrando que poderiam ser descobertos.

— Acho que os alunos já foram — disse Jeremy finalmente, e Louise parou para escutar. — Daqui a umas duas horas saem os professores, e poderemos sair e nos esconder no jardim.

— Duas horas... duas horas — repetiu Louise, recomeçando sua caminhada.

— Vou acabar dormindo também — disse Evangeline com um bocejo.

— Não se esqueça de que precisamos estar em prontidão para sair a qualquer momento! — avisou Jeremy, colando o ouvido na porta novamente.

Duas horas depois, Jeremy abriu a porta do almoxarifado e pôs sua cabeça rastafári no corredor. Tudo estava deserto, a porta da diretoria logo além estava fechada. Já que o caminho estava livre, ele fez um sinal breve

com a mão e se esgueirou pelo corredor, tendo as meninas e Grégor como comboio.

Apenas conseguiram percorrer cinco passos antes da porta da diretoria começar a abrir. Eles congelaram de imediato, despachando para longe o sono e a moleza da espera.

Um braço de adolescente prefigurou a saída de Jesus, que olhava para o interior da sala.

— Tem certeza de que não quer telefonar para seus pais antes de ir? — dizia a voz de Último, vinda de dentro da sala.

— Não, eu já avisei ontem que o relatório final do reforço poderia...

O jovem, que jogava a mochila sobre um ombro, parou no meio da frase ao ver os garotos, todos com as expressões culpadas de quem foi pego em flagrante. Por um momento de aflição para os sete, ele sorriu sadicamente, parecendo que contaria tudo ao diretor.

— Pensando melhor, acho que quero ligar sim... aliás, acho que vou querer aquela xícara de café, se não for incômodo — disse ele por fim, retrocedendo e fechando a porta.

Ainda abalados, eles soltaram a respiração que prendiam.

— Foi quase — sussurrou Magda antes de Jeremy fazer outro sinal com a mão para que continuassem.

Algumas horas depois, lá estavam todos de tocaia, escondidos atrás do toldo da sebe do campus feminino — no mesmo lugar onde meses antes as garotas haviam se reunido para discutir sobre o envelope misterioso de Angelus. Jeremy abrira um buraco mínimo na cerca, e por ele avistou o

momento em que o diretor, sua esposa e Roxie entraram em casa. Agora as luzes da mansão estavam apagadas, eles apenas esperavam a hora certa de agir — assim que desse tempo suficiente para todos os moradores da *Winglândia* terem adormecido.

— Vamos manter o foco! — lembrou Grégor, com a voz abafada pelo sanduíche que comia. Muito sensatamente, Hanna providenciara um lanchinho para todos enquanto planejavam a missão mais cedo. Não poderia ser uma ideia mais útil, já que qualquer ronco estomacal poderia denunciar a invasão.

— Sei, sei... — disse Mag, cansada dos discursos *gregorianos*. — Daqui a pouco fico careca de saber.

— Isso vale principalmente para Eve e para a Kia — continuou o menino, sem dar atenção à amiga.

— Por que nós? — protestaram as duas em uníssono.

— Tudo o que a Evie faz tem propensão a não dar certo. E a Kia pode acabar se metendo onde não deve, de tão abelhuda que é — explicou o menino, tentando ignorar as caretas indignadas que as duas fizeram. — É sério, o menor detalhe pode nos denunciar!

— Nada de falar antes da biblioteca — recomendou Jeremy. — Lá estaremos mais seguros para conversar em voz baixa. Antes disso, nem um pio!

Hanna suspirou tremido, apavorada com a aventura. Grégor balançou a cabeça para ela, e disse em tom sisudo:

— É tarde demais para desistir. Ou entramos na *Winglândia* ou passaremos a noite aqui nos arbustos, você escolhe!

A mansão estava em quase total penumbra quando eles a invadiram, por volta das dez. Talvez por causa do efeito que as sombras causavam, ou por culpa da ansiedade crescente que surgia dentro de cada um; eles tinham a impressão de que o lustre no teto cairia a qualquer segundo; ou que as pesadas cortinas que guarneciam as janelas continham um espião à espreita, pronto para denunciá-los a qualquer instante. De fato, nenhum dos garotos se conteve de olhar furtivamente em direção às partes mais escuras da sala, temerosos de estarem sendo observados.

— Acho que vi algo se mexer... — sibilou Kiara numa voz agudíssima, agarrando as costas de Maggie.

— Somos nós mesmos! Aquilo é um espelho, sua bobalhona! — Magda desvencilhou-se agressivamente da outra.

Todos mantinham seus sentidos aguçados, sentindo a tensão crescer a cada passo. O carpete que cobria os degraus de mármore era convenientemente propício para que continuassem incógnitos, o único ruído que produziam ao subir era o de suas próprias respirações ansiosas.

Jeremy os guiava, segurando a lanterna de Evie e fazendo sinais a cada parada, obrigando-os a aguardar ou prosseguir. O caminho estava livre até a biblioteca, eles conseguiram adentrá-la num espaço de tempo mais rápido do que haviam calculado.

— *Ufa!* — Hanna sentou aliviada numa das cadeiras enquanto os outros começavam a analisar os livros em volta.

Evangeline sabia exatamente o que procurar. Em algum lugar, entre aqueles livros, estaria aquele pesado diário que deveria conter todas as respostas para os seus mistérios.

Logo descobriu, todavia, que localizá-lo demoraria bem mais do que o previsto. Em toda volta, apenas havia livros normais.

— Não consigo encontrar o diário. Vejam só esses livros... não há nada de suspeito neles... Eu esperava encontrar algo do tipo: “*Cem maneiras de torturar um aluno sem deixar rastros*” — comentou ela, passando o indicador pelas lombadas dos exemplares de uma das estantes próximas.

— Tem certeza de que o diretor guarda esse diário aqui? — indagou Grégor, folheando um grosso volume de capa dura.

— Bom... Não.

Todos abandonaram o que faziam para olhar incrédulos na direção de Evangeline. Jeremy deixou cair o livro que examinava, e se sobressaltou quando ele atingiu o chão num tremendo “*tum*”.

— Então você nos trouxe aqui às cegas? — exasperou-se Magda.

— Sim e não. Ora, eu *presumi* que o diário estivesse aqui. Não parecia ser o tipo de coisa que se leva para a mesa de cabeceira, ué!

— *Presumiu*... — riu-se Jeremy, incapaz de esconder a decepção. — E só agora você diz isso!

Alguém se aproximava. Todos podiam ouvir passos ecoando no corredor; a maçaneta logo começou a rodar. Grégor se posicionou no lado direito da porta e desligou a luz, os outros procuraram abrigo entre as estantes e atrás da escrivaninha.

Quando a porta se abriu, Roxane adentrou, olhando para os lados, tentando achar o foco do barulho que ouvira há pouco — provavelmente o do livro de Jeremy caindo no chão.

Mais que depressa, Grégor se colocou atrás da garota e tapou sua boca com a mão, abafando o grito de susto de Roxane.

— Calma, Roxie, somos nós! — sussurrou ele em seu ouvido.

Magda, escondida perto da porta, acendeu a luz e todos saíram dos seus esconderijos, aliviados por não terem sido descobertos por Último.

— Promete que não vai gritar se eu tirar a minha mão? — perguntou Grégor prudentemente.

Rox fez que sim com a cabeça e Grégor a soltou.

— Mas que droga vocês querem? — Foi a primeira coisa que ela conseguiu perguntar.

— Viemos atrás de respostas, Roxane. Elas estão aqui, em algum lugar, entre esses livros — explicou Evie rapidamente.

— O quê? Respostas de quê? As provas já passaram...

— Não estamos falando de provas, queremos saber que segredos o seu pai esconde — disse Magda.

— Segredos? Mas que segredos? — perguntou a garota. Sua própria voz denunciava que ela sabia mais do que queria revelar.

— Se eu soubesse quais são os segredos, eles não seriam *segredos*. Aliás, parece que mentir faz parte das tradições dos Wings — ousou sussurrar Evangeline no instante em que a voz do diretor chamou pela filha, à distância.

— Do que você está falando? — sibilou Roxane em resposta.

Último se aproximava do outro lado da porta, Evie lamentou não ter tempo suficiente para pressionar a prima postiça a falar sobre Christofer.

— Você sabe muito bem! — respondeu ela, já se distanciando para se esconder.

Quando a porta da biblioteca começou a se abrir, todos os intrusos já haviam se esgueirado para um canto. Roxie ficou no meio da biblioteca.

— Roxane, o que está fazendo aqui? — perguntou o sonolento Último, segurando a porta entreaberta.

— É que... e-eu... hum... — gaguejou ela, procurando inspiração para a resposta. — Ouvi um barulho, acho q-que é... que é...

De onde estava, ela podia avistar parte do corpo de Jeremy. Mais que depressa, ele fez um gesto, algo parecido com pequenas patas se movendo.

— Um rato! Acho que tem um rato por aqui.

— Um rato na biblioteca? Pode deixar que eu pego o danado! — disse o diretor, entrando e olhando para os lados, pronto para embarcar na caçada.

— Não! — gritou Roxie, o impedindo de chegar ao exato lugar onde Evangeline estava escondida. — Ele não está aqui, eu... hum... me assustei quando o vi no corredor e corri pra cá e me tranquei. Sabe como detesto ratos, não é? Olha, estou até tremendo!

E era verdade. Quando a garota estendeu os dedos para o pai, eles tremiam; mas não era de medo do rato, era de tensão, de receio do que ele faria caso surpreendesse os outros. Enquanto observava a cena, Evie concluiu que talvez o diretor não punisse apenas os invasores, mas também Roxie por acobertá-los. Ela sentiu um assomo de gratidão pela prima por assumir esse risco.

— Está tudo bem, tudo bem! — tranquilizou o diretor com uma voz suave, abraçando a filha e acariciando o topo de sua cabeça. — Papai vai

dar um jeito. Pode mostrar exatamente onde ele estava?

— Claro, foi do... do outro lado do corredor. Talvez a gente demore um pouco para achar.

Roxane ainda ficou na entrada da biblioteca pelo tempo suficiente para Último estar na distância exata para não ouvi-la dizer aos garotos:

— Vão embora, rápido! — Depois sumiu no corredor.

Todos saíram de onde estavam escondidos e, sem precisar de mais explicações, se enfileiraram na saída.

Roxane conduziu Último para dentro de um banheiro no lado oposto do corredor, e apontava para o interior dele, dizendo:

— Acho que ele entrou aí!

— Tem certeza? — perguntava a voz de Último, ecoando nos azulejos.
— Será que você não estava sonhando, ou com tanto sono que pensou que o rato era uma sombra que se mexeu?

No instante em que os garotos chegavam à escada, o diretor começou a sair do banheiro para o corredor. Eles congelaram quando seu pé calçando uma pantufa surgiu na porta.

— *Aaaaah!* — gritou Roxie, apontando para outro canto do banheiro.
— Alguma coisa se mexeu, eu vi!

— O quê? — O diretor se virou no último segundo e voltou a entrar.

Os sete amigos demitiram a cautela e acabaram descendo as escadas esbarrando uns nos outros. Mal chegaram à sala, porém, e já começaram a ouvir novos passos vindos do corredor direito. Tiveram de engolir o pânico para encontrar um refúgio.

Kiara, Hanna, Jeremy, Grégor, Magda e Louise correram para a cozinha, mas Evangeline (que fechava a fila) não teve tempo suficiente para chegar até lá. Norma Romanetto irrompeu do corredor, vinda de seu quarto, arrastando os chinelos.

Evie só conseguiu se esconder atrás de uma das cortinas.

— Mas que diabos está acontecendo nesta casa? Será que eu não tenho sossego?

Norma não seguiu para o andar superior, nem para a cozinha. Parou na porta e a abriu, saindo para o jardim, provavelmente para espairecer.

“*Que droga!*”, pensou Evangeline, atrás da cortina.

Olhando para baixo, ela percebeu que aquele era um mau lugar para ser usado como esconderijo. Seus pés — e parte de suas canelas — ficaram expostas.

Só havia um lugar perfeito, onde ela poderia se ocultar e ouvir quando Norma voltasse: o banheiro. O mesmo banheiro que ela usara antes do jantar na *Winglândia*.

Correu então pela sala, mantendo os olhos fixos em Norma. Ao disparar pelo corredor, Evie percebeu à distância o mesmo par de olhos claros que a vira meses atrás, olhando-a pela mesma fresta.

— Ah... Oi, Christofer!

Ele não disse palavra, continuou olhando para a garota com a mesma intensidade da primeira vez.

— O que foi? Pode falar...

Ele continuou mudo, mas fez um sinal com o dedo para que a garota chegasse mais. Evangeline chegou mais perto.

Perto demais.

Ele a agarrou pelo cotovelo com as duas mãos. Suas unhas pressionaram o braço da garota com força, machucando-a. Em meio à dor, Evie mal teve forças para evitar que fosse puxada para o interior do cômodo escuro.

— Eu quero sair daqui! — gritou o garoto, jogando Evie de encontro à sua cama. A garota bateu na quina do móvel e rolou para o chão, sentindo novas dores explodirem pelas costas com a queda.

— Calma, Christofer! — exclamou Evie, virando no chão, sem entender. — O-o que você quer?

Ele estava estranho, ofegava como um asmático. O terror da garota redobrou quando Christofer trancou a porta atrás de si e se afastou, um sorriso diabólico estampado na face.

— Christofer, o que...? — começou a perguntar Evie, levantando e indo até a porta para verificar se estava mesmo trancada. Girou a maçaneta com força. Ela não cedeu.

Então ele não estava preso no quarto à toa, era um jovem perigoso. Ao concluir isso, Evie finalmente entrou em desespero.

— SOCORROOOO! ALGUÉM ME AJUDAAAAA! HANNA, GRÉGOR, MAGGIE!!!

Ninguém parecia ter ouvido. Evie desatou a bater na porta e puxou tanto a maçaneta que ela se desprende, fazendo-a cair pela segunda vez. Christofer riu de forma esganiçada enquanto se balançava na ponta da cama, de olhos esbugalhados, feito um maníaco.

A garota, atarantada, apenas ofegou, observando o jovem por um instante. Ela ainda segurava tolamente a maçaneta quebrada na mão direita.

Foram as vozes que chegavam pelo lado de fora da porta que a despertaram de seu estupor.

— Eu ouvi sim! — dizia Grégor. — Eram gritos e batidas...

— Não tem nada aí, Grégor. Deve ter sido a TV do quarto da Norma... Vocês precisam ir embora! — tentava dizer Roxie, que devia ter descido para conferir se todos conseguiram escapar da mansão.

— Nós não vamos embora sem a Evie!

— Grégor... — disse Evangeline baixinho, ainda no chão. — GRÉGOR, EU ESTOU AQUI! — gritou, se reerguendo.

— É a Evie! — disse Hanna, do outro lado. — O que aconteceu, amiga? Ficou presa como?

— Foi o Christofer — respondeu ela.

Roxie fechou o rosto nas mãos, largando Grégor.

— Roxie, ele me trancou aqui!

— Quem é Christofer? — perguntaram Hanna, Grégor e também Kiara, Magda e Jeremy, que haviam chegado em seguida.

— Uma longa história — disse Roxie, com a voz fraca e os olhos marejados. — Mas agora não dá tempo de contar, temos que salvar a Evie!

Grégor se adiantou e girou o outro lado da maçaneta, que na mesma hora desprendeceu-se da porta para sua mão. Lá dentro, Evie estava de costas, olhando para Christofer, que se mexia em gestos estranhos, ainda com a expressão maníaca.

— RÁPIDO! RÁPIDO! RÁPIDO! — gritava a menina sem parar, vigiando o outro.

— Se afastem, vou arrombar! — anunciou Jeremy, retrocedendo no corredor e estufando corajosamente o peito. — Evie, se afaste da porta!

Evie deixou o caminho livre, com os olhos ainda fixos em Chris. Ela achou um lugar seguro ao lado de uma luminária quebrada; onde poderia estar longe tanto da porta, quanto do garoto.

Lá fora, Jeremy tomou o máximo de distância que pôde, chegando a entrar no banheiro aberto. Seu rosto estava compenetrado, parecia estar prestes a cometer um ato extremamente heroico.

Então correu.

Assim que colidiu contra o portal, apenas bateu inutilmente na madeira, deixando-a intacta. Ele ricocheteou para trás e Grégor o amparou pelos ombros, antes que atingisse o solo.

— Me solta! — rosou ele para Grégor, que continuava o segurando.

— OK — respondeu o garoto, atendendo às ordens.

Jeremy caiu no chão, seu ego mais ferido do que o braço que batera no portal.

— Pelo raio da circunferência, o que está acontecendo aqui? — trovejou a voz de Último, seu radar para problemas indicava caos completo e transgressão das leis.

— Foi o Chris, pai! — informou Roxie, soluçando. — Ele está com a Eve.

— Mas como? — perguntou o diretor, perdido por um momento com tantos rostos que não foram convidados a entrar em sua impecável

residência. Apenas ao avistar o olhar urgente da filha, foi que ele percebeu a gravidade do momento. — Se afastem, garotos!

Com uma admirável força e precisão, o diretor Último conseguiu arrombar a porta com apenas um chute.

— Viu, é assim que se faz, Jeremy! — ironizou Grégor enquanto o diretor entrava no quarto.

Evangeline respirou forte, controlando as emoções que sentia. Último agora se jogava sobre Christofer, tentando imobilizá-lo na cama.

— Que diabos está acontecendo aqui? — Norma empurrou os garotos na entrada para ver.

Fora de si, Chris se debatia loucamente, berrando termos desconexos. Último perdeu as forças depois de um tempo e o jovem avançou para a saída. As garotas berraram com sua aproximação.

— Deixem-no sair! Eu o pegarei — determinou o diretor enquanto se erguia da cama.

Os alunos, que tentavam conter Christofer, deixaram que ele seguisse até o fim do corredor, onde havia uma única porta antiga, diferente de todas as outras da mansão.

— O que tem naquela porta? — perguntou Evangeline para Roxie quando o garoto a abriu e espiou o interior escuro do cômodo; recuando alguns passos ao ver que não era uma saída viável.

— O porão — informou ela.

O diretor seguiu até Chris e tentou empurrá-lo contra a parede. O garoto foi mais rápido e abaixou, escapulindo dos braços dele. Os movimentos da luta entre os dois foram tão confusos que Evie mal conseguiu entender

como Christofer conseguira arrastar o diretor até o porão e o jogar escuridão adentro.

Último ainda tentou se agarrar a Christofer para levá-lo consigo, mas o garoto se esquivou e correu tão rápido para a direção oposta que nenhum dos estudantes e nem Norma conseguiu impedi-lo. O barulho que veio do porão, a seguir, foi o de Último tombando por uma escada, aos berros.

— O senhor está bem? — gritou Norma, indo ao porão para socorrê-lo.

Evie ainda a viu sumir porão adentro antes de correr com os outros, seguindo Christofer até o jardim.

Eles o perseguiram tão atropeladamente que, num instante, os oito haviam circundado Christofer numa distância suficiente para garantir a segurança de todos. Arbo se juntou ao grupo, e agora contornava o círculo por dentro, rosnando. A roda girava em sentido horário, na direção contrária a do garoto, como uma ciranda sinistra sem mãos dadas. Chris segurava uma barra de ferro — que ele pegara sabe-se lá onde — como faz um rebatedor de beisebol, afrontando cada garoto.

Ele tentou desferir o primeiro golpe contra Grégor, que se abaixou no último segundo. Assustada, Roxane, logo ao lado, gritou e juntou-se à prima, abrindo uma clareira na roda.

As outras garotas recuaram, gritando também.

— Não! — berrava Último ao longe, mas ninguém se atreveu a olhá-lo. — Afastem-se, afastem-se!

Christofer já avançava contra Jeremy, que precisou se arremessar e dar uma cambalhota na grama para se desviar do próximo golpe. Roxie e Evie

se abraçaram de um lado. Kia, Magda e Hanna se aproximaram no outro, a roda completamente desfeita.

Antes de desferir o terceiro golpe, o jovem avançou pela esquerda, buscando Grégor, mas encontrou Roxie e Evie bloqueando seu ataque. Quando ele elevou a barra acima da cabeça para tomar impulso, as duas gritaram com todas as forças, enquanto Grégor e Jeremy corriam para tentar impedir.

Antes que pudessem sequer chegar ao alcance, Christofer brandiu a barra à sua frente em direção às duas. A cena pareceu alongar-se em câmera lenta.

No último instante, Arbo saltou entre o garoto e as primas. Com um ganido de dor, o cão foi impelido pelo gramado até cair num ponto a aproximadamente três metros de distância, rolando, e parou de se mexer. Parecia que havia, inclusive, parado de respirar.

— NÃO! — berrou Roxie aterrorizada.

Grégor as afastou e Último finalmente alcançou o grupo. Num gesto bruto, o homem arrancou o ferro das mãos do garoto, que caiu de lado na grama.

Jeremy se precipitou para contê-lo, mas ele já se levantara num giro e agora corria pelo gramado até o portão do estacionamento.

Todos pararam para observar enquanto Último e Jeremy partiam em busca de Christofer, que já começara a escalar o portão. Último falava ao celular, pedindo ajuda. Roxane desabou na grama, urrando, aos prantos. Arbo não morrera, mas estava gravemente ferido.

— Ah, não! Arbo...

Os seis se viraram, perplexos. Agora Magda chorava profusamente sobre o cachorro que agonizava no chão.

— N-não mor... re, Arbinho! — soluçou, os olhos marejados e o rosto sujo com o preto da maquiagem que escorria.

Aquele momento era irreal, caleidoscópico, era quase como se estivessem numa dimensão alternativa. Ninguém jamais esperava que Magda tivesse qualquer relação afetiva com Arbo. Aliás, ninguém imaginava que Magda fosse dotada de qualquer afeição por seres vivos não humanos.

Sentindo os mais confusos sentimentos se misturarem dentro de si, Evangeline não sabia o que deveria dizer ou pensar. Concluiu que precisava fazer algo além do que ficar apenas contemplando as consequências desastrosas de seu plano biruta.

— Como está o cão? Último acabou ligar... — Seu Batista se juntou ao grupo, trajando um pijama quadriculado, levando um pano branco nas mãos e parecendo ainda confuso pelo sono. Atrás dele, vinda do campus, Séfora corria meio despenteada e com roupas que, pelo visto, foram escolhidas no escuro.

— N-não s-sei... — soluçou Roxane, agora de pé, amparada por Grégor.

— Pode deixar comigo, cuidarei dele até que o veterinário chegue. — O velho ajeitou a pesada manta branca nos braços, envolvendo o canino com cuidado. Pela delicadeza de seus movimentos, devia saber exatamente a forma correta de agir nesta situação.

— Ai, tadinho! — gemeu Séfora, olhando para o cão ferido. Alguns pontos da manta já se tingiam de escarlate.

— E agora, o que a gente faz? — perguntou a pequena Hanna enquanto o zelador se afastava.

Ao longe, Evie podia discernir as silhuetas de Jeremy — pulando em frente ao portão do estacionamento, como se pudesse atravessá-lo num salto — e de Último, que correria para a guarita vazia dos seguranças, tentando destrancar o portão, mesmo no escuro. Não havia sinal do paradeiro de Christofer.

Quase que inconscientemente, os pés de Evangeline começaram a levá-la para a saída. Ninguém mais prestava atenção ao que ela fazia, haviam começado uma discussão qualquer. Baboseiras.

Séfora foi a primeira a notar que Evie se destacara do grupo, e a seguiu.

— Eve, aonde você vai? — chamou ela, colocando a mão em seu ombro no exato instante em que Último destravou o portão.

Evie apenas se desvencilhou da mão da inspetora e correu. Ela teria poucos segundos antes que a porta se fechasse novamente, após a saída do diretor e de Jeremy.

— Evie, não é seguro...! — gritou a mulher, mas Evangeline já chegara à calçada.

Último e Jeremy seguiam pela rua, indo para o lado oposto à praça.

— Preciso consertar a besteira que fiz. Se você se preocupa, Séfora, venha comigo!

O portão fechava-se automaticamente; se Séfora não se decidisse em dois segundos, Evie estaria sozinha na busca por Christofer.

A inspetora ainda deu uns passos vacilantes, sem saber se deveria sair de onde estava. Quando sobrou apenas uma brecha, ela correu, fechou os

olhos e deslizou de lado entre os dois lances do portão; que fecharam atrás de si por um triz.

— Eu vou me arrepender! — exclamou ela antes de se juntar à Evangeline e seguir em direção à praça.

Capítulo XXIII:

Pior do que um Bandido

Trilha Sonora: [Skin to bone](#), [Linkin Park](#)

Ambas pararam no centro da praça deserta. Havia três ruas pelas quais poderiam seguir, nenhum sinal de movimentações estranhas em nenhuma delas.

— Para onde vamos? — perguntou Séfora.

As duas giraram, analisando as opções. Uma das ruas era ladeada por postes de iluminação; a outra levava a uma avenida movimentada; a terceira era escura, estreita e impossível de enxergar seu fim de onde elas estavam. Evangeline tentou pensar como Christofer, que provavelmente vivera muito tempo sozinho, trancafiado e na penumbra.

— Ele deve ter vindo por aqui! — Ela puxou a inspetora para a terceira rua, logo ao lado do velho casarão abandonado.

Seguindo ao longo da avenida sombria, tudo que as duas ouviam eram os ruídos que elas próprias produziam em sua corrida frenética.

A rua dobrava à direita. Perto de uma encruzilhada logo além estava o único poste de iluminação que funcionava, ainda que a haste que segurava a lâmpada estivesse entortada para baixo. Ali podiam distinguir a silhueta confusa de uma aglomeração de pessoas. Havia um rebuliço estranho no grupo, eles pareciam tentar conter algo ou alguém que se debatia no centro do círculo.

— Vem! — ordenou Séfora, puxando a garota para o canto da calçada, por onde poderiam se aproximar sem serem vistas.

Próximo ao poste havia um bar já fechado. Em sua frente, estavam empilhados alguns caixotes de madeira e um pouco de lixo. As duas se abrigaram atrás do monte para ouvir o que o grupo dizia. Evangeline ainda trazia o casaco oficial amarrado à cintura, desde a hora da prova. Ela nem se lembrava do porquê de ainda estar com ele, mas o vestiu, mesmo com o calor que estava, puxando o capuz sobre a cabeça para ocultar-se da vista de qualquer um que pudesse memorizar seu rosto. Séfora a imitou, ela usava uma blusa moderna com capuz que não combinava com o resto da roupa.

— Soltem-me, seus vermes! — Era a voz de Christofer, ele era a pessoa que o grupo tentava conter. De onde estava, Evie não enxergava a face de nenhum dos que o seguravam, mas podia deduzir que eram todos homens corpulentos e altos, vestidos de preto.

— Afastem-se! — mandou a voz de uma mulher. Ela deveria estar atrás da massa compacta de homens ao redor do garoto.

Imediatamente, a maioria deles se arredou de Chris, deixando apenas dois homens, que seguravam os braços do menino.

A mulher surgiu das sombras e agarrou com a mão o rosto do jovem, empurrando-o contra o poste. A luz da lâmpada no alto recai sobre ela, sua mão apertava as faces de Chris como uma tenaz. As unhas pintadas de azul néon machucavam-no, e ele gania de dor.

— Ela parece um boneco de cera! — comentou Séfora ao ouvido de Evie.

E parecia mesmo. Seu rosto era perfeito, simétrico, quase sobre-humano, frio como um *iceberg*. Seu cabelo era um moicano que descia até a

cintura, raspado dos lados, terminando em pontas da mesma cor de suas unhas. Vestia-se de preto como os homens e usava botas longas decoradas com várias amarras. Na sua mão livre estava uma espécie de luva de metal e couro articulada, com os dedos terminando em garras pontiagudas, que reluziam à luz do poste.

— Você saiu da casa *deles*, pulou o portão como um fugitivo — vociferou ela, aproximando o rosto com uma ferocidade incrível, arranhando com a garra do dedo indicador a bochecha do jovem. — O que fazia lá?

— Me deixa em paz! — Era apenas o que Chris conseguia repetir entre gemidos.

— Pegaram nosso especialista, um dos melhores do grupo. O que sabe sobre isso?

— Tire as mãos de cima de mim!

Um dos homens que seguravam o rapaz — um de cabelo tão descolorido que chegava a ser branco — olhava a todo instante para trás, verificando a rua. Os outros circundavam a mulher e o menino, rindo-se da relutância dele.

— Sabe por acaso quem são eles? — sibilou Evie, tentando não chamar a atenção do homem loiro.

— Não. Tem algum plano para pegar o Chris e dar no pé?

— Não.

A mulher agora recuara dois passos, ainda segurando Christofer contra o poste. Olhava-o com um misto de curiosidade e asco. Pelo visto ainda tentava classificá-lo como útil.

— Talvez nós devêssemos levar esse mocinho ao Galpão — sugeriu ela aos seus companheiros. — Lá poderemos obrigá-lo a falar...

A ideia deixou os homens em polvorosa. A grande maioria concordou.

Enquanto isso, Evangeline analisava o monte de lixo à sua frente, tentando achar a inspiração necessária para um bom plano. Lá estavam alguns sacos de lixo de odor nauseabundo, restos de comida, jornais velhos, chorume, mas certamente nenhum plano se escondia entre os dejetos. Deveria haver uma forma de escapar dali, capturar Chris e voltar para o Instituto; mas como? Ainda que conseguissem espantar o povo assustador que interrogava o garoto, como ela e Séfora carregariam sozinhas um jovem desequilibrado e extremamente relutante que deveria ter uns quinze anos e umas boas dezenas de quilos?

Ela continuaria pensando nisso se não tivesse visto o que estava bem no centro da pilha, meio escondido por um saco plástico.

O que poderia ser pior do que um bandido?

Se fosse apenas um rato, não haveria o que temer. Mas não, era pelo menos uma dúzia de ratazanas de esgoto — escuras de sujeira, ariscas, doentias e repulsivas. Finalmente ela compreendera o raciocínio de Magda: não desejava mais dar um jeito de salvar Chris e nem queria fugir sem ser notada, só pensava em sair dali o quanto antes.

O homem loiro soltou o garoto, sendo substituído por um companheiro, e agora estava bem perto, certamente as ouviria se fugissem.

— Mas, chefia — disse o homem de cabelos claros —, não deveríamos ir atrás do tal diretor, o que saiu correndo atrás deste moleque? Não foi por isso que sabotamos a segurança?

Evie ouvia com metade da atenção. Quando um dos ratos maiores chiou alto e avançou, Séfora suprimiu um grito de terror e a puxou para junto de si.

— Não. As instruções foram claras, não devemos perturbar os Wings até que tenhamos certeza, até que recebamos a permissão para eliminá-los.

Séfora levantara e agora segurava uma pedra na altura do rosto, aproveitando o fato de que o loiro não olhava para trás. Quando Evangeline seguiu com os olhos a trajetória em que ela mirava, entendeu qual era seu plano. Elas teriam pouco tempo para fugir dali.

Quando Séfora acertou com a pedra a lâmpada do poste, fagulhas caíram sobre as pessoas que ali estavam, feito fogos de artifício. Os homens, atordoados, olharam em direções diferentes, tentando achar quem atirara a pedra; Evie e Séfora aproveitaram para escapulir.

— Eles estão vindo? — ofegou a inspetora, puxando a garota para o canto da calçada.

Evangeline ajustou o capuz e olhou para trás. Não dava para enxergar quase nada, mas pelos borrões que viu, percebeu que dois homens as seguiam e outros haviam ficado com o garoto. A mulher sumira.

— Tem dois atrás de nós! — respondeu.

Logo elas contornaram a esquina com a praça. Estavam em frente ao casarão abandonado quando a mulher brotou da rua ao lado, procurando por elas. Não havia por onde escapar, a não ser que... talvez aquela fosse a primeira porta que funcionaria a favor de Evie naquela noite.

Evangeline experimentou a porta do casarão, sua única chance. Quando girou o puxador incrivelmente oxidado, ela milagrosamente se abriu, e as duas dispararam para dentro.

No interior do casarão havia uma porta trancada à esquerda; à frente delas, uma escada se erguia até outra porta semelhante. As duas subiram, tentando fazer o mínimo de barulho possível e encostaram-se ao portal, espreitando as silhuetas que se moviam do lado de fora, visíveis através dos vitrais sujos da entrada.

A mulher de moicano arranhou o vidro com a garra metálica, deixando quatro riscos profundos.

— Ótimo, tem diamante naquela coisa! — comentou Séfora num murmúrio.

Um brilho tímido chamou a atenção de Evie e ela olhou para baixo. Uma claridade laranja banhava seus pés, como se o outro lado do portal fosse um cômodo iluminado por velas.

— Séfora, tem alguém na droga dessa casa! — sussurrou Evangeline.

— Então faz favor de calar a droga dessa boca! — sibilou ela de volta, tão ou mais apavorada.

— Não está vendo Séfi? Tem luz passando por baixo da porta! — insistiu Evie, apontando para o chão.

— Estou mais preocupada com a *cacatua azul* lá fora. Esqueceu-se dela?

As silhuetas de duas pessoas ainda tremulavam do outro lado do vidro arranhado, mas agora elas se afastavam para a praça.

— Vem, vamos escutar! — chamou Séfora, já descendo os degraus.

Evangeline demorou-se onde estava, tentando ouvir qualquer ruído que indicasse a presença de vida inteligente naquele casarão. Entretanto, a luz

que saía pelo vão era sua única pista.

Só então desceu para unir-se à Séfora, que já colara o ouvido na vidraça.

— Acho que eles já foram. Tá ouvindo? Os gritos vêm de longe...

Evangeline também pôs-se a escutar. Realmente os gritos masculinos (e um feminino) que chegavam até ali sumiam à distância, até que segundos depois a praça voltou à tranquilidade habitual.

Seu Prestes correu às duas na entrada do A. W. Sigma. O porteiro estava legitimamente preocupado ao vê-las chegar.

— Onde vocês estavam? O diretor está uma arara!

— Estávamos tentando achar o Christofer — explicou Séfora, já entrando. — Quer dizer, nós o achamos.

— Acharam? E onde está? — quis saber Préstimo, trancando o portão.

— Em algum lugar, sequestrado por um bando de gente esquisita que só podem ser malfeitores — simplificou Séfora. — Onde está o chefinho?

— Na mansão. Furioso.

Capítulo XXIV:

Castigo não, Medida Disciplinar!

Trilha Sonora: [Soul Back](#), [Butterfly Boucher](#)

O relógio marcava mais de meia-noite quando as duas entraram com Prestes. Todos estavam na sala de jantar da mansão; o diretor sentado na cabeceira da mesa, os alunos sentados ao longo dela. Norma e Ayla estavam de pé.

— Acredito que deva ser adicionada à nossa pauta a explicação de vocês por terem saído.

Séfora fez sinal para a garota não responder o diretor; depois a encaminhou para dois lugares vazios no fim da mesa. O diretor as acompanhou com o olhar sem esboçar reação, ele exibia um hematoma feio no rosto, arranhões pelas mãos e um corte no pescoço. Pelo visto, a queda até o porão não fora das mais suaves.

— E então? — questionou ele, quando as duas tomaram seus lugares.

O grupo explodiu numa babel de vozes aflitas.

— Já chega! — berrou o diretor, e fez-se silêncio na mesa. — Quero que vocês se expliquem, só que um de cada vez!

Louise se levantou. Como ninguém a obsteu, começou a explicar:

— Nós pedimos perdão, senhor diretor! Entramos aqui à procura de uma coisa, não pensávamos que tudo isso poderia acontecer.

— Eu não devia ter dado atenção ao Christofer, não sabia que seu filho era assim — interrompeu Evie.

— Ele não é meu filho, é meu irmão adotivo. Meu pai assumiu a paternidade do garoto pouco antes de vir a falecer, foi um ato de caridade para com nossa antiga governanta, uma moça muito humilde. Chris tem alguns distúrbios psicológicos. — Fez uma pausa breve. — Roxane não lhe falou sobre isso naquele dia em que você veio à mansão?

— Não, ela não me contou nada — respondeu Evie honestamente.

Rox estava em frente à garota, encarando o tampo lustroso da mesa, os olhos inchados de tanto chorar.

— Roxane...

— Desculpa, pai... eu...

— Você me garantiu que havia contado tudo para sua prima! Entende agora por que era imprescindível que ela soubesse?

— Eu não queria que a Eve ficasse com medo; eu mesma não consigo ficar bem quando ele está por aqui, por que ela não ficaria também?

— Desculpa, senhor Último — interrompeu Hanna, com voz suave. — Mas acho que falo por todos quando digo que não estamos entendendo nada. O senhor poderia explicar, por favor?

O diretor suspirou. O próprio ato já revelava o cansaço extremo que ele sentia.

— Muito bem. Como disse, meu pai adotou o menino assim que ele nasceu. Nossa antiga governanta viajou logo depois, disse que se estabeleceria no interior, arrumaria uma casa perto de onde seus pais moravam; mas nunca mais voltou para buscar o menino.

— Moça esperta! — exclamou Norma maldosamente.

— Pouco depois, meu pai faleceu — continuou Último, ignorando o comentário infeliz — e Nicolas passou a cuidar do garoto. Logo notamos que ele era diferente, creio que o abandono da mãe foi um dos fatores que mais contribuíram. Eu não tinha o mínimo contato com o Chris nessa época, não era do tipo de pessoa que se envolve com as coisas da família, então não posso afirmar se ele era mais lúcido ou não.

“A situação se agravou quando o Nick foi embora — claro que ele não partiu por causa do Chris, teve seus próprios motivos. Tive que me obrigar a ajudar meus irmãos, já que Christofer era pior do que é hoje em dia”.

— Mesmo? — duvidou Jeremy.

— É. Ele se acostumara ao Nicolas, não confiava em mais ninguém. Falava que estávamos tentando matá-lo. Era horrível, ele não comia nada pensando que a comida estava envenenada.

— Puxa! — exclamou Hanna.

— Por essa razão, tivemos que interná-lo numa ótima clínica. Desde aquela época, ele está assim: fica lá um pouco, melhora e volta pra casa. Depois de passar um tempo aqui, se torna relutante, tem umas crises, apronta das suas e volta para a clínica. No dia em que Evangeline veio à mansão, eu pedi a Roxane que explicasse toda essa situação detalhadamente, mas... bom, já sabem o que aconteceu.

O rosto de Último desanuviara um pouco ao compartilhar sua história com seus alunos. Parou de falar um pouco para ordenar os pensamentos.

— Ei, esperem um pouco... — começou ele, instantes depois. — Que tipo de *coisa* vocês procuravam? Não queriam *roubar* algo da mansão, queriam?

Todos se voltaram para Evangeline. Como a conversa migrara para outros assuntos, ela se esquecera completamente de sua própria culpa.

— Não, claro que não. Só íamos espiar — respondeu ela hesitante.

— Espiar... — repetiu Último. — Espiar o quê?

— Em resumo, eu queria ler o diário dos Wings para entender o que está acontecendo — respondeu ela.

— Evangeline, se quiser saber algo sobre os Wings, você só precisa perguntar...

— Ótimo, quero saber os motivos e todos os detalhes desta sua inimizade com a minha mãe.

Era justamente a questão que Último temia, portanto, seu rosto era súplice e ele tentava rogar que Evangeline mudasse de ideia quando falou:

— Sinto muito, isso só a sua mãe pode revelar. Anos atrás, ela decidiu cuidar disso sozinha, tenho que respeitar sua decisão. — Depois se virou para os outros. — E vocês, o que procuravam?

— Estávamos ajudando a Evie. Nós também ouvimos umas coisas estranhas — explicou Louise com cara de quem sabe que acabou de dar uma baita desculpa capenga.

— *Coisas?* E voltamos mais uma vez às *coisas!* Que tipo de *coisas* vocês ouviram? — perguntou ele, estafado.

— Algo sobre morte de inocentes — informou Jeremy, mesmo não tendo ouvido a conversa original. — Sobre alguém tentar matar inocentes se descobrirem algo.

Ao ouvir as palavras do garoto, o diretor se descontrolou de vez.

— E vocês saem julgando as pessoas por causa de um trecho isolado da conversa inteira? Eu poderia estar falando do capítulo de ontem da novela das dez!

Os sete ficaram profundamente envergonhados. Não conseguiam achar uma justificativa plausível para sua imprudência, porque ela simplesmente não existia.

— A mansão pode estar nos terrenos do Instituto, mas não faz parte dele. Isso pode ser caracterizado como invasão de propriedade privada; e sim, é crime. Vocês têm que entender que a lei é como uma redoma de proteção — explicou Último, movendo as mãos em círculo para exemplificar —, se estiverem sempre à margem dela, essa proteção se perde, vocês não estarão cobertos, serão vulneráveis a todo tipo de... de *coisa...*

Deixando o resto da explicação morrer, o diretor olhou de Séfora para Evie, e sua fúria se direcionou para as duas.

— E, quanto ao que vocês foram fazer depois, terei uma conversa com você, Séfora Bastos!

— Ela não tem culpa, só estava me protegendo! — explicou Evangeline, desesperada.

— Prometo que não vou puni-la, dependendo do que aconteceu.

Séfora, ainda sentada ao lado de Evie, olhou para a garota e sussurrou: “*Vai ficar tudo bem, não se preocupe!*”.

— Perdão, diretor Último. Estou realmente arrependida — desculpou-se Evie finalmente.

Os demais concordaram, cada um murmurando seu próprio pedido de misericórdia.

— Aceito suas desculpas, é claro. Entretanto, um ato tão grave não pode permanecer impune. Como castigo...

— Castigo não, Medida Disciplinar! — corrigiu Ayla no mesmo instante.

— Como *Medida Disciplinar* — retificou o diretor, olhando para sua esposa com os olhos arregalados para conferir se dissera corretamente —, vocês ajudarão Leônidas na biblioteca amanhã. Podem se considerar oficialmente *em pendência*; todos só estarão aprovados quando acabarem o trabalho. E quanto a você, Roxane — continuou o diretor, se virando para sua filha —, você traiu minha confiança, disse que contara tudo sobre o Chris para Evangeline e veja só no que deu! — Agitou os braços no ar.

Ela abaixou mais a cabeça, seus cabelos lisos ocultavam o rosto inchado de tanto chorar.

— Vai ser assistente da Norma por um mês — Norma, encostada em seu canto, gritou: “*Aleluia, Senhor!*” — e ajudará o padre na limpeza paroquial até segunda ordem. Não encare isso como castigo, mas como... um pedido de desculpas seu à Jesus.

Fez outra pausa, durante a qual passou os dedos pelos cabelos revoltos e cheios de suor.

— Vocês não podem voltar para casa tão tarde, passarão a noite aqui na mansão. Amanhã convocarei os pais de cada um para uma conversa particular. — Protestos choveram por toda parte, mas o diretor os fez parar com um aceno. — Eles saberão o melhor jeito de lhes dar — agora sim — o castigo adequado. Ou o que for que seus pais façam com vocês, isso não é

da minha conta. Amanhã terão mais instruções. Até lá, sonhem com os anjos!

— E é mais trabalho para mim. Como sempre, as pessoas embarcam em seus desvarios, se divertem em aventuras, e para quem sobra o labor? Para a *mula* da Norma! — rosnou a governanta ao sair do quarto, pouco depois das duas da madrugada.

Os meninos preferiram se ajeitar nos sofás da sala-de-estar. Norma arrumou para as garotas o quarto de hóspedes do primeiro andar, sem deixar de reclamar ininterruptamente durante todo o processo. Hanna, Louise e Evie couberam na cama de casal do aposento, enquanto Kiara e Magda passaram a compartilhar um colchão, posto aos pés da cama. Roxie as emprestara algumas roupas de dormir.

— Kiara, meu bem, você pode fazer o favor de virar pro lado de lá? — pediu Magda quando a amiga começou a se contorcer feito enguia epilética ao seu lado, três minutos depois de se deitaram.

Kiara pegou o travesseiro e deitou no lado oposto. Satisfeita, Maggie se virou para a parede, acreditando que a partir de então dormiria em paz. Logo depois, a japonesinha recomeçou a se mexer, inquieta, e logo seu pé atingiu violentamente a cabeça de Mag.

— Ai! — gritou ela, esfregando o crânio. — Kia, faz favor de voltar pra cá, agora!

— Deus, assim não dá pra dormir! — reclamou Evie, sentando na cama.

— Ih, isso é comum. Essas duas brigam até em camas separadas! — explicou Louise, sentando também, seguida por Hanna.

— Então por que dormem no mesmo quarto?

— Tecnicamente, só eu e a Magda dormíamos lá, e estava tudo bem — explicou Lou. — A Ulie e a Kiara queriam ficar no mesmo quarto, então barganharam com a outra menina que estava no nosso, já que tinha uma outra cama vaga. Infelizmente, ela acabou aceitando a troca, e deu no que deu.

— Evie, Hanna, prometam que no ano que vem vou poder ficar com vocês! — suplicou Kiara, pondo-se de joelhos no colchão.

— Nada disso, eu é que vou! — contrapôs Magda, batendo com o travesseiro no lado de Kia.

— Só se passar por cima do meu cadáver!

Kiara revidou o golpe com seu próprio travesseiro e logo as duas estavam envolvidas numa batalha confusa, que prosseguiu até o travesseiro de Magda voar de suas mãos, indo colidir na porta fechada com uma força estrondosa.

— Eita! — exclamou Hanna, sacudindo a mão.

Mas a dupla no colchão agora ria-se da bagunça, já esquecidas da raiva, num momento de descontração tão contagiante que as outras três as acompanharam.

— Meninas, vocês estão dormindo? — Era a voz rouca da governanta, vinda do outro lado da porta.

Elas pararam, em suspense.

— Sim! — respondeu Kiara, numa voz risível que fez as outras se sacudirem de tanto gargalhar.

— Então durmam em silêncio, por favor!

— Pode deixar — respondeu Evangeline, imitando Kiara com tanta precisão que as outras riram ainda mais.

— É sério, cambada, vamos dormir logo! — ordenou Lou, embora ela própria ainda tentasse se conter.

— Espera! — disse Evie. Hanna e Louise, que começavam a deitar, se reergueram ao seu lado.

— Que foi?

— Quero pedir desculpas a vocês...

— Não vai pedir desculpas coisa nenhuma! — cortou Louise. — Nós ainda queremos saber o que há de errado com o diretor, só precisamos dar uma pausa nas tentativas...

— ... antes que alguma de nós seja expulsa — completou Kiara.

— Ah, também preciso falar uma coisa! — aproveitou Maggie, pegando algo no bolso. — Quase esqueci, tenho uma coisa para te entregar desde semana passada, Eve! Sei que seu *niver* foi em Setembro, a gente deu os parabéns e tudo mais, mas quero te dar um presente. — E estendeu um envelope dourado.

— Isto é... — começou Evie ao abrir o envelope e tirar dele um papel igualmente dourado. — Um vale?

— Não é um vale qualquer, é um *Vale Transformação Fabulosa* do salão chiquérrimo da minha tia, que fica em Marechal Rondoniano. Na verdade, vou conseguir vales para todas nós, mas resolvi entregar o primeiro para a Evie. Sabe, como todas nós já temos doze anos, pensei que poderíamos fazer uma mudança radical... Pintar o cabelo, talvez.

— Minha avozinha nunca vai permitir — disse Hanna, segurando o cabelo como se houvesse o risco dele mudar de cor só de ouvir tamanho absurdo.

— Nem minha mãe — concordou Lou.

— Vocês duas podem fazer um belo corte com hidratação, mas nem pensem em recusar! Olha, Evie, eu já tinha ligado pra Dona Aurora e ela disse que tudo bem. Isso foi há muito tempo, é claro, imagino que agora você terá de pedir permissão de novo, por causa da confusão de hoje. Se for preciso, implore! Vai dar certo se você acrescentar que eu vou ficar ofendida se você recusar. Diz que você merece uma recompensa pelas boas notas, joga na cara dela que ela permitiu o cabelo loiro nojento da Genevieve... Sabe desmaiar propositalmente? Seria incrí...

— *Shhh!* — sibilou Louise, quando ouviu passos no lado de fora. Fez sinal para as outras se deitarem.

— Boa noite! — desejaram todas quando os passos já haviam sumido à distância.

Mas aquela noite (aquela noite turbulenta e incomum) estava longe de ser boa.

Epílogo:

Doce Tortura

Trilha Sonora: [Violence of the sun](#), [Wolfmother](#)

O mundo começava a acordar lá fora, e ela não conseguira dormir nem por um segundo. Evangeline passara a noite inteira virada para a janela. Na primeira hora, tentou cochilar; pouco depois, percebeu que sua tentativa era inútil e passou a observar o céu, que clareava pouco a pouco.

Quando o sol despontou ao longe, ela se ergueu, tomando cuidado para não alarmar as outras duas que dormiam ao seu lado; e seguiu até a janela com vista para o jardim.

Evie apoiou os cotovelos no peitoril, pensativa. Era estranha a forma como aquele lugar já se tornara tão familiar que ela sentia saudades de estar ali antes mesmo de partir. E não era só o espaço físico, eram as pessoas, era aquela família, era aquele clima fora do comum de uma escola tão peculiar. E pensar que ela nem queria ir, a princípio!

A noite turbulenta fizera raiar uma manhã estranha. Não que algo naquele lugar tivesse mudado, estava tudo como antes no A. W. Sigma. Apenas um sentimento novo raiara em Evangeline, uma vontade louca e irrefletida de se trancar ali e nunca mais ir embora, que se instalou bem ao lado da sensação já tão conhecida de que algo maior ainda estava por vir.

De alguma forma, ela sabia que a confusão ainda não terminara. Não por completo.

Assim que todos tomaram café da manhã, partiram para o Instituto para conferir o resultado final de suas notas, e depois saíram dali bocejando para cumprir a Medida Disciplinar. Leônidas Wing os aguardava na entrada da velha biblioteca. Ele não era do tipo de pessoa que sorri com frequência, então seu rosto se assemelhava ao de um carrasco maníaco extremamente satisfeito.

— Ah, doce tortura! Que belo presente meu irmãozinho trouxe para mim!

— Tortura? — assustou-se Hanna, olhando para os companheiros.

— Deixa quieto! — alertou Evie. — Qualquer deslize de nossa parte pode ser o primeiro passo para uma Medida Disciplinar no próprio Inferno!

— Eu não quero ir pro Inferno — comentou Hanna quando todos já estavam perfilados em frente ao bibliotecário.

— Assim que meu caríssimo irmão ligou para avisar sobre a nossa *festinha*, comecei a planejar funções personalizadas para cada um.

— Personalizadas? — perguntou Kiara sem entender.

— É. Imagine se um de vocês executar uma tarefa que aprecie, isso seria divertido demais para uma Medida Disciplinar. Sou um homem muito observador, percebi que cada um de vocês resiste de maneira diferente às tarefas entediantes.

“Vamos começar por baixo... Hanna!”.

— Senhor?

— Seria cruel demais deixá-la com o trabalho pesado, então você e Kiara cuidarão da limpeza do chão.

— E isso não é trabalho pesado? — questionou Kia, antes do velho prosseguir:

— Magda, Louise e Jeremy ficarão com os meus registros de entrada e saída de livros.

— E isso seria em qual programa de computador? — perguntou Magda esperançosa.

— Nenhum. Os registros são manuais; o trabalho de vocês será o de passar os dados das fichas pautadas para o meu livro de registro, e conferir uma por uma das que estão separadas.

— Droga.

— E, finalmente, Grégor e Evangeline arrumarão os livros nas prateleiras, colocando-os na seção certa, em ordem alfabética.

— Isso vai levar séculos! — protestou Evangeline, enquanto Grégor lamentava ao seu lado.

— Essa é a ideia! — Leônidas cultivava em seu rosto um sorriso sádico que combinava mais com sua expressão natural.

E permaneceu assim enquanto os estudantes entravam, derrotados.

— Ah, tem mais um detalhe! — acrescentou o velho, fazendo com que todos virassem para ouvi-lo. — Estão proibidos de se comunicar, a não ser que o assunto esteja estritamente ligado à tarefa. Estarei de olho, se vocês descumprirem a regra, as coisas ficarão mais difíceis!

— E pode ficar mais difícil? — sussurrou Kiara, mas foi calada imediatamente por Louise, que tapou sua boca antes que o velho escutasse.

O primeiro a ser liberado foi Jeremy. O diretor Último fora pessoalmente ao mercado do outro lado da praça para conversar com os pais do jovem infrator. Algumas horas depois de começar a medida disciplinar, surgiu Zeno Nunes na entrada, para buscá-lo.

— Adeus, bravos companheiros! — dramatizou Jeremy, ao se despedir. — Até o ano que vem, se eu conseguir sobreviver. Se não, saibam que foi um prazer conhecê-los! *E que os seus sonhos se conservem e frutifiquem!*

Agachada em frente a uma das prateleiras do corredor principal, Evie riu do garoto. Grégor estava logo atrás dela, ajeitando uma das prateleiras mais altas, usando um banquinho para alcançá-la.

— Dá pra acreditar nessa figura? — falou ele, na sua voz arrastada de sempre.

— Vou sentir falta dele nas férias — Evie se virou para olhar diretamente para Grégor — e de todos vocês.

Nesse exato instante, Leônidas surgiu de trás das prateleiras de um jeito cômico e assustador, surpreendendo os dois.

— Estou ouvindo uma conversa? — perguntou ele, numa falsa expressão casual.

— Não — responderam os dois.

Quando o bibliotecário sumiu, Grégor pulou do banquinho e agachou junto à garota.

— Até parece que ele brota da terra quando a gente fala! — comentou ele, no seu tom mais baixo.

Leônidas surgiu novamente no corredor. Olhava-os com os olhos arregalados, numa pose de guarda que vigia.

— Só estamos trabalhando, olha! — Grégor pegou um livro qualquer e o colocou na prateleira de cima.

O velho Leo nada disse, apenas apontou para os próprios olhos com o indicador e o dedo médio, e depois apontou para os dois garotos; enquanto saía do campo de visão deles, andando de costas.

— Ele não devia ser surdo? — cochichou Grégor.

Evangeline sorriu enquanto recolocava no lugar o livro que o garoto removera há pouco.

Quando o diretor finalmente apareceu na entrada, havia sobrado apenas Hanna e Evangeline. As duas estacaram em seus lugares, aguardando.

— Hanna, você já está liberada, venha comigo pegar sua bagagem. Ayla a levará para casa daqui a pouco. Você não, Evangeline! — acrescentou Último quando a garota fez menção de segui-la. — Eu faço questão de ir com você... precisamos ter uma conversa particular no caminho.

Evie não conseguiu disfarçar a frustração de ficar sozinha com seus temores. Percebendo isso, Hanna se adiantou para um último abraço na amiga, antes de começar a caminhar até a entrada.

— Hanna, você sabe alguma coisa sobre a família do seu pai? — perguntou Último antes mesmo que ela chegasse. — Conheço uma família Auster e queria confirmar se é a mesma...

— Olha, diretor — adiantou-se Evie — a Hanna...

— Não, eu não sei nada — interrompeu Hanna. — E também não quero saber.

O rosto da garota estava estranhamente decidido. Evie sabia que quando Hanna precisava falar de sua família era como se tocasse numa chaga ainda sangrando, isso lhe doía mais do que a maioria dos malefícios físicos.

— Tudo bem, creio que seja melhor assim. — O diretor soou compreensivo enquanto pousava uma das mãos no ombro da garota. — Evangeline, fique aqui no aguardo — e, Leônidas!

— O que foi agora? — berrou o velho lá dentro.

— Dê uma folga para a menina. Preciso dos nervos dela intactos, entendido?

Leônidas olhou para as prateleiras ainda desarrumadas, antes de bufar e responder:

— Entendido...

Evangeline ainda ficou na porta observando os dois seguirem em direção à escola. Quando já não havia o que observar sem adentrar no mais profundo estupor, ela entrou novamente e se sentou defronte a Leônidas, no mesmo lugar onde meses antes sentara com Hanna, tentando extrair informações sobre o assassinato.

— Adianta se eu perguntar pro senhor como vão as investigações? — perguntou Evie, numa tentativa desesperada de se distrair.

— Não contaram pra você? O caso foi encerrado, coração!

— O quê? — Evangeline deixou alguns papéis caírem do balcão, tamanha era a sua surpresa. — Então já prenderam o verdadeiro assassino?

— *Aham*. Por que acha que eu estou de bom humor? O culpado é um velho inimigo do tal de Cláudio, um mal-encarado aí das quantas. É um especialista em venenos, aliás.

Evangeline lembrou-se irresistivelmente do que aquela mulher estranha dissera na noite passada: “*Pegaram nosso especialista, um dos melhores do grupo*”. Será que a pessoa a qual ela se referira era a mesma que agora estava presa?

— Mas não faz sentido... por que ele mandaria o café envenenado para a biblioteca, correndo o risco de atingir o alvo errado, se era mesmo um especialista?

— A polícia acredita que a vítima e o assassino invadiram a biblioteca juntos. Lá dentro, o assassino fez a troca do meu café pelo envenenado, ou pôs o veneno no meu café — o que tanto faz, pois dá no mesmo. Os dois devem ter discutido, ou brigado; e quando o assassino foi embora o tal do Cláudio trancou a porta para ficar em segurança e... bem, o veneno fez efeito.

Evangeline encarava Leônidas com uma careta de incredulidade. Aquela conclusão da polícia tinha mais furos do que o asfalto brasileiro.

— Tem certeza de que a polícia tem certeza?

— Tanto faz!

Evie olhou para o bibliotecário, sem crer que ele poderia ser tão insensível.

— Olha, correto ou não, isso pouco me importa, desde que me deixem em paz. Já estou velho demais para ficar lutando pela paz mundial, pela justiça, para defender os fracos e oprimidos e *blá, blá, blá*. A não ser que eu possa jogar um belo livro na cara dos bandidos, não tenho nenhuma arma para me defender deles.

— Mas não tem medo de que o assassino quisesse atingir o senhor em vez do tal do Cláudio?

— Veja por esse ângulo: se o que ele fez foi para me atingir, então esse bandido é uma toupeira.

Pouco depois, Leônidas liberou a garota para voltar ao campus, o que Evie acolheu com alívio. Queria mesmo se distrair um pouco antes da tal conversa séria com o diretor. Seu Batista, Séfora e Seu Prestes estavam sentados na entrada quando ela chegou ao Instituto.

— O Arbo vai ficar melhor?

— Já está melhor — respondeu Batista —, só precisa descansar um pouco antes de voltar a saltitar por aí.

— Que bom...

Séfora se levantou do canto onde sentara. Ela não conversara com Evie até então.

— Ficou tudo bem na conversa com o diretor? — perguntou Evie.

— Claro. Conteí tudo, falei daquele povo sinistro e disse que eles levaram o Chris para torturá-lo sabe-se lá onde. O diretor ficou preocupadíssimo, disse que passaria na delegacia assim que acordasse, para dar o alerta do desaparecimento do garoto. — Séfora fez uma pausa, analisando Evie de alto a baixo — E *você*, está bem? Está com uma cara estranha... Se for por causa daquela *cacatua*, não precisa se preocupar tanto, ela nem viu nossos rostos...

— Não, não é isso. Sabe aqueles dias em que você acorda e sente que tem alguma coisa fora do lugar? Que mesmo não tendo nada de errado, é certo que algo ruim ainda está por vir?

— Imagino — respondeu ela, se esforçando para entender o ponto de vista da garota. — Tem alguma coisa que eu possa fazer para que o resto do dia fique um pouquinho melhor?

Evangeline pensou um instante.

— Tem uma coisa, mas fico sem graça de pedir... você já fez tanta coisa por mim.

— Por favor, peça!

— É que eu não vou poder ficar com o meu gato lá na minha casa. Minha irmã é super alérgica, e como eu sei que você gosta do Levi...

— Poxa, justo nisso não poderei ajudar! — gemeu Séfora. — Vou visitar minha mãe nessas férias.

— Eu posso ficar com o gato — ofereceu-se Batista. — Claro, se você concordar.

— Acho uma ideia maravilhosa!

Era estranho para a garota andar por aqueles corredores sem ouvir a balbúrdia costumeira. Poucas garotas passaram a noite no Instituto, quase todas já haviam voltado às suas casas naquela tarde. Quando chegou ao segundo patamar da escada, encontrou apenas Ulie, que arrastava uma mala de carrinho nas cores do arco-íris. Ela usava uma trança lateral feita com uma tira de tecido azul entremeada ao seu cabelo, e colocara uma tiara com orelhas de gato. Parecia estar fantasiada para alguma festa, pois usava uma saia de tule em tons pastéis e meias multicoloridas.

— Oi! — disse ela ao se deparar com Evie.

— Oi.

— Quando a Magda, a Kiara e a Lou vieram aqui, elas contaram que vocês foram numa aventura e não me chamaram.

— Eu não chamaria o que aconteceu de *aventura*. De qualquer forma, agimos por impulso e nos encencamos — explicou Evangeline, achando estranho o fato de que ela própria sentia como se estivessem excluindo Ulie do grupo.

— Não, tudo bem. Sei que não faço parte da *turma* — respondeu ela simplesmente, levantando a mala pela alça para descer a escada. — Não se esqueça de pegar tudo; às vezes eles pintam as paredes e os pintores não ligam muito para o fato de você ter esquecido algo, simplesmente jogam a coisa fora.

— Obrigada por avisar!

Ulie começou a descer e Evangeline riu ao perceber que sua fantasia incluía um rabo felpudo.

— Ei, Ulie! Por que você não pede transferência para a nossa turma?

Ulie virou no meio da escada para responder à garota:

— Que graça teria? Não gostaria de ser intrusa na minha turma atual.

Evangeline mal sabia que a quota de esquisitices do dia não acabara. Quando adentrou no quarto trinta e um, levou um baita susto: Plácido sentara na plataforma da velha saída de incêndio.

— Plácido! Mas que raios...? — começou a garota, com o rosto lívido de susto.

— Vim me despedir.

— Eu não ia perguntar isso, quero saber como você conseguiu subir até aqui!

Plácido apenas deu de ombros.

— Sabe, para sua segurança, é melhor que você puxe a escada até em cima. Tenha cuidado, tem cada louco por aí...

— 'Tô sabendo.

Plácido sorriu de onde estava. Evangeline, que não tinha ânimo suficiente para lhe dar muita atenção, se virou para recolher suas coisas.

— E então, essa não é a sua casa, não é? Pensei que você fosse uma Wing.

A garota não respondeu. Estava cheia de ser a única a contar sobre sua vida, queria que Plácido experimentasse um pouco de seu próprio veneno.

— E-ei! — chamou ele. — Não vai me responder não, é?

— Por quê? Você nunca responde nada.

— A vingança é uma coisa muito feia! — Plácido levantou, agarrando as barras do portão.

— Ninguém aqui falou em vingança.

— Olho por olho, dente por dente, é o que você está fazendo. Vai se rebaixar ao meu nível? Pensei que fosse uma garota inteligente...

— É a minha escola — respondeu Evangeline, na voz mais letal que tinha. — E é melhor que você não volte mais. Levi está bem, como você pode ver — e apontou para o gato que estava aninhado no topo das bagagens, olhando os dois com indiferença — e vou deixá-lo com o Seu

Batista durante as férias. Agradeceria se você não voltasse mais para invadir a minha privacidade!

— OK... — conformou-se ele, mostrando as mãos espalmadas para a garota, em sinal de rendição. — Mas se você fosse esperta, saberia que essa não é a forma correta de extrair informações de mim.

Plácido desceu para a floresta rindo. Quando chegou ao solo, Evangeline saiu para recolher a escada, puxando-a mais do que jamais puxara.

— Ei! Se você pensa que se livrou de mim, saiba que está redondamente enganada! — advertiu ele, antes de sumir entre as árvores.

Quando o garoto olhou para trás e deu um adeusinho, Evangeline lamentou o fato de ser uma garota educada demais para erguer o dedo médio em resposta.

— Você tem sorte, é a que voltará para casa com mais classe! — disse o diretor, abrindo para Evie a porta do seu Mustang 1965, preto e reluzente.

— É... sorte! — Uma garota sortuda era a última coisa que Evangeline julgava ser naquela hora. Sentou-se no banco do passageiro e colocou o cinto, esperando em silêncio enquanto o tio dava a volta no carro.

— Essa belezinha era o meu sonho de consumo, até o dia em que consegui comprá-lo por uma pechincha. Imagina, o cara que o vendeu estava desesperado para se livrar dele! — contou Último quando entrou pelo lado do motorista e também colocou o cinto. — Levei um tempão pra conseguir restaurar, mas é todo meu. Não é lindo?

— É sim — Evangeline não mentira. Realmente achara o carro impressionante, mas não conseguiu demonstrar o entusiasmo que deveria. Esse não era o assunto que o diretor queria falar naquele momento, ela podia sentir que Último se esforçava em vão para deixar o clima mais leve. E aquele esforço a deixava sinceramente agoniada.

— Olha, Evie, se pudesse contar toda a história, eu contaria — Último olhava a estrada, manobrando o carro para sair do estacionamento.

— Tudo bem. Mas não espere que eu não vá tentar descobrir do meu jeito.

— E como seria esse seu jeito?

Evangeline não respondeu. Olhou pela janela e passou a contemplar os pedestres. Notou que muitas pessoas olhavam para o carro, era um automóvel que chamava a atenção, seja daqueles que o consideravam bonito ou dos que o julgavam antiquado.

Último se irritou com o silêncio da garota.

— Eu nunca imaginei que você fosse capaz de cometer um ato tão insolente. O que estava pensando quando entrou na mansão, Evangeline? O que você quer?

— Quero respostas. Preciso saber o que aconteceu antes do meu nascimento, sinto que foi algo importante. E também preciso saber de... outras coisas. — Evangeline pensava em Angelus e no crime mal resolvido, mas não queria compartilhar o assunto com o diretor, ainda mais naquele dia. — Preciso desvendar esses mistérios para descobrir quem eu sou de verdade, e não descansarei até saber o que estão escondendo de mim. *Esse é o meu sonho alado.*

Último se manteve calado até chegar a uma rua deserta, onde pôde parar no acostamento e virar de lado no banco, para falar:

— Evie, ouça bem o que vou lhe dizer a seguir. — Evie fez que sim e ele prosseguiu: — Todos nós nascemos com o potencial para o amor e para a guerra. O que difere os indivíduos ditos *bons* ou *maus* é apenas o lado de si que cada um decide alimentar durante a vida. Prometa a si mesma e a mim que você nutrirá apenas o seu melhor, apenas aquilo que fará seu coração arder de amor.

— Eu prometo.

— E tem mais uma coisa. Sei que isso provavelmente lhe deixará ainda mais confusa; mas desejo de todo coração que seu sonho seja realizado. — E voltou a dirigir, como se não tivesse dito nada.

O Mustang estacionou na porta da casa de Evie. Hanna a esperava, olhando pela janela.

— Evie! — chamou ela, assim que a garota desembarcou.

— Como foi? Aguentou a fúria da Dona Conceição?

— Não teve *fúria*. A Dona Ayla falou de um jeito que não me deixou mal. Minha avó ficou feliz só de saber que eu fui aprovada sem precisar de recuperação ou dependência.

Aurora surgiu na porta de casa, atraída pela chegada do carro, ao mesmo tempo em que Último descia para a calçada.

— Preciso falar a sós com você — disse o homem calmamente.

— Meninas, fiquem aqui cuidando do carro dele — ordenou Aurora, séria.

Hanna e Evie ficaram caladas, observando os dois sumirem pela porta.

— E então, como você está se sentindo? — perguntou Hanna, quebrando o silêncio contemplativo que se seguiu à saída dos adultos.

— Não sei. Acho que estou meio frustrada por não ter descoberto nada, mas não me arrependo de ter entrado na mansão. Também estou preocupada com o que pode acontecer com o Christofer... E já sinto um tiquinho de saudades da escola e do Levi.

— Eu também.

As meninas pararam de falar e olharam para o fim da rua, onde uns meninos disputavam uma partida de futebol; usando uma latinha amassada como bola e seus próprios chinelos como gol. O dia estava tão quente que do chão subia um vapor constante, tremeluzindo a visão das garotas.

Lá em cima, a discussão tornou-se mais acalorada. Do lugar estavam, tudo o que as amigas conseguiam escutar era um eco incompreensível. Ainda assim, Evie não queria ouvir.

— Tem certeza de que sua avó não ficou chateada? — perguntou ela só para abafar os gritos.

— Tenho. Como eu disse, a Dona Ayla soube explicar do jeito certo.

— Ela é ótima, não é?

— É.

Evangeline voltou a ficar em silêncio. Dessa vez havia algo de errado: lá em cima também estava tudo quieto.

Quietos demais.

— Hanna, eu vou subir!

— Não vai, Evie! Eles disseram que...

Mas Evie não queria mais saber o que eles disseram ou o que eles deixaram de dizer. Um péssimo pressentimento crescia dentro de si, assim como a certeza de que encontraria algo trágico ao subir aquela escada, ao entrar por aquela porta.

Ainda assim, não pôde refrear o pânico que se instalou quando finalmente entrou em casa e contemplou a cena que se passava naquela sala.

— O que você fez com minha mãe? — vociferou Evie, desesperada.

O segundo livro da saga DSA, o Doce Sonho Efêmero, já está disponível! Encontre todos os locais de venda no seguinte endereço:

<http://www.docesonhoalado.com/p/o-livro.html>

Veja o Book Trailer da saga DSA:

https://www.youtube.com/watch?v=-8fVbFxm_wQ

Entre em contato com a autora:

<http://www.docesonhoalado.com/p/contato.html>

Participe do grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/docesonhoalado/>

Espero que tenha gostado desta primeira parte da aventura!